

**HAVELOCK
ELLIS**

PSICOLOGIA

DO

SEXO

Havelock Ellis

PSICOLOGIA DO SEXO

Tradução Dr. Pedro Pôrto Carreiro Ramires

bruguera

Filomena Nunes 162 Rio ZC 22 GB

Título original: Psychology of Sex

Copyright © 1933 by William Heinemann Medical Books Ltd. Copyright © 1971 by Editorial Bruguera Ltda.

Direitos exclusivos para a língua portuguesa Distribuição exclusiva:

Disbra S. A.

Filomena Nunes 162, Rio ZC 22 — GB Composto e impresso na Cia. Gráfica Lux

Sumário

PREFÁCIO	6
I-INTRODUÇÃO.....	10
II - A BIOLOGIA DO SEXO.....	14
A Base Física do Sexo	14
A Natureza do Impulso Sexual.....	18
Zonas Erógenas	26
A Biologia do Jôgo Amoroso	27
Preferência na União Sexual: Os Fatores da Seleção Sexual.	32
(1) TATO.....	34
(2) OLFATO	39
(3) AUDIÇÃO.....	44
(4) VISÃO.....	47
III - O IMPULSO SEXUAL NA JUVENTUDE.....	59
Auto-erotismo	74
Fantasias eróticas	75
Sonhos eróticos	77
Masturbação	82
Narcisismo.....	90
Educação Sexual.....	92
IV - DESVIOS SEXUAIS E OS SIMBOLISMOS ERÓTICOS.....	99
Desvios Sexuais	99
Desvios Sexuais na Infância.....	102
Urolagnia e Coprolagnia.....	108
Fetichismo erótico.....	111
Fetichismo por Tecidos e Zoofilia Erótica.....	117
Cleptolagnia	121
Exibicionismo.....	123
Algolagnia (Sadismo e Masoquismo).....	131
Senilidade Sexual.....	138
A Atitude Social com Relação aos Desvios Sexuais.....	140
V - HOMOSSEXUALIDADE	144
O Diagnóstico da Inversão Sexual	153

Eonismo (Travestismo ou Inversão Sexo-Estética)	158
A Questão do Tratamento.....	160
VI – CASAMENTO.....	167
Introdução (O Problema da Abstinência Sexual)	167
A Conveniência do Casamento	173
Satisfação no Casamento	177
O Padrão Monogâmico.....	181
O Controle da Procriação.....	185
O problema do casamento sem filhos.....	192
Impotência e Frigidez (Hipoestesia Sexual e Hiperestesia Sexual).....	194
Castidade.....	201
A Menopausa	203
VII - A ARTE DO AMOR.....	207
O Impulso Sexual em Relação ao Amor.....	207
Por que o Amor é uma Arte	211
VIII – CONCLUSÃO.....	225
A Natureza Dinâmica do Impulso Sexual	225
Sublimação.....	229
GLOSSÁRIO	234

PREFÁCIO

Leitores dos sete volumes dos meus *Studies in the Psychology of Sex* dizem-me constantemente que há necessidade de um livro menor para servir de introdução concisa à Psicologia do Sexo. Diz-se que os clínicos e estudantes já são excessivamente sobrecarregados, para que possam assenhorear-se de extensos tratados referentes a um assunto complementar, que não é obrigatório. O assunto sexo em suas implicações psíquicas e sociais é tão destacado e de uma importância tão amplamente reconhecida, se não mesmo exagerada, entre o público em geral, que o médico de hoje não pode deixar de tomar conhecimento dele. Ele não pode, como seus antecessores, ignorar sua existência de uma maneira convencional, ou achar que seu reconhecimento seria considerado como fora de propósito ou indecoroso. Ademais, um conhecimento restrito à anatomia geral, à fisiologia e à patologia é atualmente inteiramente inadequado.

Minha opinião pessoal está de acordo com este ponto de vista. Tenho sentido, realmente, que o ensino médico apresenta neste ponto um vácuo sob todos os aspectos lamentáveis. Em meu próprio aprendizado médico, que começou há meio século atrás, os aspectos psicológicos do sexo não mereciam qualquer referência. Para meus professores de ginecologia, os fenômenos do sexo, na saúde ou na doença, eram puramente físicos; a única observação que eles faziam, e que podia ser considerada, de qualquer modo, como psicológica em sua concepção, — e permanece na memória porque tão isolada, — era uma vaga advertência contra o que hoje seria chamado anticoncepção. Poder-se-ia supor que tivesse havido grandes progressos desde aqueles longínquos dias. Faz menos de vinte e cinco anos que Fraenkel afirmou que “a maioria dos ginecologistas sabem efetivamente muito pouco sobre sexualismo”, e Van de Velde observa que isto ainda é verdadeiro para a grande maioria, embora atualmente haja algumas honrosas exceções. Estudantes de medicina de hoje dizem-me que não recebem absolutamente orientação sobre os processos psicofísicos do sexo, suas possíveis perturbações, ou sua higiene. Antigas superstições ainda vigoram em nossas escolas de medicina, e ainda hoje os estudantes desta disciplina, de um modo geral, são tratados quase com a mesma absurda cerimônia com que o eram, há um século atrás, as crianças das escolas, às quais por vezes era considerado indecente ensinar assuntos tão sexuais como a botânica.

Depois de longa hesitação, decidi preparar o pequeno manual, ora apresentado ao leitor. Quase não seria necessário dizer que ele não visa a suplantar meu trabalho

mais alentado, ou mesmo constituir-se em resumo dele. Tem-se afirmado, às vezes, que aqueles volumes maiores tratam principalmente do aspecto patológico do sexo. Isso é inexato. Eu poderia até alegar que meus *Studies* diferem de todas as obras anteriores sobre o assunto, pela predominância no trato dos fenômenos normais do sexo. A mesma e principal preocupação é mantida no presente livro. Se minha experiência se deriva, em parte, das pessoas anormais, das mais variadas procedências, que vieram à minha presença, ela se baseia, principalmente, no meu conhecimento dos homens e mulheres normais e em seus problemas da vida corrente. Ao mesmo tempo, sempre procurei mostrar que não há um limite preciso entre o normal e o anormal. Todas as pessoas normais são um pouco anormais em um ou outro sentido, e as pessoas anormais também são orientadas por impulsos semelhantes aos experimentados por pessoas normais.

Tem-se afirmado, com fundamento, que “o objetivo da pesquisa científica é a representação dos dados experimentalmente demonstráveis, com o auxílio de símbolos matemáticos”. Aqui estamos longe da meta. Neste campo estamos apenas na primeira fase, — mas uma fase necessária e útil, — em que se considera a psicologia do sexo como uma parte da história natural. Se almejamos mais, deparamo-nos com incertezas de toda espécie, como disse Freud já no final de uma longa carreira de pesquisas frutíferas (no Prefácio da segunda série de suas *Introductory Lectures*).

Por isso não me desculpo aqui pelo fato de que este pequeno livro seja simples e conciso. Na realidade ele poderá, assim, atingir melhor os médicos e estudantes, aos quais se destina precipuamente, embora seja quase desnecessário acrescentar que a mensagem deste manual não é dirigida apenas aos leitores do ramo, visto que o assunto de que trata é do interesse de todos. Há certos pontos essenciais com os quais todos devem estar familiarizados. Forneço as indicações para aqueles que desejam ir mais adiante e aprofundar-se em outros problemas que ainda há pela frente, e que não podem ser tratados, de modo nenhum, em um manual elementar.

Esses problemas estendem-se para diante. A ciência sexual, sexologia, como alguns a chamam, — difere, como observou ultimamente um eminente ginecologista alemão, Max Hirsch, da maior parte dos outros ramos da arte de curar, pelo fato de não ter fronteiras precisas. De seu centro se irradiam ramificações não somente para todos os outros setores da medicina, como também para muitas áreas vizinhas, algumas sem ligação ostensiva com a medicina. Ela se relaciona mesmo com a totalidade da cultura humana. Leva-nos à tradição e à praxe. É afetada pelos bons costumes e pela religião. Podemos lembrar a observação de Sir John Rose Bradford, de que, aquilo a que, em um sentido amplo, chamamos hoje a ciência da medicina poderia ser sintetizado como “a história natural do homem”.

Assim é que, para penetrar de maneira eficiente neste campo, é necessária uma complexa experiência, um aprendizado especial, inclinação pessoal. Hoje é um campo em que muitos põem o pé e cujas explorações nem sempre suportam um exame, se é que o suportam algumas vezes. Pode-se bem ter dúvida quanto à capacidade própria de colher nesse campo qualquer coisa que tenha possibilidade de ser útil aos nossos

semelhantes. Se eu mesmo esperei muito tempo antes de apresentar, com muita hesitação, um manual que parece oferecer-se como guia, não acho que tenha esperado muito.

Haverá muitas pessoas, poderia eu acrescentar, que, antes de me aceitarem como guia, desejarão saber qual é minha atitude com relação à psicanálise, a doutrina que até pouco tempo, se não realmente até hoje, tem motivado tanta controvérsia quando surgem questões de psicologia sexual. Por isso, posso dizer logo aqui o que se tornará claro no devido tempo: que minha atitude desde o início foi de solidariedade, embora nunca tenha sido a de um partidário. Um dos meus livros (*Studies*, Vol. I) foi, em 1898, o primeiro, em inglês, a anunciar os primeiros resultados alcançados por Freud, e minha atitude perante os resultados subsequentes permaneceu a mesma, sempre cordial, porém, muitas vezes, crítica. Gostaria de recomendar a todos os leitores do presente livro as *Palestras Preliminares Sobre Psicanálise (Introductory Lectures on Psycho-Analysis)*, não somente como livro mais autorizado, mas provavelmente como o melhor livro para aqueles que limitam seu conhecimento elementar da literatura psicanalítica a um único volume. Mesmo aqueles que se opõem à doutrina geral não podem deixar de encontrar aqui o resultado de muita sabedoria e experiência. Se se quiser um relato ainda mais conciso, este poderá ser encontrado com a marca da mais alta competência, seja no pequeno livro de Ernest Jones sobre Psicanálise, seja no artigo do Professor Flügel sobre o tema, no *Esboço do Conhecimento Moderno (Outline on Modern Knowledge)*. A *Estrutura e Significação da Psicanálise (Structure and Meaning of Psycho-Analysis)*, de Healy, Bronner e Bowers, é uma exposição completa e imparcial. Para aqueles que desejam um relato conciso, porém lúcido, sobre as várias opiniões das principais escolas psicoterapêuticas, eu recomendaria a *Psicopatologia*, de Nicole. Embora Freud deva ser reconhecido como o mestre no campo psicanalítico, não há motivo para se rejeitarem de maneira completa aqueles que dele se separaram para seguir seus próprios caminhos. Todos estes captaram algum aspecto da multifária alma humana, e, embora evitando um ecletismo excessivamente indiscriminado, podemos aceitar os elementos válidos, quaisquer que sejam, que cada um deles tenha a oferecer.

Deve notar-se que os dados bibliográficos apresentados no fim de cada artigo, são todos em inglês, de modo que fique ao alcance do maior número de leitores. Muitos trabalhos importantes somente são encontrados em outras línguas, principalmente alemão. O leitor familiarizado com essas línguas não terá dificuldade em encontrar, através dos dados aqui fornecidos, a literatura mais vasta de que ele venha a necessitar.

Tenho de acrescentar que na preparação deste manual utilizei, de certo modo, um capítulo sobre “Problemas Sexuais, suas Relações Nervosas e Mentais”, que escrevi há alguns anos para o tratado relativo ao *Moderno Tratamento das Doenças Nervosas e Mentais*, redigidos pelos Drs. William A. White e Smith Ely Jelliffe, e publicado por Lea e Febiger. Sou grato aos redatores e editores pela permissão de usar esse capítulo. Utilizei também, minha contribuição sobre psicologia do impulso sexual normal ao *Handbuch der Sexualwissenschaften*, e a colaboração sobre sexualidade psicopática ao *Tratado Internacional de Psicologia Patológica (Traité International de Psychologie Pathologique)*,

do Dr. A. Marie. Concluindo, é necessário apenas observar que a expressão psicologia sexual, na acepção aqui encarada, significa a psicologia do impulso sexual e não a psicologia diferencial entre os dois sexos, que é tratada de maneira completa no meu livro *O Homem e a Mulher (Man and Woman)*.

Havelock Ellis

I-INTRODUÇÃO

A PSICOLOGIA SEXUAL, normal e anormal, assim como a Higiene Sexual despertam hoje em dia, e de um modo generalizado, um interesse com que não se sonhava anteriormente ao século atual. O jovem de hoje é às vezes informado de maneira notável com relação à literatura do sexo, e a jovem de hoje muitas vezes aborda estes assuntos com um espírito de curiosidade e uma ausência de falsa pudicícia que teriam parecido à sua avó completamente impróprios. Há alguns anos atrás qualquer interesse científico no sexo era normalmente considerado como um início, se não de um gosto deturpado, pelo menos de uma tendência perniciosa. Nos tempos atuais é entre os baluartes da moralidade individual e pública que os pesquisadores da psicologia sexual e os defensores da higiene sexual encontram o apoio mais entusiástico.

Difícilmente se poderá dizer, senão recentemente, que a profissão médica tenha tomado parte ativa na propagação deste movimento. É verdade que os pioneiros, — primeiramente há quase um século, na Alemanha e na Áustria, e mais tarde em outros países, — foram médicos, mas muitas vezes eles eram olhados com desconfiança por seus colegas. A psicologia sexual e a higiene sexual não têm constituído itens no currículo dos cursos de medicina. Na realidade, pouco mais pode ser dito da psicologia sexual e faz pouco mais de vinte anos que saiu do prelo o primeiro manual de fisiologia sexual, realmente científico e extenso (de F.H.A. Marshall).

Assim como os livros colegiais comuns têm ignorado a anatomia e a fisiologia do sexo de maneira tão completa como se esta função não fizesse absolutamente parte da vida animal, os manuais de medicina têm omitido completamente a psicologia do sexo. Daí resulta que em relação ao conhecimento científico destes assuntos, que é de importância vital para a compreensão de certos casos, o médico está muitas vezes menos informado do que seu paciente, e não raro é vítima de falsas tradições e preconceitos antiquados. A religião e o moralismo têm sido invocados em favor do silêncio sobre tais assuntos por aqueles que deviam lembrar-se de que um grande Papa da Igreja, embora expressando ponto de vista próprio, declarou que não nos deveríamos envergonhar daquilo que Deus não se envergonhou de criar.

Esta ignorância pode ser ainda mais séria quando tratamos daquilo que muitas vezes era mencionado com horror como “perversão”. Repetidamente, no que se refere às anomalias psicosexuais, encontramos pacientes que se queixam de que seu médico não demonstrou compreensão por suas dificuldades particulares, seja por porem de lado a circunstância como sem consequência, seja por tratarem seus pacientes como pessoas depravadas, imorais e até desprezíveis. Sem dúvida é a consciência do paciente quanto à atitude de seu médico que leva muito médico, mesmo de grande experiência, a declarar

que as anomalias psicosexuais são muito raras e que eles quase não as têm encontrado.

Pode afirmar-se, sem dúvida, que, pregando vagamente um ideal de sólida normalidade, e recusando-se mesmo a tomar conhecimento de qualquer desvio desse ideal, o médico está estimulando seus pacientes e inspirando-os a procurar a diretriz acertada. Mas deve ser assinalado que nesta esfera a saúde psíquica não é diferente da saúde física. É necessário um conhecimento exato e inteligente do quadro anormal do paciente, para restabelecer as condições normais. Não podemos trazê-lo ao ponto em que o desejamos a não ser que saibamos onde ele está no momento. Além disso, na saúde psíquica, em grau até maior do que na saúde física, a amplitude do que pode ser considerado como variação normal é muito grande. E mais, para determinar, de maneira precisa, a norma para uma dada pessoa, nesta matéria, precisamos conhecer exatamente sua constituição psicosexual, porque do contrário poderemos colocá-la em um caminho que, embora normal para outros, é na realidade anormal para ela.

Assim é que muito conselho superficial e convencional dado a pacientes psicosexuais vem a tornar-se inadequado e até prejudicial. Isto é válido, por exemplo, em relação ao conselho, tantas vezes dado a pessoas sexualmente anormais, para que se casem. Sem dúvida, em alguns casos, tal conselho pode ser excelente. Mas não pode ser dado com segurança a não ser que se tenha perfeito conhecimento dos dados referentes a cada caso particular. Esta advertência prevalece, na realidade, para todos os conselhos, na esfera sexual. O sexo invade a pessoa inteira. A constituição sexual de um homem faz parte de sua constituição geral. Há uma imensa verdade na máxima: “O homem é o que seu sexo é”. Nenhuma prescrição útil pode ser dada com relação à orientação e controle da vida sexual sem que se tenha isso em mente. Uma pessoa pode, de fato, enganar-se com relação à sua própria natureza sexual. Pode simplesmente passar por uma fase vigorosa e transitoriamente anormal, e atingir eventualmente uma situação mais normal e permanente. Ou pode, por alguma reação anormal, tomar um impulso secundário de sua natureza como o impulso predominante, porquanto somos todos constituídos de vários impulsos, e o homem sexualmente normal é muitas vezes um indivíduo que mantém sob controle algum impulso anormal. Contudo, via de regra, a constituição sexual do homem é avassaladora, profundamente enraizada, permanente, e em grande escala, congênita.

Ao mesmo tempo devemos ser cautelosos ao estabelecer a fronteira entre o constitucional e o adquirido. Temos de reconhecer, por um lado, que o adquirido pode recuar muito mais longe do que se acreditava anteriormente, e, por outro lado, que o constitucional é muitas vezes tão sutil e obscuro que passa despercebido. Na maior parte das vezes, e isto é frequentemente esquecido, ambos os conjuntos de fatores se combinam: a semente brota porque o solo mostra-se favorável. Aqui, como em qualquer situação, o resultado não é devido apenas à semente, ou apenas ao solo, mas à combinação de ambos. Mesmo nas crianças da mesma família, as consequências da herança mendeliana podem fazer atuar fatores diferentes, e o diretor da London Child Guidance Clinic observou recentemente como a mesma influência pode fazer uma criança roubar e outra tornar-se anormalmente tímida.

Estas considerações servem para estabelecer limites ao parecer que o médico, sem fugir do seu campo de ação, nos casos psicosssexuais, e mesmo restringir a influência de qualquer orientação que ele possa oferecer. Há outro motivo pelo qual o impulso sexual é incomparavelmente menos acessível à influência terapêutica do que o outro impulso com o qual pode ser comparado — o impulso nutritivo. Sem dúvida, o impulso sexual pode, dentro de certos limites, ser orientado e *controlado à vontade*, em uma escala muito maior do que algumas pessoas querem admitir. Mas o impulso sexual é, em um grau. incomparavelmente maior do que o nutritivo, mantido dentro de certos condutos e impedido de trilhar outros caminhos pelas influências tradicionais da religião, da moral e das convenções sociais. Alguns médicos afirmam que estas influências devem ser ignoradas. “O médico nada tem a ver *com bons costumes* ou convenções”, argumentam eles, “ele tem de levar em consideração o que é bom para seu cliente e orientá-lo de acordo com isso, sem nenhuma preocupação com regras morais e convencionais”. Contudo, este modo de agir é obtuso e leva a muitas situações embaraçosas, a toda espécie de contradições, e não raro a um mal maior do que o mal que se procura sanar. Porque uma característica especial do impulso sexual, distinta do impulso nutritivo, é que sua satisfação normal envolve outra pessoa. Ele leva diretamente à esfera social, à esfera dos costumes. Ninguém está credenciado a procurar o seu próprio bem, ou pode ser aconselhado a procurá-lo, através de atos que impliquem no mal para outras pessoas. Nem o bem-estar do paciente pode, na verdade, de uma maneira compreensiva e racional, ser alcançado, *em uma* linha de ação que implique em ofensa aos que lhe estão mais próximos, ou em uma violação de sua própria consciência e convicções. O médico prudente não pode deixar de levar em conta estas considerações, embora possa estar firmemente convicto de que seu conselho não deve basear-se em meras convenções. São considerações reais e vitais, entrosadas com a estrutura social tradicional, na qual todos vivemos. Em inúmeros casos estas considerações tornam impossível ao médico seguir linhas puramente biológicas ao formular sua terapêutica psicosssexual. Muitas vezes ele chega a sentir-se manietado, porque o caso que tem diante de si é em grande parte consequência de fatores sobre os quais não tem controle. Do mesmo modo ele se sente, quando diante de pacientes cuja situação é resultante, principalmente, de estafa e subnutrição, que suas condições de existência tornaram inevitáveis.

Talvez seja conveniente, ao mesmo tempo, assinalar que, desde que a situação moral do paciente não pode ser ignorada, seria um engano considerar esta situação moral como absolutamente rígida e imutável. Os costumes estão em perpétua transição. Muito do que hoje está dentro das linhas da moralidade, ou pelo menos é permitido, há cinquenta anos atrás era considerado imoral, e taxativamente proibido. Em consonância com a mudança na situação moral, médicos insígnies, com inteiro senso de responsabilidade, publicam hoje abertamente conselhos sobre matéria de sexo, os quais, não faz muito tempo, não podiam arriscar-se a dar, mesmo em particular. O médico, alerta para o extenso e importante papel que é chamado a desempenhar no trabalho pelo bem-estar da comunidade, e como conselheiro para questões sanitárias na educação de todo o povo, também toma parte nesta transformação dos costumes. Mas

deve sempre levar em conta o caso especial do paciente isolado.

Assim seria um verdadeiro equívoco concluir que os casos psicosssexuais devam ser encarados de maneira pessimista, ou considerados como pertencentes a um campo pelo qual não valha a pena o médico se interessar. Ao contrário, os casos psicosssexuais, precisamente pelo fato de estarem na esfera psíquica, podem ser afetados por influências indiretas que têm pouca repercussão nos fatores mais físicos das doenças, como a estafa e a subnutrição, as quais, identicamente, estão muitas vezes fora da ação direta do médico. Às vezes é surpreendente para o médico verificar em tais casos, mesmo quando se julgou a si mesmo extremamente desarmado, como o paciente se mostra verdadeiramente agradecido pelo benefício recebido. Isto nem sempre é efeito da sugestão, mas, pelo contrário, do processo oposto e igualmente natural, sobre o qual Freud a princípio baseara seu método de psicanálise — o processo catártico de desprender e trazer à superfície elementos reprimidos da consciência, aliviando assim a tensão causada pela repressão. Neste verdadeiro processo de autoconfissão, no qual o médico, até pela inteligência e solidariedade que empresta à tarefa, toma realmente parte ativa, é removido um estado anormal, e embora isto possa não ser suficiente para normalizar o impulso sexual, sem dúvida o torna menos lesivo, e ao mesmo tempo repõe toda a vida psíquica em um certo grau de equilíbrio harmonioso. A prática religiosa da confissão e da absolvição, desenvolvida de maneira tão completa no Catolicismo, repousa psicologicamente na mesma base e (embora tenha outros motivos para existir) tende, sem dúvida, a produzir os mesmos benéficos resultados. É digno de nota que muitas pessoas, ao suspeitarem que estão encontrando pouca compreensão e solidariedade por parte de seu médico, levam espontaneamente suas anomalias sexuais para o sacerdote, qualquer que seja sua seita, ansiando pelo alívio da autoconfissão a uma pessoa cuja função é consolar e fortificar. Há um importante setor de tal terapêutica psíquica, independente da prática religiosa e mesmo independente da sugestão hipnótica e de outras formas de sugestão, que pertence legitimamente ao médico, e que se mostrará particularmente útil na esfera psicosssexual. Entre os méritos especiais de Freud, — qualquer que seja nossa opinião sobre os desdobramentos de que sua doutrina se mostrou suscetível em suas próprias mãos ou nas mãos de outros, — está o de que ele foi o primeiro a reconhecer este setor especial da psicoterapêutica, e compreendeu, — na figura analógica que adotou referente às artes da pintura e da escultura —, que a psicologia terapêutica pode agir não somente *per via di porre*, acrescentando, mas também *per via di levare*, removendo, retirando inibições e restrições desnecessárias, e restabelecendo, assim, as relações normais do organismo humano.

BIBLIOGRAFIA

F.H.A. MARSHALL, *The Physiology of Reproduction*.

S. FREUD, *Introductory Lectures on Psycho-Analysis*.

II - A BIOLOGIA DO SEXO

A Base Física do Sexo

A REPRODUÇÃO é uma função dos organismos vivos tão primitiva e fundamental, que o mecanismo pelo qual é assegurada permanece extremamente complexo e ainda não compreendido de maneira clara. Ela não está ligada necessariamente ao sexo, nem o sexo está ligado necessariamente à reprodução. Não obstante, o desenvolvimento pleno do aparelho sexual e dos correlatos caracteres sexuais secundários, assim como do corpo de um modo geral, depende da integridade dos gametas ou células reprodutoras, — os óvulos fornecidos pela fêmea e os espermatozoides pelo macho —, durante todo o processo que dá origem ao zigoto ou óvulo fertilizado, e posteriormente, no decorrer do desenvolvimento deste zigoto. As melhores autoridades vacilam quanto à definição exata do “sexo”, mas, em todo caso, ele é condicionado desde o começo pela constituição cromossômica da célula germinal, a princípio relativamente indistinguível. Durante o processo da divisão celular, o conteúdo em cromatina, de seu núcleo, constitui-se em um certo número de filamentos de forma definida, em bastão, que se dispõem em ordem e são em número constante na espécie à qual a célula pertence. Eles são semelhantes em todas as raças humanas, seja no macho, seja na fêmea, embora o macho é que seja digamético, ou, como é designado, XY, e reconhecível pelo seu menor tamanho. Nos mamíferos em geral, realmente (é o contrário nas aves), o macho elabora duas espécies de gametas, X e não-X, ou Y, enquanto a fêmea elabora apenas um. Um óvulo portador de X pode ser fertilizado seja por um espermatozoide portador de X, tornando-se XX e fêmea, ou por um espermatozoide portador de Y, tornando-se XY e macho. Daí temos o ponto de partida de todo o processo (esclarecido pelas investigações demoradas e extensas de Evans e Swezy) o qual não cabe aqui acompanhar em detalhe em suas variações, como agora é aceito, ao longo das linhas mendelianas. Os processos mendelianos de hereditariedade são muito mais variados e complexos no homem do que nos organismos mais rudimentares nos quais foram estudados inicialmente.

Temos de concluir que o sexo é, normalmente, determinado na concepção, e pôr de lado todos os artifícios para determinar o sexo durante a gravidez. É necessário, sem dúvida, admitir, segundo as palavras de Crew, que “em cada zigoto, seja ele XX ou XY em sua constituição cromossômica sexual, estão as bases físicas dos impulsos criadores que lutam para impor sobre o indivíduo em desenvolvimento um tipo de diferenciação masculino e um tipo de diferenciação feminino, respectivamente”.

É necessário recorrer aos recentes avanços do conhecimento neste campo, — recentes no sentido de que são do presente século —, porque eles demonstraram ter uma ligação particularmente estreita com a psicologia do sexo.

De início damos como aceito que, quando predomina no organismo um conjunto de glândulas em relação às quais o testículo é o centro, temos um indivíduo do sexo masculino; quando predomina um complexo de glândulas em relação às quais o ovário é central, temos uma fêmea. Assim são assegurados normalmente os caracteres sexuais primários. Ligado a eles está o desenvolvimento dos respectivos órgãos sexuais. Por fim, estabelece-se a maturidade sexual com a completa aquisição dos caracteres secundários ostensivos, com os quais estão associadas, como caracteres sexuais terciários, muitas diferenças que não são evidentes, mas se tornam nítidas quando lidamos com tipos médios. Todos estes processos são sujeitos a muitas variações. As glândulas do sexo e os caracteres sexuais secundários podem desviar-se para um tipo intersexual, que de uma maneira ou de outra, — fisicamente, psiquicamente, ou em ambos os aspectos —, pode aproximar-se do sexo oposto.

Os síndromes assim observados são, como acreditamos atualmente, atribuíveis seja à influência estimulante, seja a um defeito da influência das secreções internas, — os hormônios ou mensageiros químicos —, que penetram no sangue com precedência das várias glândulas endócrinas do corpo. Pela hipersecreção, a secreção deficiente, ou a secreção irregular, a conformação física do corpo, e as condições e tendências psíquicas podem ser modificadas e o próprio sexo, praticamente modificado. Qualquer disfunção de uma delas pode perturbar o equilíbrio das outras. O ajustamento harmonioso de muitas glândulas endócrinas nos interessa. Para a interpretação das complicadas relações daí resultantes muitos estudos estão sendo realizados atualmente em vários países. Novos fatos e novos pontos de vista estão surgindo constantemente, e muita importância se atribui atualmente à influência estimuladora do lobo anterior da glândula pituitária, e também às cápsulas suprarrenais, porque é possível, como Blair Bell tem sustentado há muito tempo, considerar os ovários, ou os testículos, apenas como “um elo na cadeia de órgãos como a pituitária e a tireoide, que formam um sistema gametal”. O hormônio testicular, chamado *proviron* é responsável, principalmente pelo desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários e agora foi padronizado. Há, pelo menos, dois hormônios ovarianos, *estrina* e *progestina*. Os resultados, em muitos aspectos, ainda são incertos. Mas é essencial ao estudo da psicologia do sexo, alguma familiarização com as pesquisas fisiológicas e bioquímicas realizadas nesses setores, embora fosse fora de propósito tratar delas aqui. Elas se desdobram dia a dia e o progresso do conhecimento é registrado nas publicações médicas correntes e na literatura bioquímica.

Basta ter aqui uma rápida visão de conjunto e ver que a mudança geral efetuada foi que, enquanto anteriormente considerávamos o sistema nervoso como o agente ativo nesses processos, consideramos agora o sistema endócrínico químico como até mais ativo, às vezes sob a influência do sistema nervoso, e muitas vezes independente da ação nervosa, sendo os próprios nervos e centros nervosos sujeitos, às vezes, ao controle químico.

Se nos basearmos em Langdon Brown, podemos dizer que as secreções endócrinas são produtos daqueles mecanismos químicos aos quais os animais reagem

antes que o sistema nervoso se desenvolvesse. Uma prova interessante da natureza primitiva do controle endócrino do organismo é que todos os mensageiros hormonais procedem de estruturas muito antigas e mesmo remanescentes, do corpo, como as glândulas pituitária e a pineal. Ao mesmo tempo devemos ter também em mente, como Bolk destacava há alguns anos, que o estímulo ou a retardação, devidos às influências hormonais, têm influência peculiar no desenvolvimento das qualidades específicas do homem, e mesmo, como Keith assinalou mais recentemente, nas várias características raciais humanas. Quando o sistema nervoso começa a tomar forma, e mesmo adquirir preponderância, entra em associação com os mecanismos químicos preexistentes, principalmente através de seu escalão mais baixo, o sistema nervoso visceral, subdivisível no sistema simpático e no parassimpático (ou vago). O simpático, que pode ser considerado como tendendo a ser catabólico e ativo, é associado com a pituitária, a tireoide e as suprarrenais. O parassimpático, que pode ser considerado em grande escala como anabólico e passivo, é associado com o pâncreas e, indiretamente, com a paratireoide. Estes sistemas catabólico e anabólico são antagonísticos, o ritmo de vida dependendo, como se tem dito, de seu equilíbrio. As gonádias atuam em reciprocidade principalmente com o grupo endócrino-simpático. A pineal e o timo, embora não sejam verdadeiramente glândulas endócrinas (visto que não se conhecem suas secreções), afetam o sistema endócrino principalmente por uma influência retardadora sobre a maturidade sexual e por uma influência favorecedora sobre o crescimento somático.

A pituitária é considerada agora como sendo aquilo a que se chama “o regente da orquestra endócrina”. Antigos anatomistas, ao verem este pequeno corpo, ligado por um pedúnculo ao cérebro que lhe ficava acima, consideravam-no como um cérebro em miniatura. E hoje esta ideia não é considerada inteiramente absurda. “Aqui, neste lugar bem escondido”, diz Harvey Cushing, “está a verdadeira mola mestra da existência primitiva, — vegetativa, emocional e reprodutiva —, sobre a qual, com maior ou menor êxito, o homem, principalmente, veio a superpor uma camada de inibições”. Evans e Simpson descobriram a relação de certas células suas com o crescimento e o desenvolvimento sexual.

A tireoide, por sua vez, que foi chamada “a glândula da criação”, é também essencial à reprodução, se é que, na verdade, não é, como tem sido alegado, essencial a todas as espécies de atividade criativa, artística e intelectual. Seu extrato, a tiroxina (que pode ser produzida sinteticamente) também tem uma influência lenta e gradual sobre a nutrição geral.

A adrenalina (que também pode ser preparada sinteticamente) das suprarrenais tem uma influência mais rápida no coração, vasos, fígado, glândulas salivares, intestinos, pupilas e baço. Embora a adrenalina tenha esta larga influência, sua secreção em si, como Tournade mostrou, depende intimamente do sistema nervoso.

Os órgãos endócrinos podem influenciar-se uns aos outros. A remoção da tireoide pode acarretar a hipertrofia da pituitária; por outro lado, a extração da pituitária de um animal em idade jovem pode parar a tireoide. A tireoide estimula as suprarrenais, que por sua vez estimulam as células hepáticas a descarregar glicogênio no sangue, e isto

estimula o pâncreas a uma maior secreção de insulina. A parte anterior da pituitária, também, parece fornecer três hormônios: um que promove o crescimento; outro que estimula os ovários, provocando a maturação dos folículos de Graaf, que produzem a estrina, a qual inicia mudanças no útero para receber o óvulo fertilizado; enquanto um terceiro hormônio leva a mudanças uterinas posteriores, para a fixação do óvulo. A *estrina*, (a que se dá também outros nomes) é um hormônio ovariano de especial importância prática, visto que sua presença na urina é a base do teste de gravidez de Aschheim-Zondeck.

Há uma grande semelhança entre a ação das secreções internas e as drogas. Sharpey-Schafer restringia o uso do termo “hormônio” aos que têm uma influência estimulante, e denominava os de influência oposta, inibitória, de “chalônios”. Ele chamava a ambos conjuntamente “autacóides”, significando que são princípios produzidos pelo próprio corpo.

Verificar-se-á que agora temos de definir fenômenos fisiológicos em termos de controle químico, bem como de controle nervoso. Vemos também que ambos os conjuntos de termos, e os químicos talvez até mais do que os nervosos, encontram-se do outro lado dos fenômenos psíquicos. Temos de conceber a existência, no corpo, de um grande número de substâncias, muito pequenas mas muito potentes, — hormônios e vitaminas, assim como os soros e vacinas derivados — que podem ser chamados adequadamente drogas bioquímicas. Sua significação parece maior quanto mais rapidamente aumenta nosso crescente conhecimento sobre elas. Mas não há justificativa, por isso, para que introduzamos na psicologia, uma fraseologia bioquímica. Ficou claramente entendido, há muito tempo, que foi um equívoco tentar incluir a terminologia histológica na psicologia. Seria igualmente um equívoco introduzir a terminologia bioquímica. Uma emoção continua uma emoção, mesmo que tenha tomado parte em sua produção, sob o aspecto físico, um hormônio ou um chalônio.

BIBLIOGRAFIA

- F.A.E. CREW, *The Genetics of Sexuality in Animals*, também o artigo “Sex” no *Outline of Modern Knowledge*, de Rose.
- A. LIPSHÜTZ, *The Internal Secretions of the Sex Glands*.
- JOSEPH NEEDHAM, *Chemical Embriology*, 3 vols.
- F.H.A. MARSHALL, *The Physiology of Reproduction*, também sobre Hormônios Sexuais, *British Medical Journal*, 6 de agosto de 1932.
- C.C. HURST, *The Mechanism of Creative Evolution*.
- H.M. EVANS AND OLIVE SWEZY, “*The Chromosomes in Man*”, *Memoirs of the University of Califórnia*, Vol. IX, 1929.
- W. BLAIR BELL, “*Conservative Gynaecological Surgery*”. *British Medical Journal*, 18 de abril de 1931.

LANGDON BROWN, “*Endocrines and Associated Psychoneuroses*”, *British Medical Journal*, 6 de fevereiro de 1932.

J.H. BURN, *Recent Advances in Materia Medica* (as drogas bioquímicas), 1931.

SIR E. SHARPEY-SCHAFFER, “*Endocrine Physiology*”, *British Medical Journal*, 22 de agosto de 1931.

A Natureza do Impulso Sexual

Deixando os aspectos estritamente fisiológicos das atividades orgânicas que se exercem em conjunto para assegurar o desenvolvimento sexual, é necessário ter uma perspectiva global do processo do sexo, conforme ele se expressa nos fenômenos psíquicos que aqui nos interessam de maneira direta.

Na verdade, não há uma teoria universalmente aceita sobre o processo, quanto ao aspecto psíquico. Segundo a velha crença popular, o impulso sexual é meramente a expressão de uma necessidade de evacuação, comparável com aquela experimentada periodicamente pelos intestinos e a bexiga. Esse modo de ver era incorreto e ilusório. O sêmen masculino não é um resíduo a ser excretado, e a fêmea não chega mesmo a apresentar coisa alguma semelhante a desejo sexual de excreção. Uma teoria mais respeitável, às vezes aventada, definia o impulso sexual como “instinto de reprodução”. Estritamente falando, não há, contudo, tal instinto, nem ele é necessário nos seres bissexuais. É necessário somente que o impulso mecânico reúna o macho e a fêmea de maneira a assegurar a fertilização; uma vez atingida esta, o futuro do produto é assegurado pelo estímulo fornecido aos impulsos geradores. Nenhum instinto de reprodução é exigido.

No manual do Professor W. McDougall, *Introduction to Social Psychology*, talvez o mais popular no assunto, nenhuma referência se encontrava sobre sexo (além da alusão ao “instinto de reprodução”) até aparecer a oitava edição em 1914, com um capítulo suplementar sobre o “instinto do sexo”. Este é ali definido como uma disposição complexa, constituída de maneira inata, psicofísica, que consiste em três partes, cada uma subordinada a uma das três fases que distinguimos em todo processo mental ou psicofísico, a saber, o cognitivo, o afetivo e o conato. Três partes que, do ponto de vista da função e estrutura nervosa, podemos chamar, respectivamente, aferente ou sensitiva, central e eferente ou motora. Ele assinala que o lado cognitivo implica uma predisposição inata de perceber ou identificar perceptivamente as coisas que o bem-estar da espécie exige sejam alvo de tais reações, isto é, uma capacidade de identificar o sexo oposto, com uma cadeia de reações nas espécies mais elevadas, para assegurar completa adaptação no ato sexual.

A definição de McDougall é, como ele mesmo observa, a que daria para todos os instintos, e define instinto como “certas tendências inatas e específicas do espírito comuns a todos os membros de uma espécie qualquer”. É, na realidade, uma afirmação

geral, que mal nos ajuda a compreender o que se passa no processo de aproximação e união bissexual.

Há, na verdade, uma tendência, que há muito tempo segui, de abolir a esse respeito, tanto quanto possível, o uso da palavra “instinto”, embora Piéron e muitos outros ainda a preservem. Talvez seja mesmo desaconselhável de maneira absoluta usar a palavra “instinto”. A palavra tem, como Bohn observa, uma história duvidosa, e não há nenhuma concordância perfeita quanto ao sentido em que deva ser usada, embora, para fins correntes, “instinto” possa ser considerado, de acordo com a definição de Herbert Spencer, “uma ação reflexa composta”, considerando-se como não essencial a questão de ser acompanhada ou não pela consciência.

Pode-se mesmo dizer que os psicologistas biológicos de um modo geral, e não apenas aqueles que se haviam sujeitado à influência de Loeb, estão inclinados a voltar à posição de Condillac e abandonar o uso da palavra “instinto”. “Nosso objetivo”, dizem esses investigadores, “é analisar os processos psíquicos automáticos com que nos defrontamos, e não somos convocados para aumentar as dificuldades de fazê-lo, aplicando a eles uma palavra com tantas implicações variadas e desastrosas”. Sempre preferi o termo menos contestável “impulsos”. Como Freud observou, “a impulsão é realmente a verdadeira essência de um instinto”. Podemos, portanto, pôr de lado o exame do sexo como um “instinto”, e, sem dúvida, como um “instinto de reprodução” que é apenas um eufemismo grosseiro, porque um impulso não é analisado pela simples citação do fim que ele pode atingir indiretamente. Interessa-nos apenas o impulso sexual e sua análise.

O problema da análise do impulso sexual foi posto em um plano mais elevado em 1897, quando Moll expôs sua teoria da constituição deste impulso. Segundo o entender de Moll, há dois componentes no impulso sexual: um que leva a uma função genital localizada, que no homem é a expulsão do sêmen, sendo, assim, um processo de expulsão comparável com o esvaziamento da bexiga; e o outro que leva cada parceiro ao contato físico e psíquico com o outro parceiro. Ao primeiro componente Moll chamou “o impulso da detumescência”; ao segundo, o “impulso do contato” (*contractatorii*). A origem de ambos esses componentes pode ser atribuída às glândulas sexuais, sendo o primeiro primário e o segundo, secundário, mas são distintos e cada um deles pode existir separadamente. A união deles constitui o impulso sexual normal completo.

A análise de Moll tinha muito para ser recomendada como um comunicado científico e completo, e, em consequência, foi largamente aceita. Ela, contudo, apresenta certas dificuldades: é menos satisfatória, por exemplo, quando aplicada às mulheres do que quando aplicada aos homens, e tem a desvantagem, assinalada por Robert Müller, Saint-Paul, e outros, de dividir o processo sexual. A fim de evitar esta e outras dificuldades, a teoria de Moll foi um tanto modificada por mim, com o auxílio da parte menos contestada da doutrina darwiniana da seleção sexual. Se examinarmos o processo sexual nas condições em que existe entre os animais de um modo geral e entre os homens, no estado selvagem, verificaremos logo que não podemos fazer o processo iniciar pela detumescência. Antes que possa realizar-se a detumescência, tem de ser

atingida a tumescência. Nos animais domesticados e no homem civilizado, esse é um processo muitas vezes fácil. Normalmente não é assim no estado natural. Aí ele é atingido através de muita atividade e exibição por parte do macho e longa observação e ponderação por parte da fêmea, a parte desempenhada por cada qual, servindo para aumentar a tumescência, de um modo semelhante, em ambos. O “contato” (contractation), seja físico, seja psíquico, tem simplesmente como fim o aumento da tumescência e pode ser considerado parte do processo.

Durante o lento processo da tumescência é que a escolha sexual se decide, as cristalizações do amor (como Stendhal as chamava) são elaboradas, e os símbolos eróticos do indivíduo, normais ou anormais, determinados. No entanto, a detumescência é o fim e o clímax de todo o drama. É um processo anátomo-fisiológico, não há dúvida, mas que toca na psicologia em todos os pontos. É seguramente, a verdadeira chave do processo de tumescência, e, a não ser que compreendamos e concebamos com muita precisão o que de fato acontece, nossa análise psicológica do impulso sexual terá de permanecer vaga e deficiente.

A detumescência está normalmente ligada à tumescência. A tumescência é a acumulação do combustível; a detumescência é o irromper da chama devoradora, onde é acesa a tocha da vida a ser transmitida de geração a geração. O processo total é duplo e, contudo, simples. É análogo àquele pelo qual uma estaca é enterrada no solo, isto é, apurando-a e em seguida fazendo com que um grande peso caia sobre a extremidade superior dessa mesma estaca. Na tumescência o organismo é excitado lentamente e a energia se acumula; no ato da detumescência a força acumulada é libertada, e pela sua libertação o instrumento que transporta o esperma conclui sua tarefa. O jogo amoroso, como chamamos comumente ao processo de tumescência que se desenvolve quando uma mulher é abordada sexualmente por um homem, é normalmente um processo muito prolongado. Mas é sempre necessário lembrar que toda repetição do ato do coito, a ser executado de maneira normal e efetiva de ambos os lados, exige naturalmente um processo duplo, semelhante: a detumescência deve ser precedida por um jogo amoroso abreviado.

Este jogo amoroso abreviado, pelo qual a tumescência é assegurada ou aumentada, mesmo na repetição de atos do coito que se tornaram familiares, é principalmente tátil. À medida que a tumescência, sob a influência do estímulo sensitivo, aproxima-se do clímax, quando dá lugar à detumescência, os fenômenos físicos tomam-se cada vez mais intensamente localizados nos órgãos sexuais. O processo, que a princípio era predominantemente nervoso e psíquico, torna-se agora mais proeminentemente vascular. O antigo relacionamento sexual da pele se estabelece; há uma congestão superficial marcante sob vários aspectos. O rosto tende a ficar vermelho, e exatamente o mesmo fenômeno se está passando nos órgãos genitais; “a ereção”, tem-se dito, “é um rubor do pênis”. A diferença é que nos órgãos genitais este aumento de vascularidade tem uma função definida e específica a cumprir, — a ereção do órgão masculino, que o capacita a penetrar as partes femininas — e que, por consequência, desenvolveu no pênis aquele tipo especial de mecanismo vascular, constituído de veias

de tecido conjuntivo com fibras musculares lisas, chamado tecido erétil. Este processo pode ser posto em ação, seja de maneira central, seja perifericamente.

Não é somente o macho que é dotado do tecido erétil que no processo da tumescência torna-se congestionado e inchado. Também a mulher, na região genital externa, correspondente, é dotada igualmente de tecido erétil, agora carregado também de sangue, e apresenta as mesmas mudanças que se realizaram em seu companheiro, embora não visíveis de maneira ostensiva. No macaco antropeide, como o gorila, o grande clitóris e as ninfas tornam-se proeminentes na excitação sexual, porém o menor desenvolvimento do clitóris nas mulheres, juntamente com a evolução especificamente humana do *mons veneris* e os lábios maiores, torna esta turgescência sexual praticamente invisível, embora seja perceptível ao tato, com a tensão esponjosa e elástica aumentada. Todo o canal genital feminino, inclusive o útero é, de fato, ricamente dotado de vasos sanguíneos, e capaz, durante a excitação sexual, de um alto grau de turgescência, uma espécie de ereção.

O processamento da ereção na mulher é acompanhado de uma secreção fluida, que molha abundantemente todas as partes da vulva em volta da entrada da vagina. É um muco delicado, mais ou menos inodoro, que, nas condições normais, difunde-se nas partes, vagarosa e imperceptivelmente. Há, contudo, uma verdadeira ejaculação de fluido que, segundo as descrições comuns, vem em grande parte das glândulas situadas perto da entrada da vagina, as quais, por ocasião do nascimento já são capazes de segregar. O fluido assim segregado, sempre que é atingido um elevado estado de tumescência, e antes de estabelecer-se a detumescência, desempenha uma importante função, lubrificando a entrada do canal genital e facilitando assim a penetração do órgão masculino. Processo semelhante desenvolve-se durante o parto, quando as mesmas partes estão se dilatando para o acesso da cabeça do feto. A ocorrência da secreção mucosa na tumescência indica sempre que aquele processo afeta ativamente os centros cerebrais, e que as sensações voluptuosas estão presentes. Daí ser de grande importância na arte do amor.

Quando a ereção está completa tanto no homem como na mulher, as condições para a conjugação estão finalmente preenchidas.

Neste ponto, quando a mulher é virgem, surge o problema do hímen. Em épocas passadas, esta pequena membrana, — a virgindade, como era chamada sugestivamente, — era considerada, muitas vezes, de enorme importância na determinação da categoria de uma mulher. Sua presença era considerada como identificadora das condições morais de uma mulher solteira. Atualmente há motivos pelos quais ele não pode permanecer com esse caráter, mesmo independente do fato de ser menos comum julgar que a virtude de uma mulher repouse em uma base meramente anatômica. Há muitas variações naturais na forma e tamanho do hímen. Diversos acidentes (assim como a masturbação da virgem) podem causar seu desaparecimento. Por outro lado ele poderá permanecer eventualmente após as relações sexuais, mesmo em prostitutas.

Sua rutura no primeiro ato sexual é suscetível de causar dor e mal-estar.

Eventualmente sua rijeza acarreta dificuldade à penetração. Poderá ser necessária, então, uma pequena incisão. Tem sido recomendada também, a pressão gradual, como a do dedo, que pode ser praticada pela própria mulher. Em alguns povos a inserção do dedo é praticada pelas mães em suas filhas, ainda crianças, às vezes por motivo de higiene e outras vezes para facilitar as relações no futuro. Talvez haja alguma justificativa para essa prática.

Entre todos os animais, mesmo aqueles aparentados com o homem, o coito é realizado pelo macho aproximando-se da fêmea por trás. No homem o método normal de aproximação é pela frente — face a face, — a posição da chamada *Venus obversa*. Não obstante, embora a *Venus obversa* possa ser considerada o método de coito especificamente humano, há modificações deste método, e outros mais aproximados aos dos animais, adotados por vários povos como costumes nacionais, e que, por isso, entram na gama normal de variações. É um erro considerá-los como perversões condenáveis.

Agora, entra um novo elemento: a ação muscular. Com o início da ação muscular, que é, em grande parte, involuntária, mesmo quando afeta os músculos voluntários, começa a realizar-se a detumescência propriamente dita. Daí em diante a ação inteiramente deliberada, a não ser por via de grande esforço, é praticamente abolida. Aproximamo-nos do momento decisivo em que, sob a influência do estímulo aplicado ao pênis pela fricção com a vagina, a tensão do líquido seminal lançado na uretra excita os centros ejaculatórios localizados na parte mais baixa da coluna espinhal e também, parece, nos plexos pélvicos, e o músculo bulbo cavernoso que circunda a uretra contrai-se em consequência, em espasmos rítmicos. É então que ocorre a ejaculação.

Todos os fenômenos do coito podem ser reduzidos, direta ou indiretamente, a dois grupos: o primeiro, circulatório e respiratório, o segundo, motor, embora devamos ter em mente que eles não são na realidade, separáveis. A respiração torna-se superficial, rápida, e, de certo modo, suspensa. Esta interrupção da respiração tende a tornar o sangue venoso, e assim ajuda a estimular os centros vasomotores, elevando a pressão sanguínea no corpo, de um modo geral, e principalmente nos tecidos eréteis. A pressão sanguínea alta é um dos aspectos mais marcantes do estado de detumescência. De acordo com Poussep há nos animais, durante o coito, rápidas alternativas de vasoconstrição e vasodilatação, tanto no cérebro como no sistema vascular em geral. As batidas do coração são mais fortes e mais rápidas, as artérias superficiais mais visíveis, as conjuntivas tornam-se vermelhas. Ao mesmo tempo encontramos uma tendência geral à atividade glandular. Várias secreções se produzem abundantemente. A transpiração é copiosa, com uma atividade geral da pele e suas secreções odoríferas; também ocorre a salivação. No homem, correspondendo à secreção mais abundante nas mulheres, há, durante os últimos momentos da tumescência, uma secreção de muco que aparece em gotas no orifício uretral, e vem das pequenas glândulas de Littré e Cowper, que abrem na uretra. Este fenômeno foi chamado *distillatio* pelos velhos teólogos, que compreenderam sua importância, distinta da do sêmen, sendo uma indicação de que a mente estava absorvida em imagens voluptuosas. Era conhecido também na época

clássica. Mais recentemente tem sido confundido muitas vezes com o sêmen e assim tem causado, às vezes, angústia desnecessária a pessoas nervosas. Há também um aumento de secreções no rins e provavelmente nas glândulas em geral, pelo corpo inteiro.

A atividade motora é da essência da detumescência porque, sem ela, as células sexuais masculinas não poderiam ser levadas às proximidades da célula feminina e serem impelidas para a matriz. Esta atividade é geral, assim como especificamente sexual. Há uma tendência ao movimento mais ou menos involuntário, sem nenhum aumento da energia muscular voluntária, que, na verdade, decresce. A tendência à difusão da atividade muscular involuntária é exemplificada pela contração da bexiga relacionada com a detumescência. Enquanto esta ocorre em ambos os sexos, nos homens a ereção produz geralmente um obstáculo mecânico a qualquer esvaziamento da bexiga. Nas mulheres poderá haver, não somente o desejo de urinar, mas, eventualmente, micção verdadeira. A tendência ao tremor, à constrição da garganta, espirro, emissão de gases, e os outros fenômenos semelhantes associados eventualmente com a detumescência, comprovam igualmente a propagação da perturbação motora.

Mais importantes e mais objetivos, embora involuntários, são os movimentos musculares especificamente sexuais. Desde o início mesmo da detumescência, esta atividade muscular faz-se sentir. No macho estes movimentos são perfeitamente óbvios e perfeitamente simples. É necessário que o sêmen seja extraído das vesículas seminais, impulsionado ao longo da uretra, de mistura com o líquido prostático, que é igualmente essencial, e finalmente expelido com uma determinada força, pelo orifício uretral. Normalmente, sob a influência do estímulo produzido pelo contato e a fricção com a vagina, este processo é executado de maneira eficiente, principalmente pelas contrações rítmicas do músculo bulbo-cavernoso, e o sêmen é expelido em jato.

O processo muscular tipicamente sexual é menos visível na mulher, mais obscuro, mais complexo e incerto. Antes de iniciar-se efetivamente a detumescência se exercem, a intervalos, contrações rítmicas involuntárias das paredes da vagina que parecem ter o objetivo de estimular as contrações que estão na iminência de se iniciarem no órgão masculino e se harmonizarem com elas. Parece que estas contrações rítmicas são a exacerbação de um fenômeno que é mais ou menos constante, assim como são normais e constantes as leves contrações da bexiga. Esta contração vaginal, que pode tornar-se bem acentuada no momento exato que precede a detumescência, e é devida principalmente à ação do *esfincter cunni* (esfincter vaginal, — análogo ao bulbo cavernoso no macho), é apenas uma parte do processo muscular localizado.

A participação ativa dos órgãos sexuais da mulher com a finalidade de orientar o sêmen para o útero no momento da detumescência, é uma crença antiga, e está de acordo com o ponto de vista grego de que o sêmen é um animal dentro do corpo, dotado de atividade; mas observações acuradas feitas modernamente, trouxeram pouca confirmação sobre a realidade desta participação. As observações que têm sido feitas têm sido geralmente o resultado de excitação sexual e orgasmo ocorridos durante um exame ginecológico. Tanto quanto os fatos comprovam, parece que nas mulheres, como

em éguas, cadelas e outros animais, o útero torna-se mais curto, mais largo e mais flexível durante o orgasmo, ao mesmo tempo que desce a uma posição mais baixa na bacia, com sua entrada aberta intermitentemente.

Parece provável que nesta ereção, contração e descida do útero, e na expulsão simultânea de seu muco, temos o momento decisivo da conclusão da detumescência na mulher, e que o muco espesso, diferente da secreção límpida anterior, de que as mulheres às vezes se apercebem após o orgasmo, desta vez é expelido pelo útero. Algumas autoridades consideram a detumescência, nas mulheres, concretizada na emissão de secreções, outras nas contrações genitais rítmicas, especialmente na cerviz do útero. Contudo, as partes sexuais podem ser banhadas copiosamente pelo muco durante um período infinitamente longo antes de ser atingida a fase final da detumescência, e as contrações rítmicas também podem se ter iniciado em um período bem anterior. E por nenhum motivo há necessariamente qualquer aumento óbvio desses processos no momento final do orgasmo. Nas mulheres, isto pareceria ser evidentemente, mais do que nos homens, uma manifestação nervosa. Sob o aspecto subjetivo ela é acentuada, com seu sentimento de tensão aliviada, e agradável tranquilidade, mas do lado objetivo, o momento culminante é muitas vezes menos fácil de determinar, e não constitui invariavelmente, como tende a ser nos homens, uma convulsão mecânica geral.

O papel ativo desempenhado pelo útero na detumescência não mais pode ser contestado, mas não se deve admitir com excessiva pressa que a crença nos movimentos ativos dos espermatozoides deva, por isso, ser negada. Se for certo, como algumas autoridades acreditam, que os espermatozoides podem conservar sua total atividade nos órgãos femininos, até depois de uma semana ou mais (embora seja contestado que isto seja uma regra geral) eles têm ampla oportunidade de empregar suas energias. Contudo, deve ser acrescentado que, mesmo que o sêmen seja simplesmente espalhado à entrada da vagina, sem realmente nela penetrar, os espermatozoides ainda assim contam com outros recursos, que não sua própria motilidade, na missão de atingir o óvulo. Considerando que não é somente o útero que toma parte ativa na detumescência, mas também a vagina em seu movimento ativo, parece provável que, pelo menos em algumas mulheres e sob certas circunstâncias, tal movimento, favorecendo a aspiração na direção do útero, possa ser transmitido ao orifício externo da vagina. Alguns acreditam também que, principalmente em mulheres de raças de tipo mais primitivo, a vagina pode ser capaz de obedecer ao mesmo impulso de expelir o sêmen como obedece ao de expelir o feto durante o parto, e que isto pode ser utilizado com fins anticoncepcionais. Tendo em vista as atividades combinadas do sêmen e da vagina durante a excitação sexual, é possível ao sêmen atingir o útero, mesmo quando tenha sido apenas disseminado na entrada da vagina, e mesmo quando o hímen esteja intacto. Assim, a disseminação extra vaginal do sêmen não é um método anticoncepcional adequado e, conseqüentemente, mesmo quando um marido está convencido de que não teve um verdadeiro coito com sua esposa, isto não é prova, se se seguir uma gravidez, de que houve adultério.

Muito embora o processo muscular, especificamente sexual, da detumescência nas mulheres, — distinto dos fenômenos musculares gerais da excitação sexual, que podem ser razoavelmente evidente — seja assim considerado como complexo e obscuro, a detumescência é, em ambos os sexos, uma convulsão que libera uma carga de energia nervosa, acumulada lentamente. Nas mulheres, como nos homens, a descarga motora é orientada para um fim específico, — em um dos sexos a intromissão do sêmen, no outro, sua recepção. Em ambos os sexos o orgasmo sexual e o prazer e satisfação que o acompanham relacionam-se, como seu elemento mais essencial, com a atividade motora da esfera sexual.

Embora a expressão facial, quando a tumescência se completa, possa caracterizar-se por um alto grau de energia nos homens, e de encanto nas mulheres, no início da detumescência as feições estão, com mais frequência, alteradas. A dilatação das pupilas, a expansão das narinas, a tendência à salivação e aos movimentos da língua, tudo concorre para formar um quadro que indica a proximidade da satisfação dos desejos sensitivos. É significativo que em alguns animais haja neste momento a ereção das orelhas. Às vezes há a tendência a emitir palavras truncadas ou sem sentido. A dilatação das pupilas produz fotofobia, e no decorrer da detumescência, é frequente estarem os olhos fechados, por este motivo. No início da excitação sexual a tonicidade dos músculos do olho parece aumentar. Os elevadores das pálpebras superiores contraem-se, de maneira que os olhos parecem maiores e sua mobilidade e brilho aumentam. Com o aumento da tonicidade muscular pode ocorrer o estrabismo.

A convulsão orgânica acarretada pelo processo de detumescência é tão profunda, que, em alguns casos, graves consequências se têm seguido ao coito. Até nos animais isto tem sido notado. Na espécie humana, principalmente nos homens, — provavelmente porque as mulheres são protegidas pela maior lentidão com a qual a detumescência nelas ocorre —, não apenas a própria morte, mas numerosas perturbações e acidentes sabe-se que se têm seguido imediatamente após o coito, sendo esses resultados devidos principalmente à excitação vascular e muscular que o processo de detumescência determina. Desmaios, vômitos, micção e defecção involuntárias, têm sido observadas em homens jovens após o primeiro coito. Não tem sido raro o registro da epilepsia. Lesões de vários órgãos, e até rutura do baço, têm ocorrido regularmente. Em homens na idade madura, as artérias, às vezes, têm-se mostrado incapazes de resistir à pressão arterial alta, e tem ocorrido hemorragia cerebral, com paralisia. Em homens velhos a excitação das relações sexuais com esposas jovens ou com prostitutas têm causado, por vezes, a morte.

Tais consequências são, não obstante, excepcionais. Tendem a ocorrer em pessoas anormalmente sensíveis, ou que transgrediram imprudentemente as normas naturais da higiene sexual. A detumescência é um processo de tal maneira natural, uma função tão intensa e intimamente orgânica, que se apresenta, muitas vezes, inofensiva, mesmo quando o corpo não está em condições saudáveis. Suas consequências normais, em circunstâncias favoráveis, são inteiramente benéficas. Nos homens sobrevém normalmente, juntamente com o alívio da prolongada tensão da tumescência, e com o

repouso muscular e a queda da pressão sanguínea, um sentimento de intensa satisfação, uma aura de bem-estar geral, uma lassidão agradável, e muitas vezes um sentimento de alívio mental de uma obsessão dominadora. Em circunstâncias razoavelmente afortunadas não há dor, nem exaustão, nem tristeza, nem distúrbio emocional. Na mulher, as consequências da detumescência são as mesmas, com exceção de que a tendência à lassidão não é acentuada a não ser que o ato seja repetido várias vezes; há uma sensação de tranquilidade e confiança própria, muitas vezes, uma invasão de energia desinibida e alegre. Após uma detumescência satisfatória, as mulheres podem experimentar um sentimento como de embriaguez, que dura várias horas, e a que não se segue nenhuma reação nociva.

Vemos assim, que a tumescência e a detumescência não são dois processos distintos, mas um processo com duas fases. Esse processo representa método próprio da natureza de carregar intensamente o organismo, para descarregá-lo por ocasião do orgasmo que, liberando as células geradoras e realizando sua união, atinge o fim supremo da reprodução, e, quando esse fim é impedido, efetua, todavia, em todo o organismo, mudanças que são física e psiquicamente benéficas.

BIBLIOGRAFIA

A. MOLL, *Sexual Life of the Child*.

HAVELOCK ELLIS, "Analysis of the Sexual Impulse". Vol. III, e "The Mechanism of Detumescence, Vol. V, de *Studies in the Psychology of Sex*.

TH. VAN DE VELDE, *Ideal Marriage; Fertility and Sterility in Marriage*.

Zonas Erógenas

Esta é a denominação dada atualmente às regiões do corpo que, no processo da tumescência, são consideradas como sexualmente hiperestésicas. Algumas regiões o são, normalmente, em todas as pessoas saudáveis. Outras regiões do corpo, na realidade quase todas, ou todas as regiões da superfície do corpo podem ser sexualmente, sensíveis em casos especiais, sendo o grau de tal sensibilidade passível de variar em diferentes ocasiões e sendo, naturalmente, maior, quando há um estado de predisposição emocional. A região genital, a boca, e, na mulher, os seios, podem ser considerados como zonas erógenas. As orelhas, a nuca, o bico do peito no homem, as axilas, os dedos, o ânus, as coxas, são regiões erógenas fora do comum.

Pode-se dizer que a concepção de zona erógena partiu do antigo conceito de "afinidade". Ela foi formulada pela primeira vez em medicina, na esfera da patologia, identificando-se, como zonas histerogênicas de Charcot, certas regiões, — a ovariana a princípio, e posteriormente regiões mais esparsas —, que se relacionavam, quando

comprimidas, com a provocação ou a parada de acessos espasmódicos; mas Charcot não as associava com a emoção sexual. Contudo, em 1881, Chambard, de Paris, mostrou que, nas condições normais e principalmente nas mulheres, há na superfície da pele um certo número de regiões comparáveis aos centros epileptogênicos, às quais pode ser aplicado o nome de centros erógenos, nos quais as excitações leves e rápidas, efetuadas sob certas condições, não somente causam emoções voluptuosas, mas preparam, determinam ou acompanham o orgasmo. Féré posteriormente deparou com esta observação, e notando a analogia dos centros com as zonas histerogênicas de Charcot, o que Chambard aparentemente não vira, chamou-os “zonas erógenas”, nome que desde então elas mantêm. Considera-se atualmente, de um modo geral, que zona erógena, no sentido normal, é o que, no sentido patológico, passa a ser zona histerogênica, pelo que, entre elas, há mais do que analogia. Elas foram estudadas profundamente por Freud, que descreveu a primeira fase ou fase auto erótica da libido como aquela na qual os impulsos sexuais não têm um objeto, pelo que seu alvo é retido nas próprias zonas erógenas, enquanto depois da puberdade surgem objetivos mais legitimamente sexuais, de maneira que o prazer anterior, obtido isoladamente na idade jovem, torna-se um estágio para o prazer posterior.

Assim consideradas, ver-se-á que as zonas erógenas constituem parte legítima e importante da vida sexual normal. Elas não podem deixar de tomar parte em qualquer esforço que vise à educação para a completa satisfação do amor. Toda mulher tem seu próprio conjunto de zonas erógenas reveladas ou latentes, e, no jogo amoroso, constitui papel do amante descobrir estas zonas e desenvolvê-las, a fim de que seja atingida a tumescência, que é, de maneira natural e adequada, a primeira fase no processo da união sexual.

A constituição orgânica varia, muito embora o padrão geral possa ser o mesmo para todos. Por causa dessas variações, é que os fatores da seleção sexual variam para cada pessoa. Com base no tato, as várias zonas erógenas podem ser demonstradas de maneira muito mais fácil.

BIBLIOGRAFIA

HAVELOCK ELLIS, *“Erogenic Zones” nos Studies in the Psychology of Sex, Vol. VII.*

FREUD, *Three Contributions to Sexual Theory.*

A Biologia do Jogo Amoroso

O jogo amoroso, propriamente dito, é um processo biológico que pode ser encontrado em todo o mundo animal bissexual. Ele representa o aspecto psíquico da obtenção lenta da tumescência, o método de assegurar o contato.

Mesmo entre os caracóis hermafroditas, encontra-se um complicado jogo amoroso. Cada parceiro acompanha lentamente os movimentos do outro. Eles se arrastam, um em volta do outro, um apoia a boca na extremidade caudal do outro e ambos emitem grande quantidade de muco. Finalmente os órgãos da reprodução aparecem, retorcendo e curvando-se um em volta do outro, assumindo belas formas e tomando cores iridescentes até que a tumescência se completa. Esta é a manifestação de um processo que podemos encontrar em toda a natureza, mesmo em seus aspectos psíquicos, nos estágios mais elevados da civilização.

Os fenômenos do jogo amoroso são extremamente notáveis, e têm sido estudados com o máximo cuidado entre várias espécies de aves, nas mais diversas partes do mundo.

A bela plumagem das aves, seu canto, sua ostentação, o garbo de sua marcha, suas danças, tudo (como a maioria das autoridades são acordes atualmente) é precipuamente parte do jogo amoroso, um método de despertar no próprio macho, e excitar na fêmea que ele deseja como parceira, um estímulo adequado ao impulso do acasalamento. A mesma influência persiste até na civilização humana. Um holandês, em Haia, disse a Hirschfeld que durante a grande guerra, quando ali havia, constantemente, tropas inglesas, centenas de moças holandesas tornaram-se mães, em virtude do fascinante porte dos soldados ingleses. Ele se referia a seus passos rápidos e leves.

Nas sociedades civilizadas, realmente, por causa do lazer, facilidade na obtenção de prazeres e superalimentação, que tomam o eretismo sexual comparativamente fácil, e a tumescência às vezes quase constante, os fenômenos da corte amorosa tornam-se menos importantes. Contudo eles ainda prevalecem, embora sob formas mais variadas, delicadas e muitas vezes predominantemente psíquicas.

Os fenômenos do jogo amoroso relacionam-se biologicamente com o fato de que nos animais, no homem selvagem, talvez de certo modo no homem civilizado, e principalmente nas mulheres, a sexualidade é periódica, e não constante em suas manifestações. Se o aparelho sexual estivesse a qualquer momento, em ambos os sexos, pronto a reagir imediatamente ao estímulo, o jogo amoroso seria reduzido ao mínimo e a obtenção da tumescência não apresentaria dificuldades. Mas, durante longos períodos, o impulso sexual fica adormecido, e o jogo amoroso pode ser considerado como o aspecto psíquico do esforço pelo qual ele torna a despertar.

A maioria dos animais superiores têm um período de procriação uma ou duas vezes por ano, na primavera ou no outono, ou ainda em ambas as estações. O homem selvagem tem às vezes, também, estações de procriação semelhantes, e em regiões do mundo extremamente isoladas são realizados festivais eróticos na primavera ou no início do outono, ou em ambos, verificando-se nessas ocasiões a união sexual e arranjando-se os casamentos. A periodicidade na percentagem de concepções em todos os países civilizados, com uma tendência a uma elevação da curva na primavera e, às vezes, no outono, parece ser um vestígio dessa primitiva estação de procriação, devido à mesma causa, qualquer que seja essa causa. Quanto à exata natureza da causa, não há

concordância. Alguns (como Durkheim) alegam que esta e outras periodicidades semelhantes (como a da criminalidade e do suicídio) são devidas principalmente a causas sociais; outros (como Gaedeken) afirmam que os raios químicos do sol, extremamente intensos na primavera, são a verdadeira causa; outros (como Haycraft) atribuem o fenômeno ao calor; outros, de maneira talvez mais plausível, consideram-nas como devidas em grande parte ao estímulo dos primeiros calores da primavera e ao estímulo correspondente dos primeiros frios do inverno.

Em anos recentes foram descobertos traços de periodicidade sexual entre homens civilizados, completamente afastados de suas relações com mulheres. As emissões seminais, durante o sono, em pessoas que levam vida casta, proporcionaram os dados sobre os quais foram tiradas interessantes conclusões. Julius Nelson defendeu pela primeira vez em 1888 a existência de um ciclo sexual mensal nos homens, com a duração de vinte e oito dias. Perry-Coste, com a autoridade de uma investigação mais demorada e complexa, achou também certo motivo para aceitar um ritmo mensal de caráter estritamente lunar (vinte e nove dias e meio), embora as conclusões que ele tirou de seus dados tenham sido contestadas. Von Römer encontrou fundamento para apresentar a prova de omissões voluntárias no coito, mostrando que os atos do coito de um homem solteiro realizam-se em um ciclo mensal, com dois máximos que se aproximam de certo modo dos de Perry-Coste. Notou, ademais, que o máximo principal ocorre na época da lua cheia, e o máximo secundário por ocasião da lua nova. Isto indicaria que a atividade sexual mais intensa tende a coincidir (qualquer que seja a explicação apresentada para a coincidência) com as épocas em que, entre os povos primitivos de muitas regiões do planeta, são realizados festivais eróticos. Deve-se, contudo, acrescentar, que estas conclusões constituem apenas conjecturas, e que os dados foram contestados por Munro Fox e outros.

Muitas vezes é observado um ciclo semanal de atividade sexual involuntária, com o máximo de intensidade no domingo ou em suas proximidades. Isto, provavelmente, é devido a causas sociais. Contudo, não pode ser dito o mesmo do ciclo anual de atividade sexual involuntária, que mostrei pela primeira vez em 1898 e que desde então tenho podido confirmar com indícios complementares. Estes indícios mostram claramente que há dois períodos, no ano, de aumento da atividade sexual espontânea, um no início da primavera e o outro no outono. Verifica-se muitas vezes que o aumento do outono é o maior.

Presentemente não há comprovação minuciosa e ampla com relação à existência de qualquer ciclo anual de atividade sexual involuntária da mulher. Contudo, é nas mulheres, como a existência da menstruação demonstra, que a periodicidade é mais normal e acentuada. A esse respeito, as mulheres são de um primitivismo mais profundo do que o homem. A origem da menstruação tem sido muito discutida. Costumava-se pensar que os organismos inferiores que viviam sob a influência das marés apresentavam uma periodicidade lunar. Isto, contudo, raramente é encontrado. Os moluscos geralmente não são afetados pela Lua. Mas, no golfo de Suez, os ouriços do mar obedecem realmente à lua. Eles aumentam quando ela aumenta e decrescem

quando ela decresce. O tamanho deles é devido à ova, e eles desovam na lua cheia. Uma influência zoológicamente tão remota não poderia estender-se aos quadrúpedes, e entre os mamíferos não começa mesmo a aparecer o ritmo mensal até alcançarmos os antropóides assemelhados ao homem. A sugestão de Arrhenius (aceita por Munro Fox, que estudou este assunto de maneira especial) é que a origem da periodicidade atmosférica varia de uma maneira rítmica, com uma intensidade máxima a intervalos de vinte e sete dias e um terço, o tempo que a lua leva para fazer uma revolução em volta da Terra. Ele encontrou também um ligeiro ritmo mensal nos nascimentos.

Nas espécies de macacos em que a menstruação começa a aparecer, ela coexiste com a influência da estação, o que é mais primitivo, de maneira que os macacos que menstruam a intervalos aproximadamente mensais continuam, contudo, a procriar em certas épocas do ano. Permanece um vestígio desta tendência na espécie humana. É somente durante o *oestrus*, ou “calor” que as fêmeas dos animais permitem, geralmente, o contato sexual. Nas mulheres o período de máximo ardor sexual tende a ocorrer perto da menstruação mas, principalmente nos povos civilizados, o ardor sexual é mais dilatado. A maioria das autoridades de outrora admitiram um aumento da excitação sexual antes ou depois do período pós-menstrual. Otto Adler afirmava que a sensibilidade sexual é aumentada antes, durante e depois da menstruação. Kossmann aconselha a união sexual logo após a menstruação, ou mesmo durante os últimos dias do fluxo, já que era este o período em que ela é mais solicitada. Guyot disse que os oito dias após a menstruação constituem o período do ardor sexual nas mulheres. Harry Campbell, que investigou a periodicidade do ardor sexual em mulheres saudáveis das classes operárias, através de pesquisas feitas entre seus maridos, pacientes em um hospital de Londres, verificou que em dois terços das esposas o ardor aumentava antes, durante, ou após o fluxo, ou nos três períodos. Atualmente dispomos dos resultados de investigações em bases estatísticas mais precisas. Assim, a Dra. Katharine Davis, em seu estudo da vida sexual de mais de 2.000 mulheres, verificou que o ardor sexual máximo quase sempre coincide com o período de dois dias antes a uma semana depois da menstruação, embora, ao contrário da maioria dos investigadores, ela tenha verificado maior frequência do ardor antes, do que depois do fluxo menstrual (69 casos contra 38). O Dr. G. V. Hamilton, fazendo uma investigação entre 100 mulheres casadas da classe alta, — número pequeno, mas estudado cuidadosamente —, apurou que somente 25 tinham desejos sexuais logo após a menstruação; 14 um pouco antes; 21 um pouco antes e logo depois; 11 durante a menstruação, e pouco antes e logo depois; 19 não tinham absolutamente nenhuma periodicidade, enquanto as 10 restantes não prestaram informações,

O recato das mulheres, que, em sua forma mais primitiva entre animais, baseia-se na periodicidade sexual, torna-se com essa periodicidade uma condição essencial do jogo amoroso. A princípio o recato pode ser considerado como a atitude de recusa sexual por parte de uma fêmea que ainda não está no período do estro. O recato, contudo, tende a sobrepor-se a esse período, como era de esperar de um impulso que é ativo durante a maior parte do ano, e combina-se com o impulso sexual, constituindo o coquetismo. A fêmea, então, aproxima-se e foge alternadamente do macho, ou foge dele em círculo.

Embora o recato seja, precipuamente, uma atitude de recusa sexual, ele se combina rapidamente com outros impulsos e, na espécie humana, pode dizer-se que reúne os seguintes componentes: (1) a primitiva atitude de recusa sexual por parte da fêmea, quando ela não está naquele momento de sua atividade geradora no qual ela deseja a aproximação do macho; (2) o medo de despertar repugnância, medo devido, originariamente, à estreita proximidade entre o centro sexual e os pontos de saída das excreções inúteis e desagradáveis até, em muitos casos, para animais; (3) o medo da influência mágica dos fenômenos sexuais, e os cerimoniais e práticas rituais baseados originariamente nesse medo e ultimamente transformados em simples normas de decoro, que são indícios e sentinelas do recato; (4) o desenvolvimento dos ornamentos e do vestuário que simultaneamente estimulam ou reprimem o desejo sexual masculino e o coquetismo que procura atrair esse desejo; (5) a concepção das mulheres como propriedade tem sido às vezes acrescentada, o que traz mais confirmação a uma emoção já baseada em fatos mais naturais.

Assim constituído, o recato é um fator muito poderoso mesmo entre os selvagens mais atrasados, — embora a forma de que se reveste varie extensamente —, e permanece poderoso mesmo no barbarismo. Em nenhum estágio da cultura, este recato acarreta, necessariamente, o uso de vestimentas. Alguns selvagens que habitualmente vivem quase ou completamente despídos demonstram, contudo, o mesmo recato, enquanto na vida moderna novos hábitos de completa nudez, — “nudismo”, banhos de sol, a popular *Nackt-Kultur* alemã —, deixam o recato inato. Nas sociedades civilizadas, sua pujança é atenuada. Ele persiste em parte como um ritual e, em parte, como uma atitude graciosa; porém não tem mais a força irresistível que possui normalmente entre as raças mais atrasadas. Contudo, em qualquer caso, o recato continua, do princípio ao fim, uma condição essencial do jogo amoroso. Sem as reticências e as delongas do recato, a tumescência não poderia ser despertada convenientemente em nenhum dos sexos, e a fêmea não teria tempo e oportunidade de verificar as qualidades dos candidatos a seus favores, e escolher o parceiro mais adequado.

BIBLIOGRAFIA

HAVELOCK ELLIS, “*Analysis of the Sexual Impulse*”, no Vol. III; “*The Evolution of Modesty*” e “*The Phenomena of Sexual Periodicity*”, no Vol. I, *Studies in the Psychology of Sex*, e “*The Menstrual Curve of Sexual Impulse*”, no Vol. VII.

WALLASCHEK, *Primitive Music*.

COLIN SCOTT, “*Sex and Art*”, *American Journal of Psychology*, Vol. VII, n.º 2.

HEAPE, “*The Sexual Season of Mammals*”, *Quarterly Journal of Microscopical Science*, 1900, e “*The Proportion of the Sexes*”, *Philosophical Transactions of the Royal Society, Series B*, Vol. 200, 1909.

WESTERMACK, *The History of Human Marriage*, Vol. I.

J.R. BAKER, *Sex in Man and Animals*.

ZUCKERMAN, *The Social Life of Monkeys and Apes*.

MUNRO FOX, *Selene*.

MAURICE PARMELEE, *Nudism in Modern Life*.

Preferência na União Sexual: Os Fatores da Seleção Sexual.

O processamento da tumescência é obtido, direta ou indiretamente, pela influência estimuladora de impressões recebidas através dos vários sentidos. “Contato” (*contactation*), como Moll a chama, é de fato, simplesmente a soma das impressões físicas e psíquicas assim recebidas, normalmente de uma pessoa do sexo oposto. A seleção sexual é a escolha da pessoa que provoca essas impressões de maneira mais adequada.

Ao usar a expressão “seleção sexual” parece que adotamos uma teoria da doutrina da evolução de Darwin, a qual em sua forma original, nem sempre é aceita. Devemos lembrar, de maneira especial, que tal seleção não deve ser considerada como precipuamente estética. Não é a beleza que importa e sim um maior vigor, ou maior destaque. O teor exato de validade que a seleção sexual de Darwin possui (mesmo independente de sua falsa interpretação por parte de Wallace) ainda é duvidoso, mesmo para muitos atentos estudiosos da vida animal. Em outras palavras, é duvidoso até que ponto tal escolha instintiva para o acasalamento, nas condições em que até agora é demonstrável, pode levar à seleção biológica de alguns caracteres e à rejeição de outros, afetando assim a hereditariedade. O aumento, em épocas recentes, do conhecimento sobre os fatores mendelianos da herança ainda torna mais confusa a questão da seleção sexual. O que nos interessa certamente é a *Preferência na União Sexual*, que deixa aberta a questão da seleção sexual com relação à herança racial. Não está provado que os menos preferidos sejam geralmente excluídos da conjugação sexual, e que aqueles totalmente dela excluídos, quer entre os animais superiores, quer nas raças humanas inferiores, de um modo geral, constituam um número desprezível. O jogo amoroso entre as aves é, muitas vezes, um processo importante, prolongado e extremamente árduo. Contudo, nem sempre fica claro que tenha sido obtida qualquer “seleção” darwiniana. Eliot Howard, estudioso muito capacitado da vida das aves, embora não rejeite tal seleção de maneira absoluta, em sua grande obra *Aves Canoras Britânicas (British Warblers)*, fala, no entanto, com muita hesitação, no que toca ao alcance e importância dessa seleção. Várias outras autoridades na vida das aves mostram-se igualmente prudentes.

Em tempos remotos a preferência na união sexual deve realmente ter tornado difícil aos homens menos preferidos unirem-se sexualmente e transmitir seus caracteres menos desejados. Entre as mulheres babilônias cujo dever era prostituírem-se uma vez na vida, no tempo de Mylitta (embora não nos interesse aqui fase tão primitiva da

cultura) Heródoto refere que as menos atraentes talvez tivessem de esperar três ou quatro anos para serem escolhidas por um homem. Não há dúvida de que a mesma influência atuou largamente para o casamento, também no passado. Mas parece que quase todas as mulheres nos estágios mais baixos da cultura, mais cedo ou mais tarde, tornam-se grávidas (alguns observadores notaram isso entre selvagens, mesmo nas mulheres menos atraentes), de maneira que, embora a demora na escolha possa diminuir as oportunidades de transmitir os caracteres menos preferidos, qualquer seleção racial deve ser limitada.

A possibilidade da “escolha” sexual no sentido darwiniano parece, de fato, ser capaz de um desenvolvimento maior e mais rápido, no futuro. Mesmo na presente fase de nossa civilização, um grande número de mulheres e homens permanecem solitários, muitos deles porque fracassaram em despertar o impulso da união sexual, no sexo oposto. Se a civilização no futuro tender a libertar o intercurso sexual da influência dessas considerações estranhas que hoje possibilitam aos desgraciosos e inadequados unirem-se, e os ideais da conveniência tornarem-se um motivo mais rigoroso no acasalamento, o processo de seleção, que causa um grande número de celibatários absolutos, seria evidentemente uma força intensamente orientadora na evolução humana. “Se os homens desejassem que as mulheres fossem mais altas ou menos emotivas do que são”, observa Heymans, “há muitas mulheres altas não emotivas que eles poderiam escolher para casar. Mas levará muito tempo”, acrescenta ele, “para que tais tendências tenham livre jogo”.

Por isso não é possível, presentemente, considerar a “seleção” sexual darwiniana como o cinzel nas mãos da natureza, para esculpir o ser vivo do futuro em formas perpetuamente novas, enquanto a escória vai sendo constantemente lançada fora. Dentro de certos limites, como diz Heymans acertadamente, o tipo feminino deve ter uma tendência a adaptar-se aos ideais dos homens, e o tipo masculino aos ideais das mulheres. Mas os limites parecem incertos e acanhados. Não podemos, presentemente considerar cada um dos sexos como uma obra incontestável do sexo oposto, através da “seleção”.

É necessário tornar clara esta observação preliminar e elementar, ao abordar os fatos fundamentais da psicologia sexual. Mesmo quando a expressão “seleção sexual” é empregada, o que realmente nos interessa é a preferência para a união sexual, nas condições em que é influenciada pelas variadas atrações dos estímulos sensitivos que despertam o jogo amoroso.

Nunca é demais esclarecer que o jogo amoroso não implica necessariamente de modo nenhum, como alguns ainda acreditam, uma luta ou decisão entre rivais candidatos à parceria sexual. Ele é acentuado da mesma maneira e igualmente necessário, mesmo que seja apenas sob forma abreviada, quando está excluída a rivalidade, e em toda a vida sexual. O ato da união sexual não é realizado de maneira eficiente e feliz, a não ser como clímax de um jogo amoroso sempre renovado. Mesmo pesquisadores, como Éliot Howard, que se mostram extremamente indecisos quanto à importância da “seleção” em animais são enfáticos ao insistir nessas complicadas e

prolongadas fases da excitação que constituem o jogo amoroso. Porque o jogo amoroso está presente no processo global da tumescência e detumescência, que é a base da vida sexual.

Os sentidos em causa são o tato, o odor, a audição e a visão. Parece não haver motivo válido para ser incluído o gosto, mesmo em indivíduos anormais, já que quando apuramos aquelas sensações geralmente consideradas gustativas, a grande percentagem é realmente transmitida pela olfação, através da parte posterior das cavidades nasais. Provavelmente há, de fato, boas razões para que o paladar propriamente dito não tenha nenhuma participação neste assunto, porque o gosto é escravo da outra grande necessidade primária, a necessidade da nutrição, e se ele se associasse também à necessidade primária da reprodução, o instinto poderia tornar-se confuso e o amante tentar devorar sua companheira, de preferência a realizar a união sexual com ela. Há apenas alguns animais que eventualmente devoram seus parceiros e, nesse caso, geralmente é a fêmea que assim procede, e nunca antes que se tenha realizado a impregnação.

(1) TATO

O tato é a primeira e mais primitiva forma de contato (*contrectation*). O próprio ato sexual é em si um ato de contato, no qual o tato é dominante. Entre as crianças, abraçar, beijar e enlaçar são os sinais principais da afeição em geral e da afeição sexual em particular. Eles expressam também o desejo elementar do amante adulto.

Neste impulso primário, na verdade, não há nada de especializado ou específico. A pele é a base sobre a qual todas as formas de percepção sensitiva se desenvolveram, e como a sensibilidade sexual inclui-se entre uma das mais antigas de todas as formas de sensibilidade, é necessariamente, em grande parte, uma forma modificada da sensibilidade tátil geral. O caráter primitivo da grande área da sensação tátil, sua imprecisão e difusão, servem para aumentar a intensidade emocional das sensações da pele. Pelo que, de todos os grandes campos sensitivos, o campo do tato é, ao mesmo tempo, o menos intelectual e o mais preponderantemente emocional. Estas características, assim como sua profunda e original correlação com o mecanismo da tumescência e detumescência, tornam o tato a via mais rápida e poderosa pela qual a esfera sexual é atingida.

Como poderíamos esperar, o tato predomina, com frequência, no jogo amoroso dos animais inferiores. O tato determina a conjugação sexual dos caranguejos e lagostins e é normalmente o principal sentido sexual das aranhas. No gado bovino, veados, cavalos, cães, etc., o lamber é parte importante do jogo amoroso. Neumann, que observou o acasalamento dos elefantes, verificou que o macho acariciava a fêmea com a tromba, e em seguida, ficando lado a lado, cruzavam as trombas, cada qual colocando a extremidade da respectiva tromba na boca do outro. Os seres humanos são levados a atos semelhantes. Para muitas pessoas, principalmente mulheres que não se habituaram à união sexual completa, os contatos táteis íntimos provocam por si mesmos o prazer e satisfação sexuais adequados.

O elemento tátil é, na verdade, de maneira especial, proeminente na vida emocional, e de maneira notável na vida sexual das mulheres. Lillian Martin, investigando o sentimento estético em estudantes do sexo feminino, observou a predominância das emoções com base tátil. Pearce Clark descreveu o caso de uma menina epilética, de nove anos, que somente gostava de pessoas cujo tato lhe agradasse, e classificava suas amizades pela reação que sentia ante seus apertos de mão ou seus beijos. O despertar sexual de meninas na puberdade revela-se mais por um desejo de beijos e carícias, do que de relações sexuais. Sadger observa que “a auréola da castidade que cerca tantas jovens baseia-se na ausência do impulso genital, combinado com o forte erotismo da pele, das membranas mucosas é do sistema muscular”. Esta peculiaridade é acentuada com frequência nas mulheres, não somente no início da vida sexual mas no decorrer e até no auge da detumescência. “Apesar de todos os seus esforços, sua luta e sua energia para livrar-se do aperto dos braços dele”, lemos em uma novela erótica do século dezoito, “era visível que ela nada mais desejava do que multiplicar os pontos de contato com ele”. Foi uma poetisa, Renée Vivien, quem escreveu que “a estranha e complexa arte do tato iguala-se ao sonho dos perfumes e ao milagre do som”. O reconhecimento instintivo pelas mulheres da importância do tato no amor é uma prova a mais do fato de que ele é realmente o sentido erótico primário e original.

As anomalias hiperestésicas doentias com base no tato ocorrem tanto nos homens, como nas mulheres, tais como o fetichismo por tecidos e peles (contato com peles, veludo, seda, etc.), e podem ter consequências de importância social, tais como a cleptolagnia. Esta é encontrada principalmente em mulheres. Por outro lado, a perversão especial de esfregar-se, *frottage*, como é chamada, só é encontrada em grau acentuado em homens. Consiste no desejo de levar o corpo vestido, — e geralmente, embora não exclusivamente, a região genital —, ao contato íntimo com o corpo de uma mulher vestida, e no procurar satisfazer este ardor em lugares de frequência pública, com mulheres completamente estranhas. Muitas mulheres, em alguma ocasião, de pé no meio de uma multidão (como no fundo de uma galeria de teatro, ou às vezes até na igreja) tiveram a sensação desagradável de um contato deliberado, desta espécie. Este desvio mórbido é de interesse médico-legal, e suas vítimas podem ser, em outros aspectos, homens perfeitamente normais, de boa posição social e inteligência superior.

A sensibilidade à cócega pode ser registrada aqui como uma espécie de subproduto da sensação tátil, originada em reflexos que se desenvolvem mesmo antes do nascimento, e que se relaciona intimamente com os fenômenos sexuais. É, nas circunstâncias, um jogo de tumescência, no qual o riso vem como um jogo de detumescência, para desfazer emoções sexuais indesejáveis (como muitas vezes entre mocinhas conscientes de sexo, acanhadas). A sensibilidade à cócega conduz aos fenômenos mais sérios da tumescência, e tende a desaparecer depois da adolescência, no período durante o qual começam normalmente as relações sexuais.

Tal conceito a respeito da sensibilidade à cócega como sendo uma espécie de recato da pele, existindo apenas para ser destruído, é, na verdade, somente um de seus

aspectos. Esta sensibilidade surge sem dúvida de um ponto de partida não sexual, e pode até ter utilidade protetora porque, como Louis Robinson assinalou, nos animais novos, as regiões mais coceguas são as mais vulneráveis e as que necessitam de mais proteção. A cócega, contudo, na esfera sexual, e naquelas zonas erógenas mais remotas, que às vezes são aptas para a excitação sexual, atua de maneira diferente, e isto em virtude daquilo que Herrick chama seu poder de acumular sucessivos estímulos, um processo sob forma de avalanche, pelo qual, através da excitação de células periféricas, um grande número de células corticais podem carregar-se lentamente de energia. É um processo de tumescência que culmina por um ato de detumescência, o qual, considerado fora da esfera sexual, pode tomar a forma de uma reação muscular ou um acesso de riso; considerado dentro daquela esfera suas reações são sexuais. Todas as formas de “contato” amoroso, e principalmente o amplexo sexual, têm relação estreita com os fenômenos da sensibilidade à cócega. Essa, de fato, é a base da famosa definição de Spinoza sobre o amor: *Amor est titillatio quaedam concomitante idea causae externae*, porque, como Gowers disse, o ato sexual é em primeiro lugar um reflexo da pele.

Talvez valha a pena notar que, embora a cócega (mesmo se praticada por mocinhas como fonte de possível prazer sexual) tenha-se tornado pouco importante na vida erótica da civilização, ela tem mais significação entre alguns povos selvagens, como de fato acontecia outrora, mesmo na Europa. Fazer cócegas, entre alguns povos é praticar o amor, e às vezes, como entre os fueguinos, a mesma palavra é aplicada à união sexual e à cócega. A palavra alemã correspondente a clitóris, *Kitzler* ou o que faz cócegas, mostra uma associação de ideias semelhantes. A palavra *pruritus* era usada pelos romanos como sinônimo de lascívia e é significativo que o prurido localizado ocorra em zonas que na idade jovem são auto eróticas, e tenda a aparecer na menopausa. Na Rússia, no século dezoito, a Czarina, segundo afirma B. Stein, mantinha na corte coçadores oficiais de pés, cuja função era proporcionar prazer à Imperatriz coçando-lhe os pés e ao mesmo tempo contando-lhe histórias maliciosas e cantando canções obscenas; possuíam, também, o privilégio especial de reanimar a Czarina, quando esgotada pelos excessos, dando palmadas nas nádegas imperiais. É claro que este ofício era reservado às damas de origem aristocrática. A base fisiológica da prática reside no fato de que, como Féré demonstrou, a cócega com moderação é um estimulante que aumenta a energia, embora em excesso seja depressivo.

A relação entre a sensibilidade à cócega e a excitação sexual é assinalada pela experiência de uma senhora que afirma que, se é tocada em sua região sexual quando não está disposta às relações sexuais, sente cócegas, mas quando o desejo sexual é despertado a cócega desaparece. É, como vemos, uma sensação sexual de compensação, ou podemos dizer que a sensibilidade sexual é uma forma transmutada da sensibilidade à cócega. Sendo, em seu aspecto original, uma sentinela a repelir o contato, torna-se sob outro aspecto, um instrumento de atração.

A relação íntima entre a pele e a esfera sexual é indicada não só pelos fenômenos da cócega, mas pelo comportamento das glândulas sebáceas, que são o vestígio das antigas glândulas pilosas, e sobrevivem a um período em que o corpo era coberto de

pelos. A tendência destas glândulas a produzir pelos na puberdade ou quando o sistema sexual sofre perturbações, leva com frequência ao aparecimento de espinhas; pelos verdadeiros, por outro lado, aparecem muitas vezes nas mulheres na menopausa.

Assim o próprio cabelo e suas afecções estão relacionados com o sistema sexual. A calvície parcial ou *alopecia areata*, como Sabouraud assinalou, tende a ocorrer com particular frequência nas mulheres, nas imediações da puberdade e novamente por volta dos cinquenta anos, embora nos homens não haja uma correspondência na curva de frequência. Pode também ocorrer após a supressão do fluxo menstrual, como após a ovariectomia, e às vezes até na gravidez.

Enquanto a união sexual propriamente dita é, em grande escala, uma modalidade especial de reflexo da pele, há, entre as sensações generalizadas da pele e o grande centro principal de excitação sexual, certos centros sexuais secundários, que já foram tratados em seu aspecto geral como incluídos entre as zonas erógenas.

Estes centros secundários têm em comum o fato de que abrangem as entradas e saídas das regiões do corpo, isto é, o ponto em que a pele se une com a mucosa, e onde, no decorrer da evolução, a sensibilidade tátil tornou-se altamente apurada. Na verdade, pode-se dizer, de um modo geral, a respeito dessas regiões de transição do corpo, que seu contato com a mesma região ou região semelhante do sexo oposto, em condições, sob outros aspectos, favoráveis à tumescência, tende a produzir um grau mínimo e às vezes máximo, de excitação sexual. O contato destas regiões umas com as outras ou com a própria região sexual simula de maneira tão aproximada o reflexo sexual central que as vias são despertadas pela mesma energia nervosa e os centros sexuais secundários se formam.

É importante lembrar que estes fenômenos são essencialmente normais. Muitos deles são citados comumente como “perversões”. Contudo, na medida em que são coadjuvantes da tumescência, devem ser considerados como situados nos limites das variações normais. Poderão ser considerados inestéticos, mas isso é outra questão. Deve ser lembrado, ademais, que os valores estéticos sofrem mudanças sob a influência da emoção sexual. Muitas coisas que são belas do ponto de vista do amante, não o são do ponto de vista daquele que não é amante, e quanto maior a intensidade com que o amante é dominado pela paixão, maior a extensão em que seu padrão estético normal está sujeito a ser modificado. Sob o ponto de vista não sexual, realmente, todo o processo do sexo pode ser considerado inestético, com exceção dos estágios iniciais da tumescência.

Que a utilização da excitação sexual obtível através dos canais das zonas erógenas deve ser considerada dentro dos limites da variação normal, podemos observar, realmente, entre os animais. Somente quando são usadas para obter não apenas a tumescência, mas a detumescência, é que tais excitações podem ser classificadas, de algum modo, “perversões”, e nesse caso só o serão no mesmo sentido ambíguo com que o são os métodos de conjugação sexual que implicam o uso de preventivos para evitar a fecundação.

O beijo é o exemplo típico deste grupo de fenômenos. Temos nos lábios uma região limítrofe altamente sensível, entre a pele e a membrana mucosa, em muitos aspectos, análoga ao orifício vulvo-vaginal, e reforçável, ademais, pelos movimentos ainda mais sensíveis da língua. Por isso o contato estreito e prolongado dessas regiões sob condições favoráveis à tumescência, estabelece uma poderosa corrente de estímulo nervoso. Depois desses contatos, dos quais as próprias regiões sexuais participam diretamente, não há uma via que canalize energia nervosa para a esfera sexual, semelhante ao beijo. Isto se aplica de maneira especial ao chamado beijo “columbino”, praticado largamente pelos amantes nos tempos clássicos assim como nas épocas modernas. Uma modalidade deste, chamada *marachinage*, é praticada geralmente em uma parte da França, embora alguns teólogos o considerem como um pecado mortal. Entre vários animais inferiores são encontradas manifestações que se assemelham ao beijo, como na palpação das antenas pelos caracóis e insetos, as carícias dos pássaros com os bicos, o lambar e as mordeduras delicadas dos cães e vários outros animais, no coito. No homem, o beijo tem dois elementos, um tátil e o outro olfativo, mas o elemento tátil é, ao mesmo tempo, o mais antigo, e na Europa o mais frequente do beijo. O beijo olfativo, contudo, ou cheiro, é muito mais espalhado no globo do que o beijo tátil, europeu (ou mediterrâneo). Ele atinge sua maior expansão entre os povos de raça mongólica.

Enquanto o beijo pode ser considerado como o método erógeno de “contato” típico e normal para o fim de atingir a tumescência, há outros apenas menos importantes. Qualquer contato de orifícios entre pessoas de sexo oposto é quase tão eficiente como o beijo, para estimular a tumescência. Todos esses contatos, na verdade, pertencem ao grupo do qual o beijo é o tipo. *Cunnilingus* (muitas vezes incorretamente chamado *cunnilingus*) e *fellatio* não podem ser considerados como excêntricos porque têm suas formas prototípicas entre os animais e são encontrados entre várias raças selvagens. Como formas de contato e adjuvantes da tumescência são, assim, naturais e considerados às vezes por ambos os sexos como formas requintadas do prazer sexual, embora possam não ser considerados estéticos. Tornam-se desvios, contudo, e sujeitos assim a serem classificados como “perversões”, quando substituem o desejo do coito.

As tetas constituem ainda outra região limítrofe, de saída, que é um centro sexual tátil extremamente importante. Os seios têm uma importância especial entre os centros sexuais, visto que existem originariamente, não para o amante, mas para o filho. Este é, sem dúvida, um fato fundamental sobre o qual outros contatos erógenos se desenvolveram. A sensibilidade sexual dos amantes nos lábios desenvolveu-se da sensibilidade dos lábios da criança ao contato com o mamilo de sua mãe.

Como órgãos segregadores do leite, é essencial que a correlação entre os órgãos sexuais e os seios seja íntima, de maneira que os seios possam estar em condições de reagir convenientemente à demanda dos lábios sugadores da criança o mais rápido possível após o nascimento. A sucção do bico do seio determina de maneira objetiva uma contração reflexa do útero. Sob o aspecto subjetivo, parece que ninguém registrou que o ato de sugar tende a produzir nas mulheres emoções sexuais voluptuosas, até que

Cabanis, no início do século dezanove, observou que várias nutrízes lhe haviam dito que a criança ao sugar produzia tais sensações¹. É fácil de compreender por que deve ter surgido esta associação normal da emoção sexual com o ato de sugar. É essencial para a preservação das vidas dos jovens lactentes que as mães tenham uma fonte adequada de sensação agradável, para suportar o trabalho de amamentar.

O método mais intuitivo para obter o grau necessário de prazer na citada sensação, além do alívio de tensão causado pela secreção, reside na utilização do reservatório de emoção, com o qual, pode-se dizer, os canais de comunicação já estão em contato, dada a ação dos órgãos sexuais sobre os seios durante a gravidez.

Devemos acrescentar que, embora a relação entre a teta e o aparelho sexual pareça assim tão íntima, ela provavelmente não é específica. Kurdinovski verificou, em experiências com coelhos, que o estímulo a outros orifícios como a orelha, também produz fortes contrações da matriz. Talvez qualquer estímulo aplicado em um ponto qualquer da periferia possa, por via reflexa, provocar uma contração uterina. Esta suposição está de acordo com a sensibilidade sexual, geral, da pele e a existência de zonas erógenas.

A importância do interesse erótico nos seios é indicada pelo grau de atenção que foi dado ao assunto pelos teólogos católicos. No século dezoito surgiu uma grande controvérsia sobre os contatos mamilares. Eminentes teólogos jesuítas, mas em oposição à Inquisição e à Igreja de um modo geral, sustentaram que a manipulação dos seios, mesmo de freiras, era venial, desde que não houvesse intenções depravadas. Em um manual jesuítico de penitências afirmava-se mesmo que negar a inocência intrínseca de tais atos era aproximar-se perigosamente de um erro de fé, e somente perpetrado por jansenistas.

(2) OLFATO

A sensibilidade olfativa, a princípio, não se distinguia claramente da sensibilidade tátil geral. O sentido do olfato especializou-se gradativamente e, quando o paladar começou também a se desenvolver, constituiu-se em uma espécie de sentido químico. Entre os vertebrados, o olfato tornou-se o sentido mais desenvolvido. Ele dá a primeira indicação sobre as coisas afastadas que lhes interessam, dá as informações mais precisas com relação às coisas próximas, que, do mesmo modo, são objeto de seu interesse. É o sentido em harmonia com o qual a maior parte das atividades mentais dos vertebrados tem de ser conduzidas, e seus impulsos emocionais adquirem consciência. Para os répteis e, posteriormente, para os mamíferos não somente todas as associações sexuais são principalmente olfativas, assim como as impressões recebidas por este sentido são suficientes para dominar todas as outras. O animal não somente recebe excitação sexual

¹ Eu desejaria assinalar, contudo, que, antes de Cabanis, C. Bonnet em 1764 (em sua *Contemplation de la Nature*), tinha observado “a suave comoção acompanhada por um sentimento de prazer” como a base da afeição natural da mãe pelo filho, “senão uma das principais causas”, enquanto nas criaturas inferiores aos mamíferos, acrescentava ele, “temos de considerar também o agradável calor recíproco de mãe e produto”.

adequada dos estímulos olfativos, mas esses estímulos são suficientes muitas vezes para neutralizar qualquer manifestação dos outros sentidos. Isto não é de surpreender, se nos lembrarmos como é extensa a localização da zona olfativa do cérebro. O próprio córtex cerebral, na verdade, como Edinger e Elliot Smith mostram, era originariamente pouco mais do que o centro receptor da impressão do odor e o instrumento que possibilitava àquele sentido influenciar o comportamento animal. Estes impulsos olfativos alcançavam o córtex cerebral de maneira direta, sem passar pelo tálamo. Deste modo, psicologicamente, o olfato ocupa uma posição singular. Ele representa “a origem de todas as faculdades psíquicas”, ou, pelo menos, a argamassa que as mantém unidas. Nos vertebrados primitivos que viviam na água, o olfato (que é entre estes mais assemelhado ao paladar do que no homem e também mais afetivo do que outro qualquer sentido) comanda o comportamento global e tem uma importância biológica imensa.

Quando chegamos aos macacos superiores e ao homem, tudo isto está mudado. O sentido do olfato, na verdade, ainda persiste universalmente, e é também extremamente delicado, embora muitas vezes negligenciado. Ademais, é um útil auxiliar. Os selvagens são muitas vezes acusados, mais ou menos de maneira justa, de indiferença aos maus odores. Contudo eles, muitas vezes, são intensamente atentos à importância dos odores e suas variedades, embora não pareça que o sentido do olfato seja notadamente mais desenvolvido nos povos selvagens do que nos civilizados. Os odores continuam a representar uma parte da vida emocional do homem civilizado, mais particularmente nos países quentes.

Não obstante, tanto na vida prática, como na vida emocional, na ciência e na arte, o olfato é, quando muito, em condições normais, um mero auxiliar. Seu estudo caiu em relativo descrédito, até que Zwaardemaker, de Utrecht, o repôs em seu devido lugar, com a invenção do olfatômetro em 1888 e a subsequente publicação de seu trabalho sobre a fisiologia do olfato. Alguns anos depois Heyninx, de Bruxelas, desenvolveu ainda mais o assunto olfação e, procurando colocá-lo em uma base física rígida, estabeleceu um espectro, por assim dizer, para o odor, com uma classificação baseada em variações de comprimento de onda. Seria, assim, mais por uma energia moléculo-vibratória do que por uma energia química, que os odores despertariam as vias afetivas. Contudo, outras autoridades, como G. H. Parker, contentam-se em considerar o olfato como o principal dos sentidos “químicos”, depois de excluirmos os sentidos “mecânicos” (estimulados pela pressão, pelo som, ou pela luz); os sentidos químicos datam da primitiva vida aquática e, embora sobrepujados pelo olfato, incluiriam também o gosto, a função do órgão de Jacobson (que desemboca no nariz), e um senso químico comum. Mesmo assim, não se pode chegar a dizer que se tenha chegado a um conjunto substancial de conclusões comprovadas.

O sentido do olfato ainda permanece próximo do tato na imprecisão de suas mensagens, embora suas associações sejam muitas vezes intensamente emocionantes. É a existência destas características, — ao mesmo tempo tão vagas e tão específicas, tão inúteis e tão íntimas —, que tem levado vários escritores a descrever o sentido do olfato, acima de todos os outros, como o sentido da imaginação. Nenhum sentido tem um

poder de sugestão tão forte, o poder de evocar antigas lembranças com um reflexo emocional amplo e profundo, enquanto, ao mesmo tempo, nenhum sentido fornece impressões tão facilmente mutáveis em gradação e intensidade emocionais, de acordo com a atitude geral do receptor. Os odores têm, assim, uma aptidão especial tanto para controlar a vida emocional, como para tornar-se em escravos dela. No ambiente civilizado, as associações emocionais de odor primitivas tendem a dispersar-se; mas, por outro lado, a parte imaginativa do sentido olfativo torna-se acentuada e, nessa esfera, há uma tendência à manifestação de idiosincrasias.

Os odores são estimulantes poderosos de todo o sistema nervoso, causando, como todos os estimulantes, um aumento de energia que, se excessivo ou prolongado, conduz ao esgotamento nervoso. Assim, aceita-se de um modo geral que os aromáticos que contêm óleos voláteis são antiespasmódicos e anestésicos, e que eles estimulam a digestão, a circulação e o sistema nervoso, produzindo depressão quando em grandes doses. As experiências de Féré com o dinamômetro e o ergógrafo contribuíram grandemente para avaliar os efeitos estimulantes dos odores.

Compreendemos o aspecto especificamente sexual do odor na espécie humana, quando observamos que todos os homens e mulheres emitem odores. Isto se assinala de maneira variável entre as raças. Constitui fato significativo, tanto com relação às primitivas implicações sexuais dos odores do corpo, como suas associações sexuais de hoje, o fato de que, como Hipócrates observou há muito tempo, não é senão na puberdade que eles adquirem suas características adultas. A criança, o adulto, a pessoa idosa, têm, cada um, sua própria modalidade de odor, e, como observa Monin, seria possível, dentro de certos limites, descobrir a idade de uma pessoa por seu odor.

Em ambos os sexos, a puberdade, a adolescência, o início da vida adulta masculina, e da feminina, são assinalados pelo desenvolvimento gradativo do odor da pele e dos excretos, em consonância geral com o desenvolvimento sexual secundário dos pelos e pigmentos. Venturi, de fato, descreveu o odor do corpo como um caráter sexual secundário.

Como fator único de escolha sexual humana, a olfação deve ser muito rara, não tanto porque as impressões deste sentido sejam ineficazes, mas porque os odores pessoais agradáveis não são suficientemente poderosos, e o órgão olfativo é excessivamente deficiente para possibilitar ao olfato, ante-por-se à visão.

Não obstante, em muitas pessoas, certos odores, principalmente os relacionados com uma pessoa saudável e sexualmente desejável, tendem a ser agradáveis. Eles são reforçados por sua associação intrínseca com a pessoa amada, às vezes de uma maneira irresistível. Sua força é aumentada, sem dúvida, pelo fato de que muitos odores, inclusive alguns odores corporais, são estimulantes dos nervos.

Parece haver pouca dúvida de que exista uma relação direta, tanto nos homens, como nas mulheres, entre a mucosa olfativa do nariz e todo o aparelho genital, já que apresentam, com frequência, uma atividade solidária. Assim as influências que agem na esfera genital afetam eventualmente o nariz, e influências que atuam no nariz afetam de

maneira reflexa a esfera genital.

Em algumas pessoas, excepcionalmente, mas ainda dentro da perfeita normalidade, o odor parece ter uma predominância emocional absoluta, o que não se pode dizer seja comum entre a maioria das pessoas. Estas pessoas excepcionais são o que Binet, em seu estudo do fetichismo sexual, chamava “tipo olfativo”. Elas constituem um grupo que, embora de menores proporções e menor importância é perfeitamente comparável aos bem conhecidos grupos dos tipos visual, auditivo e psicomotor. Tais pessoas seriam mais sensíveis aos odores, mais influenciadas por simpatias e antipatias olfativas, do que as outras. A expressão *ozolagnia* foi concebida por Kiernan para a satisfação sexual derivada do sentido do olfato. Muitas mulheres que podem ser consideradas normais, são excitáveis sexualmente (eventualmente até ao orgasmo) por certos odores, como o odor geral do corpo de um homem amado (às vezes quando de mistura com o do fumo) ou de couro (que em última análise é um odor da pele), e são às vezes dominadas por uma lembrança repentina e quase alucinatória do odor corporal de um amante.

Mesmo em pessoas normais comuns, o odor pessoal tende a desempenhar uma parte não desprezível nas atrações e repulsões sexuais. Isto é às vezes chamado “olfatismo”. Contudo, o “embotamento” relativo do sentido do olfato no homem, torna difícil a percepção das influências olfativas, normalmente, antes que tenham terminado os preliminares do jogo amoroso. Deste modo, o odor não pode ter normalmente na atração sexual humana a mesma importância que possui nos animais inferiores. Com essa restrição, fica fora de dúvida a afirmação de que o odor tem uma certa influência favorável ou desfavorável nas relações sexuais, em todas as raças humanas, das menos evoluídas às mais desenvolvidas. O fato de que possa ser assim, e de que para a maioria das pessoas tais odores não possam ser objeto de indiferença na mais íntima de todas as relações, somente poderá ser verificado, geralmente de maneira eventual ou incidental.

Não pode haver dúvida, ainda, de que, como Kiernan assinala, a proporção na qual a olfação influencia a esfera sexual no homem civilizado tem sido muito subestimada, embora não precisemos lançar-nos ao extremo oposto, com Gustav Jäger, e considerar o instinto sexual, mesmo no homem, como matéria principalmente ou completamente olfativa.

No homem, não somente a importância sexual do odor é sistematicamente muito menor do que nos animais inferiores, mas o centro da atração olfativa foi deslocado das regiões sexuais propriamente ditas para a parte superior do corpo. A esse respeito a atração olfativa sexual no homem lembra o que encontramos na esfera da visão, porque nem os órgãos sexuais do homem, nem os da mulher são belos, normalmente, aos olhos do sexo oposto, e sua exibição raramente é considerada como uma fase preliminar do jogo amoroso. O cuidadoso encobrimento da região sexual favoreceu, sem dúvida, essa transferência. Aconteceu assim, que, se o odor pessoal age como atração sexual, em qualquer caso a axila é, normalmente, o principal centro de odor do corpo, o que entra predominantemente em jogo, juntamente com a pele e o cabelo. Temos de reconhecer ainda, o importante fato de que, mesmo os odores pessoais que são passíveis

predominantemente, em circunstâncias normais, de entrar eventualmente na esfera sexual consciente e, na realidade, odores simplesmente pessoais de todas as espécies, podem vir a deixar de exercer qualquer atração, e sim tenderem a causar aversão, a não ser que já tenha sido atingido um certo grau de tumescência, e mesmo assim podem mostrar-se repulsivos, e então sujeitos a constituírem o que poderá ser um problema ainda mais sério nas relações sexuais. Isto quer dizer que nossas experiências olfativas do corpo humano aproximam-se mais das experiências táteis sobre ele do que de nossas experiências visuais. Odor em relação a nós deixou de ser uma via orientadora da curiosidade intelectual. Os odores pessoais exercem uma atração que é principalmente de caráter íntimo, emocional, imaginativo. Eles são, portanto, sujeitos a despertar o que James chamava o instinto anti-sexual.

Parece provável que, entre os animais, ambos os sexos sejam igualmente influenciados pelos odores, porque, embora, normalmente, o macho é que tenha as regiões sexuais providas de glândulas especiais emissoras de odores, quando é este o caso, o odor peculiar da fêmea durante a estação sexual certamente não é menos eficaz como um atrativo para o macho. Se compararmos a suscetibilidade geral de homens e mulheres aos odores agradáveis, independente da questão da atração sexual, pouca dúvida poderá haver de que esta suscetibilidade é extremamente acentuada nas mulheres. Groos assinalou que, mesmo entre as crianças, as meninas são mais interessadas em odores do que os meninos, e as investigações de vários pesquisadores, principalmente Garbini, mostraram que há realmente maior capacidade de distinguir odores nas meninas do que nos meninos. Na América, Alice Thayer mostrou que as meninas são consideravelmente mais influenciadas pelo odor, em seus gostos e aversões, do que os meninos. Marro foi mais além, e em uma prolongada série de observações em meninas antes e depois da puberdade, encontrou motivo para acreditar que as meninas apresentam um aumento de suscetibilidade aos odores quando a vida sexual se inicia, embora não mostrem tal aumento de capacidade em relação aos outros sentidos. Pode-se acrescentar que algumas mulheres adquirem uma hiperestesia olfativa especial durante a gravidez. Mesmo na velhice, como as experiências de Vaschide demonstraram, as mulheres mantêm sua superioridade olfativa em relação aos homens. De um modo geral parece, como Van de Velde e vários outros ginecologistas admitem hoje, que as mulheres são mais afetadas pelas impressões olfativas do que os homens, e com mais frequência do que eles.

Considerando que há semelhanças e identidades químicas mesmo entre odores de fontes extremamente remotas, os perfumes podem ter os mesmos efeitos sexuais que os odores do corpo possuem mais originariamente.

Parece provável que, como foi destacado por Iwan Bloch, os perfumes fossem usados primitivamente pelas mulheres, não como às vezes é o caso na civilização, com a ideia de disfarçar qualquer possibilidade de odor natural, mas com o objetivo de aumentar e reforçar o odor natural. Se o homem primitivo se inclinava a menosprezar uma mulher cujo odor fosse leve ou imperceptível, — afastando-se dela com desprezo, como os polinésios fugiam das senhoras de Sydney: “Elas não têm cheiro!” —, as

mulheres procuram inevitavelmente complementar quaisquer deficiências naturais a esse respeito, e acentuar suas qualidades odoríferas, da mesma maneira que, mesmo na civilização, elas têm procurado acentuar as saliências sexuais de seu corpo. Desta maneira, podemos, como Bloch sugere, explicar o fato de que até uma época recente os odores favoritos das mulheres não foram os mais delicados, porém os mais fortes, mais animais, mais sexuais: almíscar, castor, algália e âmbar cinzento (*ambergris*). O padrão entre estes é certamente o almíscar, o qual, com o âmbar cinzento, é o principal integrante do grupo de *Odores ambrosiacaee*, que na significação sexual, observa Zwaardemaker, enfileira-se ao lado do grupo cáprico; e o almíscar é aquele odor considerado, com mais frequência, semelhante ao odor do corpo humano.

A peculiaridade especial do conjunto de sensações olfativas no homem é que elas manifestam a decadência de um sentido que nos remotos ancestrais do homem era a via principal de atração sexual. No homem, e mesmo em certa medida nos macacos, este sentido deu lugar à predominância da visão. Contudo ele ainda nos envolve em uma atmosfera mais ou menos constante de odores, que nos conduz perpetuamente à simpatia ou à antipatia. E em suas manifestações mais delicadas nós ainda não os desprezamos, mas até os cultivamos.

(3) AUDIÇÃO

As principais funções fisiológicas são periódicas, e não é de surpreender que o ritmo se faça sentir de maneira tão profunda em nosso organismo. O resultado é que, o que quer que se entregue à tendência rítmica neuromuscular do organismo, o que quer que tenda ainda mais a aumentar e desenvolver aquela tendência rítmica, exerce sobre nós uma influência decididamente estimulante e excitante. Não é possível aceitar o ponto de vista de Bücher e Wundt de que o canto humano tem sua origem principal ou exclusiva nos acompanhamentos vocais rítmicos do trabalho sistematizado. No entanto o ritmo, seja em sua forma mais simples, seja em sua forma mais desenvolvida como música, é um estimulante poderoso da ação muscular. Há um ponderável fundamento no ponto de vista do filólogo sueco Sperber, de que a sexualidade foi a principal fonte de onde se desenvolveu a fala, de um modo geral. Ele argumenta que há duas situações, nas quais seria emitido um grito instintivo que provocaria uma resposta: quando a criança faminta chora e é alimentada pela mãe; e quando o macho excitado sexualmente emite um chamado para que a fêmea responda. É muito provável que a segunda reação se tenha desenvolvido primeiro, e por isso a sexualidade é, provavelmente a primeira origem da fala. Isto, na verdade, deve ter acontecido nos primórdios do desenvolvimento dos vertebrados.

Mesmo uma nota musical isolada é eficaz como estímulo fisiológico, independente do ritmo, como ficou bem demonstrado com os experimentos de Féré. É, porém, a influência da música sobre o trabalho muscular que tem sido investigada com mais frequência. Verificou-se que rápidos esforços com o dinamômetro e trabalho prolongado com o ergógrafo revelaram idêntica influência estimulante. Com o ergógrafo, Tarchanoff verificou que a música viva, em pessoas nervosas, causa temporariamente o

desaparecimento da fadiga, embora a música lenta, em um tom menor, produza o efeito oposto. Féré verificou que as dissonâncias eram depressivas; a maioria, mas não todos, dos tons maiores eram estimulantes; e a maioria, mas não todos, dos tons menores, deprimentes. Nos estados de fadiga, contudo, os tons menores eram mais estimulantes do que os maiores, resultado interessante, em consonância com a influência estimulante de várias emoções dolorosas em estados de fadiga orgânica, que encontramos quando investigamos o sadismo. Tanto o processo muscular forte, como o moderado, o voluntário e o involuntário, são estimulados pela música.

Juntamente com este estímulo do sistema neuromuscular — que pode ser e pode não ser direto, — há uma influência concomitante sobre a circulação e a respiração. Muitos experimentos têm sido feitos com o homem e os animais, sobre os efeitos da música no coração e nos pulmões, desde que o fisiologista russo Dogiel verificou em 1880 que nos animais a força e a rapidez do coração eram assim aumentadas. Investigações subsequentes mostraram claramente a influência da música nos sistemas circulatório e respiratório do homem, assim como dos animais. Que a música tem uma influência aparentemente direta sobre a circulação do cérebro foi demonstrado pelas observações de Patrizi sobre um jovem que recebera um grave ferimento na cabeça com a perda de uma parte extensa da parede craniana. O estímulo da melodia produzia um aumento imediato no afluxo de sangue ao cérebro.

Não é de surpreender que a música influencie também, de maneira indireta, vários órgãos internos do corpo e suas funções. Ela afeta a pele, aumentando a perspiração; pode produzir uma tendência às lágrimas; causa às vezes um desejo de urinar, ou mesmo a própria micção. Demonstrou-se em cães, que o estímulo auditivo aumenta o consumo de oxigênio e a eliminação de gás carbônico. Em muitos animais de várias espécies, mais particularmente em insetos e aves, pouca dúvida poderá haver de que a atração da música se baseia e se desenvolve ainda na atração sexual, servindo as notas musicais emitidas pelo representante de um sexo, como atrativo sexual para o do outro sexo. A comprovação dessa asserção foi investigada por Darwin em grande escala. Ela tem sido contestada, preferindo alguns autores, como Hudson, adotar o ponto de vista de Herbert Spencer de que o canto dos pássaros é devido ao “transbordamento de energia”, sendo a relação entre o jogo amoroso e o canto “uma relação de concomitância”. Este ponto de vista não é mais sustentável. Qualquer que seja a origem precisa das notas musicais dos animais, pouca dúvida poderá haver agora de que os sons musicais e, nas aves, o canto, desempenham importante papel no jogo amoroso. Normalmente, parece, é o canto do macho que atrai a fêmea. Somente entre os musicistas simples e primitivos, como os insetos, é que a fêmea atrai o macho. O fato mesmo de que, quase sempre, apenas um dos sexos seja dotado de musicalidade, indica por si só a solução sexual deste problema.

Os machos de muitas espécies de mamíferos usam suas qualidades vocais principalmente, e às vezes exclusivamente, durante a estação de procriação. Nos macacos superiores, na verdade, a voz é o principal instrumento do jogo amoroso, assim como um método geral de dar vazão à excitação. Darwin assinalou isto, e, de um ponto

de vista diferente, Féré, estudando a patologia do instinto sexual humano, afirmou não conhecer observações minuciosas que mostrassem a existência de quaisquer perversões sexuais mórbidas baseadas no sentido da audição.

Considerando que, não somente nos animais estreitamente ligados ao homem, mas no próprio homem, a laringe e a voz sofrem uma diferenciação sexual acentuada na puberdade, é fácil admitir que a mudança tenha uma influência na seleção e na psicologia sexual. Na puberdade há um rápido desenvolvimento tanto da própria laringe, como das cordas vocais, que se tornam maiores e mais espessas, enquanto a voz fica mais grave. Todas estas mudanças são ligeiras nas meninas, mas pronunciadas nos meninos, de cujas vozes se diz que “mudam” e em seguida tornam-se uma oitava mais baixa. A laringe feminina na puberdade aumenta apenas na proporção de cinco para sete, mas a laringe masculina na proporção de cinco para dez. A relação direta desta mudança com o desenvolvimento sexual geral é demonstrada não somente por sua ocorrência na puberdade, mas pelo fato de que nos eunucos nos quais os testículos foram retirados antes da puberdade, a voz conserva as qualidades infantis.

Tendo isto em mente, podemos atribuir considerável importância à voz e à música em geral, como um método de atração sexual. A esse respeito podemos concordar com Moll, que “o estímulo sexual através dos ouvidos é maior do que o comumente admitido”, embora eu ache que ele seja maior nas mulheres do que nos homens, como era de esperar, sendo a causa, como Robert Müller observa, o fato de que a voz da mulher conserva as características infantis, e por isso menos especificamente feminina, do que a voz do homem é especificamente masculina.

Os homens, na verdade, são capazes, com frequência, de associar muitas de suas primeiras ideias de amor da meninice, com mulheres cantando ou tocando; mas nestes casos verificar-se-á que a fascinação era romântica e sentimental, e não especificamente erótica, enquanto na vida adulta a música que muitas vezes nos parece extrema e marcadamente sexual em seu fascínio, produz realmente este efeito, em parte pela associação com a história, e em parte pela concepção mental do esforço do compositor para traduzir o ardor em termos estéticos. O efeito real da música não é sexual, e pode-se bem admitir que os resultados de experiências com relação à influência sexual da música de *Tristão*, em homens sob a influência do hipnotismo, foi, de acordo com os relatos, negativa. Verificou-se que a música de compositores menos importantes, contudo, principalmente Massenet, tinha um efeito sexual marcante. Helmholtz foi excessivamente longe ao afirmar que a expressão do anseio sexual em música é idêntico ao anseio religioso.

Féré menciona o caso de um jovem baixado ao hospital com artrite aguda, que se queixava de ereções dolorosas sempre que ouvia através da porta a voz bastante agradável da jovem (invisível para ele), que supervisionava a rouparia. Mas esses fenômenos não parecem ser comuns, ou pelo menos, muito acentuados. Até onde vão minhas próprias pesquisas, apenas uma pequena proporção de homens parecem experimentar sensações sexuais definidas ao ouvirem música.

Os motivos que tornam improvável que os homens sejam atraídos sexualmente através do ouvido, tornam provável que as mulheres sejam assim atraídas. A mudança da voz na puberdade torna a voz masculina, mais grave, um atributo sexual secundário característico do homem, enquanto o fato de que, entre os mamíferos, geralmente, o macho é que é o mais dotado de voz, — e isto principalmente, ou mesmo às vezes exclusivamente, na estação do cio, — torna provável por antecedência que entre os animais, geralmente, inclusive na espécie humana, haja na fêmea uma suscetibilidade real ou latente ao significado sexual da voz do macho, uma suscetibilidade que, nas condições da civilização humana, pode ser transferida à música, de um modo geral. A música é para as mulheres, como os Goncourt expressaram, *a missa do amor (la messe de l'amour)*. É digno de nota que nas novelas escritas por mulheres há uma frequente preocupação com as características da voz do herói e seus efeitos emocionais sobre a heroína, enquanto na vida real as mulheres se apaixonam pela voz de um homem, às vezes mesmo antes de vê-lo. Vaschide e Vurpas assinalaram que, mesmo na ausência de efeitos sexuais localizados, específicos, os efeitos fisiológicos da música sobre as mulheres assemelham-se muito à excitação sexual. A maior parte das mulheres normais instruídas estão sujeitas a experimentar certo grau de excitação sexual verdadeira através da música, embora nem sempre com a mesma espécie de música.

Nos indivíduos nevropatas a influência poderá ser eventualmente mais acentuada, e em alguns indivíduos doentes (Vaschides e Vurpas observam) as relações sexuais não podem efetivar-se a não ser com a ajuda da música.

É significativo que a evolução da puberdade tenda a ser acompanhada por um interesse marcante pela arte musical e outros tipos de arte. A maioria dos jovens da classe culta, e principalmente as meninas, sentem um impulso pela arte no período da puberdade, que dura alguns meses, ou no máximo um ano ou dois. De acordo com uma série de observações, quase cinco entre seis mostraram um gosto acentuado e ardente pela música, atingindo o ponto culminante na idade de quinze anos e decrescendo rapidamente depois dos dezesseis.

(4) VISÃO

A visão sobrepujou pouco a pouco, por larga margem, os outros sentidos e tornou-se a principal via pela qual recebemos nossas impressões. Sua utilização é praticamente infinita, ela é apta tanto para fins gerais como para usos particulares. Ela proporciona a base sobre a qual uma série de artes exercem seu fascínio enquanto é também um sentido no qual confiamos de preferência, ao exercer a função fisiológica da nutrição. Não é de surpreender que, do ponto de vista da seleção sexual, a visão seja o sentido dominante.

A origem de nossas ideias sobre beleza é questão que pertence à estética, não à psicologia sexual, e é uma questão sobre a qual os estetas não estão perfeitamente acordes. Não precisamos nos preocupar aqui em estabelecer nenhuma afirmativa precisa sobre a questão de saber se nossos ideais de beleza sexual se desenvolveram sob a influência de leis mais gerais e fundamentais, ou se os ideais sexuais estão na base de

nossas concepções mais gerais de beleza. No que concerne ao homem e seus ancestrais imediatos, os fatores sexuais e extra sexuais praticamente confundiram-se desde o início. O objeto sexualmente belo deve ter agido sobre as possibilidades fisiológicas fundamentais de reação. O objeto belo em sua concepção geral deve ter participado da emoção que o objeto especificamente sexual transmitia. Houve uma inevitável ação e reação em todo o processo. Assim como verificamos que as influências sexuais e não sexuais dos odores agradáveis, em toda a natureza, estão inseparavelmente misturadas, assim acontece com as causas que tornam um objeto belo a nossos olhos. A palavra “beleza” na exuberância de seu conteúdo, é uma síntese de impressões complexas captadas por intermédio de um único sentido.

Se examinarmos de maneira ampla o ideal feminino de beleza estabelecido por povos de terras comparativamente atrasadas, é interessante notar que todos eles apresentam muitos aspectos que atraem nosso gosto estético de civilizados, e muitos deles na verdade, não apresentam aspectos que se choquem flagrantemente com nossos padrões. Pode-se mesmo dizer que os ideais de alguns selvagens nos afetam de maneira mais favorável do que alguns ideais de nossos próprios ancestrais medievais. Este fato de que o europeu moderno, cuja cultura pode-se supor o tenha tornado especialmente sensível à beleza estética, seja capaz, no entanto, de encontrar beleza mesmo entre as mulheres das raças incultas, indica que, quaisquer que sejam as influências que tenham de ser admitidas, a beleza é, em grande parte, um assunto objetivo. Isto é confirmado pelo fato de que os homens de raças mais atrasadas admiram, às vezes, mais as mulheres europeias do que as mulheres de sua própria raça.

Constitui provavelmente um fato significativo, na verdade, o de encontrarmos um elemento semelhante presente em todo o mundo animado. As coisas que para o homem são extremamente belas em toda a natureza são as que se relacionam intimamente com o processo e o instinto sexuais, ou estão a estes subordinados. Este é o caso no mundo vegetal. E é assim em grande parte do mundo animal, e, como Poulton observa referindo-se a este fato muitas vezes inexplicado e, na realidade despercebido, “o canto ou a plumagem que excita o impulso do acasalamento na galinha é também em uma grande percentagem de casos, extremamente agradável ao próprio homem”.

Na constituição de nossos ideais de beleza masculina e feminina foi inevitável que, desde um período primitivo da história do homem, os caracteres sexuais representassem um elemento importante. Sob o ponto de vista primitivo a mulher desejável e atraente sexualmente é aquela cujos caracteres sexuais ou são naturalmente destacados, ou se tornam assim artificialmente, isto é, é a mulher obviamente mais apropriada para gerar filhos e amamentá-los. Identicamente, a beleza masculina, para uma mulher, engloba os atributos mais adequados a um protetor e companheiro eficiente. De um certo modo os caracteres sexuais primários são assim objeto de admiração entre povos selvagens. Nas danças primitivas de muitos povos, muitas vezes de significado sexual, a exibição dos órgãos sexuais tanto da parte dos homens, como das mulheres é, às vezes, um aspecto preponderante. Mesmo nos tempos medievais, na Europa, as vestimentas dos homens destacavam às vezes os órgãos sexuais. Em algumas

regiões do globo é também praticada a distensão artificial dos órgãos sexuais femininos (*labia majora* e *minora* e *clitóris*), e, assim distendidos, eles são considerados uma importante atração.

Contudo, toda persistência na exibição dos órgãos sexuais como motivo de atração, restringe-se geralmente a povos de baixo grau de cultura, embora possa notar-se que em pinturas eróticas japonesas os órgãos sexuais de ambos os sexos são muitas vezes exagerados. Muito mais difundida, é a tentativa de embelezar ou disfarçar os órgãos sexuais pelas tatuagens, adornos e peculiaridades chocantes do vestuário. A tendência para aceitar a beleza do vestuário como substituto da beleza do corpo, aparece muito cedo na história da humanidade, e, como sabemos, tende a ser perfeitamente aceita na civilização. Daí nossas realidades e nossos ideais tradicionais estarem às vezes, inevitavelmente, em desacordo. Nossos próprios artistas são, ao mesmo tempo, ignorantes e confusos e, como Stratz mostrou repetidamente, reproduzem constantemente, com toda inocência, as deformações e as características patológicas de modelos defeituosos.

E ainda, um dos principais objetivos primitivos do adorno e da roupagem entre os selvagens, não é esconder o corpo, mas chamar a atenção sobre ele e torná-lo mais atraente. Com isto temos de reconhecer a influência mágica, tanto do ornamento como da mutilação, como um método de guardar e isolar funções corporais perigosas. Os dois motivos estão em grande parte entrelaçados. Os órgãos sexuais começam a tornar-se sagrados, na verdade, e as funções sexuais a assumir um caráter religioso, em uma fase inicial da cultura. A procriação, a força reprodutora da Natureza, foi imaginada pelo homem primitivo como uma concepção de primeira grandeza, e entre seus principais símbolos ele exaltava os órgãos sexuais, que assim atingiram uma solenidade dificilmente favorável a fins de atração sexual. Quase se pode dizer que o culto do Falo é um fenômeno universal. Ele é encontrado mesmo entre raças de cultura elevada, entre os romanos do Império e os japoneses de hoje.

i Independente dos atributos religiosos e mágicos tão extensamente atribuídos aos caracteres sexuais primários, há outros motivos pelos quais eles muitas vezes não deviam ter adquirido ou conservado por muito tempo grande importância como objeto de atração sexual. Eles são desnecessários e inconvenientes para esse fim. Mesmo entre os animais, acontece com extrema raridade que os caracteres sexuais primários se tornem atraentes aos olhos do sexo oposto, embora o sejam muitas vezes para o sentido do olfato. As regiões sexuais constituem um ponto particularmente vulnerável, mesmo, e com especialidade, no homem, e a necessidade de sua proteção choca-se com a exibição ostensiva necessária à atração sexual. Este objetivo é alcançado de maneira mais eficaz concentrando os principais sinais da atração sexual nas partes mais elevadas e mais visíveis do corpo. É um método já quase universal, mesmo entre animais inferiores.

Ao mesmo tempo, mesmo que não seja esteticamente belo, é fundamentalmente necessário que o órgão penetrante do homem e o canal receptor da fêmea conservem suas características primitivas. Portanto eles não podem ser grandemente modificados pela seleção sexual ou natural, e o caráter que eles são, desse modo, forçados a manter,

por mais desejáveis e atraentes que eles se possam tornar para o sexo oposto sob a influência da emoção, não pode ser facilmente considerado como belo do ponto de vista da contemplação artística. Sob a influência da arte há uma tendência para que os órgãos sexuais sejam diminuídos de tamanho, e em nossa civilização o artista nunca escolhe um órgão ereto para colocar em suas representações da beleza masculina. É principalmente pelo fato de ser o caráter inestético da região sexual da mulher quase imperceptível em qualquer posição comum e normal do corpo nu, que a forma feminina é considerada geralmente um objeto de contemplação, mais belo esteticamente, do que o masculino. Independente deste característico, somos levados, sob um ponto de vista estritamente estético, a considerar a forma masculina como, no mínimo, igualmente bela. A forma feminina, ademais, muitas vezes ultrapassa rapidamente o clímax de sua beleza.

Com o desenvolvimento da cultura, os próprios métodos que tinham sido adotados para chamar a atenção sobre os órgãos sexuais, foram conservados, por uma evolução posterior, com o objetivo de escondê-los. Mesmo de início, os caracteres sexuais secundários foram um meio de atração sexual muito mais difundido do que os caracteres sexuais primários, e na maioria dos países civilizados de hoje eles ainda constituem o mais atraente desses meios, para a maioria da população. São os principais caracteres sexuais secundários que geralmente se apresentam como belos em pessoas bem constituídas.

Entre estes caracteres sexuais secundários, a maior parte dos povos indígenas da Europa, da Ásia e da África consideram os grandes quadris e as nádegas das mulheres como um importante aspecto da beleza. Este característico constitui a diferença estrutural mais decisiva entre o tipo feminino e o tipo masculino, diferença exigida pela função reprodutora da mulher. Assim na admiração que desperta, a seleção sexual está trabalhando em correspondência com a seleção natural, embora, exceto em grau moderado, não tenha sido normalmente considerada, ao mesmo tempo, em correspondência com os reclamos da beleza puramente estética. Mas, afora estes elevados reclamos, quase em toda parte as grandes ancas e nádegas têm sido consideradas como um sinal de beleza, e o homem médio é desta opinião mesmo nos países mais estéticos. O contraste desta exuberância com a forma masculina, mais compactamente estruturada, o poder de relacionamento, e o fato incontestável de que tal desenvolvimento é a condição necessária à maternidade saudável, tem servido de base a um ideal de atratividade sexual, enquanto os largos quadris, que implicam uma bacia larga, são necessariamente uma característica das raças humanas mais cultas, porque as raças com as maiores cabeças devem ser dotadas também com as maiores bacias.

Não chega a ser uma coincidência acidental o fato de ser precisamente entre os povos de raça negra, os que têm a menor pélvis, que encontramos uma simulação da grande bacia das raças mais elevadas, admirada e cultivada sob a forma de esteatopigia. Esta constitui um desenvolvimento extraordinariamente exagerado da camada subcutânea de gordura que reveste normalmente as nádegas e partes superiores das coxas da mulher, e sob essa forma máxima, constitui uma espécie de tumor gorduroso

natural. A verdadeira esteatopigia existe somente entre as mulheres boximanes e hotentotes, e entre os povos ligados a eles por laços de sangue. Contudo, em muitos outros povos africanos verifica-se um desenvolvimento incomum das nádegas. Às vezes a admiração por este caráter associa-se à admiração pela acentuada obesidade, de um modo geral, e pode-se notar que um grau de gordura um tanto maior, também pode ser considerado caráter sexual secundário feminino. Esta admiração é particularmente marcante entre várias das populações negras da Ásia. A tendência (que existiu em uma época medieval na Europa) de considerar a mulher grávida como o mais belo tipo físico de beleza, foi uma extensão eventual da ideia de beleza em relação às ancas desenvolvidas.

Apenas em segundo lugar em relação à atração dos quadris, e em civilizações geralmente mais elevadas, devemos colocar os seios. Entre os europeus, na verdade, a importância dessa região é considerada tão grande que, mesmo quando a regra geral contra a exposição do corpo era mais rigorosa, ainda era permitido a uma senhora europeia, em traje completo, descobrir de certo modo, os seios. Os selvagens, pelo contrário, não mostram geralmente grande admiração por esta parte do corpo. Vários povos selvagens consideram mesmo como feio, o desenvolvimento dos seios, e adotam artifícios para achatá-los. O sentimento que sugere essa prática não é desconhecido na moderna Europa, enquanto na Europa medieval, na verdade, a ideia geral de delgadeza feminina opôs-se ao desenvolvimento dos seios, e as vestimentas tenderam a comprimi-los. Mas em um bem elevado grau de civilização este sentimento é desconhecido, como, na verdade, é desconhecido da maioria dos bárbaros. A admiração atribuída aos seios e às bacias desenvolvidos é evidenciada pela prática de apertar a cinta, exemplificada no antigo espartilho. Esta prática foi de modo geral quase universal entre povos de raça branca e não é desconhecida entre outras raças.

Outro caráter sexual secundário importante, pertencente ao homem, e que, ao contrário dos seios e quadris, não constitui indício flagrante de atividade sexual funcional, é a barba. Ela pode ser considerada como um simples ornamento sexual, comparável aos pelos semelhantes das cabeças de muitos machos entre os animais. O culto da barba varia em diferentes estágios de cultura, e pertence particularmente a povos bárbaros que às vezes consideram-no como sagrado. Na sociedade civilizada, ela tende a perder sua importância; e seu valor, como ornamento sexual, diminui ou desaparece totalmente. Isto foi assim, mesmo nas antigas civilizações. Deste modo, na Roma primitiva as barbas e os longos cabelos eram usados, mas não na Roma mais evoluída, quando a depilação do púbis também se tornou comum entre as mulheres, enquanto as barbas, consideradas como sinal de austeridade e sabedoria, eram reservadas geralmente aos filósofos. Nas estátuas gregas o púbis das mulheres geralmente é glabro, mas isto não indica um costume generalizado na vida real, e as pinturas de vasos mostram com frequência os pelos pubianos, mesmo em mulheres que eram hetairas, enquanto Helena de Tróia, considerada como um tipo de beleza, também é representada assim. Os costumes dos diferentes povos, e do mesmo povo em épocas diferentes, com referência à valorização do cabelo (que foi estudada minuciosamente por Stoll) diferem grandemente. Algumas vezes ele foi considerado na mais alta conta

para os homens, e como um sinal de suprema beleza nas mulheres, de outras vezes suprimido tanto quanto possível, e cortado, raspado ou depilado.

A principal razão para isto foi a relação íntima entre o sistema piloso e o sexo, combinada com a concepção de que, ao contrário dos quadris e dos seios, o cabelo não tem mais valor biológico. É assim um terreno em que os gostos e aversões têm plena liberdade de estabelecer suas preferências. Os elementos religiosos ascéticos exerceram, de maneira notável, influência desfavorável ao cabelo, mesmo no Egito antigo, porque, como Remy de Gourmont observou, “a imoralidade do corpo está principalmente no sistema piloso”. Era inevitável, assim, que a influência da Cristandade fosse contra o cabelo, principalmente nos velhos tempos, contra as barbas, que eram anatematizadas por escritores carolas, e mais tarde contra os pelos dos órgãos genitais externos, os quais, na época vitoriana, eram considerados “repugnantes” representar. Assim a religião apoiou as coisas que eram consideradas refinamento da civilização, e vemos presentemente uma tendência generalizada para retirar a barba, nos homens, e, nas mulheres, para depilar as axilas e, às vezes, o púbis, assim como para reduzir o cabelo, de modo geral.

Contudo, no conjunto, há razões plausíveis para admitir uma certa tendência básica, pela qual os mais diversos povos do mundo, pelo menos por intermédio de seus membros mais inteligentes, reconhecem e aceitam um ideal comum de beleza, de maneira que se pode, de certo modo, dizer que a beleza tem uma base objetivamente estética. Este ideal estético humano se modifica de maneira diversificada em diferentes países e até no mesmo país, em épocas diferentes, por uma tendência a destacar ou a restringir um ou outro dos caracteres sexuais secundários importantes, tendência essa inspirada em um impulso sexual que não está necessariamente de acordo com os padrões estéticos.

Outra tendência que é suscetível, em uma escala ainda maior, de limitar o cultivo do ideal de beleza puramente estética, é a influência do tipo nacional ou racial. Para o homem médio de cada raça, a mulher que encarna o tipo de sua raça é, geralmente, a mais bela, e até mutilações e deformações têm muitas vezes sua origem no esforço para acentuar o tipo racial. As mulheres ocidentais possuem, por natureza, olhos grandes e salientes e elas procuram aumentar ainda mais esta característica, através de artifícios. Os ainos constituem a raça mais pilosa, e não há nada que eles considerem tão belo como o cabelo.

É difícil sermos atraídos sexualmente, por pessoas fundamentalmente diferentes de nós mesmos, na constituição racial. Assim, acontece com frequência que esta admiração por nossas próprias características raciais leva à idealização de aspectos que estão muito distanciados da beleza estética. O seio firme e redondo é, sem dúvida, um característico de beleza, mas, entre muitas das populações negras da África os seios descaem em uma idade precoce, e aí verificamos que às vezes o seio descaído é admirado como belo.

Para tornar razoavelmente completa a análise da beleza sexual deve-se

acrescentar, pelo menos, um outro fator: a influência do gosto individual. Cada indivíduo, qualquer que seja o grau de civilização, constrói, dentro de certos limites estreitos, um ideal feminino próprio, em parte na base de sua constituição especial e das exigências desta, em parte sobre as atrações eventuais concretas que ele experimentou. É desnecessário salientar a existência deste fator, que tem de ser levado sempre em conta em todo estudo da seleção sexual no homem civilizado. Suas variações, porém, são numerosas e nos amantes apaixonados pode mesmo levar à idealização de aspectos que, na realidade, são o inverso do belo. Aqui nos aproximamos do campo dos desvios sexuais mórbidos.

Assim é que temos de reconhecer outro fator na constituição do ideal de beleza, um fator talvez encontrado exclusivamente nas condições de civilização: o gosto pelo incomum, o remoto, o exótico. Afirma-se comumente que a raridade é admirada na beleza. Isto não é rigorosamente verdadeiro, exceto no que toca a combinações e caracteres que variam somente em pequena escala, em relação ao tipo geralmente admirado. *“Jucundum nihil est quod non reficit varietas,”* (Nada que a variedade não renova é agradável), de acordo com um antigo ditado. A inquietação e a sensibilidade nervosas, maiores na civilização, aumentam esta tendência, que também não é raro encontrar em homens de talento artístico. Em todos os grandes centros civilizados o ideal nacional de beleza tende a modificar-se de certo modo, em inclinações exóticas e ideais alienígenas, assim como hábitos estrangeiros tornam-se preferidos em relação aos nativos.

Se a beleza é assim, o principal elemento na atração sexual através da visão, não é o elemento único. Em todas as partes do mundo isto tem sido bem compreendido e, no jogo amoroso, no esforço para despertar a tumescência, a atração pela visão foi multiplicada e ao mesmo tempo reforçada por outras atrações secundárias.

Assim temos a *scoptofilia (mixoscopia)* ou a excitação sexual despertada pela visão de cenas sexuais, ou mesmo simplesmente dos órgãos sexuais do sexo oposto. Até certo ponto isto é inteiramente normal, sendo o vergonhoso de suas manifestações devido ao rígido mistério convencional no qual é mantido o corpo nu. Muitos homens de valor procuraram na juventude oportunidades para observar mulheres em seus quartos de dormir e muitas mulheres respeitáveis olharam através de fechaduras de quartos de homens, embora não gostassem de confessá-lo. É, na verdade, um hábito de senhorias e criadas fixar o olhar nas fechaduras dos quartos onde há casais, que elas suspeitam possam estar em colóquio amoroso. As pessoas que atrevidamente praticam essa mixoscopia são chamadas *peepers* (pessoa que espreita). Estas manifestações atraíram por vezes a atenção da polícia, principalmente em Paris, e sei de mulheres que surpreenderam homens a observá-las através da claraboia, nos fundos de instalações públicas nos jardins das Tulherias.

Sob outra forma temos a atração sexual por quadros com figuras não necessariamente de caráter lascivo, por cenas eróticas e a atração sexual por estátuas. Isto é, por um lado, a origem psicológica daquilo que é comumente chamado pornografia (incorretamente, visto que não tem relação especial com pornéus (bordéis) e, por outro

lado, do desvio sexual conhecido como pigmalionismo, da história clássica de Pigmalião, apaixonando-se pela estátua que ele mesmo havia feito. Enquanto o interesse nas cenas e imagens eróticas é natural e normal quando não se torna uma paixão absorvente, o pigmalionismo é mórbido porque o objeto adorado é um fim em si mesmo. O pigmalionismo tem sido observado principalmente em homens, mas Hirschfeld menciona uma senhora, frequentadora dos melhores círculos sociais, que foi vista em um museu, levantando a folha de figueira das estátuas clássicas e cobrindo de beijos a parte descoberta. A atração erótica pelas fotografias manifesta-se agora principalmente, e em grande escala, através do cinema, sendo a influência mais poderosa por causa da natureza móvel e sugestiva de vida, das imagens apresentadas. Numerosas pessoas, principalmente mulheres jovens, vão ao cinema dia após dia para contemplar, em estado de excitação sexual, um herói adorado que vive talvez a milhares de quilômetros de distância e que, na vida real, elas jamais verão.

Um importante apelo secundário à visão associada com o movimento é o que toma a forma de dança. Aqui temos o que Sadger chamou erotismo muscular e Healy descreve como um prazer muscular e articular combinado com o “erotismo da pele”. Na dança há o espetáculo combinado com a ação muscular, cada um tornando-se, sob certas condições, um estímulo sexual, e às vezes, mais o espetáculo do que o exercício. Entre muitas raças selvagens a dança é, muitas vezes, um método extremamente importante de seleção sexual, em que os dançarinos exímios e atléticos asseguram de maneira justa a preferência feminina. A questão da influência benéfica ou prejudicial da dança na civilização tem sido, às vezes debatida. Há alguns anos atrás, Brill investigou este ponto em Nova York, entre 342 homens e mulheres (amigos, pacientes, e outros em cujas respostas se pudesse confiar), entusiastas das “novas” danças, sendo dois terços de homens e um terço de mulheres. Ele distribuiu as seguintes perguntas: (1) Você já se tornou alguma vez excitado ao dançar as novas danças? (2) Você fica excitado quando assiste a elas? (3) Você tem as mesmas sensações quando dança ou observa as danças antigas?

À primeira pergunta, 14 homens e 8 mulheres responderam sim; à segunda, 16 homens e 29 mulheres; à terceira, 11 homens e 6 mulheres. Nos que disseram “sim” à segunda pergunta, incluíam-se todos os que responderam identicamente à primeira e à terceira. Em relação ao número total há uma diferença para mais, muito pequena, nas respostas afirmativas das mulheres; todos desse grupo eram conhecidos de Brill e considerados por ele como sexualmente hiperestésicos. A grande maioria afirma que tem simplesmente uma sensação de alegria e bem-estar. A questão de saber se as “novas” danças agem como incitadores sexuais grosseiros pode ser respondida, enfaticamente, com a negativa. Brill conclui, com razão, que ambas as espécies de dança são escapes para a tensão sexual, diferindo apenas em intensidade, e de grande benefício, muitas vezes, para mulheres nervosas e hipocondríacas. Mesmo quando a dança se torna uma epidemia não desejável em si mesma, ainda merece ser cultivada na medida em que agir como conciliação entre as duas correntes opostas do desejo e da repressão, e serve como válvula de segurança para uma tensão excessiva.

Deve-se acrescentar, finalmente, que, enquanto a beleza é precipuamente uma qualidade da mulher, sendo como tal uma permanente preocupação dos homens, — e mesmo para as próprias mulheres uma qualidade feminina que elas admiram —, a mulher normal não sente uma veneração correspondente pela beleza do homem. A perfeição do corpo do homem não fica atrás da perfeição da mulher, mas o estudo dela somente atrai o artista ou o esteta. Quase exclusivamente ela desperta a admiração sexual só no macho sexualmente invertido. Seja qual for o caso dos animais, ou mesmo dos selvagens, no estado civilizado o homem mais bem sucedido com as mulheres não é geralmente o mais belo e poderá ser o inverso da beleza. “O *ardor*”, observa Stendhal, “é o que necessitamos; a beleza somente dá *probabilidade*.” As mulheres admiram a força de um homem, física ou mental, de preferência à beleza. A exibição de força, embora se restrinja ao campo da visão, nos transmite, na realidade, embora inconscientemente, impressões que se relacionam com outro sentido, — o do tato. Instintiva e inconscientemente, traduzimos a energia visível em energia de pressão. Ao admirar a força estamos realmente admirando uma característica tátil que se tornou visível. Pode-se dizer, por isso, que, enquanto por intermédio da visão os homens são afetados sexualmente, e principalmente, mais pelo aspecto puramente visual da beleza, as mulheres são mais intensamente afetadas pelas impressões visuais que exprimem características pertencentes ao sentido mais basicamente sexual do tato.

Em uma mulher o anseio pela expressão visual da energia de pressão é muito mais pronunciado e predominante do que no homem. Não é difícil compreender por que deva ser assim, mesmo sem recorrer à explicação usual de que a seleção sexual leva a fêmea a escolher o macho que mais provavelmente será o pai de filhos robustos e o melhor protetor de sua família. A parte mais ativa no amor físico cabe ao homem, a mais passiva, à mulher; pelo que, enquanto a energia na mulher não é indício de eficiência no amor, a energia no homem proporciona um indício aparente da característica primordial de vigor que uma mulher requer de um homem no amplexo sexual. Poderá ser um indício ilusório porque a força muscular não está relacionada necessariamente com o vigor sexual e em sua expressão máxima parece relacionar-se mais com a ausência daquele vigor. Ela, porém, proporciona a “probabilidade do ardor”, e de qualquer modo ainda se conserva como um símbolo que não pode deixar de produzir efeito. Não devemos supor, é claro, que estas ponderações estejam sempre ou muitas vezes presentes à consciência da mocinha que “ruborizada, vira-se de Adônis para Hércules”, mas a atitude emocional tem suas raízes em instintos mais ou menos infalíveis. Dessa maneira acontece que, mesmo no campo da atração sexual, a seleção sexual influencia as mulheres na base subjacente do instinto mais primitivo do tato, o sentido fundamentalmente sexual.

O prazer sexual despertado pelo espetáculo de movimentos graciosos, ágeis, ou atléticos foi chamado por Féré *ergofilia* e, em grau acentuado, é exibido principalmente por mulheres, sendo distinto do prazer mais mórbido despertado pelas cenas de horror e crueldade. Féré relatou um caso típico de ergofilia extrema em uma mulher jovem casada, que era incapaz de corresponder à afeição de seu marido, embora não tivesse nenhuma queixa dele. Ela fora uma criança delicada e com a idade de quatro anos foi

levada para ver uma companhia de circo ambulante. Então se sentiu tão impressionada e excitada pelo espetáculo de ilusionismo com bolas, por uma menina pouco mais velha do que ela, que foi tomada por estranha sensação de calor nas regiões genitais, seguida por uma espécie de espasmo, e se molhou. (Quando ocorre tal espasmo na idade infantil, a detumescência pode tomar a forma de micção.) Depois disso a pequena ilusionista passou a ser para ela uma fantasia e, às vezes, um sonho noturno, seguido pelas mesmas sensações e a micção. Aos quatorze anos, após a puberdade, ela viu um atleta elegante e consumado que produziu nela os mesmos efeitos, e então a pequena ilusionista e o atleta alternavam-se em seu sonho. Aos dezesseis anos, depois de uma excursão às montanhas e uma refeição substancial, ela adormeceu e acordou com a visão de um atleta e um forte orgasmo, mas, para sua satisfação, sem urinar (a detumescência deixou de ser vesical). Foi morar em Paris e, dentro em pouco, todas as atividades masculinas de agilidade ou de força, em teatros, oficinas etc. revelaram-se como motivo de prazer sexual para ela. O casamento não fez diferença, embora mais tarde ela chegasse a uma explicação com o marido. Em pequena escala, a ergofilia pode ser considerada normal.

Resumindo, pode dizer-se que a beleza não é, como muitos supuseram, uma simples questão de capricho. Ela repousa em parte sobre: (1) uma base objetiva, de natureza estética, que reúne todas as suas variações e leva a uma notável aproximação entre os ideais de beleza feminina sonhados pela maioria dos homens inteligentes de todas as raças. Mas, além dessa base geral objetiva, verificamos que: (2) os caracteres específicos da raça ou nação tendem a causar divergências nos ideais de beleza, visto que a beleza é muitas vezes considerada como consistindo no desenvolvimento máximo desses aspectos antropológicos raciais ou nacionais; e há razões para se acreditar que, na verdade, o desenvolvimento pleno dos caracteres raciais indica ao mesmo tempo o completo desenvolvimento da saúde e do vigor. Temos de considerar ainda que: (3) na maioria dos países a ênfase dos caracteres sexuais secundários e terciários é um elemento importante e geralmente essencial, da beleza: as características especiais do cabelo na mulher, seu busto, seus quadris, e inúmeras outras qualidades de menor destaque, mas todas suscetíveis de apresentar importância sob o ponto de vista da seleção sexual. Ademais temos: (4) o fator relativo ao gosto individual, constituído pela estrutura especial do indivíduo e por suas experiências pessoais, e afetando inevitavelmente seu ideal de beleza.

Muitas vezes esse fator individual funde-se em formas coletivas e, dessa maneira, constituem-se modas passageiras em matéria de beleza, e certas influências que normalmente afetam apenas o indivíduo tornam-se suficientemente poderosas para afetar muitos indivíduos. Finalmente, em condições de elevada civilização e nos indivíduos de temperamento inquieto e nervoso, que são comuns nas sociedades civilizadas, temos (5) uma tendência ao aparecimento de um elemento exótico no ideal de beleza, e os homens, então, em vez de admirarem o tipo de beleza que se aproxima mais intimamente do tipo de sua própria raça, começam a ser influenciados de maneira agradável, por tipos que, de certo modo, divergem daquele com o qual eles estão mais familiarizados.

O problema complica-se ainda mais, pelo fato de que a seleção sexual na espécie humana não é simplesmente a escolha da mulher pelo homem, mas também a escolha do homem pela mulher. E quando nos dispomos a examinar isso, verificamos que o padrão é completamente diferente, que muitos dos elementos de beleza que, para o homem, existem na mulher, desapareceram aqui completamente, enquanto tem de ser reconhecido um elemento novo e preponderante, sob a forma de admiração pela força e pelo vigor. Esta não é uma característica exclusivamente visual, mas sim uma característica de pressão tátil traduzida em termos visuais.

Enunciar o ideal sexual não é, de maneira nenhuma, enunciar o problema integral da seleção sexual humana. O ideal que é desejado e procurado não é, em grande parte, resultante da experiência. Ele não é mesmo, necessariamente, a expressão do temperamento e das idiossincrasias do indivíduo. Pode ser em grande parte consequência de circunstâncias fortuitas, de rápidas atrações casuais na infância, de tradições aceitas e consagradas pela fantasia. Nos contatos reais da vida o indivíduo pode verificar que seu impulso sexual é despertado por estímulos sensoriais que são diferentes dos correspondentes ao ideal que ele acalentara e podem até ser o inverso deles.

Além disso, temos também razão para acreditar que fatores de um caráter anda mais fundamentalmente biológicos e, de certo modo, mais profundos até do que todos esses elementos psíquicos, entram no problema da seleção sexual. Certos indivíduos, independente totalmente da questão de serem ou não, de maneira ideal ou efetiva, os parceiros mais adequados, ostentam grande vigor e conseguem maior sucesso que outros na obtenção de companheiras. Esses indivíduos possuem vigor constitucional — físico ou mental — maior, o que os leva ao êxito nos assuntos práticos de um modo geral, e provavelmente aumenta também suas atividades especificamente filogâmicas.

Assim, o problema da seleção sexual humana apresenta o máximo de complexidade. Quando reunimos os escassos dados de natureza precisa, disponíveis presentemente, compreendemos que, embora harmonizando-se, de um modo geral, com os resultados que a comprovação, não de natureza quantitativa, nos leva a aceitar, seu significado preciso ainda não está perfeitamente esclarecido. De um modo geral parece que ao escolhermos um companheiro tendemos a procurar identidade de caracteres raciais e antropológicos, juntamente com a disparidade dos caracteres sexuais secundários e dos caracteres psíquicos complementares.

O que procuramos é uma variação, mas uma variação insignificante.

BIBLIOGRAFIA

DARWIN, *Descent of Man*.

LEONARD DARWIN, *Eugenic Reform*, Capítulo XX, "Sexual Selection"

PYCRAFT, *The Courtship of Animals*.

HAVELOCK ELLIS, *Man and Woman; Studies in the Psychology of Sex*, Vol. IV, "Sexual Selection in

Man".

WESTERMARCK, *The History of Human Marriage*, Vol. I.

CRAWLEY, *The Mystic Rose*, editado por Besterman.

ALEXANDER STONE, *The Study of Phallicism*.

A. A. BRILL, "The Psychopathology of the New Dances", *New York Medical Journal*, Abril, 25, 1914.

III - O IMPULSO SEXUAL NA JUVENTUDE

COSTUMAVA-SE acreditar que na infância não existia absolutamente o impulso sexual. Mas, se é possível afirmar que o impulso do sexo não tem existência normal na vida infantil, então toda manifestação desse impulso naquele período deve ser “pervertida”, e mesmo Freud, que considera a sexualidade infantil como normal, também a considera como “pervertida”, quando a chama “perverso-polimorfa”. Em qualquer análise do assunto, por mais resumida que seja, é essencial esclarecer esta confusão.

Deve ser dito de início que, aquelas que podem ser chamadas com justeza manifestações do impulso sexual, — mesmo quando não damos um sentido amplo ao termo “sexual” —, são indubitavelmente muito mais frequentes do que se supunha outrora. Há também um alcance muito maior em sua força, sua precocidade e sua natureza, do que tem sido suspeitado comumente.

Mesmo na aptidão primária e inicial dos órgãos genitais para o estímulo sexual, há uma faixa fundamental de variação. A aptidão de algumas crianças para manifestar reações genitais em uma idade precoce, as quais eram geralmente consideradas como indícios reflexos de irritação, é, há muito tempo, uma observação conhecida. Tais manifestações não persistem na memória, de maneira que não temos comprovação direta de que sejam ou não agradáveis, porém muitas pessoas de ambos os sexos podem recordar sensações agradáveis na infância, relacionadas com os órgãos genitais. Tais sensações não são (como às vezes se pensa) reprimidas. O que é reprimido, e geralmente não experimentado de fato, é o impulso de mencioná-las a pessoas adultas e, comumente, elas não são mencionadas a ninguém. Mas tendem a permanecer na lembrança porque não têm ligação com a experiência comum e estão em contraste chocante com ela.

Sabe-se há muito tempo que a auto excitação sexual manifesta ocorre na idade infantil. No início do século dezanove, vários autores, na França e em outros lugares, — Marc, Fonsagrives, Psrez etc. — apresentaram casos de crianças de ambos os sexos que se masturbavam desde a idade de três ou quatro anos. Robie verificou que as primeiras excitações sexuais em meninos ocorrem entre as idades de cinco e quatorze anos, nas meninas entre oito e dezanove; tanto em meninos, como em meninas estas primeiras manifestações aparecem com mais frequência nos últimos anos do que nos primeiros. Em sua pesquisa minuciosa, feita de maneira mais cuidadosa, Hamilton verificou que 20 por cento dos indivíduos do sexo masculino e 14 por cento do feminino encontram prazer em seus órgãos sexuais antes da idade de seis anos. Katharine Davis, comparando grupos de homens e mulheres, verificou que 20,9 por cento dos meninos começavam a masturbar-se até a idade de onze anos, inclusive, e 49,1 por cento das meninas, embora

durante os três anos seguintes a percentagem dos meninos excedesse de muito a das meninas. É um engano supor que todas as crianças experimentem, ou sejam capazes de experimentar, excitações genitais ou sensações sexuais agradáveis. Casos extremos ocorrem, em que a criança, levada inocentemente por outra que afirma ser a fricção favorecedora do aumento do comprimento do pênis, procura persistentemente obter o suposto resultado, mas sem alcançar de maneira nenhuma a excitação genital ou o prazer sensorial, embora, no devido tempo, na puberdade, senão antes, o órgão se torne plenamente excitável. Há, assim, na infância, uma extensa gama de variação na aptidão genital e sexual. Nem sempre é fácil dizer até que ponto as diferenças são devidas a antecedentes hereditários nitidamente diferentes. Em resumo, parece, como era de esperar, que a criança de ancestralidade sadia e rija é menos excitável sexualmente na infância, e a criança de antecedentes hereditários menos sadios, ou de pais hipersexuais, é mais precocemente excitável. As pesquisas do Dr. Hamilton indicam que, quanto mais tarde começa a vida sexual, mais satisfatório se torna o casamento.

O assunto se torna mais complexo quando vamos além dos fenômenos sexuais localizados. E então encontramos a *libido* dos psicanalistas. Nos primeiros tempos ela encontrou violenta oposição quando aplicada à infância e à meninice, e não se pode dizer que a oposição tenha sido inteiramente vencida. Contudo hoje se reconhece que depende muito da maneira pela qual definimos o termo “libido”. Como muitos termos freudianos, este não foi escolhido de maneira feliz e não é fácil separá-lo do termo “libidinoso”. Jung, um dos mais eminentes analistas estranhos à escola freudiana, dissocia, na verdade, a libido de qualquer relação especial com o sexo e a interpreta em um sentido amplo como “energia psíquica”, correspondente ao *élan vital* de Bergson ou, em inglês, *vital urge* (estímulo vital), expressão que algumas pessoas gostariam de usar, porque não há dúvida de que não podemos dissociar o termo libido da energia sexual legítima. Freud vacilou em seu conceito sobre a libido e seu desenvolvimento. Como ele observa em seu esclarecedor ensaio sobre a *Constituição Infantil da Libido (Infantile Organization of the Libido)* (1923), em uma época ele salientava sua constituição pré-genital precoce, embora mais tarde viesse a aceitar uma proximidade estreita entre a sexualidade da criança e a do adulto. Mas a constituição genital infantil, continua ele falando, implica, na realidade, a primazia do *Phallus*, que ele considera como o único órgão genital reconhecido na infância. Ao mesmo tempo ele fala de uma fase “pré-genital” e afirma que “até à puberdade a polaridade da sexualidade não corresponde a *macho* e *fêmea*.” Alguns identificaram aqui uma tendência indevida à generalização teórica em um meio que é formado de indivíduos, cada um com uma carga hereditária diferente, e, naturalmente, também com uma maneira diferente de reagir ao mundo externo. Mas o ponto principal é que, para Freud, a polaridade sexual somente é atingida na puberdade. Por isso, considerando que para o homem comum a “libidinagem” baseia-se principalmente na polaridade sexual, não parece que a libido freudiana chegue a merecer um horror excessivo. A falha está na terminologia freudiana. Podemos aceitar com Ernest Jones que se dividirmos a atividade sexual em duas fases, de “prazeres iniciais” e de “prazeres finais”, as manifestações anteriores à puberdade restringem-se quase inteiramente ao primeiro grupo. Contudo, devemos admitir exceções.

A concepção freudiana da libido teria encontrado menor oposição se ele tivesse assumido de início a posição que afinal adotou em 1925 (*Das Ich und das Es*) quando, abandonando mais ou menos a libido, estabeleceu a relação entre o *ego* e o *id* (termo pelo qual o *es* foi habilmente traduzido), sendo o *id* a personalidade mais ou menos inconsciente e primitiva, com seus impulsos, e o *ego* a personalidade mais consciente e razoável, em relação mais estreita com o mundo exterior, e que emerge gradativamente do *id* e separa-se dele. Como o próprio Freud observa, esta concepção corresponde mais ou menos a ideias populares e de aceitação geral.

Quando observamos, de maneira ampla, as atividades das crianças, não parece que “a primazia do falo” se nos apresente como a mais flagrante (a maioria daqueles que são familiarizados com crianças diriam que é a primazia do polegar e dos dedos do pé), e na medida em que isso acontece, é muitas vezes (como Freud mesmo observa) essencialmente um impulso de curiosidade, que infelizmente algumas mães reprimem e assim incutem e destacam indevidamente. Aí temos as partes mais “curiosas” do corpo, as partes que (juntamente com os dedos das mãos e dos pés) são para a criança mais como brinquedos. Esse interesse pode levar a sensações agradáveis, mas para a maior parte das crianças parece que o que pode ser considerado como sensação sexual está fora da esfera genital, sendo sensação sexual do limiar, isto é, sensação daquela espécie que em um adulto, jaz no limiar da esfera sexual e conduz a esta (pertencendo, assim legitimamente, à arte do amor). A diferença na criança é que tais sensações, embora agradáveis, geralmente não ultrapassam o limiar da verdadeira sensação sexual.

Tais fenômenos se apresentam mais comumente, em primeiro lugar, na região oral. Isto era de esperar, visto que o prazer mais intenso da criança não podia deixar de derivar dos sensíveis lábios bucais em contato com a teta da mãe, que lhe cede o leite. Considerando que a boca é uma zona erógena ou sexualmente estimuladora na idade adulta, não podemos nos surpreender de que ela seja um centro de prazer no limiar sexual, mesmo na infância. O hábito de chupar dedo torna-se, às vezes, substituto da sucção do mamilo, quando esta é impossível ou ultrapassada. Alguns sustentam, embora a opinião seja posta em dúvida por numerosas autoridades, que, em crianças predispostas, isto pode ser uma espécie de masturbação e levar mais tarde à masturbação verdadeira. É uma prática encontrada em uma proporção apreciável e variável de crianças de ambos os sexos, e pode mesmo começar imediatamente após o nascimento.

Provavelmente o centro anal é o mais importante após o surgimento do centro oral. Na medida em que as excreções passam automaticamente e sem restrição, há pouca oportunidade para que a região anal se torne um centro de prazer. Mas logo que seja imposta qualquer coerção, não há dúvida de que é sentida uma satisfação nas dejeções e a sensibilidade do ânus é passível de desenvolver-se num sentido agradável. Muitas vezes essa região se torna uma zona erógena mais tarde, embora sem tanta frequência ou de maneira tão pronunciada como a região oral. Alguns psicanalistas afirmam que na idade infantil há uma tendência em certos casos a reter as fezes a título de prazer, e que tal tendência é importante para o desenvolvimento psíquico posterior.

Isto, contudo, tem sido negado por outros, como não sendo fácil de provar. Quase o mesmo pode ser dito da emissão urinária, embora o prazer, nesse caso, igual na criança e no adulto, esteja mais exclusivamente na própria emissão, e alguns observadores notam que a criança pode encontrar prazer em fazer essa emissão sobre uma pessoa de sua especial preferência, embora seja muito provável que isto seja, com frequência, uma interpretação errada dos fatos, e que a emissão de urina na criança, sob a influência de uma sensação agradável, talvez não seja mais intencional do que na mulher adulta, na qual ela ocorre eventualmente por uma ação reflexa, e com grande constrangimento para ela, durante o orgasmo sexual. Hamilton verificou que 21 por cento dos homens e 16 por cento das mulheres admitiram seu interesse pela urina ou terem brincado com ela na idade infantil, e exatamente a mesma percentagem com relação às fezes.

No lado psíquico há ainda menor dúvida quanto à possibilidade de que as crianças experimentem emoções que podem ser chamadas razoavelmente sexuais, que há no lado físico. Há muitos anos Sanford Bell mostrou, em uma base coletiva, a frequência destas manifestações, que todos já tiveram oportunidade de observar às vezes. Seu relatório ainda pode ser lido com proveito. Ele estudou a questão durante quinze anos, tanto em escolas como fora delas, e observou pessoalmente 800 casos, enquanto obtivera os registros de outros 1.700 casos (sendo assim 2.500 casos ao todo) de outros 360 observadores, dos quais somente cinco não se recordavam de nenhuma experiência dessa espécie em sua própria meninice, fato que indica ser um engano supor que seja comum a repressão de tais experiências precoces. Quando ocorre a repressão ela é evidentemente anormal e devida provavelmente a peculiaridade inatas. Bell verificou que emoções dessa espécie podem ser presenciadas desde a metade do terceiro ano, e que, na natureza de suas manifestações há uma tendência a vários estágios, dos quais o primeiro vai até à idade de oito anos, e o segundo à idade de quatorze. Na primeira fase o menino é geralmente mais modesto e menos agressivo do que a menina. A emoção é identificada por uma série de pequenos indícios que é difícil deixar de atribuir a uma origem sexual. É comum uma tendência para abraçar e beijar, mas necessariamente nem sempre ocorre, e amiudadamente nota-se um desejo de esconder a emoção de seu objeto e de qualquer outra pessoa. Embora seja frequente a procura de alguma forma de contato, esta não é em geral especificamente sexual, e quando o é, Bell inclina-se a considerar o caso como precoce. O eretismo, como ele bem observa, geralmente não se manifesta (embora possa fazê-lo) nos órgãos sexuais, mas sim distribui-se por todo o corpo, principalmente nos sistemas vascular e nervoso. A primavera é o período do ano em que há mais probabilidade de que ocorram essas manifestações.

Estudiosos da infância, psicanalistas e outros, têm, desde então, confirmado e aprimorado estas observações. Freud tratou do assunto repetidamente, e Oscar Pfister, em seu vasto e fundamentado trabalho sobre o amor nas crianças e suas falhas, chega à conclusão de que há uma surpreendente e insuspeitada multiplicidade de manifestações nos sentimentos amorosos das crianças.

Conforme já foi mencionado, é característico do interesse sexual ou pseudo-sexual das crianças o fato de que eles recaem principalmente fora da esfera que, para o

adulto, é propriamente a do sexo, em parte porque sob o aspecto físico, os centros genitais ainda estão pouco desenvolvidos, e em parte porque, sob o ponto de vista psíquico, o sexo oposto geralmente ainda não adquiriu a significação precisa que, mais cedo ou mais tarde, ele possuirá depois da puberdade.

Uma característica interessante e muitas vezes despercebida da sexualidade infantil é a algolagnia, ou o interesse na dor como fonte de prazer, inclusive o prazer em presenciar a dor, infligir a dor ou senti-la. Vários nomes adultos são aplicados comumente a estas manifestações, tais como “crueldade”, “sadismo”, “masoquismo” etc. e isto provavelmente é inevitável porque somente assim é que os adultos podem explicar a si mesmos estas manifestações da psique infantil. Tais nomes, porém, são ilusórios e inadequados, porque estão muito distanciados dos objetos da infância. A criança, por exemplo, ainda não concebeu a noção humana e adulta de “crueldade”, e quando nos lembramos de que, mesmo para muitos adultos ela não tem uma conceituação precisa, não podemos surpreender-nos de que ela seja estranha às crianças que, de modo cativante e alegre, presenciam os sofrimentos dos animais inferiores, muitas vezes elas próprias aumentando-os ou causando-os. As crianças estão em seu trabalho, — ou, se quiserem, brincando —, no campo de exercitação do raciocínio inquisitivo e da emoção até aí não diferenciada: as normas fossilizadas da moralidade adulta estão deslocadas aqui. É função da educação, no sentido inerente a esse termo, (porque a falsa noção de que educar significa *incutir* e não *despertar* ainda é comum entre os ignorantes), ajudar a criança a desenvolver, no devido tempo, as atividades da vida adulta, e tornar claro para ela, logo que sua compreensão o permita, que seus próprios impulsos infantis, não reprimidos, não têm aplicação na vida adulta. O fato de que estamos preocupados aqui, em primeiro lugar, com atividades no campo da emoção, mas incidentalmente sujeitos a chegar ao limiar da dor, revela-se no gosto igual ou maior da criança, em sofrer a imposição dessa dor. Jogos de “castigo” com muita palmada de parte a parte sempre foram particularmente difundidos entre crianças de ambos os sexos, principalmente, talvez, meninas, sendo muitas vezes usada a escova de cabelo para esse fim. A autoflagelação é também praticada às vezes e, mesmo depois da puberdade, quando os centros genitais estão em plena atividade, pode ser adotada por ambos os sexos para aumentar o prazer solitário do impulso sexual, na falta de uma pessoa do outro sexo. As fantasias (sonhos diurnos) a respeito de torturas não são incomuns como fonte de prazer entre crianças de pouca idade, e entre crianças de idade um pouco maior já se ouviu falar do *Livro dos Mártires*, de Foxe (*Book of Martyrs*), como uma fonte de prazer excitante. Às vezes a criança experimenta um impulso irresistível de infligir a dor em si mesma e muitas vezes no pênis, o que indica que, mesmo não sendo uma fonte de excitação sexual no sentido adulto, o pênis já é um centro de interesse emocional. Tais fatos recordam o complexo de castração, ao qual alguns psicanalistas atribuem enorme importância. Pode ser amarrado um fio, fortemente, em torno do pênis; ou este pode mesmo ser violentamente golpeado; e ultimamente foi registrado o caso de uma menina de nove anos que amarrou uma linha em torno do clitóris e não pôde retirá-la, pelo que tornou-se necessária a intervenção da cirurgia. A sensibilidade e a emoção ainda estão sob uma forma relativamente difusa e, por assim dizer, não

cristalizada. Como a percepção da dor é tão necessária desde cedo na vida para a auto conservação, é inevitável que as sensações dolorosas sejam aquelas nas quais os impulsos de prazer ainda vagos tendem a tomar forma. Hamilton verificou que, de seus pacientes, dos quais pode-se dizer serem todos de elevado caráter e cultura, somente 49 por cento dos homens e 68 por cento das mulheres nunca experimentaram prazer em infligir a dor; enquanto quase 30 por cento tanto dos homens como das mulheres haviam tido prazer em experimentar a dor.

O fato, agora bem reconhecido, de que, nem a identidade de sexo, nem a proximidade do parentesco consanguíneo representam qualquer barreira a estas manifestações, mostra a distância a que estamos, aqui, das manifestações adultas. O adulto que consegue perceber a ocorrência destas manifestações começa a falar grave e pedantemente de “homossexualidade”, “incesto” e “complexo de Édipo”, sem imaginar o absurdo que está perpetrando. Ele estaria falando realmente de maneira racional, se se estivesse referindo a fenômenos idênticos em seu mundo de adultos. Não pode haver homossexualidade quando ainda não há a concepção da sexualidade, e não pode haver incesto antes de serem conhecidas as barreiras do parentesco. Como disse um eminente psicanalista, o Dr. Jelliffe, a respeito desse modo de rotular a atividade impulsiva da infância, “exprimi-la em termos de atividade adulta consciente é um disparate”. Mesmo independente de sexo, os melhores psicologistas da infância (como Stern em sua *Psychology of Early Childhood*) estão procurando tornar claro que não devemos julgar as crianças de acordo com nossas faculdades psíquicas de adultos, mas aprender a compreender a natureza diversa delas. Até que compreendamos isto, até que tenhamos eliminado a complicada estrutura da sexualidade infantil, elaborada segundo o modelo adulto, por adultos que parecem ter perdido toda a lembrança da juventude, vaguearemos, nesse terreno, entre sombras vazias. Este é sem dúvida um campo de conhecimento no qual somente podem entrar aqueles que se tornam pequenos como se fossem crianças.

Neste ponto é necessário fazer referência a uma peculiaridade psicológica sobre a qual determinados psicanalistas, sobretudo Freud, chamaram a atenção pela primeira vez e à qual eles atribuíram no passado e de certo modo ainda atribuem suma importância: o chamado complexo de Édipo. Esse modo de chamá-lo não é, aparentemente, de uma felicidade perfeita, porquanto o que, psicologicamente, queremos dizer com isso, é simplesmente uma atração amorosa (um “desejo de casar”) com o genitor do sexo oposto, da parte da criança, com o correspondente ciúme do genitor do mesmo sexo. Ao passo que, na lenda, Édipo não estava imbuído desses sentimentos, mas foi compelido, contra a vontade, pelo oráculo e pelos deuses, a casar com sua mãe e a matar seu pai, a despeito de todos os seus esforços para evitar esses crimes; mas Freud explicou esta contradição, dizendo que o oráculo e os deuses eram a encarnação aureolada do Inconsciente. Quando o complexo de Édipo foi enunciado por Freud pela primeira vez, há cerca de trinta anos, sem dúvida de maneira não cautelosa e com o emprego inadequado da palavra “incesto”, — foi, como ele afirmava frequentemente, recebido com horror e execração. Essa atitude, para uma pessoa de temperamento forte e combativo como o seu, despertou simplesmente uma afirmação

mais enfática da doutrina. Em certa medida, de uma maneira ou de outra, mesmo de uma forma invertida, o complexo de Édipo, como Freud declarou, “é um fator regular e muito importante na vida mental da criança”. Ele continuou, verificando que “não parece impossível que o complexo de Édipo seja a fonte de todas as perversões e também, o núcleo verdadeiro das neuroses”. Rank, na ocasião ligado estreitamente a ele, mostrou, com o auxílio de sua vasta cultura literária, como este tema entrou frequente e variadamente na poesia dramática. Finalmente, em 1913, em *Totem e Tabu* (*Totem and Taboo*), Freud expôs uma concepção do complexo de Édipo em que o situa na origem da moralidade primitiva, proporcionando aquele sentimento de culpa que para Freud parece “a origem fundamental da religião e da moralidade”, a primeira das formas do imperativo categórico de Kant, e a primeira encarnação das grandes entidades cósmicas, que, iniciando-se com os Pais, tornaram-se Deus, Destino, Natureza, e o que mais quisermos.

Mas os psicanalistas, que, dessa maneira, colocaram o complexo de Édipo na base de grande parte da cultura humana, não compreenderam que aquele complexo não pode ser referido apenas a determinada organização familiar, se é que o pode, e que a família, longe de ter uma única forma de organização, varia em grande escala. Para um complexo de Édipo, é essencial uma família patriarcal, tal como a que temos tido através dos períodos históricos, nas regiões da Europa mais conhecidas por nós. Mas esse tipo de família não foi conhecida sempre nem em toda parte. O substrato da família é biológico, mas suas formas são moldadas no meio social. Isto foi esclarecido por Malinowski (que começou com uma tendência favorável à psicanálise) em seu livro *Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem* (*Sex and Repression in Savage Society*). Os complexos que se julgam terem moldado a cultura somente podem ter surgido da cultura, e esta é de várias espécies. Nem poderíamos aceitar uma “horda primitiva sobrecarregada com todos os preconceitos, desajustamentos e maus gênios de uma família europeia da classe média e abandonada, então, em uma selva pré-histórica”. Cada tipo especial de civilização somente pode ter, como subproduto necessário, um tipo especial de complexo.

Ademais, o complexo de Édipo repousa na crença de que há uma forte tendência natural e humana, que surge na idade infantil, a sentir amor sexual pelos parentes próximos, e que somente pode ser reprimida por normas rígidas e repressões severas. Todas as autoridades são acordes em que o livre exercício dos impulsos incestuosos é incompatível com a sociedade familiar, e que em tal base não seria provável que surgisse nenhuma cultura desenvolvida. Mas as autoridades divergem quanto ao caráter natural ou desnatural dos impulsos incestuosos. Westermack afirmou inicialmente que há uma aversão natural e instintiva ao incesto; Freud sustenta que há desde a infância uma forte tendência natural ao incesto, mas introduzida pela cultura, “um esquema complexo de reações culturais”. O ponto de vista que adotei harmoniza em grande parte estas opiniões contrárias. Há uma atração sexual em relação às pessoas com as quais há um contato estreito, sendo essas pessoas, muitas vezes, parentes, e por isso, essas atrações são denominadas “incestuosas”. Hamilton verificou que 14 por cento dos homens haviam tido impulsos incestuosos na infância; tais impulsos não despertaram nenhum

sentimento de medo; 10 por cento tiveram momentos de sentimentos sexuais em relação à mãe e 28 por cento em relação à irmã; sete mulheres, para com seus pais e cinco em relação ao irmão. A recordação despertava às vezes alguma perturbação, mas evidentemente, nenhum sentimento de culpa. Esta é uma atração ligeira, em circunstâncias normais (há sempre exceções), rapidamente superada quando um novo e fascinante objeto de atração, estranho a seu próprio círculo, impressiona o jovem admirador. Não há instinto anti-incestuoso, não há aversão natural; mas uma profunda incitação do instinto sexual necessita uma fonte de excitação, e para isto é necessário um novo objeto, não aquele que se tornou corriqueiro pela familiaridade. Este é um ponto de vista ao qual Westermarck se mostra favorável na edição posterior de sua grande obra sobre o casamento, e tinha sido aceito anteriormente por Crawley, assim como por Heape. É claro para qualquer pessoa que conheça a fisiologia do processo sexual e a psicologia do jogo amoroso. Um exemplo típico pode ser citado, da autobiografia de Restif de la Bretonne, *Monsieur Nicolas*, documento precioso para a fisiologia erótica. Vemos aí como ele foi uma criança extremamente precoce desde a idade dos quatro anos, excitável de certo modo por suas companheiras de folgedos, embora recebesse suas carícias com muito acanhamento. Ele somente se tornou intensamente excitado na idade de onze anos, a ponto de chegar ao coito e perder toda a timidez, e isto foi com *uma menina que era estranha* e pertencia a outra povoação. Muitas teorias errôneas teriam sido evitadas se este fato psicológico tivesse sido compreendido claramente. Não há “aversão” ao incesto, mas sob condições naturais uma atração sexual intensa requer um poderoso estímulo, e isto normalmente não pode surgir da familiaridade. É digno de nota que os casos mais acentuados de amor incestuoso ocorrem entre irmão e irmã que não foram criados juntos, pelo que não existe a influência da familiaridade.

Várias objeções têm sido levantadas contra minha afirmação a respeito da base psicológica da exogamia, mas são devidas a mal entendidos e também por terem deixado de ser aceitas muitas considerações grandemente relevantes. Alguns críticos se orientaram mal por pensarem demasiadamente apenas nas condições reinantes entre o homem civilizado e os animais domésticos. Alguns deixaram de ver que não há nenhuma questão de indiferença absoluta ao estímulo sexual entre pessoas familiares, o qual pode existir facilmente e às vezes é realmente forte. Outros insistiram de maneira acertada em que é improvável que o incesto gere o melhor produto ou resulte na paz doméstica, e que a exogamia é um fator extremamente importante na evolução social. Estas influências poderão muito bem ser responsáveis pelo tabu do incesto e continuam responsáveis por sua manutenção. Mas dificilmente elas poderiam ter surgido, a não ser sob o fundamento, e com o apoio da indubitável tendência psíquica para a qual chamei a atenção. As instituições sociais nunca são desnaturais em sua origem. Elas somente podem surgir em uma base natural. Verificamos ademais na vida primitiva, e como Crawley assinala, um desejo inocente de ajudar a Natureza, por assim dizer, acrescentando ao que é normal, o imperativo categórico do costume e da lei.

Hoje podemos volver o olhar serenamente para o complexo de Édipo e as reações violentas que ele parece ter provocado. Quando se veem os fatos de maneira direta e

simples, sem nenhuma preocupação de fazê-los parecer aterradores ou grandiosos, ou generalizá-los em doutrinas universais, é fácil descobrir o fato muito natural de que o garotinho se sinta atraído por sua mãe (o fenômeno correspondente é o apego da garotinha pelo pai) e tenha ciúme a princípio daquilo que desvia dele a atenção de sua mãe. O ciúme é um sentimento primário, perfeitamente natural. Todo cão tende a latir ante a aparente tentativa de outro compartilhar seu osso. Todo gato pode sentir desagrado ante os esforços de um gato estranho para compartilhar seu prato. Muitos de nós, — mesmo os mais normais e menos neuróticos —, podemos recordar, ou nos foi dito, que no início da infância desaprovávamos inicialmente o aparecimento de um irmãozinho ou uma irmãzinha. Mas também nos podemos lembrar de que dentro de muito pouco tempo nos acomodávamos completamente com o novo fenômeno e nos sentíamos até orgulhosos em ajudar carinhosamente a cuidar do neném. Raramente, em condições normais, se apresenta em qualquer fase um sentimento de hostilidade para com o pai. O motivo é perfeitamente evidente. O neném é novo e desperta sentimentos novos. O pai está ali desde o início. Nada acontece para mudar a atitude para com ele. Ele é aceito como uma coisa natural.

Mas, compreendemos também, a situação é sem dúvida favorável a desdobramentos emocionais e mórbidos em indivíduos constitucionalmente neuróticos, principalmente sob a influência de atitudes insensatas dos pais, tais como o favoritismo ou a desatenção. Podemos ter então todo o encadeamento de manifestações descritas pela psicanálise. É preciso estarmos alerta para essa possibilidade, e preparados para deslindar tais casos sem medo, porque os caminhos da psicologia não podem ser trilhados a não ser com coragem. Mas não é necessário generalizar partindo de um caso isolado ou mesmo de muitos casos. E é fatal a todas as conclusões corretas, partir de um gabarito predeterminado para tentar enquadrar nele todos os casos.

Tudo isto agora está se tornando mais claro, e começando a ser aceito até pelos psicanalistas. Assim, Rank, que foi tão diligente em desenvolver a concepção do complexo de Édipo em suas fases iniciais, vinte anos mais tarde, em seu sugestivo trabalho sobre *Moderna Educação (Modem Education)*, observa que “o complexo de Édipo, em termos de atração pelo genitor do sexo oposto e o ciúme do genitor do mesmo sexo, não é encontrado de maneira tão flagrante na prática, como a mitologia o apresenta, e como Freud acreditava de início”, acrescentando que não tem sido possível, mesmo para os psicanalistas, sustentá-lo com facilidade.

Em outra oportunidade Rank observa que o famoso “complexo materno” não é tanto uma mera fixação da criança na mãe, mas simplesmente um sinal da predominância atual da crença na influência da mãe na educação da criança.

O complexo de castração é associado pelos psicanalistas ao complexo de Édipo, e considerado por Freud como sendo originariamente uma reação à intimidação na esfera do sexo, sendo atribuída ao pai, em última análise, toda restrição à atividade infantil. Acontece às vezes que mães e pajens, ao verem o garotinho manipular o pênis, ameaçam em tom de brincadeira cortá-lo e pode acontecer, possivelmente, que o menino leve a ameaça a sério, principalmente se ele observa que sua irmã não tem

pênis. Por outro lado a garotinha pode considerar uma perda a falta de um órgão que seu irmão possui. Não é fácil apurar se estes sentimentos são de muita importância para a criança comum. Freud em 1923, embora afirmando sua “invariável presença”, achava difícil acreditar que fossem devidos a ameaças ocasionais que poderão jamais ocorrer, e foi levado a admitir que a criança arquitetasse o dogma por si mesma. Mas sua opinião variava, e em 1928 ele afirmava que “a nenhum ser humano do sexo masculino é poupado o choque da ameaça à castração”. Ele alega que o complexo de castração, não só pode desempenhar um grande papel na formação de neuroses, como até na formação do caráter na criança saudável. Que o complexo de castração tem influência em algumas pessoas neuróticas, não pode haver dúvida. Algumas pessoas de inteligência aguçada, mas de predisposição neurótica, quando em condições de recapitular seu comportamento infantil, verificaram ter sido muito importante sobre elas, para a manifestação de um complexo de castração, a influência de amas insensatas.

A manifestação concreta que, ligada a este aspecto da vida infantil, sempre despertou a atenção de maneira mais proeminente, é a que, desde os velhos tempos, tem-se denominado “masturbação”. Aqui é conveniente e possivelmente válido falar de *sexualidade*, embora não seja rigorosamente correto, porque estamos tratando de um ato que pode começar, e muitas vezes começa, com uma procura de sensações agradáveis, meramente generalizada e instintiva. Considerando, porém, que não é um ato restrito à vida infantil, mas pode ocorrer em qualquer idade, muitas vezes em relação com as mais desenvolvidas ideias de sexo, seria extremamente difícil estabelecer uma linha divisória.

O nome antigo e comum do ato assinala a excitação da região sexual em ambos os sexos, por intermédio da mão. Mas geralmente, e de maneira inevitável, a palavra é empregada para significar todos os métodos pelos quais a fricção pode ser usada para produzir sensações agradáveis na esfera genital. Não há dúvida de que a mão é o instrumento mais frequente e que, não havendo inibições mentais ou impedimentos físicos, é, naturalmente, o mais empregado. Mas há outros meios: nos meninos, as brincadeiras, os esportes, a ginástica e até a pressão eventual sobre as roupas, podem bastar, principalmente sob um estado de eretismo generalizado, para produzir a ereção e mesmo o orgasmo, muitas vezes para surpresa, e às vezes alarme ou horror daquele a quem esta ocorrência sobrevém. Estados de tensão ou apreensão, e espetáculos ou emoções de terror ou prazer, podem produzir os mesmos resultados, bem como experiências concretas de espécie semelhante, como o castigo com o açoite, sendo exemplo clássico disto, o de Rousseau pelas mãos de sua preceptora, o que teve, como ele acreditava, uma influência permanente em sua predisposição psíquica extremamente sensível. Nas meninas, embora o uso das mãos, como nos meninos, seja o meio mais comum, e até menos importante. Um contato casual das partes sexuais pode revelar-se agradável mesmo na primeira infância e constituir uma das lembranças mais remotas da menina. Mais tarde podem ser procurados, instintivamente, o contato e a fricção com objetos externos. Garotinhas costumam, sem disfarce, esfregar-se no canto de uma cadeira, ou em um puxador do camiseiro. Mulheres jovens adquirem e conservam hábito semelhante e podem até excitar-se contra a perna de uma mesa, em um restaurante

público. Sem absolutamente nenhum auxílio estranho, é possível às vezes à menina chegar à excitação e ao orgasmo esfregando uma coxa na outra, ou, quando em estado emocional favorável, apertando uma contra a outra. E, em meninos, podem ocorrer os mesmos resultados, de maneira quase ou totalmente espontânea, sob a influência de espetáculos excitantes ou pensamentos lascivos. Compreendemos que isto dificilmente se distingue do que pode acontecer, de modo normal, entre dois amantes.

Em meninos que não tiveram impulsos anteriores e espontâneos de atividade sexual, nem foram iniciados por companheiros, o primeiro orgasmo ocorre na puberdade, durante o sono, com sonhos ou sem eles, causando muitas vezes ao menino grande ansiedade ou vergonha, até que com o decorrer dos anos ele aprende a aceitá-los como o acompanhamento quase inevitável da vida adulta, quando esta decorre em estado de continência. Nas meninas, contudo, ele não é inevitável sob condições semelhantes. É raro (como tenho frequentemente assinalado, embora a asserção nem sempre tenha sido aceita), que as meninas tenham sua *primeira* experiência de excitação sexual (com orgasmo ou sem ele) durante o sono, e a suposição de que isto aconteça com elas comumente é devida à ignorância. O menino desperta sexualmente durante o sono, espontaneamente. A menina tem de ser despertada ativamente, por outros ou por si mesma, embora depois, mesmo que isso não ocorra senão muito depois de ter atingido a idade adulta, ela estará sujeita a ter os mais excitantes sonhos eróticos. Temos aqui provavelmente uma interessante diferença sexual psíquica: a maior atividade sexual do macho, a maior inatividade sexual da fêmea, o que, no entanto, não significa a superioridade sexual do macho, ou inferioridade nas necessidades sexuais da fêmea. Talvez seja, na verdade, o motivo pelo qual a menina está mais sujeita a sintomas histéricos e outros sintomas nervosos, se considerarmos estes como manifestações de atividade sexual latente.

Na América, entre um grande número de pessoas de ambos os sexos, Robie encontrou poucas que não tivessem tido experiências de masturbação ou outra forma de atividade auto erótica em algum período de sua vida e, muitas vezes, antes dos oito anos de idade. Suas observações nem sempre foram muito precisas. A Dra. Katherine Davis, que deu atenção especial a este ponto, verificou entre 1.000 estudantes americanas de colégio, com idade acima de vinte e, dois anos, que 60 por cento referiam histórias precisas de masturbação. Ela investigou o problema de maneira completa, talvez com mais proficiência e com maiores minúcias do que qualquer outro pesquisador. Entre universitárias solteiras ela verificou que 43,6 por cento iniciaram a prática citada, do terceiro ao décimo ano de idade; 20,2 por cento, de 11 a 15, inclusive; 13,9 por cento de 16 a 22, inclusive; 15,5 por cento de 23 a 29, inclusive. Comparando suas conclusões com as de outros pesquisadores e referentes a homens, os resultados são os que se seguem:

	Homens	Mulheres
Até 11 anos, inclusive =	20,9	49,1
De 12 a 14, inclusive =	44,3	14,6
De 15 a 17, inclusive =	30,3	6,2
De 18 para cima =	4,5	30,1

Estes resultados têm importância porque os grupos abrangem cerca de 500 homens para cerca de 900 mulheres. Eles mostram, em uma proporção inesperada, que as meninas se masturbam na infância mais frequentemente do que os meninos, e que durante a adolescência são os meninos que predominam mais intensamente, ao passo que, ao chegarem à idade adulta, como era de prever, as mulheres estão em grande maioria.

O Dr. Hamilton, em seu cuidadoso estudo de 100 homens casados e 100 mulheres casadas, de bom nível social, verificou que 97 por cento dos homens e 74 por cento das mulheres se haviam masturbado em alguma época. Estes resultados estão em perfeita concordância com a conclusão mais geral de Moll, cuja obra sobre *A Vida Sexual da Criança (The Sexual Life of the Child)* (1908) foi o primeiro estudo extenso sobre o assunto e ainda permanece entre os mais judiciosos. Moll observa, contudo, que a masturbação na Alemanha não é tão comum como às vezes se supõe, e eu devo acrescentar que ela não parece tão comum na Inglaterra, ou mesmo na França, como a percentagem americana poderia fazer-nos prever.

Ver-se-á que estas manifestações se estendem muito além da concepção clássica de “masturbação” em seu sentido literal e comumente aceito, a qual não se pode dizer realmente que constitua um grupo separado, porque ela se funde com o grupo maior sem fronteiras precisas.

Quando encaramos, assim, este grupo de manifestações como um todo, vê-se por que não podemos chamá-las propriamente “pervertidas”. Elas são naturais; elas são a consequência inevitável da atuação do impulso sexual, ocorrendo, sob certas circunstâncias, até em alguns animais inferiores. E elas são principalmente naturais quando ocorrem antes da idade adulta. É natural também que elas ocorram antes da idade adulta, quando o estímulo sexual parece irresistível e quando os contatos sexuais normais não são desejados ou são inconvenientes, embora deva acrescentar-se que ela é igualmente natural quando, em tais circunstâncias, eles são coibidos ou reprimidos por outras razões que possam parecer de ordem superior.

É instrutivo examinar o comportamento referente à sexualidade infantil e juvenil nos diferentes estágios de cultura e diferentes períodos da história. Quando tratamos de um assunto tão primário e fundamental como o sexo, não podemos distinguir o que é “natural” e o que é “pervertido”, simplesmente pelos padrões estabelecidos de acordo com maneiras variáveis de pensar, os costumes religiosos ou os hábitos sociais de uma determinada época. Menos ainda pode-se dizer que a época de onde nós mesmos estamos surgindo, com seus pontos de vista peculiares e extremamente variados sobre o sexo, proporcione qualquer padrão universal

Voltemo-nos, por exemplo, para uma raça de cultura estranha às nossas tradições, a qual foi estudada com atenção científica: os habitantes das ilhas Trobriand, na Nova Guiné, segundo descrição na *Vida Sexual dos Selvagens (Sexual Life of Savages)*, de Malinowski. As crianças daquela ilha gozam de completa liberdade e independência que se estende aos assuntos sexuais. Nenhuma precaução especial é tomada, ou seria

possível tomar facilmente, para evitar que as crianças vejam seus pais durante as relações sexuais ou ouçam conversas sobre assuntos sexuais, embora seus parentes mais velhos tenham em alta conta as crianças que não repetem aquilo que acaso ouçam ou vejam. Em pescarias, quando as meninas acompanham seus pais, é comum que os homens tirem a folha de figueira da região pubiana, pelo que a conformação do corpo masculino nunca representa um mistério para as meninas. Tantos os meninos como as meninas recebem orientação em assuntos sexuais, de companheiros um pouco mais velhos, e desde cedo brincam de sexo, o que os capacita a adquirir alguns conhecimentos desses assuntos, satisfazer a natural curiosidade de obter até certa dose de prazer. A mão e a boca são usados comumente para manipulações genitais nessas brincadeiras. As garotinhas começam geralmente a brincar de sexo aos quatro ou cinco anos, e a vida sexual verdadeira pode começar entre os seis e os oito anos, enquanto que para os meninos ela começa entre dez e doze. Os costumeiros brinquedos de roda, praticados por meninos e meninas no centro da aldeia tem às vezes um acentuado cunho sexual. Os adultos consideram todas essas manifestações como naturais, e não encontram motivo para ralhar ou interferir. Nenhum mal daí advém, nem mesmo filhos ilegítimos, embora constitua um mistério a maneira como isso é evitado. Os jovens trobriandianos mascaram a crua sexualidade com o auxílio do instinto poético, e revelam na verdade em seus jogos, como Malinowski observa, “um grande senso do excêntrico e do romântico”.

No entanto, há atitudes extremamente diferentes em relação ao sexo até na mesma região do globo e entre povos não muito afastados em cultura e raça. Margaret Mead em *Crescendo na Nova Guiné (Growing up in New Guinea)*, descreve a população de Manus, ilha Admiralty, ao norte da Nova Guiné, como extremamente puritana. Eles encaram o sexo com aversão e as excreções com repugnância, reprimindo e evitando suas manifestações e procurando o máximo de reserva. As crianças, embora instruídas cuidadosamente nos aspectos físicos, são, por outro lado, tratadas com extrema indulgência e deixadas em liberdade; mas as manifestações sexuais, inclusive a masturbação, são ligeiras e pouco frequentes, porque há poucas oportunidades para o isolamento. Parece haver muita frigidez sexual, e as mulheres casadas não admitem o prazer na vida matrimonial, procurando evitar as relações sexuais, e não há sinais de afeição romântica.

Outra descrição da vida sexual juvenil fora da nossa própria cultura, embora, desta vez, não intocada por nossa civilização, é apresentada por Margaret Mead, em *Atingindo a Maioridade em Samoa (Coming of Age in Samoa)*. Aí nossa civilização tem tido uma considerável influência dissolvente sobre a velha cultura samoana, de maneira que cresceu rapidamente o que poderia parecer uma cultura nova e artificial. Contudo ela cresceu naturalmente sobre aquilo que, evidentemente, é a base da velha cultura samoana, despojada de quase todos os seus menores tabus e restrições, e ela parece atuar de maneira benéfica. Os meninos e meninas quando pequenos procuram evitar-se uns aos outros, não por imposição externa mas pelo hábito e o instinto; contudo, desde a infância, em virtude da ausência generalizada de segredo, eles começam a familiarizar-se com os fatos essenciais da vida e da morte, inclusive as minúcias do sexo e das

relações sexuais. Eles têm também uma vida sexual individual desde a meninice. Quase toda menina se masturba desde a idade de seis ou sete anos, mais ou menos em segredo, os meninos também, porém, com mais frequência, em grupos, e as práticas homossexuais eventuais são comuns. Da parte das meninas crescidas ou das mulheres que trabalham juntas, tais relações eventuais são consideradas como “uma diversão agradável e natural, com um leve toque de lascívia”. Tais “perversões” não são proscritas nem cultivadas como instituições: elas são simplesmente o indício do reconhecimento de uma grande faixa de normalidade, e a opinião pública, embora considerando indecente a atenção às minúcias do sexo, não as considera como erradas. Margaret Mead alega que, por este sistema, os samoanos “proscvem de sua existência todo um campo de possibilidades neuróticas”. Não há neurose, não há frigidez, não há impotência. A facilidade de divórcio torna desnecessário um casamento infeliz (embora o adultério não destrua necessariamente o casamento), e a independência econômica da esposa coloca-a no mesmo nível do marido.

Quando nos voltamos para a tradição europeia e para as fontes de nossa civilização moderna, as primeiras referências a estas manifestações não mostram uma desaprovação claramente subentendida, ou pelo menos um traço eventual de aversão, e há mesmo na literatura grega uma correlação entre masturbação e deuses. Em épocas históricas, verificamos que admirados filósofos da escola Cínica jactavam-se das vantagens de satisfazer as necessidades sexuais de modo solitário. Em Roma parece ter havido uma grande dose de indiferença a esses assuntos, e na Igreja Cristã, durante mais de mil anos, havia tantos excessos sexuais e extravagantes a combater, que as manifestações sexuais solitárias e espontâneas mal atraíam a atenção. Somente após a Reforma e a princípio mais acentuado nos países protestantes, embora o movimento se estendesse rapidamente à França e a outros países católicos, os moralistas e os médicos começaram a preocupar-se muito com a masturbação. Isto acentuou-se no século dezoito. Foi proporcionada simultaneamente aos charlatães a oportunidade para que oferecessem remédios mais ou menos ilusórios para os males que se começava a atribuir à “violação de si mesmo”. Até o final do século passado, médicos corretos admitiam frequentemente como certo que a masturbação poderia conduzir a uma ou outra consequência séria.

Foi durante a segunda metade do século dezenove, quando uma nova concepção biológica sob a inspiração de Darwin estava invadindo lentamente a medicina, que a ideia de “perversão” infantil e juvenil começou a ser abalada. Por outro lado, o novo estudo científico do sexo, iniciado pelo trabalho pioneiro de Krafft-Ebing no final do terceiro quarto do século, mostrou como são comuns na vida infantil as chamadas “perversões”, enquanto, por outro lado, a concepção de evolução começou a tornar claro que não devemos aplicar padrões de adultos evoluídos a criaturas pouco evoluídas, não sendo o que é natural numa fase, necessariamente natural em fase anterior.

Um dos representantes destas influências, no início, foi o psiquiatra italiano Silvio Venturi, que pertencia à escola positivista que procurou na Itália enriquecer a medicina com as novas concepções biológicas e sociais. Ele publicou em 1892 seu complexo

estudo, *Le Degenerazioni Psicosessuali*, como se apresenta na história individual e social, obra na qual várias concepções amplas e fecundas foram expandidas. Venturi considerava o desenvolvimento sexual como um processo lento, que não devia ser chamado propriamente “sexual” antes da puberdade, constituído, no entanto, de fatores isolados, que no início da vida começam seu desenvolvimento em separado (sendo as ereções infantis um desses fatores, e originando-se a sensibilidade erótica posterior dos lábios, identicamente, na vida infantil, pela exercitação não erótica) antes que se combinem, depois da puberdade, para constituir o que poderá ser chamado propriamente sexualidade, ou, como Venturi chamava, *amore*, insistindo no elemento psíquico. A masturbação (onanismo, como Venturi a chamava sempre) é considerada como “o germe daquilo que mais tarde será o amor”. Ela aparece no início da juventude, tendo suas raízes rudimentares na infância, simplesmente como um prazer físico, sem fantasias eróticas, como satisfação de uma necessidade orgânica desconhecida e indeterminada, sem dúvida de natureza sexual, porém apresentando-se à consciência mais como a ação de coçar uma superfície sensitiva atacada de prurido, embora o condimento psíquico do fruto proibido possa ser adicionado a seu prazer. O ato complica-se gradativamente por elementos psíquicos e estímulos genuinamente eróticos, que o aproximam pouco a pouco de um ato de coito com um parceiro imaginário e transforma-se assim, quase insensivelmente, no amor sexual adulto, desaparecendo, ou então persiste sob aspectos que variam com o indivíduo. Seus elementos, contudo, tais como os de natureza fetichista, poderão permanecer, por uma parada de desenvolvimento, como Venturi afirma (seguindo Lombroso e de acordo com o ponto de vista atual), constituindo na vida adulta, quando chega ao ponto de substituir o objetivo normal do sexo, aquilo que é descrito como “perversões”. Como Freud observou posteriormente: “Sexualidade pervertida nada mais é que sexualidade infantil”. Isto é, o que é normal em uma criança, pode tornar-se anormal quando ocorre no adulto. Assim, concluiu Venturi, a masturbação, longe de ser o vício combatido por professores e moralistas, é “a via natural pela qual é alcançado o ardente e generoso amor da juventude e, mais tarde, o calmo e seguro amor conjugal da maturidade.”

BIBLIOGRAFIA

A. MOLL, *The Sexual Life of the Child*.

SANFORD BELL, “*The Emotion of Love between the Sexes*”. *American Journal of Psychology*, Julho, 1902.

OSKAR PFISTER, *Love in Children*.

KATHARINE B. DAVIS, *Factors in the Sex Life of Twenty-two Hundred Women*.

G. V. HAMILTON, *A Research in Marriage*.

MALINOWSKI, *Sexual Life of Savages*.

MARGARET MEAD, *Growing Up in New Guinea; Coming of Age in Samoa*.

FREUD, *Introductory Lectures on Psycho-Analysis*.

Auto-erotismo

Quando examinamos os fenômenos da meninice, mesmo os mais precoces, já chegamos às manifestações abrangidas pelo termo autoerotismo. Concebi este termo em 1898, para aqueles fenômenos sexuais solitários e espontâneos, dos quais pode-se dizer que a excitação sexual durante o sono é o tipo. O termo é usado agora de maneira generalizada, embora nem sempre no sentido pelo qual eu o defini, mas, às vezes, apenas para significar a atividade sexual dirigida para a própria pessoa. Isto restringe indevidamente o termo, e não está de acordo com o sentido usual dos termos em *auto*. Assim, ação *automática* não significa ação *dirigida ao* objeto, mas *pelo* objeto, sem estímulo externo direto. Se restringirmos o termo *auto erótico*, ficamos sem uma expressão que indique globalmente os fenômenos.

Portanto, quando digo “autoerotismo” quero referir-me aos fenômenos gerados pela emoção sexual espontânea, sem interferência de um estímulo externo procedente direta ou indiretamente de outra pessoa. Em um sentido lato, que não pode ser totalmente ignorado aqui, pode dizer-se que a expressão autoerotismo inclui aquelas transformações da atividade sexual reprimida, que constituem fator de alguns estados mórbidos (como a histeria, provavelmente), assim como de manifestações normais de arte e poesia, que dão um certo colorido ao conjunto da vida.

Autoerotismo no sentido mais amplo, diz Dickinson, abrange qualquer amor de si mesmo, sob qualquer auto expressão, não somente as vítimas de desvios sexuais, mas o cientista, o pioneiro, o desportista, o alpinista.

Tal definição exclui a excitação sexual normal, despertada pela presença de uma pessoa querida do sexo oposto. Ela exclui também o desvio da sexualidade que se refere à atração por uma pessoa do mesmo sexo. Exclui ainda as múltiplas formas de fetichismo erótico, nas quais o centro normal de atração sexual é deslocado e as sensações voluptuosas são despertadas por algum objeto que, para o amante comum, tem importância secundária. O campo auto erótico é extenso: ele abrange de modo especial (1) fantasias eróticas; (2) sonhos eróticos; (3) narcisismo², no qual a emoção erótica é gerada pela contemplação do próprio Eu; e (4) masturbação, inclusive não apenas a auto excitação com a mão, mas por intermédio de uma grande variedade de meios que exercem uma influência direta sobre os órgãos sexuais e outros centros erógenos e até mesmo se iniciam de maneira central.

² Alguns dos seguidores de Freud (embora não o próprio Freud) restringem o uso do termo “auto-erotismo” a esta forma particular. Considero isto ilegítimo. Em todas as formas do auto-erotismo o indivíduo encontra satisfação em sua auto-excitação, sem ser necessária a presença de outra pessoa, mas seu impulso sexual não é dirigido necessariamente *para si mesmo*.

BIBLIOGRAFIA

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex, Vol. I, "Auto-erotism"*.

Fantasia eróticas

Esta forma de autoerotismo (que também pode ser chamada devaneio erótico) é muito comum e importante, além de ser, às vezes, o estágio inicial da masturbação. A fantasia erótica foi estudada há muito tempo sob sua forma principal, a "história continuada", por Mabel Learoyd, do Colégio de Wellesley. A história continuada é uma narrativa imaginada, mais ou menos peculiar ao indivíduo que a cultiva com apego, e considerada como uma propriedade mental particularmente preservada, a ser compartilhada apenas, se o for, com amigos muito chegados. É mais comum em meninas e mulheres jovens do que em meninos e homens jovens: entre 352 pessoas de ambos os sexos, 47 por cento das mulheres e apenas 14 por cento dos homens, tinham uma história continuada. O ponto de partida é um incidente extraído de um livro, ou mais comumente, alguma experiência real, que o indivíduo desenvolve. O indivíduo quase sempre é o herói ou a heroína da história. O desenvolvimento da história é propiciado pela solidão, e os momentos na cama antes de dormir são os dedicados particularmente a seu cultivo. G. E. Partridge descreveu muito bem as manifestações físicas da fantasia erótica, principalmente em moças da Escola

Normal entre dezesseis e vinte e dois anos. Pick registrou casos mais ou menos mórbidos de fantasias, geralmente com base erótica, em homens aparentemente histéricos. Em cerca de 1.500 jovens (mais de dois terços meninas e mulheres jovens) estudados por Theodate Smith, verificou-se que as histórias continuadas eram raras, — apenas 1 por cento. Meninos saudáveis, com menos de quinze anos, concebiam fantasias em que esportes, atletismo e aventuras representavam uma grande percentagem. As meninas imaginavam-se no lugar de suas heroínas favoritas de romances. Após os dezessete anos, e mais cedo no caso das meninas, fantasias de amor e casamento foram consideradas frequentes. Embora de maneira nenhuma sejam fáceis de surpreender, estas fantasias complexas e mais ou menos neuróticas não são incomuns em toda parte, em homens jovens e, principalmente, em mulheres jovens. Cada indivíduo tem sua própria fantasia particular, que está sempre variando e evoluindo, mas, a não ser em pessoas muito imaginativas, em proporção não muito grande. Tal fantasia se estabelece muitas vezes com base em uma experiência pessoal agradável, e desenvolve-se nessa base. Ela pode implicar um elemento de perversão, embora esse elemento não encontre expressão na vida real. Ela é, evidentemente, estimulada pela abstinência sexual. De um modo geral, não há grande esforço para concebê-la. Ela não leva necessariamente à masturbação, embora cause às vezes certa congestão sexual ou mesmo o orgasmo espontâneo.

A fantasia é uma experiência estritamente particular e íntima, não somente por

causa de sua própria natureza, como também porque ela ocorre em imagens que o indivíduo acha muito difíceis de traduzir em palavras, mesmo quando deseja fazer isso. Em outros casos ela possui um caráter de grande complexidade dramática ou romântica, e o herói ou heroína passa por muitas peripécias antes de atingir o clímax erótico da história. Este clímax tende a desenvolver-se de acordo com o crescente conhecimento ou experiência do indivíduo. A princípio simplesmente um beijo, pode evoluir para qualquer forma requintada de satisfação voluptuosa. A fantasia pode ocorrer tanto em pessoas normais, como em pessoas anormais. Rousseau, em suas *Confessions*, descreve tais fantasias, no seu caso combinadas com masoquismo e masturbação. Raffalovitch refere-se ao processo pelo qual, nos invertidos sexuais, a visão de uma pessoa do mesmo sexo, vista talvez na rua ou no teatro, é evocada em devaneios solitários, produzindo uma espécie de “onanismo psíquico”, conduza ou não a manifestações físicas.

Embora a fantasia dessa espécie tenha sido, até recentemente, pouco estudada, visto que ela ama a discrição e o isolamento, e raras vezes tem sido considerada de suficiente interesse para a pesquisa científica, é realmente um processo de considerável importância e ocupa grande parte do campo auto erótico. Ela é cultivada frequentemente por homens e mulheres jovens, requintados e imaginativos, que levam vida casta e aos quais muitas vezes a masturbação repugna. Em tais pessoas, e nessas circunstâncias, ela pode ser considerada como estritamente normal, resultado inevitável do mecanismo do impulso sexual. Não há dúvida de que ela pode, muitas vezes, tornar-se mórbida, e nunca é um processo saudável quando levada ao excesso, como é provável acontecer a jovens requintados, de tendências artísticas, para os quais ela é sedutora e insidiosa no mais alto grau. Embora o devaneio esteja longe de ser sempre influenciado pela emoção sexual, o fato de que ele cessa, muitas vezes, com o casamento, mesmo nesses casos aparentemente não sexuais, como me informaram pessoas de ambos os sexos, é um indício significativo de sua origem realmente sexual.

A importância das fantasias sexuais foi bem salientada pelas cuidadosas pesquisas de Hamilton. Ele verificou que 27 por cento dos homens e 25 por cento das mulheres podiam dizer com segurança que haviam tido fantasias sexuais antes de saber qualquer coisa sobre assuntos sexuais. Muitos outros mostraram-se em dúvida, enquanto 28 por cento dos homens e 25 por cento das mulheres disseram ter tido fantasias sexuais antes da puberdade. Somente 1 por cento dos homens e 2 por cento das mulheres não tiveram fantasias sexuais após a puberdade, e 57 por cento dos homens e 51 por cento das mulheres disseram que, depois dos dezoito anos e antes do casamento, as fantasias sexuais ocupavam uma boa parte de suas mentes; 26 por cento de homens e 19 por cento de mulheres (todos casados) ainda consideram as fantasias sexuais suficientemente absorventes para perturbar o trabalho.

A fantasia desempenha muitas vezes uma parte importante na vida e nas atividades de muitas pessoas predispostas, constitucionalmente, a se tornarem artistas e, principalmente, como é fácil de compreender, romancistas, de maneira que, enquanto nas pessoas comuns, uma concentração muito intensa em devaneios, e levada a efeito na vida adulta, é indubitavelmente nociva, porque leva ao afastamento da vida real,

nessas pessoas ela encontra, por assim dizer, um meio de voltar à realidade, na criação de formas artísticas. Freud sugeriu que o artista pode ser dotado constitucionalmente de uma capacidade particularmente forte de sublimação e uma possibilidade de repressão, de maneira que ele pode levar sua fantasia a um fluxo tão intenso de prazer que, pelo menos durante certo tempo, as repressões são sobrepujadas e dissipadas.

BIBLIOGRAFIA

G. E. PARTRIDGE, *“Reverie”, Pedagogical Seminary*, Abril, 1898.

THEODATE SMITH, *“The Psychology of Day Dreams”, American Journal of Psychology*, Outubro, 1904.

HAVELOCK ELLIS, *“The World of Dream”; Studies in the Psychology of Sex, Vol. VII, “The History of Florrie”*.

S. FREUD, *Introductory Lectures on Psycho-Analysis*.

W. McDOUGALL, *Outline of Abnormal Psychology*.

J. VARENDONCK, *The Psychology of Day Dreams*.

Sonhos eróticos

A significação psicológica dos sonhos sempre foi reconhecida, embora tenha sido compreendida e interpretada de maneira variável. Nas primeiras tradições da humanidade verificamos que os sonhos eram considerados, com seriedade, como de fundo sobrenatural, religioso ou profético. Isto permanece no folclore civilizado, enquanto em muitas raças selvagens de hoje os sonhos são considerados extremamente importantes. Com a ascensão da moderna psicologia científica, os sonhos tornaram-se, rapidamente, objeto de apreciação em estudos mais ou menos sérios e sob vários pontos de vista³. Em épocas recentes, este estudo tornou-se mais complexo, e na psicanálise, conforme sabemos, os fenômenos do sonho são considerados como de grande influência.

Embora seja aceita a influência geral do sonho, nem sempre tem havido, no entanto, o consenso unânime de que ele é um fenômeno normal e constante, e, portanto, perfeitamente saudável e natural, considerando-o o próprio Freud, ao mesmo tempo neurótico e saudável. Parece bastante razoável considerá-lo como inteiramente natural. Os animais sonham, e podemos observar, às vezes, que o cão quando dorme imita os movimentos da corrida. As raças selvagens sonham e embora haja um grande

³ Freud, embora não alegue um conhecimento metódico da literatura, menosprezou a massa de atenção psicológica dada ao sonho, o diz mesmo, como se fosse um conceito corrente, que “o sonho não é um fenômeno mental, mas um fenômeno somático”, afirmação que não tem sentido.

número de pessoas que não têm consciência do sonho, muitas vezes elas descobrem vestígios dele quando começam a dar atenção ao assunto. Podemos muito bem acreditar que sua atividade mental durante o sono é geralmente de nível tão baixo, que não deixa lembranças ao acordar.

A mesma diferença de opinião que tem havido em relação aos sonhos de um modo geral, ocorre em relação aos sonhos eróticos, acompanhados ou não do orgasmo. Tanto a teoria, como o exame cuidadoso dos fatos, nos levam a acreditar que, sob condições de abstinência sexual e em indivíduos sadios, há uma tendência a certas manifestações autocráticas durante a vigília. Contudo, não pode haver dúvida de que, nas mesmas condições, a ocorrência do orgasmo completo durante o sono, com emissões seminais no caso do homem, é perfeitamente normal. Na verdade, estas manifestações, em muitas regiões do globo, são atribuídas à incitação demoníaca. A Igreja Católica atribuiu grave importância à imoralidade do que ela chamava *pollutio* (poluição), enquanto Lutero também parece ter considerado os sonhos eróticos como uma doença que exigia a cura imediata pelo casamento. Mesmo algumas autoridades médicas eminentes (principalmente Moll e Eulenburg) situaram as emissões seminais noturnas no mesmo nível da emissão noturna de urina e do vômito, e não se pode negar que, em condições primitivamente naturais, este ponto de vista é defensável.

Considerando, porém, que em nossas condições sociais, é mais ou menos inevitável um certo grau de abstinência sexual, a maioria das autoridades tendem a considerar perfeitamente normais os fenômenos noturnos que resultam dessa abstinência. Elas se preocupam apenas com sua frequência.

Paget declarava que nunca conhecera celibatários que não tivessem essas emissões desde uma a duas vezes por semana, até uma vez de três em três meses, estando ambos os extremos nos limites de uma saúde perfeita, enquanto Brunton considerava uma vez por quinzena ou uma vez por mês, como a incidência mais ou menos usual, sendo as emissões nesses períodos quase sempre em duas noites sucessivas, e Rohleder afirmava que elas podem ocorrer normalmente durante várias noites consecutivas. Hammond julgava também que elas ocorriam aproximadamente uma vez por quinzena. Este foi o ritmo considerado mais frequente em mais de 2.000 estudantes de Moscou, inquiridos por Tchlenoff. Ribbing considerava dez a quatorze dias como o intervalo normal, e Hamilton apurou como o mais frequente, o intervalo de uma semana a uma quinzena (19 por cento dos casos). Löwenfeld situava a frequência normal em cerca de uma semana. Isto parece aproximar-se da verdade com relação a muitos homens jovens mais ou menos saudáveis, e corresponde às anotações exatas que obtive de vários adultos jovens. Contudo, acontece eventualmente que as emissões noturnas sejam totalmente ausentes (as pesquisas de Tchlenoff parecem mostrar essa ausência em cerca de 10 por cento, mas Hamilton em apenas 2 por cento). Em outros homens jovens, razoavelmente saudáveis, elas raramente ocorrem, exceto em épocas de atividade intelectual, de angústia ou de preocupação.

As emissões noturnas são acompanhadas geralmente, embora não invariavelmente, de sonhos de caráter voluptuoso, nos quais o indivíduo tem consciência

de uma maneira mais ou menos esquisita, da presença mais ou menos íntima ou do contato de uma pessoa, geralmente do sexo oposto. Parece, como regra geral, que, quanto mais sugestivo e voluptuoso é o sonho, maior é a excitação física e maior também o alívio ao acordar. Às vezes o sonho erótico ocorre sem nenhuma emissão, e não é raro que a emissão se processe depois que o indivíduo acordou. Eventualmente o orgasmo iminente é reprimido no estado de semi-vigília. Isto foi chamado por Näcké de *pollutio interrupta*.

Uma investigação ampla e extensa dos sonhos eróticos foi levada a efeito por Gualino, no norte da Itália, baseada em pesquisas entre 100 homens normais, — médicos, professores, advogados etc. — todos com experiência dos fenômenos. Gualino mostra que os sonhos eróticos, com emissões (seminais ou não), começam um pouco mais cedo do que o período de desenvolvimento físico, conforme foi verificado por Marro em jovens da mesma região do norte da Itália. Gualino verificou que todos os seus investigados haviam tido sonhos eróticos na idade de dezessete anos. Marro encontrou 8 por cento dos jovens ainda não desenvolvidos sexualmente naquela idade e, quando o desenvolvimento sexual se iniciava aos treze anos, os sonhos eróticos começavam aos doze. Seu aparecimento era precedido pelas ereções, na maioria dos casos durante alguns meses. Em 37 por cento dos casos não tinha havido nenhuma experiência sexual completa (fosse masturbação, fossem relações sexuais); em 23 por cento tinha havido masturbação; nos restantes, alguma forma de contato sexual. Os sonhos são principalmente visuais, vindo em segundo lugar os elementos táteis e a *dramatis persona* é, geralmente, ou uma mulher desconhecida (27 por cento dos casos) ou apenas conhecida de vista (56 por cento) e, na maioria dos casos, pelo menos no início, uma figura feia ou grotesca, tornando-se mais atraente numa idade mais avançada, porém nunca idêntica à mulher amada na vigília. Isto, como Gualino, Löwenfeld e outros assinalaram, está de acordo com a tendência geral de que as emoções diurnas se apresentem latentes no sono. Os estados emocionais na fase da puberdade, independente do prazer, eram ansiedade (37 por cento), desejo (17 por cento), medo (14 por cento). Na idade adulta, a ansiedade e o medo retrocediam para 7 e 6 por cento, respectivamente. Em trinta e três casos tinha havido emissões noturnas sem sonhos, como consequência de distúrbios gerais ou sexuais. Estas emissões eram sempre consideradas extenuantes. Em mais de 90 por cento, os sonhos eróticos eram os mais expressivos de todos os sonhos. Em 34 por cento dos casos, havia uma tendência para que ocorressem muito pouco tempo depois das relações sexuais. Em numerosos casos eles eram particularmente frequentes (até três em uma noite) durante o namoro, quando o jovem costumava beijar e acariciar sua prometida, mas cessavam após o casamento. Não foi observado que a posição na cama ou a bexiga cheia exercessem qualquer influência acentuada na ocorrência de sonhos eróticos. A repleção das vesículas seminais é considerada como o principal fator.

Tem sido notado por muitos (Löwenfeld etc.) que as pessoas raramente sonham de maneira erótica com outras pelas quais elas estão apaixonadas, mesmo após adormecer pensando nessa mesma pessoa amada. Isto tem sido atribuído, sem dúvida corretamente, à absorção e ao repouso da intensidade emotiva durante o sono. É bem

sabido também, que raramente sonhamos com as contrariedades do dia, embora o façamos muitas vezes em relação a suas minúcias secundárias. Também foi notado por muitos (Stanley Hall, etc.) que nos sonhos eróticos, não somente pessoas que são completamente indiferentes ao sonhador quando acordado, mas também minúcias pessoais insignificantes, ou supostos contatos, são suficientes para provocar o orgasmo.

O valor diagnóstico dos sonhos sexuais, como indicação da natureza sexual do indivíduo quando acordado, tem sido destacado por muitos autores (Moll, Näcke etc.). Os sonhos sexuais tendem a reproduzir, e mesmo a acentuar, as características que constituem o estímulo sexual mais forte para o indivíduo, quando acordado. Ao mesmo tempo esta afirmação geral deve ser ressalvada em relação a sonhos invertidos. Em primeiro lugar, um jovem, por mais normal que seja, que não esteja familiarizado com o corpo feminino quando acordado, provavelmente não o verá quando dormindo, mesmo em sonhos referentes a mulheres; em segundo lugar, as confusões e combinações das imagens oníricas tendem muitas vezes a suprimir as diferenças sexuais características, por mais isento que esteja o indivíduo, de perversões sexuais. Assim, acontece às vezes que pessoas perfeitamente normais podem ter sonhos anormais, e em alguns casos os sonhos eróticos de pessoas normais são habitualmente anormais, sem que exista nenhum motivo para acreditar que isto seja devido a um desvio real ou mesmo latente. Às vezes é importante ter isso em mente.

De um modo geral, parece haver certas diferenças nas manifestações de autoerotismo durante o sono, em homens e mulheres, as quais não deixam, provavelmente, de ter significação psicológica. Nos homens o fenômeno é bastante simples. Geralmente aparece na puberdade, continua a intervalos de duração variável durante a vida sexual, desde que o indivíduo esteja vivendo de maneira casta e muitas vezes é acompanhado, embora nem sempre, de sonhos eróticos que levam ao clímax, sendo sua ocorrência influenciada, até certo ponto, por uma série de circunstâncias: excitação física, mental ou emocional, a ingestão de álcool antes de deitar-se, a posição na cama (como o deitar de costas), o estado da bexiga, às vezes o simples fato de estar em um leito estranho e, até certo ponto, aparentemente pela existência de ritmos mensais e anuais. Em resumo, é um fenômeno perfeitamente definido e regular, que geralmente deixa pouco vestígio consciente ao acordar, além de uma sensação de fadiga em alguns casos e, eventualmente, dor de cabeça. Na mulher, no entanto, os fenômenos de autoerotismo durante o sono parecem muito mais irregulares, variados e difusos. Parece que nas meninas constitui uma exceção a ocorrência de sonhos nitidamente eróticos na fase da puberdade ou da adolescência. Enquanto constitui a norma, em um jovem casto, a manifestação do orgasmo dessa maneira (Hamilton verificou que ele começa, em 51 por cento dos casos, entre doze e quinze anos), em uma menina casta é uma exceção. Conforme foi assinalado ao tratar das primeiras manifestações do sexo, somente quando o orgasmo se processou de maneira precisa no estado de vigília, — quaisquer que sejam as condições nas quais ele se tenha processado —, é que ele começa a ocorrer nas mulheres durante o sono, e mesmo em uma mulher intensamente sexual que tenha uma vida reprimida, ele é muitas vezes raro ou inexistente (em 60 por cento dos casos, segundo Hamilton). Nas mulheres habituadas às relações sexuais,

ocorrem sonhos eróticos de caráter perfeitamente definido, com um orgasmo completo e o conseqüente alívio, como também poderá acontecer eventualmente em mulheres não familiarizadas com as relações verdadeiras. Algumas mulheres, no entanto, mesmo quando habituadas ao coito normal, acham que os sonhos sexuais, embora acompanhados de emissões, são apenas sintoma do desejo e não proporcionam alívio.

Uma das características mais interessantes e importantes pelas quais os sonhos eróticos das mulheres, — e, na realidade, seus sonhos de um modo geral —, diferem dos sonhos dos homens, é a tendência a provocar uma repercussão na vigília, tendência notada mais raramente nos sonhos eróticos dos homens, e neste caso apenas em pequenas escala. Isto é comum, mesmo em mulheres saudáveis e normais, e exagerado nas personalidades neuróticas, que poderão mesmo interpretar o sonho como realidade, e declará-lo sob juramento, fato de importância real, visto que poderá levar a acusações infundadas de agressão durante a insensibilidade.

A tendência dos fenômenos auto eróticos do sono a se manifestarem com tal energia, a ponto de se estenderem ao estado de vigília e influir nas ações e emoções conscientes, é observada principalmente nas mulheres histéricas, nas quais, por isso, ela foi estudada de maneira especial. Sante de Sanctis, Gilles de la Tourette, etc., salientaram a influência dos sonhos na vida normal das histéricas, e a influência especial dos sonhos eróticos, com os quais devemos sem dúvida relacionar as concepções de *incubi* e *succubi* (demônios masculinos e demônios femininos) que desempenharam papel tão importante na demonologia da Idade Média. Tais sonhos eróticos das histéricas não são, de modo algum, de natureza agradável, nem têm mesmo, geralmente, essa natureza. Em alguns casos a ilusão das relações sexuais provoca mesmo um sofrimento intenso. Isto foi afirmado pelas feiticeiras de outrora e também se verifica hoje. Às vezes é, em grande parte, o resultado de um conflito de consciência com um impulso meramente físico que é suficientemente forte para se afirmar, a despeito da repugnância emocional e mental do indivíduo. Esta é, assim, apenas uma forma extrema da aversão que todas as manifestações sexuais de natureza física tendem a inspirar a uma pessoa que não está predisposta a corresponder a elas. Aversão psíquica e dor física algo semelhantes verificam-se nas tentativas de estimular as emoções e os órgãos sexuais, quando estes estão esgotados pela atividade. É muito provável, contudo, que haja um fator fisiológico, assim como um fator psíquico nesse fenômeno, e Sollier, em seu complexo estudo sobre a natureza e a gênese da histeria, insistindo na importância capital dos distúrbios da sensibilidade na histeria, e no caráter preciso dos fenômenos que se produzem na transição entre a insensibilidade e a sensibilidade normal procurou desvendar o mecanismo deste aspecto da excitação auto erótica nas histéricas.

Não há dúvida de que tem havido uma tendência a exagerar o caráter desagradável dos fenômenos auto eróticos da histeria. Essa tendência constituiu uma reação inevitável contra o ponto de vista anterior, segundo o qual a histeria era pouco mais do que a expressão inconsciente das emoções sexuais, e como tal foi empiricamente abandonada sem nenhuma pesquisa cuidadosa. Podemos dizer como Freud, que as necessidades sexuais das histéricas são tão individuais e variadas como as

das mulheres normais, mas que elas sofrem mais por causa dessas necessidades, em grande parte por uma luta moral contra seus próprios instintos e a tentativa de recalá-los para o segundo plano da consciência. Em muitas mulheres históricas e psiquicamente anormais, os fenômenos auto eróticos e os fenômenos sexuais de um modo geral podem ser extremamente agradáveis, embora tais pessoas desconheçam muitas vezes, completamente, o caráter erótico dos fatos.

BIBLIOGRAFIA

HAVELOCK ELLIS, “Auto-erotism” e “The Phenomena of Sexual Periodicity” in *Studies in the Psychology of Sex, Vol. I* e “The Synthesis of Dreams” no *Vol. VII*; também *The World of Dreams*.

STANLEY HALL, *Adolescence*.

S. FREUD, *The Interpretation of Dreams*.

Masturbação

A masturbação, que já foi examinada ao tratarmos dos fenômenos sexuais da infância, significa, no sentido estrito, a utilização da mão para obter excitação sexual no próprio indivíduo. Em um sentido amplo aplica-se a todas as formas de auto excitação adotadas com este fim, e é mesmo possível falar illogicamente de “masturbação psíquica” na qual a excitação se produz pelo pensamento, sem auxílio de qualquer ato físico. O termo “onanismo” aplica-se às vezes com o mesmo sentido; mas sem fundamento, já que o artifício de Onan não era, em qualquer sentido, um ato de masturbação, mas simplesmente o *coitus interruptus*. Hirschfeld concebeu o termo *ipsação*, distinguindo-o de “autoerotismo”, como sendo a satisfação através do próprio corpo do indivíduo considerado como um objeto físico, e não um objeto psíquico.

No sentido mais amplo, a masturbação é um fenômeno difundido entre os animais e no homem, em todas as partes do mundo. É tão difundida que não podemos, rigorosamente, falar dela como “anormal”. É um fenômeno que se situa na fronteira entre o normal e o anormal, e sujeito a ocorrer sempre que é oposto um obstáculo ao exercício natural da função sexual.

Em animais domésticos e isolados, — e às vezes também no estado selvagem, embora isto seja menos fácil de observar —, ocorrera várias formas de excitação solitária espontânea, tanto em machos, como em fêmeas, às vezes batendo o pênis de encontro à parede abdominal, e com frequência (principalmente em fêmeas) esfregando as partes sexuais contra objetos externos.

Os fenômenos semelhantes encontrados na espécie humana não se restringem, absolutamente, apenas à civilização. Não há dúvida de que eles se desenvolveram

extraordinária mente sob as condições da civilização, mas não é absolutamente verdadeiro (como Mantegazza pensava) que a masturbação seja uma das características morais dos europeus. Ela é encontrada entre povos de todas as raças das quais temos íntimo conhecimento, por mais naturais que sejam as condições em que vivem, e entre alguns é praticada com frequência e admitida de um modo geral, como um hábito da vida infantil. Podemos mesmo encontrar entre povos com um estado de cultura um tanto inferior, por parte das mulheres, o uso de práticas requintadas de masturbação, particularmente o falo artificial, que também é usado hoje na Europa, embora não na população em geral.

Por outro lado, o uso, ou melhor, o abuso dos objetos comuns e dos acessórios da vida diária para obter satisfação auto erótica, por parte da população comum nos países modernos e civilizados alcançou uma extensão e variedade que pode ser avaliada apenas ligeiramente pelos acidentes eventuais resultantes, que chegam às mãos do cirurgião. Assim, legumes e frutas (principalmente a banana) são usados frequentemente pelas mulheres, mas não é provável que conduzam a nenhuma consequência perigosa, e assim seu uso permanece ignorado. Contudo, um grande número de objetos têm sido extraídos da vagina e da uretra, pela intervenção da cirurgia. Entre os mais comuns podem citar-se principalmente lápis, bastões de lacre, tubos de linha, grampos de cabelo, tampos de vidro, velas, rolinhos de cortiça e outros. Nove décimos dos corpos estranhos encontrados na vagina e na uretra feminina são devidos à masturbação. A idade na qual eles são encontrados é principalmente entre dezessete e trinta anos. Na bexiga feminina têm sido encontrados com especial frequência grampos de cabelo, porque a uretra é normalmente um centro sexual extremamente erótico e tende a “engolir” o que é introduzido nela, enquanto a forma do grampo (que é geralmente o instrumento mais à mão em um leito de mulher) presta-se particularmente para desaparecer dessa maneira.

Outro tipo de objetos usados para a masturbação não chega ao conhecimento do cirurgião: os objetos externos com os quais a região sexual pode entrar em contato. Cabides, cadeiras, mesas e outras peças do mobiliário se alinham sob essa rubrica. Pode-se fazer referência também à excitação sexual que pode ocorrer, acidental ou intencionalmente, na ginástica (como na subida de mastros), ou montando a cavalo, andando de bicicleta, ou usando a máquina de costura de pedal, ou ainda a influência de cinta apertada. Deve-se acrescentar que nenhuma dessas formas de exercício ou de compressão, é necessariamente, causa de excitação sexual.

Este conjunto de formas de excitação auto erótica confunde-se com a forma de fricção da coxa, pela qual a pressão mais ou menos voluntária das coxas exerce influência na região sexual. Isto é às vezes praticado por homens e é bastante comum entre as mulheres. Verifica-se até em crianças do sexo feminino. É uma prática difundida, e em alguns países (como a Suécia) afirma-se ser a forma mais comum de masturbação entre as mulheres.

A masturbação pode ser praticada também por meio da fricção ou outro estímulo das zonas erógenas externas, como a flagelação ou a urticção das nádegas, ou

esfregando os seios e os mamilos. Na realidade, quase todas as partes do corpo podem, em casos excepcionais, tornar-se erógenas e serem manipuladas com o objetivo de despertar sensações voluptuosas.

Há ainda outro tipo de autoerotismo no qual a excitação sexual ocorre espontaneamente quando os pensamentos se voltam para assuntos voluptuosos, ou mesmo assuntos não voluptuosos de natureza emocional, ou quando a excitação sexual é despertada propositalmente (“coito psíquico” de Hammond) concentrando o pensamento no ato das relações sexuais com uma pessoa atraente do sexo oposto. Estas manifestações auto eróticas confundem-se com as fantasias eróticas que já foram examinadas. A Dra. Davis verificou que a leitura de livros que sugerem pensamentos sexuais é a causa mais frequente de masturbação, o namoro em muito menor proporção, e a dança ainda menos.

Se nos dispusermos a investigar precisamente a extensão, grau e significação dos fenômenos auto eróticos dos quais a masturbação é o tipo, defrontamo-nos com muitas dificuldades e numerosas diferenças de opinião.

Com relação a sua ocorrência no sexo masculino, a maioria de opiniões abalizadas é de que a masturbação tenha sido praticada em alguma fase da vida, — embora em muitos casos, muito raramente ou durante um período muito curto —, por mais de 90 por cento de indivíduos. Assim, na Inglaterra, Dukes, médico da Escola de Rugby, afirmou que 90 a 95 por cento de todos os meninos do internato masturbavam-se. Na Alemanha, Julian Marcuse, com base em sua experiência, concluiu que 95 por cento dos indivíduos do sexo masculino se haviam masturbado na juventude e Rohleder considera a proporção um pouco mais elevada. Na América, Seerly verificou que entre 125 acadêmicos somente cerca de 6 por cento lhe garantiram que nunca se haviam masturbado, e Brockman, até entre estudantes de teologia verificou que 56 por cento declaravam, sem serem perguntados, que praticavam a masturbação. Tchlenoff, entre estudantes de Moscou, verificou que 60 por cento reconheciam espontaneamente que se tinham masturbado. Estas informações oferecidas espontaneamente indicam necessariamente uma frequência realmente muito grande, visto que muitos indivíduos se envergonham excessivamente dessa prática para reconhecê-lo.

Quanto a saber se a masturbação é mais comum em um dos sexos do que no outro, as opiniões variavam outrora, e as principais autoridades estavam mais ou menos divididas igualmente, embora no público em geral, ela fosse considerada mais comum nos meninos, do que nas meninas. Contudo, a questão pode ser considerada agora à luz de dados precisos, aos quais já se fez referência ao examinar a primeira manifestação do impulso sexual. A distribuição sexual da masturbação tem sido um tanto obscurecida pela tendência a concentrar a atenção em um determinado conjunto de fenômenos auto eróticos. Temos de agrupar e dividir os fatos de maneira racional se quisermos controlá-los. Se limitarmos nossa atenção a crianças muito jovens, os fatos mostram que a prática é mais comum no sexo feminino, e tal resultado está de acordo com o fato de que a puberdade precoce é encontrada na maioria das vezes em crianças do sexo feminino, o que, em muitos casos, coincide com a precocidade dos hábitos sexuais. Na puberdade e

na adolescência, a masturbação eventual ou frequente é comum tanto em rapazes, como em moças, embora eu acredite que seja menos comum do que se supõe às vezes. É difícil dizer se ela prevalece mais em rapazes ou em moças. Somos levados a concluir que ela predomina mais extensamente em rapazes. É verdade que os hábitos e valores dos rapazes e sua vida mais ativa mantêm a tendência à masturbação em suspenso, enquanto nas moças há muito menos frequência de qualquer influência restritiva de caráter correspondente. Mas em compensação, o impulso sexual e, conseqüentemente, a tendência à masturbação, tendem a ser despertados mais tarde, e menos espontaneamente, nas moças do que em rapazes. Depois da adolescência pouca dúvida pode haver de que a masturbação é mais comum em mulheres do que em homens. Os homens nessa época, em sua maior parte, adotaram algum meio de satisfação sexual com o sexo oposto. As mulheres são privadas dessa satisfação em proporção maior. Ademais, enquanto são raros os casos em que as mulheres são sexualmente precoces, acontece mais frequentemente que seus impulsos sexuais somente adquirem força e consciência depois que passou a adolescência. Em muitos casos a masturbação é eventualmente (principalmente no período da menstruação) praticada por mulheres ativas, inteligentes e saudáveis que, do contrário, levariam uma vida casta. Este é o caso especial de mulheres jovens e saudáveis, que, após terem uma fase de relações sexuais normais, foram compelidas, por algum motivo ou outro, a interrompê-la e levar uma vida solitária. Mas temos de nos lembrar de que há algumas mulheres, evidentemente com um acentuado grau de hipoestesia sexual congênita (sem dúvida, sob um ou outro aspecto, abaixo do padrão normal de saúde), nas quais o instinto sexual nunca foi despertado, e que, não somente não se masturbam, mas não mostram qualquer desejo de uma satisfação normal; enquanto em grande proporção de outros casos o impulso é satisfeito de maneira passiva, por outros meios. Os fenômenos auto eróticos que se processam espontaneamente, pela concessão à fantasia, com pequena ou nenhuma interferência, ocorrem certamente com muito mais frequência nas mulheres do que nos homens.

Até poucos anos atrás havia uma grande diferença de opinião quanto às conseqüências da masturbação. Enquanto algumas autoridades achavam que não havia conseqüências especialmente maléficas além das que podiam seguir-se, da mesma maneira, ao coito excessivo, a grande maioria atribuía à masturbação, mesmo quando não excessiva, uma extensa variedade de estados mórbidos graves, culminando com a demência. Atualmente prevalece um ponto de vista mais moderado. Acredita-se geralmente que a masturbação, em pisos especiais, possa conduzir a várias conseqüências inconvenientes, mas não se considera mais que, mesmo praticada em excesso, ela possa, em indivíduos sadios e fortes (supondo que estes provavelmente a pratiquem em excesso), gerar as condições extremamente mórbidas que se supunha serem uma conseqüência comum.

Parece que se deve em grande parte a Griesinger, na metade do século passado, o aparecimento do primeiro ponto de vista mais sensato e mais preciso em relação às conseqüências da masturbação. Embora de certo modo ainda manietado pelas tradições predominantes em sua época, Griesinger viu que não era tanto a masturbação, em si

mesma, como os sentimentos despertados em espíritos sensíveis pela atitude social em relação à masturbação, que produziam eleitos maléficis, e uma luta silenciosa entre vergonha, arrependimento, boas intenções e a irritação que compele ao ato. file acrescentava que não há indícios específicos de masturbação, e concluía que ela é, muitas vezes, mais um sintoma do que uma causa. A evolução geral das opiniões abalizadas desde aquela época confirmou e aperfeiçoou as conclusões estabelecidas cautelosamente por Griesinger. Este eminente alienista julgava que, sendo praticada na infância, a masturbação podia levar à demência. Berkhan, em suas pesquisas sobre as psicoses da infância, não verificou um só caso em que a masturbação fosse a causa. Vogel, Uffelmann, Enimingham e Moll, procedendo a estudos semelhantes, chegaram todos a conclusões quase semelhantes à última. Somente em uma estrutura congenitamente mórbida, insistia Emminghaus, é que a masturbação pode produzir alguma consequência grave. Kiernan afirmava que as supostas consequências da masturbação são devidas, seja à hebefrenia (demência precoce), seja à histeria, em que um efeito é tomado como causa. Christian durante vinte anos de experiência em hospitais, asilos e clínica particular, na cidade e no campo, não encontrou consequências maléficis sérias na masturbação. Ele julgava, na verdade, que ela seria um mal um pouco mais grave nas mulheres do que nos homens. Mas Yellowlees acha que nas mulheres “ela é possivelmente menos maléfica e extenuante do que no outro sexo”, opinião que também era a de Hammond, bem como a de Gutceitt, embora ele achasse que as mulheres se entregam à prática muito mais intensamente do que os homens. E ainda Näcke, que deu especial atenção a este ponto, não encontrou um único caso em que a masturbação fosse causa inequívoca de demência. Koch também chegou a conclusão semelhante com relação a ambos os sexos, embora admitisse que a masturbação causasse certo grau de degradação psicopática. Contudo, mesmo em relação a isto, ele assinalou que, sendo praticada com moderação, ela não tem a nocividade certa e infalível que em muitos círculos se acreditava ela tivesse, enquanto as pessoas cujo sistema nervoso já está afetado são as que se masturbam mais facilmente e mais imoderadamente. A principal fonte de nocividade é a autocensura e a luta contra o impulso. Maudsley, Marro, Spitzka e Schüle reconheceram ainda uma “demência masturbatória” específica, mas Krafft-Ebing há muito a rejeitara, e Näcke bateu-se firmemente contra isto. Kraepelin afirmava que o perigo da masturbação excessiva somente pode ocorrer em indivíduos predispostos. A mesma coisa afirmavam Forel e Löwenfeld e, em uma época anterior, Trousseau. Pode-se dizer, na verdade, que as autoridades modernas são quase unânimes em rejeitar, como causa da demência, a masturbação.

Está se tornando igualmente decisivo, o depoimento de testemunhas especializadas, com relação à influência da masturbação na produção de outras formas de psicoses e neuroses. A partir de West, há muitos anos, admite-se geralmente que, nas crianças, a idiotia, as convulsões, a epilepsia, a histeria etc, não são devidas à masturbação, como causa eficiente, embora alguns tenham acreditado que a histeria e a epilepsia podiam ser assim explicadas. Entre as causas das doenças da coluna espinhal, Leyden não incluía nenhuma forma de excesso sexual. “Com moderação,” observava Erb,

“a masturbação não é mais perigosa para a coluna espinhal do que o coito natural, e não tem efeitos maléficos. Nilo faz diferença se o orgasmo se processa de maneira normal ou de modo solitário.” Esta é também a opinião de Toulouse, de Fürbringer, de Curschmann e da maioria das ou Iras autoridades.

Contudo, talvez seja ir demasiado longe afirmar que a masturbação não tem efeito mais danoso do que o coito. Se o orgasmo sexual fosse um fenômeno puramente fisiológico, este ponto de vista seria correto. Mas o orgasmo sexual está ligado normalmente à poderosa soma de emoções despertada por uma pessoa do sexo oposto. No prazer causado pelo jogo dessas emoções, bem como na descarga do orgasmo sexual, é que reside a satisfação do coito. Na ausência do parceiro desejado, o orgasmo, qualquer que seja o alívio obtido, deve ser seguido de uma sensação de insatisfação, talvez de depressão, até mesmo de exaustão, muitas vezes de vergonha e remorso. Virtualmente, também, há mais probabilidade de excesso na masturbação do que no coito, embora seja mais duvidoso saber se a masturbação implica um esforço nervoso maior do que o coito, como alguns afirmaram. Assim, parece um tanto falso afirmar que a masturbação não tem efeito mais danoso do que o coito. Mas, sob forma moderada, ela está, como Forel achava, quase no mesmo nível da excitação sexual durante o sono.

Resumindo o problema geral dos supostos sintomas e indícios graves da masturbação, e as perniciosas consequências desta, podemos chegar à conclusão de que, no caso de masturbação moderada, em indivíduos saudáveis, bem constituídos, não se seguem necessariamente consequências perniciosas sérias. Com relação aos indícios gerais da masturbação, dos quais grande número têm sido citados, podemos concordar em que não há nenhum que possa ser considerado seguro.

Podemos concluir, finalmente, que os pontos de vista contrários a respeito do assunto podem ser explicados simplesmente pelo fato de que os autores de ambos os lados desprezaram ou não reconheceram suficientemente a influência da hereditariedade e do temperamento. Eles fizeram exatamente o que muitos autores pouco científicos continuam a fazer até hoje, com relação à embriaguez, quando descrevem as terríveis consequências do álcool, sem indicar que o principal fator nesses casos não foi o álcool, mas o organismo sobre o qual o álcool atuou.

Embora possamos, assim, abandonar os pontos de vista fantasistas, defendidos largamente durante o século passado, e referentes às terríveis consequências da masturbação, quando devidos à ignorância e às falsas tradições, coadjuvadas pelos esforços dos charlatães, devemos assinalar que, mesmo em indivíduos saudáveis ou razoavelmente saudáveis, qualquer excesso na auto excitação solitária pode produzir, não obstante, consequências que, embora leves, são contudo prejudiciais. A pele, a digestão e a circulação, todas podem ser perturbadas. Podem ocorrer dor de cabeça e nevralgia. E ainda, como no excesso sexual normal, ou na frequência anormal da excitação sexual durante o sono, pode ocorrer uma certa diminuição geral do tono nervoso. Provavelmente, o mais importante dos estados em questão e relativamente mais frequente, — este também medrando em um terreno mórbido —, é o que se costumava chamar “neurastenia”, com seus múltiplos sintomas.

Em alguns casos parece que a masturbação, quando praticada em excesso, principalmente se iniciada antes da puberdade, pode levar a uma incapacidade para o coito, bem como à indiferença para com este, e às vezes a uma irritabilidade sexual anormal, acompanhada de ejaculação prematura e impotência virtual. Dickinson afirma que as mulheres mais persistentemente “frígidas” são as auto eróticas. Isto, contudo, são casos de exceção, principalmente se a prática não se iniciou antes da puberdade. Nestes casos uma certa irritação periférica ou estímulo mental anormal habitua o orgasmo físico a responder a um apelo que não tem nada a ver com o fascínio exercido normalmente pelo sexo oposto. Contudo, na puberdade, as exigências do ardor e atração verdadeira do sexo começam a ser sentidas, mas, pelo fato de que as sensações sexuais físicas foram exercitadas por uma via anormal, estas manifestações sexuais normais permanecem de natureza puramente mental e emocional, sem os fortes impulsos sensuais com os quais, em condições normais de saúde elas tendem a relacionar-se cada vez mais, à medida que a puberdade evolui para a adolescência ou para a idade adulta. Desta maneira, em algumas mulheres, muitas vezes mulheres de elevado grau de inteligência, o excesso precoce na masturbação tem sido a causa principal, não necessariamente a única causa determinante, no estabelecimento em um período posterior da vida, de uma dissociação entre os impulsos sensitivos físicos e as emoções mentais. Se a masturbação precoce for em algum tempo um fator no desenvolvimento da inversão sexual, ela poderá atuar, dessa maneira, a repulsa pelo coito normal ajudando a proporcionar o campo no qual o impulso invertido pode desenvolver-se livremente. É importante compreender que os possíveis resultados maleficos são excepcionais. A Dra. Katherine Davis, em sua ampla investigação, que é o estudo mais complexo e valioso que possuímos sobre a masturbação nas mulheres, verificou, ao comparar o grupo de mulheres felizes no casamento, com o grupo das mal sucedidas, que, em cada grupo, o número das que se haviam entregado à masturbação ou outra prática sexual (sem incluir as relações sexuais) era quase idêntico.

Do lado psíquico a consequência mais frequente e mais característica da masturbação persistente e excessiva parece ser um aumento da consciência própria, sem qualquer aumento correspondente do amor próprio. O homem ou a mulher que são beijados por uma pessoa do sexo oposto desejável e desejada tem uma sensação agradável de orgulho e satisfação, que não existe nas manifestações da atividade auto erótica. Isto deve ser assim, mesmo independente da consciência do masturbador quanto à atitude social geral para com seus hábitos e seu medo de ser descoberto, porque isso também pode existir em relação ao coito normal, sem qualquer consequência psíquica correspondente. Se sua prática é habitual, o masturbador é compelido, assim, a cultivar um sentimento artificial de amor próprio, e pode apresentar uma tendência à arrogância mental. A retidão própria e a religiosidade constituem, por assim dizer, uma proteção contra a tendência ao remorso. Um terreno mental doentio é, evidentemente, necessário para o completo desenvolvimento dessas características. Deve ser lembrado que o masturbador habitual, do sexo masculino, é muitas vezes uma pessoa tímida e solitária. Indivíduos desse temperamento são predispostos, particularmente, ao excesso em todas as manifestações de autoerotismo, enquanto a

entrega a essas tendências aumenta o retraimento e o horror à sociedade, gerando ao mesmo tempo uma certa suspeita contra os outros. Em alguns casos extremos poderá haver, como Kraepelin acreditava, certo decréscimo da capacidade psíquica, uma impossibilidade de apreender e coordenar impressões externas, fraqueza de memória, embotamento das emoções, ou então os fenômenos gerais do aumento da irritabilidade nervosa.

Em qualquer dos sexos os excessos auto eróticos durante a adolescência em jovens de inteligência, — embora não haja a ocorrência de danos sérios —, estimula ainda, muitas vezes, um certo grau de anormalidade psíquica, e tende a criar falsos e grandiosos ideais de vida. Kraepelin refere-se à frequência de entusiasmos exaltados na masturbação, e Anstie observou há muito tempo a relação entre masturbação e uma falsa e prematura atividade literária e artística. Deve acrescentar-se que tem ocorrido o excesso de masturbação em homens e mulheres cuja produção em literatura e arte não pode ser classificada como prematura e falsa.

Contudo, deve-se lembrar sempre que, embora a prática da masturbação possa ser prejudicial em suas consequências, ela também, na ausência de relações sexuais normais, não deixa, muitas vezes, de dar bons resultados. Na literatura médica dos últimos cem anos foi registrada uma série de casos, nos quais os pacientes consideraram a masturbação benéfica, e o número desses casos poderia ter sido aumentado consideravelmente se tivesse havido um desejo claro de descobri-los. Devemos reconhecer que a masturbação é praticada, principalmente, pelo seu efeito sedativo sobre o sistema nervoso. Em pessoas normais, que passaram de muito a idade da puberdade e que, do contrário, levariam uma vida casta, a masturbação seria praticada em pequena escala e apenas pelo alívio físico e mental que traz.

Estas considerações levaram o falecido Dr. Robie, com a autoridade de vasta experiência clínica nos Estados Unidos, a ir além do simples reconhecimento da fundamental inocuidade das práticas auto eróticas ativas, e em sua *Ética Sexual Racional (Rational Sex Ethics)* (1916) e obras posteriores, recomendá-las efetivamente, principalmente para mulheres, como de valor terapêutico em estados nervosos, e salutar à saúde, quase no mesmo nível das relações sexuais normais. Esta doutrina necessita muita ponderação. Em sua forma extremada é uma solução excessivamente ingênua para as dificuldades em jogo. Tal recomendação pode ser tão desaconselhável quanto as recomendações antiquadas de prostituição ou de continência. A satisfação própria na solidão do confinamento não pode ser proveitosa para os desejos ardentes e impetuosos dos insatisfeitos. A atitude do médico deve ser de compreensão e condescendência, mas somente o próprio indivíduo pode escolher a norma de ação mais adequada a seu temperamento e às circunstâncias.

Mais razoável, portanto, do que a atitude de Robie é a de Wolbarst que, embora sustentando que a masturbação não deve ser, na realidade, estimulada, acha que deve chegar um momento em que o impulso não poderá ser refreado, e cita um provérbio chinês, segundo o qual “É melhor satisfazer o corpo do que desfigurar o espírito”. Devemos evitar toda condenação desabrida da prática quando ela é confessada,

principalmente quando há a autocensura. Ao mesmo tempo, acrescenta ele com justeza, não é possível apoiar os “moralistas” que aprovam a masturbação como um método de preservar uma “virtude” imaginária. Há, realmente, mais virtude em satisfazer o impulso natural para o amor sexual e em encarar com destemor os desejos normais surgidos daquele impulso.

Temos de reconhecer que estamos tratando de uma manifestação que pertence a um extenso grupo de fenômenos auto eróticos, e que, de uma forma ou de outra, tais manifestações são inevitáveis. Nossa orientação mais prudente é reconhecer a inevitabilidade das manifestações sexuais e das alterações das manifestações sexuais sob as eternas restrições da vida civilizada, e, embora evitando toda atitude de excessiva indulgência ou indiferença, evitar também toda atitude de horror, porque nosso horror não somente leva a que os fatos sejam escondidos efetivamente de nossa vista, como serve ele próprio para gerar, artificialmente, males que poderão ser maiores.

BIBLIOGRAFIA

HAVELOCK ELLIS, *"Auto-erotism" em Studies in the Psychology of Sex, Vol. I.*

A. MOLL, *The Sexual Life of the Child.*

STANLEY HALL, *Adolescence.*

FREUD, *Three Contributions to Sexual Theory.*

KATHARINE DAVIS, *Factors in the Sex Life of Twenty-two Hundred Women.*

G. V. HAMILTON, *A Research in Marriage.*

NORTHCOTE, *Christianity and Sex Problems.*

WOLBARST, *Children of Adam.*

Narcisismo

Esta manifestação pode ser considerada mais adequadamente como uma forma de autoerotismo, na verdade como sua forma extrema e mais desenvolvida. É uma concepção que tomou formas um tanto diferentes nas mãos de diferentes psicologistas do sexo, pelo que é conveniente um rápido esboço de sua história. Há quarenta anos atrás ela não tinha uma existência definida para a ciência, embora identificável há muito tempo na ficção e na poesia, enquanto sua conceituação básica foi simbolizada na época clássica da Grécia, pela figura de Narciso. Aqui e ali, realmente, psiquiatras observaram esta manifestação como um sintoma em casos individuais, mas em 1898, quando apresentei pela primeira vez (no *Alienist and Neurologist*) um esboço sobre autoerotismo, concluí descrevendo, com um caso, e como sua forma extrema, a tendência, à maneira de Narciso, encontrada às vezes, talvez mais especialmente em

mulheres, para que as emoções sexuais se absorvam, e muitas vezes se percam inteiramente, na admiração do próprio Eu. Esse documento foi imediatamente resumido na Alemanha pelo Dr. Nücke, que traduziu minha “tendência à maneira de Narciso”, como “Narcisismo”, expressando sua concordância e considerando esta forma como “a mais clássica” daquilo que chamei autoerotismo, embora ele acrescentasse (o que eu não havia feito), que o Narcisismo seria acompanhado pelo orgasmo sexual concreto, o que não pode ser aceito. Rohleder observou, em homens, alguns casos acentuados deste fenômeno, que ele chamou “automonossexualismo” e é também o termo usado por Hirschfeld. Em seguida, Freud, em 1910, adotou, de Nücke, o nome e a concepção de Narcisismo, considerando-o, no entanto, e simplesmente, como um estágio no desenvolvimento da inversão sexual masculina, supondo-se que o indivíduo se identificasse com uma mulher (geralmente sua mãe) e assim adquirisse o amor de si mesmo. Em 1911, Otto Rank retomou o assunto com base no meu estudo a respeito e desenvolveu-o em linhas gerais freudianas, procurando mostrar também, que ele não se situava simplesmente dentro da linha normal de variação, como eu o havia situado, mas que era um estágio perfeitamente normal do desenvolvimento sexual. O estudo de Rank evidentemente impressionou a Freud que, em 1914, aceitou e destacou o ponto de vista do próprio Rank, afirmando peremptoriamente que há um narcisismo primário em cada indivíduo, complemento libidinal do egoísmo do instinto de conservação, e que às vezes pode dominar a *escolha do objeto*, surgindo então várias alternativas, segundo a pessoa ama (a) o que ela mesma é; (b) o que ela foi um dia; (c) o que ela queria ser; ou (d) alguém que foi algum dia parte dela. É neste ponto que a concepção de narcisismo se mostra sumamente adequada para o uso corrente.

O próprio Freud modificou seu modo de ver em alguns pontos e, em outros, o ampliou, enquanto numerosos analistas, tanto da escola freudiana como de outras escolas, levaram-no a um ponto extremo, considerando religiões e filosofias como expressões de narcisismo. Finalmente foi sugerido (por Ferenczi) que a própria Natureza é guiada por motivos narcisistas, no processo evolutivo. Comprovou-se também a presença do Narcisismo (através de Röheim, por exemplo) entre os selvagens, e no folclore, proporcionando aí a obra de Sir James Frazer, muito material para utilização na psicologia, conforme Rank assinalou inicialmente.

BIBLIOGRAFIA

HAVELOCIC ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex, Vols. I e VII.*

S. FREUD, *Three Contributions to Sexual Theory, e Collected Papers, Vol. IV.*

J. HARNICK, “*The Developments of Narcissism in Man and Woman*”, *Int. Jour. Psycho-analysis*, Janeiro, 1924.

Educação Sexual

Quando observamos as manifestações da infância e da meninice, vemos que, em relação ao sexo, elas podem parecer, às vezes, inexistentes; quando presentes são geralmente vagas, e quando definidas, muitas vezes não podem ser explicadas da maneira como o seriam se ocorressem em um adulto.

O resultado, como sabemos, é que — excluindo as pessoas, agora em pequeno número, que outrora se horrorizavam à simples alusão de qualquer coisa sexual na psique infantil —, até bons observadores têm variado em sua atitude e modo de agir com relação ao sexo na vida infantil. Há aqueles que se sentem incapazes de reconhecer qualquer manifestação sexual legítima, em uma idade precoce, em crianças saudáveis; há os que a reconhecem sempre, tanto nas crianças sadias, como nas neuróticas, embora achando que suas manifestações variam e mudam; há os que, pode-se talvez acrescentar, mesmo admitindo a presença de indícios sexuais, consideram-nos como não normais para o período da meninice. Essa, pelo menos, é a opinião posterior de Rank em sua obra *Modern Education*. “A sexualidade não é natural na criança,” observa ele, “ela poderia ser concebida mais como a inimiga natural do indivíduo, contra a qual ele se defende, desde o início, com toda a sua personalidade.” Tal ponto de vista, seja como for, está de acordo com uma atitude comum em cultura, mesmo na cultura primitiva, tenhamos ou não o direito de fazê-la recuar à meninice.

Por isso, a atitude adequada para com a sexualidade na criança é a de uma prevenção atenta, que deve ser sempre discreta. Os impulsos eróticos infantis são muitas vezes inconscientes, e nada se lucra em torná-los conscientes ou em concentrar a atenção neles. É necessário precaver-se contra a possibilidade de que a criança cause algum mal evidente a si mesma ou a outros. Parece também aconselhável em alguns casos, prevenir a mãe, não somente contra uma grande e excessiva ansiedade de castigar a criança que apresenta essas manifestações, mas também contra qualquer excesso de ternura física, que poderá despertar indevidamente as emoções de crianças sensíveis. Acima de tudo é necessário procurar compreender a natureza da criança. Os adultos têm uma tendência a atribuir às crianças seus próprios sentimentos. Muitas atitudes das crianças, que em adultos parecem revelar motivos sexuais depravados, não têm às vezes absolutamente nenhum motivo sexual, mas surgem simplesmente do impulso de brincar ou do desejo de conhecimento. Este sofisma foi favorecido sem dúvida, nos últimos anos, por adeptos desavisados das doutrinas psicanalíticas.

É uma pena que os estudiosos da infância tenham sido pessoas que muitas vezes obtiveram seu conhecimento pelo estudo de indivíduos neuróticos. “Todas as conclusões gerais derivadas do estudo do tipo de neurótico dos dias atuais,” observa Otto Rank em sua *Modern Educación*, “devem se receber com grande cautela, porque em outras circunstâncias, o Homem reage de maneira diferente.” Ele acrescenta que a criança de hoje pode ser comparada com o homem primitivo e que talvez seja melhor que a educação não se faça excessivamente delimitada.

As melhores autoridades sustentam atualmente que a orientação sexual das crianças deve começar, dentro dos limites adequados, muito cedo, e que uma mãe capaz e compreensiva é a pessoa ideal para desempenhar esta tarefa verdadeiramente maternal. Pode-se dizer, na verdade, que somente uma mãe pode executá-la de maneira correta, e a educação das mães é uma condição essencial para o desenvolvimento saudável das crianças. Costuma-se dizer às vezes, que há perigo de que a mente das crianças se concentre artificialmente em assuntos sexuais, a respeito dos quais elas, ao contrário, poderiam permanecer candidamente ignorantes. Contudo é importante lembrar os processos naturais da mente de uma criança. O desejo de uma criança, de saber de onde vêm os bebês, não é um indício de consciência sexual, é um desejo natural de descobrir um importante fato científico. Também, em uma idade maior, o desejo de saber e ver como é o corpo das pessoas do sexo oposto é igualmente inocente e natural. A supressão forçada e desarrazoada dessas curiosidades naturais, e não sua satisfação, é que predispõe a uma consciência sexual doentia. A criança concentra-se secretamente na solução destes mistérios somente porque qualquer tentativa franca de resolvê-los é repelida sistematicamente. Não deve haver nada de formal ou especial quanto à transmissão de conhecimentos sobre sexo, feita pela mãe a seu filho. Quando as relações entre mãe e filho são naturais e estreitas, cada questão surge por sua vez e a mãe sensível tratará dela no momento em que se apresentar, embora sem estender sua explicação além do que a curiosidade da criança exigir no momento. O sexo e as excreções devem ser tratados de maneira tão simples como tudo o mais, sem o menor sinal de aversão ou repugnância. As criadas e as amas tendem muitas vezes, não somente a tratar o sexo com repreensões, mas também as excreções com repugnância. A mãe equilibrada não sente repugnância pelas excreções de seu filho, e essa atitude é importante, porque estando os órgãos do sexo e da excreção tão próximos externamente, qualquer atitude de repugnância para com um deles provavelmente abrangerá o outro. Diz-se às vezes que a atitude correta a incutir é que ambos os conjuntos de órgãos não são nem “repugnantes”, nem “sagrados”. Mas, de uma maneira ou de outra, deve ser logo esclarecido que, embora ambos os conjuntos de órgãos sejam naturais e não repugnantes, há uma enorme diferença em sua significação final, e que aquilo que procede do sexo pode ser tão trágico para o indivíduo e tão funesto para a raça que, mesmo se rejeitarmos a palavra “sagrado” para o sexo, temos de procurar alguma outra palavra de igual força.

O valor da educação sexual precoce para a vida futura é mostrado pela ampla pesquisa da Dra. Katharine Davis entre mulheres casadas. Dividindo-se em dois grupos, segundo se consideravam elas felizes ou infelizes no casamento, verificou-se que 57 por cento do grupo feliz tinha recebido alguma instrução sexual geral na infância, mas somente 44 por cento do grupo infeliz recebera tal educação. As conclusões do Dr. G. V. Hamilton, que se baseiam em números muito menores, não coincidem integralmente; mas ele verificou o fato significativo de que a melhor fonte de instrução sexual na idade infantil, para as meninas, foi a mãe, 65 por cento das mulheres casadas que receberam essa instrução estavam no grupo cujas relações sexuais são “satisfatórias”, porém menos de 35 por cento no grupo “não satisfatório”; quando os primeiros conhecimentos vinham

de conversas de companheiras ou obscenas, a percentagem do grupo satisfatório caía para 54, e a vida matrimonial do pequeno grupo que recebera orientação do pai ou do irmão era pouco satisfatória.

Os pontos a serem firmados são que as perguntas simples e naturais das crianças devem ser respondidas de maneira simples e natural quando elas começam a ser feitas pela primeira vez, de maneira que seu pensamentos não sejam embaraçados e sua emoção despertada pela criação de um mistério. Pela espera excessiva é que há probabilidade de que o mal seja feito. Há ainda a dificuldade representada pelo fato de que quase todo genitor é excessivamente tímido ou desajeitado para começar a falar de sexo a uma criança que está saindo da meninice. Antes disso é fácil. Com relação ao corpo despido, igualmente, muita curiosidade mórbida pode ser despertada na criança que está crescendo sem nunca ver os corpos nus de crianças do sexo oposto. A primeira visão eventual e súbita de adultos despidos pode produzir às vezes um choque penoso. É aconselhável que as crianças se habituem a ver os corpos despidos umas das outras, e alguns pais adotam o sistema de se banharem eles próprios, nus com seus filhos quando estes ainda estão muito pequenos. Vários inconvenientes são assim evitados, enquanto tal simplicidade e franqueza tende a retardar o desenvolvimento da consciência sexual, e a impedir a manifestação de curiosidades indesejáveis. Pode mesmo acontecer, e não raramente, que o garotinho ou a garotinha que são criados promiscuamente tomando banho juntos com uma irmã ou um irmão, nem mesmo chegam a descobrir que haja qualquer diferença sexual no conformação física. Todas as influências que retardam a consciência sexual precoce são de bom augúrio para o desenvolvimento futuro. O higienista sexual experimentado compreende que este fim não pode ser atingido pela criação artificial de mistérios.

Mas devemos ter sempre em mente que a atitude perante a criança, atitude essa que está sendo reconhecida agora como a mais sábia, ainda não está firmemente estabelecida. Se é verdade, como se tem dito ultimamente, que a criança tem de conceber seus pais de acordo com suas próprias necessidades, também é verdade que a situação, nas condições em que se apresenta, não é fácil de ajustar-se na base de nossas antigas tradições, cuja existência deve ser sempre reconhecida, pelo que a posição da criança é muito menos simples do que era. Hoje, na verdade, ela é particularmente difícil. Ela não está mais sujeita ao método padronizado de educação aceito por todos e rigidamente fixado, enquanto ainda está muito pouco desenvolvida para imbuir-se da autodisciplina do adulto. “A criança de hoje”, observa Rank, “tem de passar por uma infância mais crítica do que, talvez, a criança de qualquer outro período da história do homem”.

Por isso não nos devemos surpreender se, mesmo sob condições de um modo geral mais favoráveis, ainda encontrarmos a criança “difícil” ou a criança “problema”. Tanto a hereditariedade como o ambiente ainda tendem, eventualmente, a produzir tais crianças. A posição mais esclarecida, que começa agora a prevalecer, constituir-se-á muitas vezes em guia suficiente no trato desses casos, sem recurso à assistência particular do especialista, mas nem sempre essa assistência pode ser desprezada.

Podemos, por isso, ver com satisfação a crescente tendência a considerar tais “crianças-problema” não, simplesmente, “más” ou “indóceis” como outrora, mas casos dignos de atenção coordenada do médico, do psicólogo, do psiquiatra e do pesquisador social. A conveniência das Clínicas de Orientação da Criança com este objetivo está se tornando cada vez mais reconhecida desde que, em 1909, com a ajuda da inspiração e do generoso espírito público da Sra. W. F. Rummer, foi instituído em Chicago o Instituto Psicopático Juvenil (Juvenile Psychopathic Institute), tendo o Dr. William Healy como Diretor, e que se tornou em 1914 um órgão da Juvenile Court (Justiça de Menores). Pode-se dizer que esta foi a origem do movimento em favor das Clínicas de Orientação Infantil. Segundo sua organização desde o início, elas consistem essencialmente em uma equipe de três membros, um psiquiatra, um psicólogo e um pesquisador social. Pode acontecer, às vezes, que um único médico com uma capacidade pessoal especial para esses casos, enfeixe em suas mãos, de maneira mais simples e conveniente, essas três funções, mas esses requisitos raramente vêm juntos, nem o médico comum pode sempre dispor de tempo para esse trabalho especial. Portanto é provável que essas clínicas continuem a expandir-se, embora não relacionadas com nenhuma escola doutrinária ou método especiais, o que seria inconveniente. O Instituto de Orientação Infantil de Neva York (New York Institute for Child Guidance) foi planejado em grande escala. A Clínica de Orientação Infantil de Londres (London Child Guidance Clinic) foi instalada em 1930.

As pesquisas relacionadas com a orientação da criança podem levar-nos a um conhecimento mais profundo dos tipos humanos. Aquilo que se chama agora “Constitucionologia”, — o estudo dos tipos psicofísicos especiais nos quais os seres humanos tendem a enquadrar-se —, revelou-se atraente para os médicos desde o início, porque tal estudo é evidentemente de grande importância tanto para a medicina como para a vida. Somente em época recente, contudo, é que os dados vieram à luz pela colocação do estudo em uma base correta. Pode-se dizer na verdade que somente com a publicação em 1921 do livro do Professor Kretschmer, *Physique and Character*, e que marcou época, é que a constitucionologia foi posta em uma base verdadeiramente científica, embora ainda esteja em um estágio inicial e em contínuo desenvolvimento.

Considerados de modo amplo, o esclarecimento e a educação sexual têm hoje uma significação mais profunda do que jamais tiveram anteriormente. A iniciação sexual na puberdade sempre teve uma importância racial bem reconhecida. Na África Central, como sabemos, e em muitas outras partes do mundo entre as populações que resolvemos considerar, mais ou menos imprecisamente, como “primitivas”, tal iniciação é, ao mesmo tempo, um rito sagrado e uma preparação prática para a vida adulta. A criança poderá estar, e muitas vezes já está, familiarizada com o sexo como brincadeira e os adultos muitas vezes tratam estas ‘brincadeiras com indulgência. Mas na puberdade isto se torna uma questão mais séria. As exigências da comunidade e da raça têm de ser atendidas. O jovem ou a moça têm de ser adaptados a sua posição social no grupo, e para isto é necessário aquilo que se pode chamar educação moral. Ela é muitas vezes rápida e rude, talvez com alguma mutilação física ou uma abstinência ou isolamento rigorosos, enquanto os mais velhos transmitem instruções sobre os deveres da vida e

revelam os mistérios sagrados da tribo. Depois disto a criança se torna um homem ou uma mulher, e assume novos privilégios, novos deveres, novas responsabilidades. É um sistema admirável: nada melhor poderia ser concebido sob condições de vida mais ou menos primitivas. É uma pena que no mundo cristão as relíquias de tais sistemas tenham decaído tanto a ponto de se tornarem insignificantes, ou em sua maior parte desaparecerem.

Hoje estamos despertando para esta perda e esforçando-nos para repará-la. Mas não podemos mais estruturar qualquer sistema nas mesmas bases, e antes mesmo de qualquer estruturação temos de examinar a natureza da fase da civilização da qual estamos saindo.

Naquela fase a ênfase era totalmente no intelecto, e os métodos de ensino que predominavam, ou obtinham grande popularidade, eram métodos de educação da inteligência. Mas o impulso sexual, — que, no entanto, é o principal fundamento da vida social, como da vida individual —, não é trazido facilmente para a esfera da inteligência. Aconteceu, assim, que nossos sistemas educacionais excluíram quase completamente o elemento irracional do sexo. Esses sistemas educacionais têm tido pouca coisa em comum com aqueles admiráveis e, tanto quanto as condições o permitiam, completos esquemas de iniciação que predominaram nos primeiros períodos da história, nos tempos em que o Homem aprendia a tornar-se Homem. E educação entre nós não tem sido para a vida, mas apenas para uma parte da vida, principalmente a parte relativa a ganhar dinheiro.

Isto se juntou, — em vários estágios e gradações —, a uma indiferença, aversão, e até desprezo, pela parte da vida que se baseia no impulso sexual, visto que este deixava de situar-se na esfera da inteligência, com a qual nossas atividades educacionais se relacionavam. Constitui um fato familiar o de que, entre os produtos de nosso sistema educacional, os indivíduos mais esclarecidos, — isto é, aqueles cujas atividades restritas se concentram no cultivo da inteligência —, muitas vezes adotam uma atitude irônica ou irreverente quando estão em jogo os assuntos de amor e sexo. Essa é a consequência natural de sua orientação escolar, embora não seja uma consequência deliberada. Não era este, certamente, o resultado usual dos antigos métodos de iniciação para a vida. Por isso, ao montar nosso novo sistema temos de evitar os riscos dos sistemas dos quais procedemos.

Há, porém, outro ponto no qual devemos evitar o exemplo das sociedades primitivas: isto é, retardar até a puberdade a iniciação sexual. O trabalho dos psicanalistas tornou amplamente conhecido o fato que, embora conhecido anteriormente, não era inteiramente apreendido em toda a sua importância, e segundo o qual a sexualidade está longe de iniciar-se apenas na puberdade. A preocupação grupal ou racial da sexualidade começa na puberdade, mas seu aspecto individual, — que indiretamente é racial —, pode começar e muitas vezes começa, efetivamente, muito mais cedo, na infância mesmo.

A consequência prática deste fato é que a iniciação no sexo, visto que é exigida na

infância, é tomada das mãos da comunidade, que outrora dirigia as iniciações da puberdade, e colocada nas mãos dos pais. Nessas condições, não é uma iniciação formal e consciente, mas um processo lento, natural e quase imperceptível, sob a orientação de um dos genitores, geralmente a mãe, que se libertou dos tabus e inibições que, antigamente, tornavam difícil aos adultos reconhecer a existência dos fenômenos do sexo no que se referia a seus filhos, ou falar deles com naturalidade.

Nas escolas, e à medida que a criança se desenvolve, podemos contar, concomitantemente, com uma razoável instrução elementar de biologia, dada a todos os meninos e meninas, e abrangendo os principais fatos da vida humana, — inclusive, embora sem uma ênfase indevida, o sexo. Como disse o eminente biologista Ruggles Gates: “Todo colegial, menino ou menina, devia receber, como parte essencial de sua educação, alguns conhecimentos com relação à natureza, estrutura e funcionamento dos organismos da planta e do animal, assim como as relações e reações de uns sobre os outros. Deveriam saber alguma coisa sobre hereditariedade, e compreender que todo organismo herda e transmite suas peculiaridades genéticas, até os mínimos detalhes diferenciais.”

Essa educação, à medida que se estende, leva a uma iniciação racial correspondente aos ritos dos povos mais primitivos. É seguindo essa orientação biológica, que alcançamos a moderna concepção daquele aspecto do sexo que os antigos consideravam como sagrado, porque não devemos, diria eu mais uma vez, aceitar o ponto de vista daquelas pessoas irresponsáveis, embora bem intencionadas, que procuram fazer com que as crianças considerem a sexualidade como coisa corriqueira, no mesmo nível da nutrição e das excreções. Acompanhando o roteiro da biologia é fácil compreender que o sexo é muito mais do que isso. Não é simplesmente a via através da qual a espécie se perpetua e expande, — é a base sobre a qual têm de ser arquitetados todos os sonhos do mundo futuro. Há outros fins, e mais pessoais, para os quais o impulso sexual deve ser dirigido, mas há sempre este fato fundamental e incontestável.

Os outros fins também se revestem de importância. A indiferença e mesmo o desprezo com que nossos métodos educacionais têm tratado o impulso sexual, embotaram as forças difusivas motivadoras daquele impulso. No entanto, tornaram ao mesmo tempo mais urgente a necessidade de satisfazer e desenvolver as energias que residem no impulso do sexo. A inteligência por si só, embora continue a ser indispensável, é estéril. Não tem influência vital e profunda no organismo. Mas, em meio às tendências esterilizantes, o impulso sexual ainda se mantém inigualado, por mais escondido ou desprezado que seja. Talvez ele seja mesmo, como Otto Rank o classificou, “a última fonte emocional que a exagerada racionalização de nossa educação deixou para nós.” Aí, tanto em suas manifestações naturais, como em suas sublimações, — porque ambas caminham juntas e uma não pode realizar-se com a supressão completa da outra —, temos uma grande perspectiva para nossa futura civilização.

BIBLIOGRAFIA

A. MOLL, *The Sexual Life of the Child*.

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex, principalmente Vols. I e VI; também "The New Mother" em More Essays of Love and Virtue*.

STANLEY HALL, *Adolescence*.

REV. T.W. PYM, "Need of Education in Questions of Sex", *British Medical Journal*, Agosto, 1º, 1931.

MARY CHADWICK, *Difficulties in Child Development* (tratando principalmente dos erros dos pais na educação dos filhos).

OTTO RANK, *Modern Education: A Critic of Its Fundamental Ideas*, 1932.

W. HEALY, *The Individual Delinquent*, 1915.

BERNARD HART, "Work of a Child Guidance Clinic", *British Medical Journal*, Setembro, 19, 1931.

KRETSCHMER, *Physique and Character*.

WINIFRED DE KOK, *New Babes for Old*.

K. DE SCHWEINTZ, *How a Baby is Born: What every Child Should Know*.

IV - DESVIOS SEXUAIS E OS SIMBOLISMOS ERÓTICOS

Desvios Sexuais

TODOS os autores que escreveram outrora sobre a vida sexual tiveram como certo haver um só padrão para essa vida e costumavam afirmar não ser “normal” qualquer afastamento desse padrão único.

Isto foi admitido e nunca examinado. Parecia mesmo não haver necessidade de definir precisamente o que era essa forma única: admitia-se que todos soubessem instintivamente. Contudo, à medida que começamos a pesquisar os fatos verdadeiros e íntimos da vida sexual, vemos que esta antiga e tradicional presunção era errônea. Assim, longe de haver uma única forma de vida sexual, estaria mais próximo da verdade dizer que há tantas formas quantos são os indivíduos. Em última análise deve-se ter em mente que há uma série de determinados comportamentos que com maior ou menor regularidade, sem que se possa precisar o grau dessa regularidade, o indivíduo tende a adotar. Isto se tornou visível para mim desde que comecei a estudar psicologia do sexo, e tenho procurado tomar claro que, como em qualquer assunto na natureza, temos de admitir um amplo limite de variação no âmbito da faixa normal. Hoje isto está sendo pouco a pouco reconhecido por observadores experientes. Para citar apenas um ginecologista eminente, Dickinson revela “um crescente ceticismo quanto a um padrão fixo para o sexo”.

Para que permaneçam dentro do campo normal, todas as variações devem, em algum aspecto, incluir a finalidade procriadora para o qual o sexo existe. Excluir a procriação é perfeitamente legítimo, e sob certas circunstâncias moralmente compulsório. Mas as atividades sexuais inteiramente, e de preferência, fora dos limites nos quais a procriação é possível podem muito bem ser consideradas anormais. Constituem desvios.

Antigamente os desvios sexuais eram considerados “perversões”. Essa palavra surgiu em uma época em que as anomalias sexuais eram universalmente consideradas como pecados ou crimes, ou pelo menos como vícios. Ela ainda é usada por aqueles cujas ideias estão enraizadas nas tradições do passado, que eles não podem superar. Em épocas passadas eu próprio a usei, embora sob protesto, e com a explicação do que eu queria dizer com ela. Compreendo agora (como Dickinson também assinalou) que chegou a ocasião de evitar a palavra, tanto quanto possível, de maneira completa. Mesmo no original latino, *perversus* implica muitas vezes um critério moral. Ela data de

tempos anteriores ao trato científico e clínico dos assuntos sexuais, que se destina a compreender as anomalias sexuais, e se necessário tratá-las, mas não a condená-las. Conservar aqui uma palavra que pertence a uma ordem totalmente diferente gera confusão científica, mesmo independente do fato concreto, indubitável e extremamente importante, de que ela tem consequências funestas para aquelas pessoas a quem se diz que são acusadas de “perversões”. O termo é completamente antiquado e nocivo, e deve ser evitado.

O termo “deslocamento” foi usado algumas vezes para indicar uma fixação incomum do impulso sexual. Esse termo tem a vantagem de ser moralmente neutro, mas como implica uma concepção estática do impulso sexual, que na realidade é dinâmico e vivo e sujeito a mudar, é menos satisfatório que “desvio”, termo que possui uma força dinâmica.

Há muito tempo venho usando o termo “simbolismo” em relação a muitos, ou à maioria, dos desvios sexuais. Por “simbolismo erótico” (ou mais restritamente, fetichismo erótico)⁴ entende-se uma condição na qual o processo sexual psicológico é abreviado ou desviado de tal maneira que alguma parte especial do processo, ou algum objeto ou atividade normalmente à margem dele ou mesmo completamente estranho a ele, torna-se, muitas vezes em uma idade precoce, o principal centro de atenção. O que é de importância secundária para o amante normal, ou mesmo indiferente a ele, torna-se assim de importância primordial, e pode-se dizer, acertadamente, que é o símbolo de todo o processo.

Encarados num sentido amplo, todos os desvios sexuais são exemplos de simbolismo erótico porque em todos os casos verificar-se-á que algum objeto ou algum ato que para o ser humano normal tem pouco ou nenhum valor neurótico adquiriu tal valor, isto é, tornou-se um *símbolo* do amor normal. Ademais, o simbolismo erótico entra em jogo até nas formas mais requintadas do amor normal, porque estas apresentam a tendência a concentrar a atenção amorosa em certos pontos especiais da pessoa amada, pontos que em si mesmos são desprovidos de importância, mas que adquirem um valor simbólico.

Quando empregamos assim o termo “simbolismo” em seu sentido mais antigo, e aplicamo-lo no campo erótico aos desvios que eram chamados outrora, indiscriminadamente, “perversões”, vê-se que ele vai além do significado mais restrito que lhe é atribuído na literatura psicanalítica. O psicanalista, quando utiliza o termo, tem em vista um certo mecanismo psicológico que indubitavelmente é muitas vezes eficaz. “A função essencial de todas as formas de simbolismo”, diz Ernest Jones, “é vencer a inibição que esteja impedindo a livre expressão de uma ideia-sentimento”. Esta é sem dúvida uma maneira e uma maneira interessante pela qual um símbolo pode atuar; mas não devemos atribuí-la sem cautela a todas as formas de simbolismo. Tomemos um símbolo bem típico: a bandeira é para o patriota o símbolo do seu país, mas sua devoção

⁴ A expressão “fetiche erótico” restringia-se originariamente a peças do vestuário, mas desde o clássico ensaio de Binet sobre o assunto, em 1888, esta limitação foi abandonada.

a ela não é o domínio de uma inibição, e quando nos velhos tempos o marinheiro pregava a bandeira ao mastro, na batalha, não era certamente porque ele temesse dar livre expressão ao amor pelo seu país. O significado fundamental do símbolo é que (como o exemplo indica) ele dá forma concreta a uma ideia mais abstrata. Quando um amante concentra sua atenção em algum aspecto especial de sua amada ou naquilo que pertence a ela, — o cabelo, a mão ou o sapato —, ele não está vencendo uma inibição. Está trazendo para um centro concreto mais controlável a emoção difusa que ele sente pela personalidade global de sua amada. Não obstante, há uma classe especial de símbolos pelos quais uma representação indireta substitui algo escondido que é a verdadeira força impulsionadora, porque ela tem características em comum com esta e pode dar assim uma satisfação que é transmitida realmente pela coisa escondida que ela representa. Apesar de os psicanalistas terem exagerado às vezes o alcance desta classe de simbolismos, ela existe e não deve ser esquecida.

A extensão do simbolismo erótico é vista quando tentamos agrupar e classificar os fenômenos que podem ser colocados sob esse título. Esses fenômenos podem ser distribuídos adequadamente em três grandes classes, com base nas coisas que os despertam.

1. *PARTES DO CORPO* — (A) *Normais*-, cabeça, pé, seios, nádegas, cabelos, secreções, e excreções, odores (osfresiolagnia). (B) *Anormais*: claudicação, estrabismo, marcas de varíola, etc. Pedofilia, ou o amor sexual pelas crianças⁵; presbiofilia, ou o amor pelas pessoas idosas; e necrofilia, ou a atração pelos cadáveres podem ser incluídas neste título, assim como a excitação sexual causada pelos animais (Zoofilia erótica).

2. *OBJETOS INANIMADOS* — (A) *Vestuário*: Luva, sapatos, meias compridas de mulher e ligas, aventais, lenços, roupa de baixo. (B) *Objetos não pessoais*: podem ser incluídos aqui os diversos objetos que podem adquirir acidentalmente a propriedade de despertar a sensação sexual no autoerotismo. Pigmalionismo (iconolagnia) ou a atração sexual pelas estátuas, também pode ser incluído.

3. *AÇÕES E ATITUDES* — (A) *Ativas*: Açoitar, crueldade, exibicionismo, mutilação e assassinio. (B) *Passivas*: ser açoitado, sofrer crueldade. Os odores pessoais e o som da voz podem também ser incluídos sob este título. (C) *Scoptofilia, mixoscopia* ou *voyeurismo*: incluindo objetos e cenas considerados como sexualmente estimulantes. O espetáculo de escalar, balançar, etc.; os atos da micção e da defecção (urolagnia e coprolagnia); o coito dos animais.

Ver-se-á que há uma gama extensa de espécies e graus desses desvios do impulso

⁵ A pedofilia é considerada às vezes como um desvio em separado. Sob o ponto de vista médico-legal é conveniente considerá-la assim. Contudo, estou inclinado a concordar com Leppmann, que estudou cuidadosamente os ultrajes a crianças, em que, psicologicamente, não há um desvio verdadeiro, em uma base congênita, que implique uma atração sexual exclusiva para meninas impúberes. Ela pode confundir-se facilmente com a impotência senil. Em outros casos ela ocorre seja como uma especialidade voluptuosa eventual de algumas pessoas super-requintadas, ou, mais comumente, como parte de uma tendência sexual indiscriminada, nos débeis mentais. Como até agora ela não tem qualquer definição psicológica, pode ser considerada melhor como se assemelhando aos simbolismos.

sexual. Em uma das extremidades encontraremos a atração inocente e agradável que a luva ou a sandália da amada despertam no amante, — uma atração que foi sentida pelos espíritos mais delicados e são —, e na outra extremidade os ultrajes assassinos de um Jack, o Estripador. Mas devemos nos lembrar de que em nenhum ponto existe uma fronteira definida, e podemos ver que, em gradações insensíveis, a disposição metódica dos desvios sexuais vai da mania inofensiva à violência assassina. Pelo que, mesmo quando não estamos lidando no campo criminal ou médico-legal, mas interessados principalmente na psicologia da vida sexual normal, não podemos evitar o exame dos desvios, porque em um dos extremos todos eles se situam dentro da faixa normal.

As formas extremadas do simbolismo são encontradas principalmente nos homens. Elas são tão raras nas mulheres que Krafft-Ebing afirmou, mesmo nas últimas edições de sua *Psychopathia Sexualis*, que não tinha ouvido falar de nenhum caso de fetichismo erótico em mulheres. Eles ocorrem, no entanto, ocasionalmente, até sob formas bem delimitadas. Em sua forma normal o simbolismo erótico é, sem dúvida, perfeitamente comum em mulheres, e, como Moll assinala, até o fascínio generalizado que o uniforme do soldado exerce sobre a mulher é devido provavelmente à atuação de um simbolismo de coragem. Mas ele ocorre também sob formas anormais. Há, realmente, uma forma de fetichismo erótico, — a cleptolagnia ou cleptomania erótica —, que em sua forma típica ocorre quase exclusivamente em mulheres.

BIBLIOGRAFIA

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex*, principalmente os Vols. III e V.

G.V. HAMILTON, *A Research in Marriage*.

R.W. DICKINSON e LURA BEAM, *A Thousand Marriages*.

KRAFFT-EBING, *Psychopathia Sexualis*.

THOINOT e WEYSSE, *Medico-Legal Aspects of Moral Offences*.

ERNEST JONES, “*The Theory of Symbolism*”, *Papers on Psycho-Analysis*, Cap. VIII.

S. HERBERT, *The Unconscious in Life and Art*.

Desvios Sexuais na Infância

Quando lançamos uma vista geral sobre os fenômenos sexuais da infância e da adolescência, vemos que não é fácil, uma vez postos de lado nossos juízos antecipados (religiosos, éticos ou sociais), introduzir a ideia de “perversão”. Biologicamente, muitas coisas que estão fora de nossas convenções são naturais, ao passo que etnográfica e historicamente não há uniformidade nas convenções. Por isso, acho completamente impossível, e mesmo nocivo, classificar a criança, segundo a expressão que Freud

empregava frequentemente em certa época, como “perverso-polimorfa”, embora esta tenha sido mais ou menos suplantada, como Jelliffe assinala, pela expressão “auto erótico”, ou, como alguns preferem, “pré-genital”. Porque, como o próprio Freud verificou posteriormente, os obstáculos levantados gradativamente pelo desenvolvimento e a educação, ainda não existem para a criança. Por isso não pode haver nenhuma questão de “perversão”, porque isso seria julgá-las exatamente da maneira pela qual o próprio Freud diz que elas não devem ser julgadas, — “pelos códigos legais e morais das pessoas amadurecidas e perfeitamente responsáveis”. A impressão de “perversidade polimorfa” é simplesmente superficial. É (como eu muitas vezes tenho tido ocasião de assinalar) a espécie de perversidade que um observador ignorante poderia achar nas folhas retorcidas da samambaia. As condições de vida exigem aquela forma retorcida nas coisas novas em crescimento, e a verdadeira “perversidade” seria se as coisas novas tivessem de exibir a forma daquilo que está completamente desenvolvido.

É necessário destacar este ponto, porque até pretensos pioneiros e pedagogos daquilo que é chamado às vezes “sexologia” muitas vezes se embaraçam nas malhas do passado. O horror extravagante pela “perversidade”, a obsessão de descobrir “perversões” nas crianças e de fixar-se nessas perversões, é em si mesma a mais perversa das perversões. Raramente é encontrada, tanto quanto se sabe até agora, em qualquer povo que leve uma vida sã e razoavelmente natural, quer nos voltemos para os selvagens de hoje, quer para os povos da civilização clássica nos quais temos nossas próprias raízes. Na verdade podemos dizer outro tanto da mesma tendência, quando dirigida contra os adultos. As chamadas “perversões” da infância persistem, — de uma outra forma e em certo grau de variação — quando a criança se torna adulta, porque, como Jelliffe observa, “muito poucas pessoas são realmente adultas”. A diferença é que há agora, de acréscimo, o ato adulto das relações sexuais para assegurar, se necessário, a consumação da união do espermatozoide com o óvulo. Mas as “perversões” da infância e da adolescência podem permanecer, devidamente disciplinadas, como parte da atividade sexual, parte legítima e mesmo conveniente da arte do amor e da técnica de impregnação. Elas estão dentro da faixa legítima de variação. Só é admissível, se for o caso, chamá-las *perversões* quando se ampliam de tal modo que substituem o desejo do ato principal da união sexual e quando diminuem ou suprimem a capacidade de realizá-lo.

Acontece assim que temos de evitar de modo especial, falar de perversões na vida infantil. A mente da criança não funciona exatamente da mesma maneira que a mente do adulto. O que é “natural” em uma fase, não é necessariamente assim em uma fase anterior do desenvolvimento. De maneira que nem sempre é fácil para a criança compreender as atividades da mente do adulto, ou o adulto compreender as da mente da criança. É lamentável que os adultos não imaginem de maneira mais nítida o que eles próprios eram quando crianças. Contudo, muitos de nós podemos lembrar-nos de como éramos algumas vezes mal compreendidos, e como, em consequência, éramos maltratados injustamente. É provável que isso aconteça, mesmo em assuntos em que as crianças e os adultos têm muito em comum, e, por isso, é ainda mais provável que

aconteça no terreno do sexo, no qual eles têm tão pouco em comum.

No entanto, não devemos concluir que as anomalias sexuais não ocorram na "vida infantil. Contudo, tal ocorrência é uma questão muito mais de quantidade do que de qualidade, uma questão mais de grau do que de espécie. Seja de espécie, seja de grau, raramente poderemos errar ao atribuí-las, pelo menos em parte, a uma herança doentia. Quando a criança apresenta transformações latentes do impulso sexual, que poderão ser nocivas para ela própria ou para outros, — tal como a algolagnia levada até o derramamento de sangue ou a forma de furto que chamo cleptolagnia —, não podemos estar diante de uma criança de herança sadia e toda a nossa atenção é solicitada a imaginar condições adequadas, sejam terapêuticas, sejam higiênicas, para controlar o caso. Porque devemos lembrar-nos sempre de que, ao abordarem tais casos, há algumas pessoas que, por uma distorção especial da mente, parecem incapazes de considerar os fatores hereditários nas ações humanas, enquanto outras, por uma distorção igualmente peculiar, mas oposta, parecem incapazes de considerar os fatores adquiridos, na ação humana. Ambas essas espécies de pessoas executam um trabalho útil na direção ao longo da qual se estende sua linha visual. Mas cada uma delas isolada é incapaz de conceber um quadro correto e equilibrado do mecanismo global da vida. Necessitamos combinar estes dois modos de ver, para que vejamos realmente o objetivo, e assim estejamos capacitados a procurar a cura de uma anomalia até o ponto em que ela é adquirida, e assegurar as melhores condições para ela, na medida em que for congênita e constitucional.

Há duas espécies de anomalias que podemos encontrar muitas vezes na vida sexual infantil, mas com a tendência, sob condições desfavoráveis, a persistir na vida adulta: a tendência à falta e a tendência ao excesso, — hipo-situações e hiper-situações. Ambas as espécies de anomalias estão sujeitas a ocorrer particularmente nas civilizações como a nossa, em que os estímulos à atividade sexual e as restrições àquela atividade, — tanto externos como internos —, são igualmente poderosos. As anomalias por falta (as hipoestésias e as hipo-excitações) são menos graves na vida infantil do que as por excesso (hiperestésias e hiper-excitações), porque elas podem indicar simplesmente um desenvolvimento que se apresenta lento, mas que é perfeitamente possível tome ímpetus vigorosos ao chegar a idade adulta. É mesmo mais provável que se modifique favoravelmente, e talvez de maneira vigorosa, em época mais tardia. Isto é sugerido de maneira significativa pelas pesquisas de Hamilton, o qual verificou que, quanto mais tardia é a curiosidade sexual, mais probabilidade há de que a vida matrimonial seja a mais satisfatória (como revela o orgasmo correto, que ele considera como o teste mais conveniente). É assim que podemos provavelmente explicar uma das mais curiosas e inesperadas conclusões de Hamilton: as mulheres que se sentiram chocadas ou amedrontadas quando tomaram conhecimento, pela primeira vez, dos fatos sexuais apresentaram uma vida matrimonial nitidamente mais satisfatória (quase 65 por cento, com orgasmo correto), do que aquelas que gostaram, interessaram-se ou sentiram prazer quando tomaram conhecimento dos mesmos fatos. As crianças que sentiram prazer eram, podemos admitir, aquelas que tinham uma vida sexual já desenvolvida; as crianças que se sentiram chocadas, aquelas cuja vida sexual era pouco desenvolvida.

Pelo que, este resultado, longe de ser realmente anômalo, está de acordo com a conclusão de que as crianças que não tiveram curiosidade precoce têm eventualmente vida matrimonial mais satisfatória. A precocidade sexual, embora não seja de modo nenhum necessariamente de mau augúrio, é menos promissora para o bem-estar futuro, do que sua ausência. Deve-se acrescentar que a Dra. Katharine Davis não achou nenhum aumento acentuado de felicidade posterior nas moças que não se tinham masturbado,, nem haviam tido qualquer atividade sexual na infância, em comparação com aquelas que haviam tido tais experiências sexuais precoces. Dickinson e Pearson afirmam que há uma diferença real a favor de uma saúde melhor entre as mulheres que conservam o hábito da masturbação, do que em relação às que a abandonam após a vida infantil. Isto poderia ser considerado como devido a uma maior saúde e vigor daquelas que continuam com o hábito, e é comum às mulheres, verificarem que saúde melhor significa atividade auto erótica aumentada ou reiniciada. Eles afirmam também que não há diferença apreciável de saúde entre aquelas que começam a masturbar-se cedo e as que o começam após aos dezoito anos, conclusão que não podemos aceitar sem reservas.

Com relação ao tratamento das deficiências e excessos da sexualidade nas crianças, o problema das deficiências é, em qualquer caso, simples. Os fatos, como vimos, parecem indicar que é mais provável que seja, do que não seja uma situação satisfatória nos anos que antecedem a puberdade, desde que sempre ocorra naturalmente, e não tenha sido produzida artificialmente, ou simplesmente superficialmente, por condições externas nocivas, quer físicas, quer psíquicas. As anomalias por excesso são tão numerosas e muitas vezes tão complexas, que cada uma tem de ser considerada isoladamente. Aqui é necessário um médico competente, familiarizado com crianças e suas dificuldades. Em tempos passados dificilmente podemos dizer que tais médicos tenham existido. Hoje, na verdade, eles estão longe de ser numerosos; mas há boas razões para esperar que, paralelamente ao estudo da criança e da orientação infantil que agora estão sendo desenvolvidos, o tratamento judicioso das anomalias sexuais da infância e da juventude não será mais tão difícil de encontrar.

Mas, em grande parte, é no lar que a orientação da criança deve começar e, para a maioria das crianças, terminar. E é a mãe, — embora haja um lugar importante para o pai até na orientação das meninas —, aquela que é o guia naturalmente indicado da criança. Hoje em dia a maternidade é uma missão importante para a qual nem todas as mulheres são convocadas. É uma disciplina que faz muitas exigências, e as mulheres poderão sentir-se agradecidas se, em um mundo que se está tornando rapidamente superpovoado, for realmente verdade que os Napoleões do futuro não mais clamarão tão alto aos leitos conjugais pela carne para canhão. São poucas as mães, porém as melhores, de que a humanidade necessita agora. Isso, podemos estar certos, significará eventualmente uma revolução em nossa vida sexual, uma revolução que começará, como qualquer revolução dessas deve começar, na infância.⁶

⁶ Esta não é a ocasião para insistir em que ela não termina aí, nem está confinada ao sexo. A Dra. Grace Pailthorpe, em seus *Studies in the Psychology of Delinquency*, acha que nos criminosos jovens a precariedade

As mães da época anterior à nossa, sob esse ponto de vista, podem dividir-se, grosso modo, em dois grupos: uma maioria que, por ignorância ou timidez, ignorava quase completamente o sexo de seus filhos, — atitude que muitas vezes dava bom resultado —, e uma minoria que sofria do mal do conhecimento fragmentado e mostrava uma ansiedade e apreensão nervosa para com este assunto, ansiedade e apreensão que, de modo nenhum, eram sempre benéficas. Hoje, a nova mãe, vivendo em um mundo em que começa a prevalecer uma atmosfera mais sadia em relação ao sexo, está aprendendo por si mesma a tomar uma atitude para com seus filhos diferente daquela, de qualquer dos dois grupos. Ela está alerta e ciente, mas, ao mesmo tempo, não demasiado ansiosa para interferir mesmo nas manifestações a respeito do cuja natureza e tendência ela talvez não se sinta muito segura. Ela está compreendendo, — às vezes quase instintivamente —, que seu filho tem de passar por várias fases antes de atingir o desenvolvimento completo, que uma ansiedade excessiva de interferir, mesmo nas atividades que parecem inconvenientes, pode ser ainda mais nociva do que essas próprias atividades, e que o principal é compreender a criança, obter sua confiança e tornar-se assim uma conselheira em que ela possa confiar em suas dificuldades. Devemos observar que essa intuição é correta. Aqueles que estão intimamente familiarizados com crianças e adolescentes estão a par de que o prolongamento da masturbação comprovada, até a idade adulta, pode ocorrer, por exemplo, em indivíduos cujas mães tentaram energeticamente, desde o início, combater o hábito, ou de que o hábito de chupar dedo, que alguns consideram como tendendo a transformar-se em masturbação, pode ser praticado com evidente prazer desde a primeira infância e desaparecer mais tarde aos poucos, se não for coibido, sem ser substituído por meios de satisfação mais nitidamente sexuais.

Quando nos voltamos do lar para a escola, as dificuldades aumentam, visto que a escola, — na qual muitas crianças se misturam de maneira heterogênea, longe da orientação daqueles que mais as querem e amam —, é forçosamente um tipo de vivência não natural no qual as possibilidades maléficas se multiplicam. Elizabeth Goldsmith (em *Sex in Civilization*) fala de uma escola em que “chegamos à conclusão de que é conveniente não impedir a criança em sua atividade masturbatória, estudar seu ajustamento perfeito e dar ênfase em que ela seja uma criança sadia, desembaraçadamente ativa, realizada em suas amizades a atividades”. Aquela “ênfase” é imperativa e não sabemos quais os resultados dessa doutrina. Sem dúvida ainda é muito cedo para falar de maneira definitiva. Temos de esperar até que o adulto possa reportar-se à sua própria vida infantil. Difícilmente será uma doutrina que possa ser executada de maneira auspiciosa sem uma grande dose de compreensão consciente.

A norma usual nas escolas tem sido, como sabemos, cultivar a cegueira, e quando, por acaso, um réu é descoberto “puni-lo para servir de exemplo”. (Isto é mostrado na novela de Hugh Sélincourt, *One Little Boy*, na qual toda a questão é apresentada

dos sentimentos sociais é mais importante do que a deficiência da inteligência, e isto é atribuível diretamente ao ambiente doméstico da infância. A nova mãe será um agente importante na transformação da sociedade, ajudando a eliminar a criminalidade.

admiravelmente). Enquanto as atividades auto-eróticas das meninas, embora grandemente variadas, são praticadas geralmente de maneira muito reservada, e muitas vezes mais ou menos inconscientemente, os meninos têm a tendência a ser menos discretos. Nas escolas grandes encontram-se às vezes clubes de masturbação, sociedades secretas de cuja existência, é claro, os professores raramente suspeitam. Em tais centros, há geralmente meninos excepcionais, de temperamento hiper-sexual congênito, — da espécie daqueles que, ao se destacarem, são chamados agora “crianças-problema”. Como sua morbidez se soma muitas vezes a um caráter forte, eles tendem a exercer uma influência indevida sobre os companheiros que são de temperamento mais normal, mas ainda em uma idade impressionável. Quando muitas crianças são criadas juntas, a eliminação cuidadosa de casos-problemas é condição essencial, se se tiver de admitir a liberdade para o desenvolvimento natural. Os resultados de ensaios experimentais têm mostrado que, a não ser assim, toda espécie de maus hábitos, higiênicos e outros, completamente fora da esfera do sexo, são estimulados, e os fortes têm possibilidade de utilizar seus impulsos juvenis de crueldade, natural ou mórbida, na perseguição dos fracos. Assim, aqueles que alimentam o ideal de permitir que a criança atravesse livremente seus próprios e naturais estágios de desenvolvimento deparam-se com a dificuldade de que não só têm de refrear seu próprio impulso de interferir, como têm de ter o cuidado de afastar influências que impedem ou desvirtuam o desenvolvimento natural. O tratamento, que às vezes implica a segregação destas “crianças-problema”, deve ser sempre extremamente individualizado, porquanto os casos variam de maneira infinita, e exigem um alto grau de competência especializada; embora em tais crianças se identifique com frequência um elemento sexual anormal, suas peculiaridades de comportamento, que são muitas vezes de caráter antissocial, estendem-se muito além da esfera sexual.

Contudo, em relação às crianças comuns, continua sendo verdade que a responsabilidade deve recair, em primeiro lugar inevitavelmente sobre os pais e, principalmente, a mãe. Esse é o motivo pelo qual a maternidade não pode ser mais considerada como uma função meramente animal, mas tornou-se um sacerdócio que exige uma inteligência esclarecida e treinada, e não para ser exercido por mulheres que para esse sacerdócio não foram convocadas por uma aptidão natural do espírito, bem como do corpo. A influência maléfica de pais incompetentes, descuidados ou levianos está sendo reconhecida agora de maneira geral. Mesmo pais que se recusariam a ser classificados sob qualquer desses títulos estão sujeitos constantemente, — quando absorvidos em suas próprias ocupações ou levados pelos variados estados de espírito do momento —, às alternativas de rigor injustificado e indulgência igualmente injustificada, e provocar assim reações extremamente críticas de seus filhos, que se reúnem para julgá-los, porque as crianças são muito exigentes em relação a seus pais, na ansiedade egoística de que seus pais sejam modelos de perfeição.

“As pessoas que melhor disciplinaram crianças e ensinaram a elas o autocontrole”, observou o Professor Winifred Cullis em uma reunião da Associação de Pais, de Londres (Parents’ Association), “foram outras crianças”. Esta é uma observação sábia na medida em que é encarada em relação com as considerações apresentadas

aqui. A vida tem de ser vivida com nossos iguais e não podemos viver sem disciplina e controle⁷, na vida sempre terá de haver restrições, no sentido de uma inibição de impulsos, e a disciplina de certas possibilidades naturais. Na vida social não há lugar para uma liberdade sem peias. Como bem diz Freud, em sua admirável vigésima-sétima conferência, de suas *Conferências Sobre Psicanálise (Lectures on Psycho-Analysis)*, “a vida livre é, em si mesma, uma repressão”, porque ela esmaga a metade de nossos impulsos e a metade mais humana, na qual, em última análise, deve repousar, em sua maior parte, nossa felicidade. É melhor que os mais velhos não sejam os impositores da disciplina e do controle, mas, de preferência os orientadores e juizes quando surgem as dificuldades. Desde a idade mais tenra começa a formação da autodisciplina e do autocontrole, e estes podem surgir de maneira mais natural e mais correta, naquela vida entre iguais para a qual toda educação que tiver algum valor, é o campo de treinamento.

BIBLIOGRAFIA

A. MOLL, *The Sexual Life of the Child*.

S. FREUD, *Three Contributions to Sexual Theory*.

STANLEY HALL, *Adolescence*.

HAVELOCK ELLIS, “*Sexual Education*”, *Studies in the Psychology of Sex*, Vol. VI.

WILLIAM e DOROTHY THOMAS, *The Child in America: Behaviour Problems and Programs*.

O. RANK, *Modern Education*.

Urolagnia e Coprolagnia

Os simbolismos eróticos mais comuns na infância são os do grupo escatológico, cuja

⁷ É interessante observar que, mesmo quando lidamos com jovens anormais, com inclinação para a delinqüência, o princípio da autodisciplina entre os iguais ainda caberá. No relatório do Dr. Pailthorpe sobre *Studies in the Psychology of Delinquency* é feito um relato sobre os asilos para crianças difíceis e abandonadas, instituídos com êxito sob a responsabilidade de Aichhorn, eminente autoridade educacional de Viena. O grupo mais difícil foi isolado, e teve permissão de fazer exatamente aquilo de que gostasse, não interferindo a administração desde que não houvesse danos sérios, embora, tanto quanto possível, partilhassem os mestres da vida dos meninos. “A princípio estabeleceu-se o pandemônio. Os mocinhos despedaçaram a louça e as janelas, espancavam-se mutuamente, atiravam os alimentos por tôda parte, e foram ao ponto de urinar e defecar onde lhes aprouvesse. Ao cabo de um mês o interior destas instalações estava indescritível e a administração completamente esgotada. O médico pediu então outras instalações, e começou de novo. Os próprios garotos pareciam extenuados e aborrecidos, e quando levados para novas instalações desejaram então portar-se decentemente. Pouco a pouco tornaram-se interessados, queriam aprender, procuravam coisas para fazer, e surgiu um espírito de rivalidade amistosa. Com isto veio um começo de idéia de autogoverno. Gradativamente membros da comunidade começaram a exercer pressão sobre aqueles que não se enquadravam com presteza nas leis não escritas do grupo.” O êxito do movimento foi reconhecido e o City Council pôs cada vez maior número de grupos sob a supervisão do diretor.

importância foi salientada muitas vezes por Freud e outros. As vias urinárias e da defecação estão tão próximas dos centros sexuais, que a conexão íntima, física e psíquica, entre os dois conjuntos é facilmente compreendida. A micção e a defecação são processos que de maneira nenhuma podem deixar de interessar à mente infantil, porque elas dão satisfação ao impulso da criança de fazer coisas, e são assim uma forma rudimentar do impulso artístico e, ao mesmo tempo, uma manifestação de eficiência. Hamilton verificou que 21 por cento dos homens casados e 16 por cento das mulheres casadas, de sua pesquisa, haviam demonstrado, na infância, interesse pelas fezes e pela urina, e fantasias ou brincadeiras escatológicas. Estas funções parecem também absorver um pouco da energia nervosa que posteriormente se dirige para a via sexual. Nas meninas e, eventualmente, nas mulheres, após ocorrer a tumescência, a detumescência pode tomar a forma de emissão espasmódica e involuntária de urina. Provavelmente há uma relação entre a enurese noturna e atividade sexual e, às vezes, a masturbação. Freud acredita que a retenção do conteúdo dos intestinos para a obtenção de sensações sexuais agradáveis pode ocorrer na infância. E é certo que, mesmo posteriormente, o conteúdo da bexiga é muitas vezes retido pelas mesmas razões. Não é raro que as crianças acreditem que os atos sexuais de seus pais têm alguma conexão com a micção e a defecação, e o mistério com o qual os atos excretórios são cercados ajuda a apoiar esta teoria. Não é incomum o prolongamento do interesse por essas excreções além da puberdade, principalmente nas meninas, mas ele tende a desaparecer, às vezes com um sentimento de vergonha pela atenção dada a ele, à medida que se desenvolve o interesse pelo sexo. Eventualmente ele persiste no impulso sexual adulto. Há, mais comumente talvez, uma repressão forçada dos interesses escatológicos infantis, os quais podem, então, desempenhar o papel atribuído a eles por Freud. Mas, antes da puberdade, os interesses escatológicos podem ser considerados como normais. Nessa idade a criança tem ainda muito em comum com a mente primitiva, que, como a mitologia e o folclore mostram, atribui grande importância às funções excretoras. Podemos considerar esses interesses simplesmente como uma fase no desenvolvimento normal. Na medida em que eles persistem na vida adulta, permanecem normalmente no segundo plano, e capazes ainda de exercer, pelo menos no que se refere à micção, um papel legítimo no jogo amoroso do sexo.

Têm sido descritos casos extremos, principalmente de tendência à coprolagnia e à coprofilia. Em tais casos (um deles foi descrito com detalhes completos por Moll) pode desenvolver-se tal interesse em todo o processo de defecação e em seu produto, que são substituídos todos os interesses sexuais normais. Nos graus menores dessas tendências, temos o erotismo anal (que se supõe associado à constipação infantil ou o impulso de reprimir a evacuação para obter prazer). Isto foi investigado de maneira especial pelos psicanalistas, que o consideram como baseado numa tendência primária da infância, a qual após ser reprimida, pode conduzir a características psíquicas de método, frugalidade, e mesmo avareza. E quando não reprimida leva a outros traços psíquicos contrários a esses. Isto é um assunto para investigações posteriores. Hamilton tomou isso em consideração, e encontrou dez pessoas (nove mulheres e um homem) que negaram o erotismo anal na infância, mas tiveram constipação infantil e

apresentavam com intensidade incomum avareza, método, sadismo, masoquismo, mania de acumular coisas e esbanjamento; mas estes dados eram excessivamente confusos e contraditórios para admitir especulações quanto à relação precisa entre a constipação infantil e as características psíquicas adultas.

Depois da infância, a coprolagnia não se associa geralmente à urolagnia, embora essa associação possa ser encontrada em formas ligeiras. As formas extremas da coprolagnia encontram-se em homens, mas a urolagnia, embora mais frequente em ambos os sexos, é frequente de modo especial, embora muitas vezes em pequena escala, em mulheres. Ela sem dúvida é estimulada pela conexão estreita e evidente da função urinária com os órgãos sexuais, assim como pelas relações nervosas efetivas. As meninas e as mulheres procuram as vezes imitar a atitude do outro sexo na micção, imitação possível para muitas que ainda são jovens e não tiverem filhos, visto que a maternidade geralmente enfraquece a força muscular expulsiva. Não há necessariamente aqui a presença de uma tendência homossexual.

Tem sido atribuído por vezes grande importância ao que Sadger chamou “erotismo uretral”, ou erotismo urinário, usando a expressão de maneira ampla, para abranger, não somente a uretra e a urina, mas todo o aparelho urinário periférico, desde a bexiga até o orifício uretral. Alega-se que esta espécie de erotismo na vida infantil pode apresentar o tipo da vida sexual posterior quando, por um mecanismo que parece de transição natural, o erotismo é transferido à esfera mais estritamente sexual e sua secreção. Em correspondência, as irregularidades urinárias podem tornar-se em irregularidades seminais. Foi alegado posteriormente que tal erotismo uretral pode estender-se à mais alta esfera psíquica, visto que é na regulação das funções urinárias, assim como das funções intestinais, que aparece pela primeira vez o *dever* para a criança.

Tem sido notada há muito tempo uma tendência para relacionar o fato de urinar na cama, com a sexualidade. A enurese e o erotismo uretral foram associados por Freud e alguns outros psicanalistas, a características psíquicas de ambição e agressividade. Esta suposição pode ter partido do fato de que pode manifestar-se nas meninas um interesse urinário especial, sob a forma de rivalidade com a função urinária dos meninos. Contudo não parece haver nenhuma relação real e frequente do erotismo urinário com essa competição, que é também bastante comum naquelas que são completamente desprovidas de tal erotismo.

Habituei-me a aplicar o termo Undinismo à presença frequente de um interesse precoce pela água em geral, e pela função urinária em particular, o qual persiste posteriormente na vida. Esse interesse, não chegando a um verdadeiro desvio do impulso sexual, nem tornando-se um substituto dele, é comum principalmente em mulheres, entre as quais sua presença pode ser motivada por várias circunstâncias da vida delas, talvez se tornando agora menos predominantes, pela mudança das condições sociais, mas persistindo sempre aí uma relação entre a emoção sexual e a micção, mais estreita nas mulheres do que nos homens, nos quais as funções de expulsão seminal e urinária, em geral se excluem mutuamente. O gosto pela água também é associado

geralmente, a uma tendência, maior nas mulheres do que nos homens, a encontrar prazer nas relações táteis.

BIBLIOGRAFIA

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex*, Vol. V; também “Undinism”, *Studies in the Psychology of Sex*, Vol. VII.

ERNEST JONES, *Papers on Psycho-Analysis*, “Anal Eroticism”. Capítulos XXX e XL.

Fetichismo erótico

O mais típico dos simbolismos eróticos é constituído pelo fetichismo erótico, expressão concebida por Binet em 1888.

Até um simbolismo erótico como o exibicionismo, pode ser fetichista, e todo fetiche é um símbolo. O número de coisas, — não somente partes do corpo, como objetos inanimados — que podem adquirir significado erótico especial é praticamente infinito. Não há nada, na verdade, que não possa tomar essa significação. Esse é o motivo pelo qual a tentativa legal pura abolir a “obscenidade”, considerada (de acordo com a definição reconhecida judicialmente) como uma tendência a “perverter e corromper aqueles cujas mentes estejam abertas a tais influências morais”, é inteiramente impraticável. Zenia X., por exemplo, cliente do Dr. Jelliffe, relatou que os símbolos sexuais tornaram-se frequentes nas idades de treze e quatorze anos: “Desse período em diante, embora de maneira mais intensa nos últimos anos, visto que a luta foi mais conscientemente sexual e assim mais violenta, fui cercada de símbolos, especialmente do falo: uma mangueira de jardim em funcionamento, ou jato d’água, peras, principalmente, ou outras frutas alongadas, flores em cacho, pendentes, o pistilo no centro de uma flor, um bastão ou um objeto em forma de bastão introduzido em um buraco redondo, o lobo da orelha, com o qual brinquei desde que nasci, meus dentes e minha língua, que eu premia entre files até cansar, um dedo, que, aparentemente para conter um repentino pensamento sexual, muitas vezes apontei diante de mim e em seguida, numa rápida correção, retirava e dobrava junto com os outros, o polegar que, também num esforço repressivo, é dobrado e preso entre os dedos, certas letras do alfabeto. Estes são alguns dos símbolos que me cercaram de todos os modos, pondo-se continuamente diante de mim, para lembrar-me do *phallus* ou do contato efetivo dos órgãos masculino e feminino”.

A grande complexidade dos símbolos sexuais revela-se mais uma vez num caso descrito por Marcinowski: Uma mulher casada de vinte e sete anos, extremamente inteligente, que era neurótica, com ligeiros sinais de desvio mórbido. Os símbolos costumavam surgir nos sonhos, que ela era hábil em decifrar: navios no porto eram, muitas vezes, o símbolo do coito, assim como viajar em um navio; a água era o símbolo

do corpo materno (relacionado com ideias anteriores de que a bexiga se relacionava com o coito); morrer (sendo um abandono de si mesmo) é estar praticando o amor; uma faca é um símbolo fálico; vermes e cobras são pequenos órgãos masculinos; o cavalo e o cão são símbolos sexuais (ela beijara, certa vez, o pênis de um cão), bem como os pombos; uma locomotiva (atraente para ela desde a infância) é um símbolo do pênis, como também uma árvore e uma banana; matar equivale ao coito (ela tivera algumas vezes fantasias sádicas); muitos peixes são símbolos do coito; chuva, urina e lágrimas são símbolos do sêmen; a necessidade de urinar é, para ela, uma forma de excitação sexual.

A maioria destes símbolos são suscetíveis de ocorrer em qualquer lugar e a qualquer pessoa. As condições necessárias para que um símbolo se torne um fetiche parecem ser uma predisposição especial, sem dúvida, de natureza psicopática, embora de maneira nenhuma isto seja sempre manifesto, e a forte impressão sob a qual o objeto se apresenta de maneira penosa à consciência, em um momento de forte excitação sexual, ocorrendo este evento antes ou por volta da puberdade. A associação acidental sem a predisposição não chega a ser suficiente para provocar um fetiche (exceto em pequena escala), porque essas associações acidentais ocorrem constantemente. Hirschfeld alegava que o fetiche é, com frequência, a expressão real do temperamento especial do indivíduo. A túnica vermelha do soldado age como um fetiche sobre a empregadinha, porque é, um símbolo do caráter marcial e viril que a atrai, e pode bem acontecer que, em muitos casos menos marcantes, o fetiche expresse realmente concepções baseadas na idiosincrasia individual. Mas, na maioria dos casos, isto não pode ser provado, e muitas vezes, na verdade, dificilmente é suscetível de prova, por causa do caráter neutro do fetiche. Um menino admira uma mulher que, certo dia, urina em sua presença, de maneira que ele vê de relance seus abundantes pelos pubianos, e tais pelos daí por diante tornam-se um fetiche quase indispensável para ele. Um jovem está deitado no chão, quando uma atraente garota coloca seu pé sobre ele, em tom de brincadeira, continuando a brincar com ele assim, até que ocorre a excitação sexual e ele se torna um feticheista do pé por toda a sua vida.

Tais fetichismos são, em pequeno grau, perfeitamente normais. Todo amante se sente atraído de maneira especial por algum aspecto individual de sua amada ou por alguns dos vários objetos que entram em contato com ela. Esta tendência, porém, torna-se anormal quando é exclusiva ou generalizada, e transforma-se em um desvio verdadeiro quando o próprio fetiche, mesmo na ausência da pessoa, revela-se perfeitamente capaz, não apenas de ativar a tumescência, mas de provocar a detumescência, de maneira que não há absolutamente nenhum desejo pelas relações sexuais.

Em casos mais benignos, embora claramente anormais, o próprio indivíduo concebe o tratamento adequado, tomando cuidado para que seu fetiche seja colocado, por assim dizer, na antecâmara do jogo amoroso, de maneira que não cause nenhuma repressão ou desvio da excitação que desperta. Em casos mais graves, o feticheista obtém tanta satisfação em sua perversão, e acha sua satisfação tão fácil, que ele não tem nenhum desejo de tornar-se normal. Em alguns casos o fetichismo conduz a várias

contravenções antissociais, principalmente o furto do fetiche desejado, tais como sapatos, lenços, ou roupas. Embora sem levar a atos criminosos, ele pode revelar-se incômodo pela excitação sexual indevida que causa, como no caso de uma mulher jovem para a qual os monóculos e óculos eram fetiches, e que se sentia excitada sempre que os via sendo usados, mesmo por uma mulher. Em tais casos recorria-se outrora ao hipnotismo, às vezes com sucesso.

Há certas formas de fetichismo erótico que estão sujeitas a complicar-se em suas características psicológicas. Este é, principalmente, o caso relacionado com o fetichismo do pé, o qual, nas condições da civilização, em que o pé geralmente é visto calçado, transforma-se em fetichismo pelo sapato. Parece haver um fundamento quase natural para o fetichismo do pé, na tendência universal para a associação deste com os órgãos sexuais. Até entre os judeus, o “pé” era usado como um eufemismo para os órgãos sexuais, e lemos, por exemplo, em Isaías, a respeito do “cabelo dos pés”, significando os pelos pubianos. Em regiões do globo extremamente separadas, o pé foi um ponto de recato. Foi assim até na Espanha, e Peyron observou em 1777, que o hábito feminino de esconder os pés somente naquela ocasião estava passando de moda, e “uma mulher que mostra os pés não está mais em condições de oferecer seus favores”, como, devemos acrescentar, acontecia a ela também na Roma clássica. Mesmo para o amante normal, o pé é uma das partes mais atraentes do corpo. Stanley Hall verificou que entre as partes assinaladas como mais admiradas no outro sexo, por jovens de ambos os sexos que responderam a um questionário, os pés ficaram em quarto lugar (depois dos olhos, do cabelo e da altura). Outros observadores, no entanto, como Hirschfeld, verificaram que a mão era um fetiche muito mais frequente do que o pé. As crianças interessam-se particularmente pelo pé, e originariamente pelo próprio pé. Ademais, em muitas partes do mundo, principalmente a Ghina, algumas regiões da Sibéria, assim como na Roma antiga e na Espanha medieval, foi identificado um certo grau de fetichismo pelo pé.

Não é comum ao amante normal, nos países mais civilizados de hoje, atribuir importância principal ao pé, tal como ele atribui frequentemente aos olhos. Contudo, para uma minoria de pessoas, restrita mas não desprezível, o pé ou o sapato tornam-se a parte mais atraente da mulher, e em alguns casos mórbidos, a própria mulher é considerada como um apêndice relativamente sem importância do seu pé ou de seus sapatos. Restif de la Bretonne constitui um interessante exemplo de fetichismo pelo pé em um escritor de grande importância. Em seu caso o fetichismo era bem caracterizado, mas nunca se tornou extremado, e o sapato, embora atraente, não constituía um substituto adequado da mulher.

Por mais excêntrico que possa parecer o fetichismo pelo pé, ele é, nessas condições, simplesmente o ressurgimento, por um pseudo-atavismo ou parada do desenvolvimento, de um impulso mental ou emocional que, provavelmente, foi sentido por nossos antepassados, e é muitas vezes identificável hoje, em nossos filhos. O reaparecimento ocasional desse impulso passado e a estabilidade que pode adquirir são ocasionados, assim, pela reação sensitiva de um organismo anormalmente nervoso e geralmente precoce, ante influências que, na população média e comum da Europa de

hoje, ou nunca são sentidas, ou são superadas rapidamente, ou estritamente subordinadas às cristalizações extremamente complexas que o decurso do amor e o processo da tumescencia criam dentro de nós. Um caso interessante foi psicanalisado laboriosamente por L. Binswanger: Gerda, quando criança, tinha adquirido o hábito de sentar-se sobre os calcanhares, comprimindo o sapato contra a vulva e o anus. Isto causava excitação nessas zonas erógenas e ela sentia prazer em urinar (talvez como uma forma de detumescência). O sapato tornou-se seu amigo, seu amor e seu querido, protegido cuidadosamente e vedado aos olhos dos outros. O pé e, especialmente, o pé calçado, associou-se a todos os seus pensamentos sexuais, como o representante do falo, e até, como entre os povos primitivos, o símbolo de toda a fertilidade. Sobre esta base, desenvolveram-se, com o tempo, fobias e outros sintomas, que se superpuseram de certo modo às manifestações originais e as reduziram.

Deve-se acrescentar que isto, de maneira nenhuma, é verdadeiro apenas em relação ao fetichismo do pé. Em alguns dos outros fetichismos, uma predisposição aparentemente congênita é até mais acentuada. Não é somente o caso do fetichismo pelo cabelo, pelas peles, etc. Em muitos casos de fetichismos de toda espécie, não somente não há qualquer sinal de início por um determinado episódio (ausência que pode ser explicada pela suposição de que o incidente original foi esquecido), como parece em certos casos, que o fetichismo se desenvolveu muito lentamente. Neste aspecto, embora não possamos falar do fetichismo do pé como estritamente um ativismo, ele pode ser considerado como emergindo de uma base congênita. Podemos, com Garnier, considerar o elemento congênito como essencial.

Esse elemento congênito do simbolismo erótico é digno de nota porque, mais do que outra forma de desvio sexual, os fetichismos são os menos claramente condicionados por estados congênitos do organismo e mais frequentemente provocados por associações ou choques aparentemente acidentais, na vida infantil. A inversão está, às vezes, arraigada de maneira tão fundamental na constituição do indivíduo, que surge e desenvolve-se a despeito das mais fortes influências em contrário. Mas o fetichismo, embora possa mostrar, possivelmente, uma tendência a ocorrer em indivíduos sensíveis, nervosos, tímidos e precoces, — isto é, indivíduos de herança mais ou menos neuropática — pode ser atribuído comumente, embora nem sempre, a um determinado ponto de partida, no choque de algum fato sexualmente emocional da vida infantil.

Associações desta espécie podem ocorrer nas experiências infantis das pessoas mais normais. O grau em que elas influenciam a vida, pensamentos e sentimentos subsequentes, depende do grau de receptividade emocional do indivíduo, ou da medida em que ele é suscetível, hereditariamente, de desvios anormais. A precocidade é, indubitavelmente, uma condição que favorece tal desvio. Uma criança que é precoce e anormalmente sensível às pessoas do sexo oposto, antes que a puberdade tenha estabelecido as vias normais do desejo sexual, está particularmente sujeita a tornar-se preza de um simbolismo eventual. Todos os graus de tal simbolismo são possíveis. Enquanto a pessoa insensível comum pode deixar completamente de percebê-los, para o amante mais atento e imaginoso, eles constituem uma parte fascinante da cristalização

extremamente intensa do ardor amoroso. Uma pessoa excepcionalmente mais nervosa, uma vez implantado firmemente esse simbolismo, pode considerá-lo um elemento absolutamente essencial no fascínio de uma pessoa querida e atraente. Finalmente, para o indivíduo que está completamente doente o símbolo torna-se generalizado. A pessoa não é absolutamente mais desejada, sendo considerada apenas como um apêndice do símbolo, ou sendo dispensada de maneira completa; somente o símbolo é desejado, e perfeitamente adequado para proporcionar por si mesmo, completa satisfação sexual. Embora possa ser considerado um estado mórbido o fato de encarar um símbolo como parte quase essencial do encanto de uma pessoa desejada, somente no quadro final, em que o símbolo se torna auto-suficiente, é que temos uma variante totalmente mórbida. Nas formas menos completas do simbolismo, ainda é a mulher que é desejada, e os objetivos de procriação podem ser atendidos; quando a mulher é ignorada e apenas o símbolo constitui um estímulo apropriado e mesmo preferido para a detumescência, o quadro patológico torna-se completo.

Krafft-Ebing considerava o fetichismo pelos sapatos, em grande parte, como uma forma mais ou menos latente do masoquismo, sendo o pé ou o sapato o símbolo da sujeição e da humilhação que o masoquista sente na presença do objeto amado. Moll, mas corretamente, afirma que a correlação é “muito frequente”. Esta era também a opinião de Garnier, que, não obstante, teve o cuidado de assinalar que há muitos casos nos quais não pode ser identificada essa correlação.

Embora possamos admitir corretamente a frequência na relação, devemos ser cautelosos ao fazer qualquer tentativa generalizada de fundir masoquismo e fetichismo do pé. No sentido amplo em que o simbolismo erótico é encarado aqui, tanto o masoquismo, como o fetichismo pelo pé podem ser classificados na mesma chave como simbolismos. Para o masoquista seus impulsos de humilhação própria são o símbolo da adoração estática; para o fetichista do pé, o pé ou o sapato de sua amada é a concentração simbólica de tudo aquilo que é mais belo, elegante e feminino em sua personalidade. Mas, se nesse aspecto eles se relacionam, persistem muitas vezes completamente distintos. O masoquismo, na verdade, simplesmente simula o fetichismo do pé. Para o masoquista o sapato não é estritamente um símbolo, é apenas um instrumento que o capacita a extravasar seu impulso. O verdadeiro símbolo sexual para ele não é o sapato, mas a emoção da sujeição própria. Por outro lado, para o fetichista do pé, o pé ou o sapato não é um mero instrumento, mas um verdadeiro símbolo, o centro de sua veneração, um objeto idealizado que ele se sente feliz em contemplar ou tocar reverentemente. Ele próprio não tem nenhum impulso de auto degradação, nem a mínima emoção pela sujeição. Pode-se notai que no caso. típico do fetichismo do pé que nos é apresentado na pessoa de Restif de Bretonne, ele fala repetidamente em “subjugar” a mulher pela qual sente essa adoração fetichista, e declara a esse respeito que, mesmo quando era criança, ele admirava principalmente uma menina delicada e semelhante a uma fada, porque ela lhe parecia mais fácil de dominar. Sua atitude durante toda a vida foi ativa e máscula, não masoquista.

Para determinar se estamos diante de um caso de fetichismo ou de masoquismo,

é necessário levar em consideração a atitude mental e emocional do indivíduo, em sua totalidade. O mesmo ato pode ter um significado diferente em pessoas diferentes. Krafft-Ebing acreditava que o desejo de ser pisado é absolutamente sintomático do masoquismo. Esse não é o caso. O desejo de ser pisado pode ser encontrado como um simbolismo erótico, associado ao fetichismo do pé, e não implicando nenhum desejo de ser subjugado. Isto foi verificado claramente no caso marcante que eu registrei, de um homem que conheci, hoje morto, homem de disposição autoritária e empreendedora e sem nenhum desejo de subjugação. Em um caso um tanto semelhante, mencionado mais recentemente por Marchand e Fuller, eles assinalam que não havia indícios de masoquismo. Mesmo quando aparece uma tendência masoquista, esta pode ser simplesmente secundária, uma excrecência parasítica no simbolismo.

O desejo de ser pisado, sentido por vezes pelos fetichistas do pé, é, ele próprio interessante, porque mostra como a atração mais restrita dos fetiches tende a ser absorvida pela atração mais ampla dos símbolos eróticos. O pé é mais do que um simples objeto material a ser transformado em ídolo quando pertence a uma pessoa querida. Ele é um centro de força, um agente para exercer pressão. Assim ele proporciona um ponto de partida, não somente para o fetiche erótico, estático, mas para a simbolização erótica, dinâmica. A energia de seus movimentos torna-se um substituto da energia dos próprios órgãos sexuais. Aqui temos um simbolismo que é completamente diferente daquele fetichismo que é a adoração de um determinado objeto. É um simbolismo dinâmico, que encontra sua satisfação no espetáculo dos movimentos que recordam, de maneira ideal, o ritmo fundamental e as reações de pressão do processo sexual. A mesma tendência está bem exemplificada em um caso observado por Charcot e Magnan, no qual um fetichista do pé se excitou de maneira especial pelo ato de martelar um prego em um sapato de mulher, — evidentemente um símbolo do coito.

Antes de deixar o exame geral do fetichismo erótico, pode ser feita uma rápida referência ao antifetichismo. Este termo foi introduzido por Lombroso em 1897, para designar casos de forte aversão a determinados aspectos ou objetos que poderiam ser eventuais fetiches eróticos. Lombroso relacionava o antifetichismo especialmente à repugnância pelos fenômenos sexuais, revelada antes ou depois da puberdade. O termo foi adotado por Hirschfeld, que atribui importância a essa antipatia. L. Binswanger prefere a expressão fetiche negativo.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, *Three Contributions to Sexual Theory*.

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex. Vols. III e V*.

Fetichismo por Tecidos e Zoofilia Erótica

É necessário agora, sem sair inteiramente do campo do fetichismo, tocar em um grupo especial de símbolos sexuais, nos quais a relação de contiguidade com o corpo humano está geralmente ausente: os vários métodos pelos quais os produtos animais, ou a vista da cópula dos animais, pode despertar o desejo sexual na pessoa humana. Aqui encontramos um simbolismo baseado principalmente na associação por semelhança. O ato sexual animal recorda o ato sexual humano: o animal torna-se o símbolo do ser humano.

O conjunto de fenômenos de que tratamos aqui inclui várias subdivisões. Há, em primeiro lugar, o prazer mais ou menos sexual sentido às vezes, principalmente por pessoas jovens, à vista de animais que copulam. Isto foi chamado *zoofilia mixoscópica*. Situa-se dentro da faixa da variação normal. Em seguida temos os casos em que o contato de animais, o acariciar etc., produz excitação ou satisfação sexual. Este é um fetichismo sexual no sentido estreito, e é chamado por Krafft-Ebing *Zoofilia Erótica*. Temos a seguir, a espécie de casos em que é desejado o contato sexual, real ou simulado, mas se enquadram na esfera do simbolismo erótico segundo é concebido aqui. Esta espécie abrange duas divisões: uma em que o indivíduo é perfeitamente normal, mas possui um grau de cultura baixo; a outra em que ele pode pertencer a uma classe social mais refinada, mas está presente uma situação psicopática. No primeiro caso, podemos aplicar adequadamente o termo simples, bestialidade (é chamada sodomia em alguns países, mas isto é incorreto, assim como causador de confusão, e deve ser evitado), no segundo caso talvez seja melhor usar o termo *Zoerastia*, proposto por Krafft-Ebing.

Entre as crianças, tanto meninos como meninas, é comum verificar que a cópula dos animais é um espetáculo misteriosamente fascinante. É inevitável que seja assim, porque elas percebem mais ou menos claramente, que o espetáculo é a revelação de um segredo do qual elas sentem reflexos íntimos em si mesmas, e mesmo em crianças inteiramente inocentes e ignorantes a cena pode produzir uma vaga excitação sexual. Parece que isto ocorre mais frequentemente em meninas do que em meninos. Mesmo na idade adulta, podemos acrescentar, as mulheres são sujeitas a sentir a mesma espécie de emoção na presença de tais espetáculos. No século dezesseis, tanto na Inglaterra como na França, as senhoras dos círculos reais e aristocráticos costumavam ir quase ostensivamente, saborear esses espetáculos. Em tempos mais recentes tais cenas são consideradas ao mesmo tempo lascivas e mórbidas, e não há dúvida de que o são para as mentes desequilibradas.

Enquanto a contemplação do coito animal é um símbolo de emoção sexual facilmente compreensível e, na vida infantil, talvez quase normal, há outra subdivisão neste grupo de fetichismos animais, que constitui uma transição natural dos fetichismos que têm seu foco no corpo humano: o fetichismo ou atração sexual exercida por vários tecidos, talvez sempre de origem animal (*stuff-fetichism*). Aqui estamos em presença de

um fenômeno um tanto complicado. Temos, em parte, em um considerável número de casos, a atração sexual pelas vestes femininas, porque todos esses tecidos podem entrar nessas vestes. Em parte, temos também um desvio sexual de sensibilidade tátil, porque em uma grande proporção desses casos, as sensações do tato é que são capuzes de despertar o impulso erótico. Mas em parte, parece também que temos aqui a presença consciente ou inconsciente de um fetiche animal, e é notável que talvez todos esses tecidos, e principalmente as peles, que sem dúvida constituem o grupo mais comum, são nitidamente produtos animais. Talvez possamos considerar o fetiche do cabelo feminino, — um fetiche muito mais comum e importante do que qualquer dos fetichismos por tecidos —, como um elo de transição. O cabelo é ao mesmo tempo um produto animal e um produto humano, embora possa ser separado do corpo e possua as características de tecido. Krafft-Ebing observa que os sentidos do tato, do olfato e da audição, assim como da visão, parecem entrar na atração exercida pelo cabelo.

Como fetiche sexual, o cabelo pertence, rigorosamente, no grupo das partes do corpo; mas considerando que pode ser retirado do corpo e é sexualmente eficiente como fetiche na ausência da pessoa à qual pertence, ele se equipara às vestes que podem atuar de maneira semelhante, aos sapatos, às luvas ou aos lenços. Psicologicamente, o fetichismo do cabelo não apresenta problema especial, mas, a ampla atração do cabelo, — ele é sexualmente a parte mais notada do corpo feminino, depois dos olhos —, e a facilidade especial com que, quando trançado, ele pode ser removido, tornam o fetichismo do cabelo uma circunstâncias de especial interesse médico-legal.

O ladrão de cabelo ou cortador de tranças (*Coupeur de nattes* ou *Zopfabschneider*), embora a moda moderna possa ter diminuído suas atividades, podia ser encontrado outrora em qualquer país civilizado, embora os casos estudados mais minuciosamente tenham ocorrido em Paris. Tais pessoas são geralmente de temperamento nervoso e má hereditariedade. A atração pelo cabelo surge ocasionalmente na vida infantil. Às vezes o impulso mórbido aparece somente mais tarde, após uma grande excitação. O fetiche pode ser o cabelo solto ou em tranças, mas geralmente é um ou o outro, e não ambos. A excitação sexual e a ejaculação podem produzir-se no ato de tocar ou cortar o cabelo, que subsequentemente e em muitos casos, é usado para a masturbação. Via de regra, o “cortador de cabelos” é simplesmente um fetichista, não entrando em seus sentimentos nenhum elemento de prazer sádico.

Os tecidos-fetiche são, mais comumente, peles e veludo. As penas, a seda e o couro também exercem essa influência. Deve-se notar que todos são substâncias animais. Provavelmente a mais interessante é a pele, cuja atração em associação com a algolagnia passiva não é incomum. Como Stanley Hall mostrou, o medo de pele, assim como o gosto por ela, não é de maneira nenhuma raro na infância. Pode aparecer na infância e em crianças que nunca tiveram contato com animais. É digno de nota que na maioria dos casos de fetichismo por tecidos, sem complicações, a atração se origina aparentemente de um fundo congênito, como acontece em pessoas de temperamento

nervoso ou sensível, em idade precoce, e sem ser atribuída a qualquer incidente preciso ou determinante. A excitação sexual é quase sempre produzida mais pelo tato do que pela vista. Se as sensações sexuais específicas podem ser consideradas como uma modificação especial da sensibilidade à cócega, o simbolismo erótico no caso desses fetichismos por tecidos, parece ser um desvio mais ou menos congênito daquela sensibilidade, relacionado com contatos animais específicos.

Um outro estágio de desvio nessa direção é representado pela *zoofilia erótica*, conforme exemplifica um caso mencionado por Krafft-Ebing é a história de um nevropata congênito, de boa inteligência mas delicado e anêmico, com energia sexual fraca, que tinha um grande amor por animais domésticos, principalmente cães e gatos, desde tenra idade. Quando os acariciava ele sentia excitação sexual, embora fosse inocente em assuntos sexuais. Na puberdade compreendeu a natureza de seus sentimentos e procurou livrar-se de seus hábitos. Ele o conseguiu, mas então começou a ter sonhos eróticos acompanhados de imagens de animais, e estas levavam à masturbação associada a ideias de natureza semelhante. Ao mesmo tempo, ele não sentia nenhum desejo por qualquer espécie de relações íntimas com animais, e era indiferente quanto ao sexo dos animais que o atraíam. Suas ideias sexuais eram normais. Esse caso parece ser de fetichismo com base tátil, e constitui assim, uma transição entre os fetichismos pelos tecidos e a perversão completa da atração sexual por animais.

Krafft-Ebing achava que esta é completamente diferente da *zoofilia erótica*. Este ponto de vista não pode ser aceito. A bestialidade e a *zooerastia* simplesmente apresentam, sob forma mais acentuada, um outro grau do mesmo fenômeno com que nos deparamos na *zoofilia erótica*. A diferença é que elas ocorrem seja em pessoas mais indiferentes, seja em pessoas mais acentuadamente psicopatas. Contudo, é um tanto duvidoso que possamos distinguir sempre ou comumente a *zooerastia* da bestialidade, porque parece provável que na maioria dos casos de bestialidade comum poderiam ser encontrados alguns traços ligeiros de anomalia mental, se tais casos fossem devidamente investigados. Como Moll observa, muitas vezes é quase impossível estabelecer o limite preciso entre o vício e a doença.

Chegamos aqui à perversão mais frequente e mais grosseira do grupo: a bestialidade ou o impulso de obter satisfação sexual pelas relações, ou outro contato íntimo com animais. Ao procurar compreender esse desvio é necessário que nos despojemos de nossa atitude para com os animais, que é a consequência inevitável da civilização requintada e da vida urbana. A maior parte dos desvios sexuais, se não são em grande parte a consequência real da vida civilizada, adaptam-se facilmente a ela. A bestialidade (exceto em uma forma a ser comentada mais tarde) é, por outro lado, a anomalia sexual de camponeses brancos, apáticos e rudes. Ela se desenvolve no seio dos povos primitivos e das comunidades rurais. É o vício do roceiro desprovido de atrativos para as mulheres, ou incapaz de cortejá-las. Em alguns estágios de cultura não é absolutamente um vício. Assim, quando na Suécia, no fim do século treze, foi praticada pela primeira vez uma infração segundo as leis provinciais pagãs daquele país, ainda foi apenas uma infração contra o proprietário do animal, que teve direito a uma

compensação. Em povos ainda mais primitivos, como os salish, da Colúmbia Britânica, os animais não são considerados inferiores aos seres humanos, na escala zoológica, e em alguns aspectos são considerados superiores, pelo que não há lugar para nossa concepção de “bestialidade”.

Três condições favoreceram a extrema predominância da bestialidade: (1) concepções primitivas de vida, que não levantavam grandes barreiras entre o homem e os outros animais; (2) a extrema familiaridade que existe necessariamente entre o camponês e os animais, combinada muitas vezes com a separação daquele das mulheres; (3) várias crenças folclóricas, como a eficácia das relações com animais para a cura de doenças venéreas, etc.

A bestialidade no campo está muito longe de ser rara. Para o camponês, cujas susceptibilidades não são cultivadas e que faz à mulher apenas as exigências mais elementares, a diferença entre um animal e um ser humano, a esse respeito, não chega a parecer muito grande. “Minha, mulher estava fora há muito tempo”, explicou um camponês alemão ao magistrado “e por isso fui com minha porca.” É uma explicação que, para o camponês, ignorante de teologia e concepções jurídicas, pode parecer natural e suficiente. A bestialidade assemelha-se, assim, à masturbação e a outras manifestações do impulso sexual, que poderão ser praticadas simplesmente *faute de mieux*, e não, no sentido restrito, como desvios do impulso. Nessas condições é encontrada entre os soldados, na linha de frente, forçados a uma vida abstinente, e, com relação a isto, a cabra tem sido mencionada, tanto nos tempos medievais, como em épocas anteriores e entre as tropas da primeira guerra mundial.

De modo nenhum, porém, é apenas o embotamento de suas sensibilidades, ou a ausência de mulheres, que explicam a frequência da bestialidade entre os camponeses. Um fator extremamente importante é sua constante familiaridade com animais. Não chega a surpreender que os camponeses considerem muitas vezes os animais não somente tão perto deles como os seus semelhantes humanos, mas até mais próximos.

Grande número de animais têm sido mencionados como utilizados na satisfação do desejo sexual, em alguma época ou algum país, por homens e, às vezes, por mulheres. Os animais domésticos são, naturalmente, os que vêm à baila com mais frequência, e há poucos, se houver, que se possam excetuar completamente. A porca é um dos animais mais frequentemente violados dessa maneira. Ocorrem casos constantemente em que figuram éguas, vacas e macacas, assim como cobras e ovelhas. De tempos em tempos ouve-se falar em cães, gatos e coelhos. As galinhas, os patos e, principalmente na China, os gansos, não é raro que sejam utilizados. Diz-se que as senhoras romanas tinham uma afeição anormal por cobras. O urso e o crocodilo também são mencionados.

A atitude social e legal para com a bestialidade tem refletido, em parte, a frequência com que ela é praticada, e, em parte, a repugnância associada ao horror místico e sagrado que ela tem despertado. Esta bestialidade tem sido resolvida, às vezes, apenas com uma multa, e outras vezes, o infrator e seu inocente parceiro têm sido

queimados juntos. Isso era comum na Idade Média e posteriormente sua frequência é atestada pelo fato de que constituía assunto favorito para os pregadores até dos séculos quinze e dezesseis. É significativo que tenha sido considerado necessário fixar os períodos de penitência a que deviam submeter-se, respectivamente, bispos, padres e diáconos que fossem acusados de bestialidade.

A extrema severidade que era aplicada com frequência aos acusados dessa contravenção devia-se, sem dúvida, e em grande parte, ao fato de que a bestialidade era vista como uma espécie de sodomia, prática que era considerada com um horror místico, independente inteiramente de qualquer dano concreto, social ou pessoal, que causasse. Parece que os judeus sentiram esse horror. Determinava-se que o pecador e sua vítima fossem condenados à morte. Na Idade Média, na França principalmente, prevalecia muitas vezes a mesma norma. Homens e porcas, homens e vacas, homens e macacas, eram queimados juntos. Em Toulouse uma mulher foi queimada por ter relações com um cão. Mesmo no século XVII um culto advogado francês justificava essas sentenças. Parece provável que, mesmo atualmente, na atitude social e legal para com a bestialidade, não é dada a atenção suficiente ao fato de que esta contravenção é cometida, geralmente, por pessoas morbidamente anormais ou de grau de inteligência tão baixo, que beira à debilidade mental. Ademais, deve ser lembrado que, exceto nos casos eventuais que implicam crueldade para os animais, ou estão ligados ao sadismo, a bestialidade não é, absolutamente, um ato diretamente antissocial. Na medida em que não há crueldade, fiz Forel, “ele é uma das mais inofensivas aberrações patológicas do impulso sexual.”

BIBLIOGRAFIA

KRAFFT-EBING, *Psychopathia Sexualis*.

W. HOWARD, “*Sexual Perversion*”, *Alienist and Neurologist*, Janeiro, 1896.

FOREL, *The Sexual Question*.

THOINOT E WEYSSE, *Medico-Legal Moral Offences*.

Cleptolagnia

O antigo termo “cleptomania” (que data do século XVIII) lançado originariamente como uma “monomania”, nunca teve aceitação geral em medicina e foi comumente recusado na justiça. Quando empregado, o era, de um modo geral, para indicar simplesmente um impulso mais ou menos irresistível de furtar, uma obsessão para a qual não há motivo consciente e contra a qual o indivíduo (geralmente mulher) luta. Ela foi considerada como relacionada de maneira mais aproximada com a psicose maníaco-depressiva. A tendência agora é deixar que caia em desuso. Quando um “impulso mórbido” é

apresentado na justiça como defesa em caso de roubo, é bastante fácil para o juiz rebater: “Para curar isto é que estou aqui.” Mas há uma situação perfeitamente definida, não uma vaga obsessão, e sim devida a causas precisas e identificáveis, que não pode ser encerrada assim, o que se nos apresenta aqui na esfera da psicologia sexual. Esta é a chamada “cleptomania erótica”, para a qual o melhor nome provavelmente seja “cleptolagnia”. Esse nome (para indicar a associação do furto com a excitação sexual, por analogia com “algolagnia”) foi concebido pelo psiquiatra Kiernan, de Chicago, por volta de 1917. Eu o adotei imediatamente, e desde então o tenho considerado como o nome mais apropriado para este caso. (De maneira idêntica “pirolagnia” pode ser usado para a manifestação rara da “piromania erótica”). O caso em si parece ter sido registrado pela primeira vez por Lacassagne, de Lyons, em 1896.

Pode-se dizer que a cleptolagnia surge do amplo campo da algolagnia, isto é, da associação da dor, aqui sob a forma de ansiedade, com a excitação sexual. Ela foi citada vagamente por vários observadores que não a haviam compreendido de maneira clara, e antes que psiquiatras franceses (como Depouy, em 1905) descrevessem casos concretos. Eles mostraram que o processo mental correspondente era, na realidade, o processo da tumescência e detumescência sexual transformado simbolicamente em um impulso obsessivo, impulso acompanhado de resistência e esforço, de agarrar às escondidas algum objeto mais ou menos de pouco valor, — muitas vezes um artigo de seda ou outro tecido que poderia ser utilizado, como o indivíduo já sabia, para provocar excitação sexual —, culminando em um ato de furto que correspondia à detumescência sexual e ao alívio emocional, e era acompanhado, às vezes, e realmente, desses fenômenos. Nenhum outro valor era atribuído ao objeto roubado, que era escondido ou posto fora pelo indivíduo, geralmente uma mulher, e muitas vezes em boa situação social. Ela pode não estar perfeitamente consciente da origem sexual de seu comportamento e, se consciente, via de regra não o confessaria espontaneamente. Compreendemos que a cleptolagnia não é verdadeiramente uma forma de cleptomania, embora costumasse ser confundida com esta, porque a cleptomania é teoricamente considerada como sem causa e irresistível, enquanto na cleptolagnia há um motivo preciso, seja ou não consciente, — embora esse motivo não seja realmente o furto —, e o ato não é irresistível e sim praticado com razoável precaução, em momento oportuno. O indivíduo, embora muitas vezes, ou sempre, neurótico, não é necessariamente extremamente psicopata. Não estamos na presença da demência, e a cleptolagnia não deve ser colocada juntamente com a cleptomania, agora quase extinta, mas sob a rubrica da psicologia sexual. Ela deve ser considerada como uma forma mórbida do fetichismo erótico.

Há outras combinações menos comuns, do impulso sexual com o furto, as quais, embora relacionadas com a cleptolagnia, devem ser diferenciadas desta, nos termos em que é considerada aqui. Uma dessas combinações foi descrita de maneira específica por Stekel, em 1908. O furto nesse caso não é erótico, isto é, não é um método de satisfação sexual, e não é o furto de um fetiche, mas de qualquer objeto que pareça transmitir uma sugestão sexual. É um substituto da satisfação sexual, o qual ocorre principalmente em mulheres com sensações reprimidas em virtude de impotência de seus maridos. Stekel

apresentou-o como uma explicação de toda a cleptomania, explicação que cai se eliminarmos a entidade da cleptomania.

Outra combinação diferente, do furto com a excitação sexual, foi descrita e demonstrada de maneira clara por Healy. Estes casos ocorrem em jovens, assim como em moças, que são conduzidos a tentações sexuais que lhes parecem tão repugnantes e imorais, que eles se inclinam para a tentação de furtar, que lhe parece menos repugnante. O processo mental aqui é o contrário do encontrado na cleptolagnia, porque o furto não é uma satisfação real e simbólica do desejo sexual, mas uma fuga desse desejo.

BIBLIOGRAFIA

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex*, Vol. VII, "Kleptolagnia".

HEALY, *Mental Conflicts and Misconduct*.

STEKEL, *Peculiarities of Behaviour*.

Exibicionismo

Outra manifestação simbolista do impulso sexual, grave na idade adulta, pode ocorrer inocentemente, e não de maneira anormal, na infância. É o exibicionismo. Vários autores têm assinalado que na puberdade, e mesmo na adolescência, não é raro um impulso de ostentação que se estende aos órgãos do sexo, em desenvolvimento (nas meninas de maneira mais acentuada em relação aos seios). É uma tendência infantil comum, que parece perfeitamente natural. Freud refere-se à alegria que até as crianças muito pequenas sentem com a nudez. Elas gostam de dançar nuas, antes de ir dormir, levantando muitas vezes as roupinhas, mesmo diante de estranhos, reminiscência, como Freud a considera, de um estado paradisíaco perdido, que mais tarde, nos exibicionistas, se torna uma obsessão mórbida, e muitas vezes mesmo, reafirmada após a puberdade sob uma forma precisa, embora reprimida. Putnam achava que a frequência com que sonhamos estar insuficientemente vestidos, revela um exibicionismo latente, embora eu não possa aceitar esse modo de ver. Despreza-se o fato de que durante o sono estamos realmente naquele estado. Na infância é às vezes uma prática em conjunto (mesmo até a idade de doze anos), como uma manifestação de simples interesse pelos órgãos sexuais. É devido muitas vezes, também, a um impulso de travessura ou revolta, embora, quando persistente, possa ter uma causa sexual obscura, e ser indício de uma irritação que procura um alívio desconhecido, uma espécie de masturbação compensatória, a ser encarada como a masturbação comum. Nos adultos o exibicionismo é mais precisamente um símbolo do coito, e suas formas distribuem-se em vários grupos.

Descrito pela primeira vez em 1877, por Lasègue, que lhe deu o nome, o

exibicionismo é uma forma de simbolismo erótico, no qual é encontrado um equivalente adequado do coito apenas no ato de exhibir deliberadamente o órgão sexual a pessoas do sexo oposto, de preferência, geralmente, a pessoas jovens e presumivelmente inocentes, e, muitas vezes, crianças. Parece não ser um fenômeno raro, e a maioria das mulheres, principalmente jovens, uma ou duas vezes em sua vida, encontraram um homem que se expôs intencionalmente a elas. É na realidade a contravenção sexual mais comum, e Norwood East verificou que, de 291 delinquentes sexuais recolhidos para julgamento ou novamente encarcerados na prisão de Brixton, 101 eram casos de “exibição indecente”, embora devamos acrescentar que os transgressores sexuais eram, ao todo, apenas 4 por cento do número total de prisioneiros.

O exibicionista, embora seja muitas vezes um homem jovem e muitas vezes vigoroso, satisfaz-se com o simples ato da auto exibição e reação emocional que esse ato produz. Raramente ele faz exigências à mulher a quem se mostra. Raramente fala, e não faz esforços para aproximar-se dela. Via de regra, deixa mesmo de apresentar os sinais de excitação sexual. Raramente se masturba. Seus desejos ficam completamente satisfeitos pelo ato de exibição e pela reação emocional que ele supõe despertar na mulher. Ele se vai satisfeito e aliviado.

Várias classificações de exibicionismo têm sido apresentadas. Assim, Maeder reconhecia três formas: (1) a *infantil*, contemplar e ser contemplado, sendo normal na infância; (2) a *senil*, que é um método de excitação sexual dos impotentes; e (3) exibicionismo como *método de convite sexual*, que pode ocorrer em pessoas perfeitamente normais, de virilidade deficiente. Esta classificação talvez não esteja completa, mas insiste corretamente no elemento da fraqueza sexual, que é significativa no exibicionismo, e no fato de que a aberração tem uma base normal nas atividades comuns da infância. Krafft-Ebing dividia os exibicionismos em quatro grupos clínicos: (1) estados de debilidade mental adquiridos, com doenças cerebrais ou medulares embotando a consciência e causando, ao mesmo tempo, a impotência; (2) epiléticos nos quais o ato é um impulso orgânico anormal, praticado em um estado de consciência imperfeita; (3) um conjunto de casos ligados de certo modo à neurastenia; (4) casos de impulsividade periódica, com uma profunda marca hereditária. Esta classificação não é inteiramente satisfatória. Norwood East, com fins práticos, dividia os exibicionistas em dois grupos principais: o *psicopático* (cerca de dois terços do total, com predominância de “visionários” e deficientes mentais), e o *depravado* (que tinha uma motivação viciosa e constituía o terço restante). A maioria dos casos recaem em um ou outro dos grupos mistos: (1) casos em que existe uma anormalidade mais ou menos congênita, mas, por outro lado, um grau satisfatório ou mesmo completo de integridade mental. Geralmente são adultos jovens, mais ou menos conscientes do fim a que querem atingir, e muitas vezes, somente com uma luta inteligente é que eles cedem a seu impulso; (2) casos em que o começo de perturbações mentais ou nervosas ou a degeneração alcoólica diminuem a sensibilidade dos centros nervosos superiores. Esses indivíduos são às vezes homens velhos (pastores etc.) cujas vidas foram absolutamente corretas. Muitas vezes eles têm apenas uma vaga percepção da natureza da satisfação que procuram, e frequentemente a manifestação não é precedida de resistência; mas com o repouso e

um tratamento revigorante a saúde pode melhorar e os atos cessarem. Somente no primeiro grupo de casos é que há uma anomalia sexual adiantada. Nos casos do segundo grupo há uma intenção sexual mais ou menos definida, mas apenas simplesmente consciente, e a necessidade presente do impulso não é devida à força deste, mas à fraqueza, temporária ou permanente, dos centros inibidores superiores. Com relação a isto o álcool é uma causa comum, seja causando uma confusão mental verdadeira, seja liberando tendências latentes. Norwood East observa que a diminuição do consumo do álcool na Inglaterra foi acompanhada pela diminuição do número de condenações por exibição imoral (na Inglaterra e no País de Gales, em 1913, 866 homens foram condenados assim, em 1923 e em uma população maior, apenas 548).

Os casos de epiléticos, com perda da consciência durante o ato, somente podem ser considerados como apresentando um pseudo-exibicionismo. Eles não são tão comuns como às vezes se supõe. Norwood East não encontrou nenhum em uma série de 150 casos (embora houvesse epiléticos entre eles), e observa que em sua experiência esses casos não são tão frequentes quanto são dramáticos. É verdadeiro, sem dúvida, que os casos de exibicionismo real ou aparente podem ocorrer em epiléticos, como foi demonstrado claramente por Pelandi, em Verona, há muitos anos. Contudo, não devemos concluir com pressa excessiva, que, pelo fato de esses atos ocorrerem em epiléticos, sejam necessariamente atos inconscientes. Quando o ato do pseudo-exibicionismo é realmente epilético, não tem conteúdo psíquico, e estará certamente sujeito a ocorrer sob toda espécie de circunstâncias, quando o paciente está só, ou em um aglomerado humano heterogêneo. Isto corresponde exatamente a alguns casos em que os epiléticos realizam o ato da micção durante um ataque psíquico, de maneira aparentemente intencional, mas, na realidade, inconsciente. Tal ato é automático, inconsciente e involuntário. Os espectadores nem mesmo são notados. Não pode ser um ato de exibicionismo porque o ato da exibição implica intenção deliberada e consciente. Por outro lado, sempre que o local e a ocasião são escolhidos com intenção evidente, — um lugar silencioso, com a presença apenas de uma ou duas mulheres jovens ou crianças —, é difícil admitir que estamos na presença de um acesso de inconsciência epilética, mesmo quando se sabe que o indivíduo é epilético.

Excluindo esses pseudo-exibicionistas epiléticos, que, sob o ponto de vista legal, são manifestamente irresponsáveis, deve ser lembrado ainda, que, no exibicionismo, há geralmente, ou um grau acentuado de anormalidade mental de fundo nevrótico, ou então doença mesmo. Isto é muito mais verdadeiro em relação ao exibicionismo, do que em quase todas as outras formas de desvio sexual. Nenhum acusado de exibicionismo deve ir para a prisão sem um exame clínico especializado. Hirschfeld acredita que o exibicionista nunca é normal sob o ponto de vista mental. Em alguns casos o impulso ao exibicionismo pode ser dominado ou desaparecer. Este desfecho tem mais probabilidades de ocorrer nos casos em que o exibicionismo foi em grande parte condicionado pelo alcoolismo crônico ou outras influências que tendem a destruir a ação inibidora e repressora dos centros superiores, o que pode ser superado pela higiene e tratamento. Quando ocorre na juventude, ele tende a ser superado espontaneamente, como no masoquista Rousseau, o qual se lembra de que, quando menino, mostrara as

nádegas uma ou duas vezes a meninas de longe. Viajando através da Morávia há muitos anos, notei uma mulher jovem que se estivera banhando em um riacho perto da linha férrea e, quando o trem passou, virou as costas a ele e levantou a camisa. (Aí devemos ter em mente o antigo método de exorcismo pela exibição das nádegas, degenerando mais tarde em um meio de demonstrar desprezo, e praticado principalmente por mulheres). O exibicionismo verdadeiro é raro na mulher, exceto na infância. Como Douglas Bryan observa, as mulheres no exibicionismo consideram o corpo inteiro como um pênis a ser exibido.

O exibicionismo é um ato que, aparentemente, parece ser desparatado ou sem sentido, mas é extremamente desarrazoado considerá-lo necessariamente como um ato inexplicável de demência, como era tratado outrora ou ainda o é, tanto em obras sobre a loucura, como as relativas à perversão sexual, muito embora em sua forma extrema ele possa ser relacionado a qualquer delas.

Devemos considerar o exibicionismo como um ato basicamente simbólico, originado de uma perversão do jogo amoroso. O exibicionista, quando é homem, mostra o órgão sexual a uma testemunha feminina, e na súbita reação de recato e vergonha sexual que ela apresenta ante esse espetáculo, ele encontra um prazer semelhante às emoções naturais do coito. Ele sente que efetuou uma defloração psíquica.

O exibicionismo é, assim, análogo e assemelhado ao impulso que muitas pessoas sentem, de praticar atos indecorosos ou contar histórias imorais, na presença de elementos jovens e inocentes do sexo oposto. Isto também é uma espécie de exibicionismo, em que a satisfação resultante está, exatamente, como no exibicionismo físico, na confusão emotiva que ele percebe que desperta, embora não possamos aceitar o ponto de vista de Näcke, de que o exibicionismo é simplesmente uma forma de sadismo, e a satisfação sentida devida apenas ao horror que desperta. As duas espécies de exibicionismo podem estar associadas na mesma pessoa.

É de interesse assinalar que o simbolismo sexual da flagelação ativa é extremamente semelhante a esse simbolismo do exibicionismo. O açoitador aproxima-se de uma mulher com a vara (em si mesma um símbolo do pênis e em alguns países recebendo nomes que são também aplicados àquele órgão), para provocar em uma região íntima do corpo dela os sinais do rubor e os movimentos espasmódicos que se relacionam com a excitação sexual, enquanto ao mesmo tempo ela sente, ou o flagelador imagina que ela sinta, as emoções correspondentes à vergonha deliciada. É uma imitação ainda mais aproximada do ato sexual do que a alcançada pelo exibicionista, porque este não se certifica do consentimento da mulher, nem experimenta nenhum contato íntimo com seu corpo despido. A diferença está no fato de que o flagelador ativo é geralmente uma pessoa mais viril e mais normal do que o exibicionista. Contudo, há aqui apenas analogia e não identidade. Não devemos considerar o exibicionista (como se faz às vezes) como um sádico. Na maioria dos casos o impulso sexual do exibicionista é fraco, e ele pode mesmo estar sofrendo um estágio inicial de paralisia geral, demência senil, ou outra causa enfraquecedora, determinante do desequilíbrio mental, como o alcoolismo crônico. A fraqueza sexual é revelada ainda,

pelo fato de que as pessoas escolhidas como testemunhas são muitas vezes apenas crianças.

Psicologicamente, o ato do exibicionista não é tão inexplicável como possa parecer à primeira vista. Geralmente ele é uma pessoa acanhada e tímida, às vezes de constituição um tanto infantil. Sua atitude é uma reação violenta contra suas condições. Os fetichistas também podem ser igualmente acanhados e reservados, e Hirschfeld insistiu em que há com frequência um elemento fetichista no exibicionista. Ele reconhecia, realmente, a presença de dois fatores em todos esses casos: (1) um fator endógeno e neurótico e (2) um fator exógeno, que geralmente é fetichista. Nunca é o rosto que excita o exibicionista mas, de maneira muito mais comum, as pernas, motivo pelo qual, como Hirschfeld acredita, o espetáculo de crianças e colegiais induz tantas vezes a esses atos, visto que há mais probabilidade de que mostrem as pernas nuas.

A reação despertada pelo ato pode recair em um desses três grupos: (1) a menina se assusta e foge; (2) ela fica indignada e descompõe o agressor; (3) ela gosta ou acha engraçado, e ri ou sorri. A última reação é a que proporciona ao exibicionista maior satisfação.

Parece provável que se verifique uma forma de simbolismo erótico algo semelhante ao exibicionismo, nos casos raros em que a satisfação sexual é obtida atirando, nos vestidos brancos das mulheres, tinta, ácidos ou outros líquidos que mancham. Moll, Thoinot, Hirschfeld e outros registram casos dessa espécie. Thoinot acha que nesses casos o fetiche é a mancha. Essa é uma explicação incorreta do assunto. Provavelmente as vestes brancas constituem o fetiche principal, na maioria dos casos, mas esse fetiche se torna mais intensamente realizado pelo ato de manchar, e, ao mesmo tempo, ambas as partes são levadas a um estado emocional que, para o fetichista, se torna uma imitação do coito. Talvez possamos associar a esse fenômeno a atração que os sapatos enlameados exercem muitas vezes sobre o fetichista dos sapatos. Restif de la Bretonne associava seu amor à limpeza das mulheres, com sua atração pelos pés, a parte, segundo ele observa, menos fácil de manter limpa.

Garnier aplicava a expressão *sadi-fetichismo* à flagelação ativa e a muitas manifestações semelhantes às de que tratamos aqui, sob o fundamento de que elas são híbridos que combinam a adoração mórbida por determinado objeto, com um impulso de exercer um maior ou menor grau de violência. Sob o ponto de vista da concepção de simbolismo erótico que adotei, não há necessidade dessa expressão. Não há aqui combinação híbrida de dois estados mentais diferentes. Estamos simplesmente diante de estados de simbolismo erótico mais ou menos completos, mais ou menos complexos.

A concepção de exibicionismo como um processo de simbolismo erótico implica uma atitude de atenção consciente ou inconsciente da mente do exibicionista à reação psíquica da mulher para a qual ele dirige sua exibição. Ele procura causar uma emoção que, provavelmente na maioria dos casos, ele deseja que seja agradável. Mas, por um motivo ou outro, suas sensibilidades mais apuradas estão inibidas ou suspensas, e ele é incapaz de julgar com precisão, seja a impressão que provavelmente vai produzir, sejam

as conseqüências gerais de sua ação, ou ainda ele pode ser acionado por uma obsessão forte e impulsiva, que sobrepuja seu julgamento. Em muitos casos ele tem boas razões para acreditar que seu ato será mais agradável do que o contrário, e ele encontra com frequência testemunhas benevolentes entre as criadas da classe inferior, etc.

Mas o exibicionista deseja geralmente provocar mais do que um simples divertimento excitante. Ele procura um efeito excepcional, que deve ser emotivo, seja ou não agradável. Há algumas vezes um esforço evidente, — da parte de um homem fraco, ineficiente e efeminado —, para produzir o máximo de efeito emocional. A tentativa de aumentar o choque emocional evidencia-se também, no fato de que o exibicionista pode escolher uma igreja como cenário de suas proezas, não durante as cerimônias religiosas, porque ele sempre evita a aglomeração, mas talvez pela tarde, quando há somente algumas mulheres dispersas, ajoelhadas no templo. A igreja é escolhida, não por um impulso de cometer sacrilégio, — o que, via de regra, o exibicionista não acha que seu ato seja —, mas porque ela apresenta de fato as condições mais favoráveis ao ato e aos efeitos desejados, “exatamente o que é necessário”, como um deles disse, “para uma troca de impressões. O que estão pensando elas? O que dizem umas às outras, a meu respeito? Oh! Como eu desejaria saber!” Um cliente de Garnier, que frequentava igrejas com esse fim, fez uma declaração significativa: “Por que gosto de ir a igrejas? Difícilmente poderia dizer. *Mas sei que somente aí é que meu ato tem sua importância vital.* A mulher está em um estado de espírito próprio da devoção, e ela deve compreender que um ato desses em tal lugar não é uma brincadeira de mau gosto ou uma obscenidade repugnante; *que, se eu vou lá, não é para divertir-me; é coisa mais seria do que isso!* Eu observo o efeito produzido nos rostos das senhoras a quem mostro meus órgãos. Desejo vê-las expressar um profundo contentamento, desejo, de fato, que elas sejam forçadas a dizer consigo mesmas: *Como a Natureza é grandiosa quando é vista assim!*” É evidente que temos aqui um traço do mesmo sentimento que inspirava o antigo culto fálico, sentimento que, na realidade, é encontrado hoje algumas vezes, como Stanley Hall e outros assinalaram, em jovens adolescentes, assim como em mulheres, embora normalmente sob repressão e existindo simplesmente como um certo orgulho na posse de atributos masculinos ou femininos completamente desenvolvidos.

Esse é o motivo pelo qual o exibicionismo na quase maioria de suas formas comuns é uma manifestação juvenil. Norwood East verificou que 57 de seus 150 casos, mais de um terço, estavam abaixo de vinte e cinco anos de idade, número que diminuiu gradativamente nas idades subsequentes, enquanto a grande maioria do número total era de solteiros. Esse é também o motivo pelo qual um grupo tão importante (quarenta dos casos de Norwood East) pode ser chamado “visionário”. Isto é, cultiva fantasias juvenis de um jogo amoroso anormal, embora, como East observa, “em muitos, nos venham à lembrança os jogos amorosos do pátio da fazenda e as travessuras amorosas e “exibicionismos” a que se entregam certos animais.”

É por um pseudo-atavismo que este falicismo é manifestado abertamente pelo exibicionista. Não há a ocorrência verdadeira de um instinto herdado dos ancestrais, mas, pela paralisação ou inibição dos sentimentos mais requintados e elevados em voga

na civilização, o exibicionista é colocado no mesmo nível mental do homem de uma época primitiva, e assim ele proporciona a base sobre a qual os impulsos próprios de uma cultura mais baixa podem deitar raízes e desenvolver-se naturalmente. Quando o distúrbio nevropático hereditário não é muito profundo, há muitas vezes, sob condições favoráveis, uma volta satisfatória e completa ao comportamento normal.

Ver-se-á que o exibicionista está apenas apresentando em um estágio mais avançado, — como tantas vezes acontece com os desvios sexuais —, uma manifestação sexual que tem uma base primitiva, e dentro de limites devidamente controlados e sob condições adequadas, poderia ser considerada até legítima⁸. Muitas vezes ele é simplesmente um narcisista excessivamente temerário. Mas nas condições sociais de nossos dias, seu comportamento, por mais natural que seja' em suas origens, não pode ser tolerado. Pode levar a sintomas nervosos e histéricos, a menina inocente vítima desse comportamento. E a interferência da polícia é exigida legitimamente.

Mas, o que fazer com o exibicionista quando ele é levado perante o juiz? Como Norwood East declara, em uma grande percentagem de casos, os próprios tribunais pedem agora um relatório sobre o estado mental. O problema tornou-se difícil com o modo de ver mais inteligente que tende a prevalecer em relação aos desvios sexuais. Uma pequena punição não produz efeito. Uma punição severa seria injusta e igualmente ineficiente. A menos que o transgressor tenha posses, não poderá ser enviado a uma instituição para exame especializado e tratamento. Posso transcrever aqui uma carta de um amigo, que é magistrado e homem eminentemente capaz. “Ontem no tribunal trimestral houve o caso de um homem, um trabalhador, que tinha sido condenado repetidamente por exibição imoral. A sentença era de seis meses de trabalhos forçados. A dificuldade parece ser dupla. Primeiro, não há, tanto quanto sabemos, um lugar para onde esse homem possa ser mandado para detenção e tratamento, e segundo, como o médico da prisão costumava dizer apenas que o homem era subnormal e não atestava, nós não tínhamos autoridade sobre ele. O resultado é que um homem saudável, de 38 anos, que pode bem viver até 68, dentro de seis meses será solto e o mais provável é que repita a transgressão. Ele possuía assentamentos militares muito bons. Outros juízes ficaram muito impressionados com o caso e senti-me contente em observar que a ideia do Tribunal era predominantemente contra o envio desse homem para a prisão. A única alternativa era absolvê-lo. Felizmente ultrapassamos a fase dos açoites, o que evidentemente está estipulado no Estatuto e certamente seria aplicado dois ou três anos atrás.” Outro magistrado, que é médico psicoterapeuta, escreve-me a esse respeito: “Tenho visto um bom número de casos desses no Tribunal. São realmente muito tristes. Alguns consegui livrar; outros tiveram de receber sua punição de acordo com a lei. Não

⁸ Deve ser lembrado que, na Inglaterra, somente em época recente a nudez foi considerada uma transgressão punível. Antes disso ela poderia ser considerada “indecente”, mas isso, até o século XVIII, não era uma transgressão perante a lei. (Na Irlanda, no século XVII, como Fynes Moryson testemunha, senhoras aristocratas costumavam tirar as roupas, até na presença de estranhos). Acho mesmo que em 1476 um sacerdote de Londres compareceu perante o Tribunal Eclesiástico, acusado de mostrar suas partes genitais a várias mulheres da paróquia. Sem dúvida a natureza sagrada de sua profissão levou ao escândalo. Não há informações de que tenha sido feita alguma coisa a esse respeito.

há dúvida de que a maioria necessita de tratamento psicoterápico, sendo mais doentes mentais do que criminosos. Muitos se horrorizam sinceramente com seus próprios atos, que eles tentam desesperadamente controlar. Muita argumentação é necessária a esse respeito para realizar uma mudança no quadro convencional.”

Com relação ao tratamento psicoterápico, gostaria de assinalar que ele provavelmente se mostraria eficiente se levado a efeito em combinação com um acampamento para banhos de sol nos moldes nudistas da espécie que se está tornando agora conhecida e aceita largamente. Se o exibicionista é muitas vezes simplesmente um narcisista de tipo excepcionalmente acentuado, apresentando impulsos que não são necessariamente antissociais e na realidade, socialmente admissíveis em certas circunstâncias, dar-lhe uma oportunidade para a manifestação legítima deles, é conferir-lhe um novo poder de autocontrole. Um exibicionista que é estimulado a praticar o nudismo entre homens e mulheres que, estando eles próprios completamente nus, aceitam-no como uma coisa natural é, ao mesmo tempo, satisfazer seus desejos narcisistas na medida em que são inocentes e despojá-los de sua intensidade mórbida. Se seus impulsos não puderem ser contidos dentro de limites inocentes, ele se defrontará com a certeza de que será privado do privilégio que lhe é conferido. Proporciona-se uma via correta e socializante, para um impulso que, do contrário, se torna segregador, corruptor e degradante.

O primeiro conselho a dar a um exibicionista que ainda não atraiu a atenção da polícia, é que ele nunca deve sair só. Hirschfeld, que reconhece a importância desta norma, observa que o conselho é sempre, em boa parte, aceito, porque o exibicionista tende a aterrorizar-se com seus próprios impulsos. Quando ele é realmente preso e levado à presença do juiz, a atitude sensível e humana em uma primeira transgressão é soltá-lo sob a condição de que ele deve procurar a orientação do médico. Em muitas cidades grandes há agora clínicas especiais que ficam à disposição dos magistrados, cirurgiões da polícia e pesquisadores sociais, a preço irrisório, e que devem ser utilizadas com mais frequência. Na segunda transgressão deve haver uma detenção obrigatória de pelo menos um mês em um asilo, para exame e tratamento. Isto está de acordo com a opinião de Forel, de que os exibicionistas não são perigosos, e (exceto quando débeis mentais) não devem ser detidos senão por um curto período em um asilo para doentes mentais.

BIBLIOGRAFIA

KRAFFT-EBING, *Psychopathia Sexualis*.

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex, Vol. V, "Erotic Symbolism"*.

W. NORWOOD EAST, *"Observations on Exhibitionism"*, *Lancet*, 23 de agosto de 1924.

Algolagnia (Sadismo e Masoquismo)

Algolagnia é um termo adequado (concebido por Schrenck-Notzing) para indicar a conexão entre a excitação sexual e o sofrimento, sem referência à sua diferenciação precisa em forma ativa e forma passiva. A forma ativa é chamada comumente *sadismo*, nome tirado do Marquês de Sade (1740-1814), que o encarnou ligeiramente em sua vida e largamente em seus livros. A forma passiva é chamada *masoquismo*, originada de Sacher-Masoch (1836-1895), romancista austríaco que descreveu repetidamente em seus romances, este desvio sexual, que ele próprio manifestava. O sadismo é definido geralmente como a excitação sexual associada ao desejo de infligir sofrimento, físico ou moral, ao objeto da excitação. Masoquismo é a excitação sexual ligada ao desejo de ser subjugado fisicamente e humilhado moralmente, pela pessoa que desperta a emoção. Quando integralmente desenvolvida, as ações que constituem a *algolagnia*, — sejam ativas, sejam passivas, sejam reais, simuladas, simbólicas ou apenas imaginadas —, constituem em si mesmas uma satisfação adequada do impulso sexual, e, no último grau, asseguram a detumescência sem necessidade do coito.

A conveniência de usar o termo *algolagnia* revela-se pela existência de manifestações desse grupo que não se situam convenientemente dentro da esfera, seja do sadismo, seja do masoquismo. Assim Krafft-Ebing e Moll recusaram-se a aceitar a flagelação passiva como masoquista, considerando-a simplesmente como um estimulante físico. Assim poderá ser. Mas em muitos casos ela é nitidamente masoquista, e a flagelação ativa nitidamente sadista. Em qualquer dos casos há uma associação de excitação sexual com o sofrimento. Assim o termo “*algolagnia*” abrange convenientemente fenômenos que nem sempre são fáceis de incluir no sadismo ou no masoquismo.

Sob o ponto de vista de definição, esta fusão de sadismo com masoquismo é inconveniente, mas psicologicamente é correta. O masoquismo, como Freud afirmou, é o sadismo voltado para o próprio eu, ou podemos dizer que o sadismo é o masoquismo voltado para os outros. Esse, na verdade, é o principal campo no qual é conveniente reunir o sadismo e o masoquismo sob um único título. Clinicamente, eles muitas vezes existem separadamente, mas não há uma nítida linha de separação entre eles, e embora possa ser raro encontrar um elemento de sadismo no masoquista puro, é comum encontrar um traço de masoquismo no sadista. Até o próprio Sade não era um sadista puro, mas tinha em si diferentes elementos de masoquismo revelados claramente em suas palavras. Os elementos ativos e passivos podem estar estreitamente unidos, se não forem, na realidade, idênticos. Assim escreve um paciente de *algolagnia* principalmente ativa, para quem o açoite é um fetiche estimulante: “Minha reação é para o lado *ativo* do sexo. Surgiu em mim um leve interesse pelo lado passivo, mas estou convencido de que isto depende de uma inversão semi-subconsciente ou transferência do ato, de maneira que embora aplicado a mim, é imaginado subconscientemente como aplicado por mim a uma outra pessoa.” É interessante notar, também, que, enquanto o masoquista pode parecer às vezes másculo e vigoroso no conjunto do temperamento, o sadista é com

frequência uma personalidade tímida, delicada e feminil. Assim Riedel, jovem sadista estudado por Lacassagne (e enviado por fim a um asilo), e que matou um menino, tinha ideias voluptuosas sobre sangue desde a idade dos quatro anos, e gostava de brincar de matar, era de compleição física infantil, muito tímido e delicado, recatado (de maneira que não podia urinar na presença de outra pessoa), muito religioso, odiando a obscenidade e a imoralidade, e com o rosto e expressão infantil e agradável. Mas o amor pelo sangue e o assassinio era uma obsessão irresistível, e sua satisfação produzia enorme alívio emocional. Outro jovem francês, sadista, estudado por A. Marie (e mandado também para um asilo), era de temperamento semelhante, muito tímido, corando facilmente, incapaz mesmo de olhar francamente até crianças, ou fazer propostas a mulheres, ou ainda urinar na presença de outros.

Hirschfeld procurou superar algumas dificuldades que cercavam a definição de sadismo e masoquismo propondo o termo *metatropismo*, querendo significar com isso uma espécie de atitude sexual invertida ou trocada, assumindo o homem, e exagerando, a atitude feminina normal à mulher, e a mulher assumindo, e exagerando, a atitude masculina normal ao homem. Assim esse sadismo no homem seria apenas o aumento da atitude sexual normal do macho, e o masoquismo em uma mulher o aumento da atitude sexual feminina normal, tornando-se, tanto o sadismo como o masoquismo, estados completamente diferentes, segundo ocorram em um homem ou em uma mulher. O sadismo masculino e o masoquismo feminino são assim para Hirschfeld, simplesmente processos hiperestéticos ou erotomaníacos do impulso sexual normal, enquanto no sexo oposto eles se transformam em desvios metatrópicos completos, da normalidade. Contudo, esta concepção não foi aceita de maneira generalizada. Ela complica o assunto de maneira confusa. Ela se baseia em uma concepção de sexualidade normal que nem todos aceitarão. O próprio Hirschfeld admite que o homem sádico é muitas vezes o inverso da virilidade, e o masoquista o inverso do temperamento feminino, pelo que a concepção metatrópica é aplicável apenas imperfeitamente. Ainda parece mais conveniente falar de algolagnia, com suas duas formas opostas mas muitas vezes relacionadas, de sadismo e masoquismo, quer estejamos tratando de homens quer de mulheres.

Tem sido oposta uma objeção à sensação de dor como um prazer. Contudo, na algolagnia não é o sofrimento em si que é prazer, mas a excitação sexual que ele desperta. De um modo geral, os pacientes de algolagnia devem ser considerados, sob o ponto de vista sexual, mais como deficientes do que supereficientes, eles apresentam o inverso do estado hiperestésico ou do estado sexualmente vigoroso. Eles necessitam, por isso, de um estímulo mais forte do que o normal, para despertar a atividade sexual. As sensações e as emoções fortes, mesmo as de tipo mais improvável, tais como ansiedade e aflição, podem agir como estímulos sexuais, e assim produzir prazer, embora em si mesmas sejam dolorosas. Cullerre apresentou uma série de casos, principalmente de pessoas que manifestavam sintomas de esgotamento nervoso, tanto homens como mulheres, pessoas muitas vezes de elevado gabarito moral, nas quais crises de angústia e terror, às vezes de caráter religioso, terminavam em orgasmo ou masturbação espontânea. As implicações extraordinariamente amplas deste fato

psicológico fundamental são aproveitadas, consciente ou inconscientemente, pelo paciente de algolagnia, para reforçar seu fraco impulso sexual.

Deve ser lembrado ainda que, em muitas pessoas, principalmente as de disposição neurótica, o sofrimento em pequena escala (com as emoções correspondentes de choque, angústia, repugnância, desprezo etc.), quer presenciado em outros, quer experimentado por elas próprias, pode provocar um estado psíquico agradável sem ser suficientemente intenso para estimular sensações sexuais concretas. A reação natural ao sofrimento pode ser de compaixão própria ou de solidariedade; numa, a pessoa o lamenta em si própria, na outra, e numa proporção menor que varia com o grau de afetividade, lamenta-o em outros. Mas também é possível uma certa dose de prazer ou de satisfação. A expressão clássica disso é o trecho de Lucrécio (Livro II) relativo aos sentimentos do homem a salvo na praia, que presencia o afogamento de outros, e é interessante ver como Lucrécio o explica: “É agradável contemplar da praia a situação arriscada do infeliz marinheiro que luta com a morte, não que sintamos prazer na desgraça dos outros, mas porque é consolador ver males que não estamos sofrendo.” Nas manchetes dos jornais não há adjetivo mais frequente e por isso, presumivelmente mais atraente, do que “espantoso”, e o “espantoso” geralmente implica um elemento de sofrimento ou choque. O espetáculo tipo Grand Guignol sempre encontra espectadores fascinados por seus horrores, e é digno de nota que os romances em que situações dolorosas são transformadas em divertimento, e figuras patéticas apresentadas como ridículas, são com frequência obras populares de escritores de grande valor. É evidente que, em pequena proporção, um elemento do que pode chamar-se sadismo e masoquismo não-sexuais (o que os alemães chamam *Schadenfreude*) está bem disseminado na população em geral.

Quando temos em mente essas considerações, podemos compreender como o sadista de nenhum modo é impelido necessariamente pelo desejo de ser cruel. É a excitação, mais do que o sofrimento, que ele tem interesse em despertar, assim como em sentir. Isto é ilustrado, por exemplo, pelo indivíduo portador de algolagnia ativa já citado, homem de hábitos intelectuais e não extremamente sádico: “O ato físico de açoitar é a origem da fascinação. Não há, absolutamente, nenhum desejo de humilhar a pessoa. Ela deve sentir dor, mas *apenas como a expressão do vigor do açoitar*. A imposição da dor em si mesma não me dá prazer: ao contrário, é para mim um motivo de repugnância. Independente dessa anomalia sexual, tenho uma grande aversão à crueldade. Apenas uma vez matei um animal e lembro-me disso com arrependimento.”

Na algolagnia nossa atenção é levada a fixar-se na presença da dor, porque deixamos de compreender todos os fenômenos psíquicos em jogo. É como se um instrumento musical fosse sensível: seria razoável supor que a execução musical fosse a imposição de um sofrimento, e teríamos certamente pessoas pseudo-científicas e críticas a concluir que o prazer da música é o prazer de proporcionar sofrimento, e que o efeito emocional da música é devido ao sofrimento assim imposto.

A algolagnia compreende algumas das manifestações mais extravagantes do impulso sexual. O sadismo leva aos mais violentos ultrajes contra a natureza humana.

Por isso é importante lembrar que tanto o sadismo como o masoquismo baseiam-se em impulsos humanos normais. Eles constituem os extremos de tendências que, em leve proporção, situam-se rigorosamente dentro da esfera biológica.

A base normal da algolagnia é complexa e variada. Há, principalmente, dois elementos que devemos ter em vista com relação a isso: (1) a dor, imposta ou sentida, é um subproduto do processamento do jogo amoroso, tanto em animais inferiores, como no homem; (2) a dor, mais particularmente em estados de enfraquecimento nervoso, congênitos ou adquiridos, é um estimulante nervoso, seja sentida, seja imposta, e é capaz de atuar poderosamente nos centros sexuais. Se tivermos firmemente em mente esses dois fatores fundamentais, teremos pouca dificuldade em compreender o mecanismo dos processos da algolagnia, variados que sejam em suas formas, e teremos a chave para sua psicologia. Toda forma de impulso sexual relacionada com a algolagnia, ou é a manifestação hipertrofiada de alguma fase primitiva do jogo amoroso (às vezes, talvez, de caráter atávico) ou é a tentativa de um organismo enfraquecido, para conseguir um poderoso adjuvante afrodisíaco, na obtenção da tumescência.

Todo amor, como disse há muito tempo o velho escritor inglês Robert Burton, é uma espécie de escravidão. O amante é o servo de sua amada; ele deve estar pronto para assumir toda espécie de riscos, enfrentar inúmeros perigos, cumprir muitos deveres desagradáveis, para servi-la e obter sua preferência. A poesia romântica está cheia de exemplos dessa atitude do amante. Quanto mais recuamos às condições primitivas existentes entre os selvagens, mais acentuados se tornam, de um modo geral, a sujeição do amante no jogo amoroso, e o rigor das provas a que se deve submeter para obter as boas graças de sua amada. A mesma coisa se verifica entre os animais, de uma maneira ainda mais rude: o macho tem de despender o máximo de suas energias para conquistar a fêmea, e muitas vezes sai do prélio com um rival vitorioso, mutilado e sangrando. Tanto a submissão ao sofrimento, como a imposição deste são partes rotineiras, se não essenciais do jogo amoroso. A fêmea, por seu turno, está inextricavelmente empenhada no mesmo processo, seja por influências solidárias, seja por influências recíprocas. E se no processamento do jogo amoroso, o cortejador é seu escravo e ela é capaz de ver com prazer os sofrimentos de que é a causa, tanto no cortejador vitorioso, como no mal sucedido, ela, por sua vez se torna submissa ao companheiro e mais tarde ao filho, recebendo seu quinhão total no sofrimento que o processo sexual implica. Às vezes, mesmo no decorrer do cortejo, a fêmea sofre, como acontece em muitos pássaros, quando o macho por ocasião do acasalamento entra em um estado de furor sexual, e a fêmea, mais passiva, sofre: assim o pintassilgo-verde é um rude cortejador, embora fique delicado e atencioso quando ela se torna submissa. A mordedura também é um artifício tanto animal como humano, e os cavalos, macacos etc. mordem delicadamente a fêmea, antes do coito.

Que a imposição do sofrimento é um sinal de amor é uma ideia difundida, tanto nos tempos antigos, como na época moderna. Lucian faz uma mulher dizer: “Aquele que não desencadeou uma chuva de pancadas em sua amada, e puxou seu cabelos, e rasgou suas vestes, ainda não está apaixonado”. A mesma ideia de que, espancar sua namorada

é um indício de amor apreciado no homem, ocorre em uma das *Novelas Exemplares*, de Cervantes, *Rinconete e Cortadillo*. E uma cliente de Janet disse de seu marido: “Ele não sabe me fazer sofrer um pouco. Não se pode amar um homem que não nos faz sofrer um pouco.” Inversamente, Millant diz no *Way of the World*, de Congreve: “A crueldade de uma pessoa é sua força.”

As manifestações da algolagnia são, porém, mais do que um mero exagero atávico das manifestações normais do jogo amoroso. Elas são, principalmente em organismos organicamente fracos, a manifestação de uma tentativa instintiva de reforçar o estímulo sexual. As emoções acidentais do jogo amoroso, isto é, o rancor e o medo, são elas próprias estimulantes da atividade sexual. Torna-se assim possível provocar artificialmente o rancor ou o medo, para fortalecer um impulso sexual deficiente. O método mais eficaz para fazer isso é a imposição do sofrimento: se há uma imposição do sofrimento estamos na presença do sadismo; se o sofrimento é recebido, estamos em face do masoquismo; se simplesmente ele é presenciado, estamos em um estágio intermediário que pode tomar a coloração seja do sadismo, seja do masoquismo, de acordo com a direção das afinidades do espectador sensível à algolagnia. Sob esse ponto de vista o sadista e o masoquista usam o sofrimento simplesmente como um meio de recorrer a um grande reservatório de emoção primitiva, que transmite energia a um impulso sexual fraco.

Quando compreendemos as origens sobre as quais repousam os desvios correspondentes à algolagnia, vemos que eles têm uma relação apenas acidental e não essencial com a crueldade. Não é o desejo de ser cruel que impulsiona o sádico, por mais cruel que ele possa ser, na realidade. Ele deseja despertar todas as suas emoções debilitadas, e para fazer isso, em muitos casos, ele desperta as emoções de sua vítima. Sabe que o método mais eficaz para conseguir isso é infligir sofrimento a ela. Com frequência, porém, ele deseja que ela sinta esse sofrimento como um prazer. Mesmo na esfera do amor normal, o homem muitas vezes impõe pequenos sofrimentos morais ou físicos à mulher que ele ama, e fica ansioso, o tempo todo, para que ela goste deles, ou mesmo sinta prazer neles. O sádico simplesmente avança mais um passo e (como em um caso observado) dá alfinetadas na moça, obrigando-a o tempo todo, a ostentar um sorriso na face. Não é seu desejo ser cruel, ele preferiria dar prazer, embora se contente com a mera aparência prazerosa da vítima. Mesmo quando o sádico vai ao ponto de matar sua vítima, não é levado pelo desejo de causar a morte, mas sim de derramar sangue, obtendo assim o estímulo emocional que é despertado quase universalmente pelo espetáculo do derramamento de sangue, e Leppmann observou com acuidade que nos crimes sádicos é comum encontrar o ferimento nas partes do corpo, como o pescoço ou o abdômen, que acarretam ao máximo a efusão de sangue.

Identicamente, o masoquista não tem o desejo de sofrer crueldades. Naquele pequeno grau de algolagnia passiva que Krafft-Ebing, Moll e outros consideraram simplesmente como o grau exacerbado de uma atitude normal e chamam “sujeição sexual” (*Hörigkeit*), não é necessário haver uma violência grave, seja física, seja psíquica, mas apenas uma aceitação complacente dos caprichos e domínio de uma pessoa bem-

amada. Não há uma linha nítida de demarcação entre a sujeição sexual e o masoquismo, — além do fato importante de que na sujeição sexual permanece o impulso normal ao coito, enquanto no masoquismo ele tende a ser substituído por um impulso anormal —, e o masoquista obtém o mesmo prazer, e até em muitos casos o êxtase, quando sofre os variados maltratos que ele deseja. Esses maltratos podem abranger a concretização, ou a simulação de um grande número de ações: amarramento, e imposição de algemas, pisoteamento, semi-estrangulamento, a execução de atribuições subalternas e tarefas comumente consideradas repugnantes pela pessoa amada, ofensas verbais etc. Para o masoquista tais atos se tornam no equivalente do coito, e não entra a ideia de crueldade e, na maioria dos casos, nem mesmo de dor. Se levarmos isto em consideração, ver-se-á que as complicadas hipóteses arquitetadas engenhosamente por alguns psicologistas (como o próprio Freud) para explicar o masoquismo, são completamente desnecessárias.

As manifestações do masoquismo, pela sua natureza, são de pouca significação social e implicam um perigo relativamente pequeno para a comunidade. Aconteceu assim que, embora os fenômenos dessa espécie possam retroceder a um período remoto da história da civilização, o masoquismo não foi considerado como uma perversão definida, até a apresentação magistral de suas características por Krafft-Ebing, em *Psychopathia Sexualis*. O sadismo, intimamente ligado como é ao masoquismo nos aspectos biológico e psicológico, tem uma importância social e médico-legal muito diferente. Embora, de um lado, suas variações se situem em torno de uma manifestação tão inocente e normal como a mordedura amorosa, elas se estendem até os atos antissociais mais graves e perigosos, como exemplifica o conhecido caso de Jack, o Estripador, o tipo extremo de um grupo de casos, não tão raros, que abrange os ferimentos por motivos eróticos, embora de modo nenhum sempre, o assassinio. (Esta espécie de casos foi estudada principalmente por Lacassagne). Em outro importante conjunto de casos, professores, governantas e outras pessoas com atribuições sobre crianças e criadas torturam seus subordinados por motivos sádicos.

O sadismo manifesta-se tanto em homens como em mulheres. O masoquismo é mais encontrado principalmente em homens. Isto talvez seja, em parte, porque nas mulheres um certo grau de sujeição sexual, estágio inicial do masoquismo, pode ser considerado, de maneira razoável, quase normal, e em parte porque (como Moll assinalou), sendo o masoquismo devido grandemente a uma tentativa de obter um substituto ou um estímulo para uma potência enfraquecida, as mulheres, que normalmente são mais passivas no ato sexual, não necessitam dele.

O sadismo e o masoquismo, segundo já foi dito, não esgotam as manifestações da algolagnia. Em sentido amplo, a algolagnia é uma grande subdivisão do simbolismo erótico, e abrange todos os casos em que o prazer sexual está associado, de maneira ativa ou passiva, na realidade ou em simulação, ou ainda na imaginação, com o sofrimento, o rancor, o medo, a angústia, o choque, o constrangimento, a sujeição, a humilhação e estados psíquicos correlatos. Porque todos esse estados implicam o recurso a um grande reservatório de emoção primitiva, que pode ser utilizado para reforçar o impulso sexual. É desta maneira que a flagelação, — seja imposta, seja

recebida, seja testemunhada, ou imaginada —, pode em algumas pessoas predispostas agir como um estimulante sexual quase desde o início da vida. Na maioria dos casos, tanto elementos físicos como elementos psíquicos concorrem para influenciar, e um grupo importante e extenso de casos de algolagnia é constituído dessa maneira. Em outros casos, o simples espetáculo de vários acontecimentos que produzem um choque emocional, — tais como um tremor de terra ou uma tourada, ou mesmo a morte e o enterro de parentes —, age eroticamente, independente de qualquer atitude sadista ou masoquista definida, por parte de quem sofre as emoções.

Encarada de maneira ampla, a esfera da algolagnia é assim muito grande. Ademais, há certos grupos de casos que se situam em sua fronteira, embora talvez possam ser classificados mais precisamente no fetichismo erótico. Garnier tentou estabelecer um grupo de casos “sadi-fetichistas”; mas um caso que ele apresentou dificilmente parece provar a controvérsia, porque pertence ao grupo do fetichismo do pé. Abraham, embora admitindo a diminuição da atividade sexual, achava que esta não precisava ser primária, mas era devida algumas vezes à supressão ou paralisia de uma libido originariamente forte. Ele se reportava à sugestão de Freud, de que a osfresiolagnia e a coprolagnia podem às vezes tomar parte na gênese do fetichismo do pé, refluindo mais tarde esses elementos como inestéticos, e permanecendo o prazer visual.

Há uma combinação eventual da algolagnia com o fetichismo chamada fetichismo pelo espartilho. Aqui o espartilho é uma espécie de fetiche, mas sua atração é associada com as sensações de pressão e a atração pelo aperto. Karl Abraham estudou o caso um tanto complexo de um estudante de vinte e dois anos que apresentava fetichismo pelo pé e fetichismo pelo espartilho e a atração de uma pressão por aperto, assim como osfresiolagnia ou o amor pelos odores agradáveis do corpo, sendo esta última considerada como a manifestação original, e mostrada como sendo relacionada com a mãe do rapaz. Havia também erotismo anal e uretral. Como no caso de uma menina, já mencionado, o rapaz quando criança costumava sentar-se com o calcanhar comprimido contra o ânus. Havia tendências eonistas e ele desejava ser uma mulher para se apertar em um espartilho e usar sapatos de salto alto, incômodos e polidos. O indivíduo começou a apertar-se na puberdade em um velho espartilho de sua mãe, e não foi encontrada uma associação acidental para explicar os fetichismos.

A *necrofilia*, ou *vampirismo*, atração sexual pelos cadáveres, é também um fenômeno incluído muitas vezes no sadismo. Nesses casos não há, rigorosamente, nenhum sofrimento imposto ou recebido, pelo que não estamos aqui na presença de um caso de sadismo ou de masoquismo, mas, na medida em que o estímulo sexual pode ser considerado como devido ao choque emocional do contato com um corpo morto, esses casos recaem na definição ampla de algolagnia. Eventualmente pode dizer-se que eles pertencem mais precisamente ao grupo do fetichismo erótico. Contudo, quando investigamos estes casos em seus aspectos clínicos, verificamos geralmente que eles são em grande proporção psicopáticos, ou está presente a debilidade mental. São pessoas geralmente estúpidas e apáticas, e não raro portadoras de anosmia (como no típico

vampire du Muy mencionado por Epaulard); são homens que as mulheres rejeitam, e seu recurso aos cadáveres é quase uma espécie de masturbação, ou pelo menos comparável à bestialidade. Os casos em que o corpo não só é violado mas também mutilado, como no antigo e famoso caso de Sergeant Bertrand, têm sido chamados por vezes *necrosadismo*. É evidente que aqui não há sadismo no sentido estrito. Bertrand começou com fantasias de maltratar mulheres, imaginando mais tarde que as mulheres eram cadáveres. As ideias sadistas eram incidentes na evolução emocional, e o objeto em todo o processo não era infligir crueldade, mas obter uma forte emoção. Toda mutilação é levada a cabo para aumentar a excitação emocional. Tais casos são extremamente anormais.

BIBLIOGRAFIA

KRAFFT-EBING, *Psychopathia Sexualis*.

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex. Vol. III, "Love and Pain"*.

STANLEY HALL, "A Study of Fears", *American Journal of Psychology*, 1897 e 1899.

W. A. F. BROWNE — "Necrophilism", *Journal of Mental Science*, janeiro, 1875.

FREUD, "The Economic Problem in Masochism", *Collected Papers, Vol. II*, e "Instincts and their Vicissitudes", *ib.*, Vol. IV.

Senilidade Sexual

Há uma tendência frequente e bem acentuada nas mulheres, na menopausa, a uma explosão do desejo sexual, último lampejo de um fogo que se apaga, e que pode assumir facilmente uma forma mórbida.

Nos homens, da mesma maneira, quando começa a ser sentida a aproximação da idade, o impulso sexual pode tornar-se repentinamente inquieto. Nessa reação instintiva, ele pode tender a incursionar normal ou anormalmente, além dos limites legítimos. Essa tendência de maneira nenhuma se limita aos homens que foram parceiros de mulheres na juventude. Ela é às vezes mais destacadas nos homens que na idade jovem foram contidos de maneira rigorosa por circunstâncias normais e agem agora por uma espécie de impulso subconsciente, para compensar o tempo perdido, antes que seja tarde demais. A maioria das mulheres sabe por experiência própria que os atentados sexuais feitos a elas na juventude, — os mais ousados, e, deve acrescentar-se, muitas vezes os mais bem sucedidos —, o foram não por homens jovens, cuja atitude perante as mulheres que os atraem tende a ser mais respeitosa e até reverente, mas por homens casados de idade madura, muitas vezes por aqueles cujo caráter e posição tornam tais atentados extremamente improváveis.

Além da senilidade, parece (como Leppmann concluiu há muito tempo) não haver

nenhuma perversão congênita dirigida para crianças. Poderá haver excepcionalmente um impulso subconsciente, reprimido, para com meninas impúberes, mas o principal contingente antes da velhice é fornecido pelos débeis mentais.

Deve reconhecer-se que, com o avanço da idade há, não somente a possibilidade dessa erupção da atividade sexual, mas também o desenvolvimento de um certo egoísmo e insensibilidade, que facilita suas manifestações. Isto, em outros aspectos é benéfico porque protege a velhice enfraquecida dos riscos de uma forte emoção, mas está sujeito a abusos dos quais, os mais perigosos ocorrem se há aí uma eflorescência da atividade na esfera sexual.

A exacerbação tardia da sexualidade torna-se ainda mais perigosa se toma a forma de atração por meninas que não são mais do que crianças e por atos de familiaridade imoral com crianças. Há normalmente uma atração, de caráter mais ou menos sexual, por parte dos maduros, em relação aos jovens. É a contrapartida da atração sexual sentida muitas vezes por meninas pelos homens maduros e por meninos em relação às mulheres adultas. Mas nos homens velhos a atração pelos jovens pode tomar uma forma anormal e nociva devido ao declínio senil da potência, que torna os simples contatos sexuais uma satisfação adequada. Quanto mais velho o homem, mais facilmente ele se satisfaz e menor é o escrúpulo que ele parece sentir ao procurar tal satisfação, pelo que nos ataques sexuais, como Brouardel mostrou há muito tempo, a idade média da vítima decresce sistematicamente à medida que a idade média do agressor aumenta. Na medida em que o estado físico é razoavelmente bom e o estado mental razoavelmente íntegro, tais impulsos, quando ocorrem, são, indubitavelmente, contidos com facilidade, e não somos levados a considerar cano mórbido, mesmo se impregnado de sexualidade, o prazer que os velhos sentem pelo viço dos jovens. Mas com a irritação física, tal como a que pode surgir com o aumento da próstata, e com a perda do controle psíquico por motivo da decadência mental incipiente, há o risco de que as barreiras sejam removidas, e o homem se torne um perigo para si mesmo e para outros. Dessa maneira é que a demência senil começa a declarar-se, antes que a decadência intelectual se manifeste.

Julgava-se antigamente (como Krafft-Ebing e Leppmann acreditavam) que os ultrajes contra crianças eram feitos por homens velhos mentalmente sadios, como simples consequência da saciedade nas relações sexuais normais, mas isso é duvidoso. Em sua vasta experiência Hirschfeld nunca viu um violador de crianças que fosse mentalmente são. Deveria haver sempre aí uma investigação cuidadosa.

BIBLIOGRAFIA

KRAFFT-EBING, *Psychopathia Sexualis*.

THOINOT e WEYSSE, *Medico-Legal Aspects of Moral Offences*.

A Atitude Social com Relação aos Desvios Sexuais

“A patologia do amor é um Inferno cujo portão nunca deve ser aberto”, disse Remy de Gourmont em sua *Physique de L'Amour*. Essa declaração melodramática, embora admirável em seu próprio contexto, somente poderia ter sido feita por um filósofo do amor que não tivesse educação científica, e é surpreendente vê-la endossada por um ginecologista como Van de Velde. É uma grande coisa, como disse Aristóteles, ser um mestre da metáfora, e aqui uma Porta do Inferno é a metáfora errônea. Não estamos aqui no cenário de uma comédia divina tal como Dante o apresentou, mas no reino da biologia, onde o fisiológico está sempre em transição para o patológico, e fundindo-se com ele imperceptivelmente, sem a abertura de nenhum portão. Os elementos da patologia já podem ser encontrados nos processos fisiológicos, e os processos patológicos continuam seguindo as leis da fisiologia.

Em matéria de sexo verifica-se que todo homem normal, ao ser examinado com suficiente cuidado, apresenta certos elementos anormais, e o homem anormal manifesta simplesmente, sob forma desordenada ou extravagante, alguma fase do homem normal. O normal e o anormal, considerados em conjunto, podem ser representados como variações de grau diferente, em uma mesma curva. A mulher que ama e diz: “Eu poderia comer-te!” relaciona-se por meio de elos, cada um pequeno em si mesmo, a Jack, o Estripador. Todos possuímos dentro de nós, sob forma mais ou menos desenvolvida, os germes das atrocidades.

Por isso, não é pelo fato de ser “anormal” que um ato sexual se tome censurável. Esse ponto de vista prevalecia outrora. Defendia-se uma concepção estreita do que é “natural”. Tudo o mais era “desnatural”, e exprobadado, se não punido, punido até severamente, porque era talvez um crime, e, quase certamente, um pecado.

Agora que nosso conhecimento do que é “natural” se alargou, e tem de ser admitida a existência de infinitas variações na natureza, há uma tendência a prevalecer uma concepção diferente. Verificamos que temos de distinguir. A pergunta não é mais: o ato é anormal? Ela passou a ser: o ato é nocivo? A sociedade não se preocupa com as variedades nas relações sexuais, mas com o problema de determinar se as variações causam danos. Esse problema tem certa importância, visto que acreditam alguns médicos que muitas “perversões”, como ainda são chamadas geralmente tais variações da atividade sexual, tornaram-se mais comuns durante os últimos anos. Numerosas causas podem contribuir para este resultado. Atribui-se importância, em parte, a uma diminuição da prostituição, e a uma maior repugnância pelas relações com prostitutas, com a substituição de satisfação sexual com mulheres que, por motivos morais ou receio de gravidez, não querem permitir as relações concretas.

Além disso, deve levar-se provavelmente em consideração um maior grau de requinte no avanço da civilização, que leva os amantes a procurar o prazer por meios que, entre os povos primitivos, ou mesmo entre eles mesmos, e na ausência de um amor ardoroso, poderiam parecer repugnantes.

Evidentemente, há também aqueles que, por algum desvio profundo do instinto sexual, tal como a inversão, o masoquismo ou o fetichismo, somente têm possibilidade de encontrar a satisfação sexual, quando o estímulo lhes chega através de alguma via anormal. Mesmo aqui, aquilo a que chamamos “perversão”, quando não levada a um ponto extremo, é, como Wolbarst afirma, “encontrado muitas vezes como um componente normal na vida dos indivíduos normais”. Freud, na verdade, disse, e provavelmente com razão, que não há pessoa sadia na qual não ocorra, às vezes, algum desses elementos de “perversidade”.

A conclusão a que aos poucos estamos chegando atualmente é que a satisfação anormal do impulso sexual, por mais estranho ou mesmo repugnante que pareça ser, não exige interferência ou condenação, exceto em duas espécies de casos, um afetando a medicina e o outro, a justiça. Isto é, na primeira espécie, o praticante da atividade anormal estará prejudicando sua saúde, caso em que ele necessita de tratamento clínico ou psicoterápico. Ou, no segundo caso, ele poderá estar prejudicando a saúde ou os direitos de seu parceiro ou de um terceiro, caso em que a justiça tem o direito de intervir. Há uma série de casos em que isso pode acontecer, enquanto há também várias maneiras pelas quais a justiça age em diferentes países, ou, na opinião de alguns, deveria agir, em relação às ofensas causadas. Tais ofensas são a sedução de um menor, a violação dos direitos conjugais pelo adultério, a transmissão de uma doença venérea por intermédio do ato sexual, a imposição daquilo que, sob aspecto objetivo (mesmo não sendo intencional) constitui crueldade para obter satisfação sexual etc. Em muitas dessas questões há um acordo pacífico. Um assunto em que ainda há grande diferença de opinião e, em vários países, de modo de agir, é no que se refere à homossexualidade, de cujas manifestações trataremos no próximo capítulo.

A homossexualidade sempre existiu em toda parte. É um dos estados intersexuais que se situam dentro da faixa de variações naturais o inevitáveis. Independente disso, e independente de basear-se na relativa indiferença sexual da vida infantil, ela foi, em alguns lugares e em algumas culturas, popular como unia voga, ou cultivada como um ideal. Ela não pode ser erradicada por meio de sanções legais, por mais rigorosas que sejam, nem pela reprovação social. Nos primeiros séculos da era cristã, depois que o Estado sob Constantino foi conquistado para a nova religião, a homossexualidade foi motivo de terríveis decretos, e na França, mesmo na véspera da Revolução, os pederastas eram queimados eventualmente. Contudo, após a Revolução, com o Código Napoleônico, todos os atos de homossexualidade simples, praticados sob reserva por adultos emancipados, deixavam de ser puníveis, embora ainda punidos severamente se praticados em público ou com um menor. Essa norma é seguida agora nos países que foram influenciados pelo Código de Napoleão. Em outros países, contudo, e principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, a antiga atitude de rigor ainda persiste e parece difícil modificar as velhas leis. Tudo o que tem sido feito até agora é, de certo modo, evitar executá-las.

Há muito ainda para ser realizado pelo desenvolvimento, que devemos esperar, de uma atitude mais esclarecida da sociedade. Independente da consideração de que os

atos e atitudes sexuais, quando não se tornam motivo de contravenção pública, devem ser problema das pessoas interessadas e de mais ninguém, temos de lembrar que tais atos e atitudes são em grande parte a consequência de uma constituição inata. Quando os casos de desvios sexuais chamados congênitos, ou com a aparência de congênitos, vêm à presença do médico, surge às vezes um problema difícil. Deverá ele esforçar-se para tomar o paciente “normal” quando para ele a “normalidade” pode ser aquilo que para uma pessoa verdadeiramente normal seria desnatural e uma “perversão”? Concordo com Wolbaist em que “possivelmente poderemos nos encontrar no caminho certo se agirmos segundo a teoria de que todo desvio sexual que sempre deu satisfação sem uma nocividade para um determinado indivíduo, deve ser considerado normal para aquele indivíduo. Não nos cabe tentar a tarefa infrutífera da supressão drástica, embora devamos facilitar o tratamento clínico, ou mesmo cirúrgico, daqueles que desejam livrar-se do que eles consideram um peso, congênito ou adquirido, excessivamente pesado de transportar. Devemos ter em mira, não somente ser justos, mas também compreensivos.

A maior tolerância em assuntos sexuais que atualmente é considerada conveniente não é só uma questão de justiça para as pessoas que diferem da norma. Ela tem influência em toda a constituição social e dá uma nova estabilidade ao sistema moral. Não somente é uma tarefa inútil tratar as variações sexuais como imoralidades ou crimes, mas também o sistema moral é desacreditado por suas falhas, e a predominância dessas variedades é estimulada porque nesses assuntos, como sabemos (atualmente é bem conhecido com relação ao álcool), as proibições são incitamentos. Licht, historiador das manifestações sexuais na Grécia, assinalou a raridade das perversões sexuais naquele país (não sendo a homossexualidade considerada dessa maneira, e sim um suplemento normal do casamento.). Ele observa que a razão era que, para os gregos, os assuntos sexuais estavam fora da moral (exceto quando estavam em jogo crianças ou a violência), a qual tratava apenas de injustiças, ofensas contra o Estado, e crimes. Quando as relações normais são livres, as variações não são estimuladas artificialmente, e, se ocorrerem, tendem a passar despercebidas. “Pode parecer paradoxal, mas é verdadeiro”, afirma Wolbarst, “que o alastramento da perversão sexual nas comunidades americanas, nos últimos anos, foi grandemente estimulado e incitado, inconscientemente, é claro, pelas instituições moralistas.”

Não podemos esperar ou desejar a volta à moralidade grega, e seu ideal do “belo tanto no corpo como no espírito” pode estar fora do nosso alcance. Mas pouca dúvida haverá de que destruiremos, pouco a pouco, as noções falsas e as tentativas rígidas de proibições legais e sociais que causaram tanta perturbação e confusão na história sexual de nosso passado recente. Fazendo isso, purificaremos nossa atmosfera espiritual e fortaleceremos nosso código moral, retirando dele prescrições que eram simplesmente um motivo de ineficiência.

BIBLIOGRAFIA

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex, Vol. II, “Sexual Inversion”*.

W. McDOUGALL, *Outline of Abnormal Psychology*.

A. J. WOLBARST, "*Sexual Perversions: their Medical and Social Implications*", *Medical Journal and Record*, Julho, 1931.

HANS LICHT, *Sexual Life in Ancient Greece*.

V - HOMOSSEXUALIDADE

QUANDO o impulso sexual é dirigido para pessoas do mesmo sexo, estamos na presença de uma aberração conhecida de várias maneiras, como “inversão sexual”, “instinto sexual invertido”, “uranismo”, ou mais geralmente “homossexualidade”, por oposição à “heterossexualidade” normal. “Homossexualidade” é o melhor termo geral para todas as formas da anomalia, para distingui-la da heterossexualidade normal, enquanto “inversão sexual” fica reservado mais adequadamente para formas aparentemente congênicas e fixadas. De todos os desvios sexuais é o mais nitidamente definido, porque apresenta um impulso que é transmitido de maneira completa e fundamental, do objeto normal para um objeto que está normalmente fora da esfera do desejo sexual e no entanto possui todos os atributos que, sob outros aspectos, atraem a afeição humana. É uma aberração extremamente anormal, e não obstante, parece proporcionar uma satisfação maior do que qualquer outra aberração pode fornecer. Provavelmente é essa característica da inversão sexual que a torna tão importante. Esta importância se manifesta de três maneiras: (1) por sua grande difusão e o grande papel que desempenhou em várias épocas da cultura; (2) por sua frequência na civilização atualmente, e (3) pelo grande número de pessoas eminentes que apresentaram a aberração.

A base fundamental e, como pode ser chamada, “natural” da “homossexualidade”, manifesta-se por sua predominância entre os animais. Ela é comum entre vários mamíferos e, como era de esperar, encontrada principalmente entre os primatas mais próximos e abaixo do homem. G. V. Hamilton estudando macacos e bugios, afirma que “o macho impúbere do macaco passa tipicamente por um período durante o qual ele é aberta e quase exclusivamente homossexual, e que esse período termina na maturidade sexual com uma reviravolta brusca para hábitos heterossexuais.” Zuckerman observou de perto o comportamento homossexual dos bugios e chimpanzés, achando-o às vezes mais acentuado nas fêmeas do que nos machos, e ele se inclina a equiparar o comportamento homossexual e heterossexual entre os macacos de um modo geral, visto não encontrar diferenças acentuadas.

Entre muitos selvagens e povos bárbaros, a homossexualidade tem sido flagrante, e tratada por vezes com reverência. Isto acontecia mesmo nas antigas civilizações sobre as quais se fundou nossa própria civilização. Ela era conhecida dos assírios, e os egípcios, há quase mil anos, atribuíam a pederastia a seus deuses Horus e Set. Ela foi associada não somente à religião, mas às virtudes militares, e como tal foi cultivada entre os antigos cartagineses, dórios e citas, como o foi mais tarde pelos normandos. Finalmente, entre os antigos gregos, ela tomou caráter ideal não simplesmente em associação com a virtude militar, mas com qualidades intelectuais, estéticas e mesmo éticas, e era considerada por muitos como mais nobre do que o amor heterossexual normal. Após o

advento do Cristianismo ela ainda manteve esses foros, mas caiu em descrédito, enquanto como anomalia psicológica, consistindo em uma fantasia de pessoas do mesmo sexo independente de atos homossexuais, foi esquecida ou desconhecida. Ela somente entrou novamente em cogitação após a época de Justiniano, como sodomia, isto é, como um vício baixo, ou melhor um crime, merecendo as mais severas penas, seculares ou eclesiásticas, inclusive a fogueira.

É provável que na Idade Média a inversão sexual florescesse não somente nos acampamentos, mas também nos mosteiros, e o Manual de Penitência refere-se a ela constantemente. Não obstante, não foi senão na Renascença que ela desempenhou papel saliente no mundo. Latini, mestre de Dante, era invertido e Dante refere-se à frequência desta perversão entre homens de inteligência e fama. O eminente humanista francês Muret, por esse motivo, esteve em perigo de morte durante toda sua vida. Miguel Ângelo, o maior escultor da Renascença, cultivava ideais e paixões homossexuais, embora não haja motivo para suspeitar que ele tivesse relações físicas com os homens pelos quais se sentia atraído. Marlowe, um dos principais poetas da Renascença, na Inglaterra, tinha nitidamente idênticos sentimentos, como também há fundamento para acreditar que Bacon os tivesse.

É inteiramente verdadeiro que o invertido raras vezes se entrega às mãos do médico. Geralmente ele não tem desejo de ser diferente do que é, e como sua inteligência está em geral nitidamente situada no nível médio, se não acima desse nível, ele tem o cuidado de evitar ser descoberto e raramente atrai a atenção da polícia. Dessa maneira a predominância da inversão é desconhecida daquela, que não sabe onde procurá-la ou como identificá-la. Na Alemanha, Hirschfeld, cujo conhecimento da homossexualidade é incomparável, mostrou que um grande número de estimativas isoladas entre diferentes classes da população revelam uma proporção de pessoas invertidas e bissexuais que varia entre 1 e 5 por cento. Na Inglaterra, minhas próprias observações particulares, embora de caráter muito menos minucioso e amplo, indicam uma predominância semelhante na classe média instruída, enquanto nas classes sociais mais baixas a homossexualidade sem dúvida não é rara, e mesmo que não seja inata, muitas vezes parece haver entre eles uma notável ausência de repulsa às relações homossexuais. Muitos invertidos referiram-se a esse ponto. Entre as mulheres, embora mais difícil de identificar, a homossexualidade não chega a parecer menos comum do que entre os homens, e diferente a esse respeito de quase todas as outras aberrações. Na verdade os casos mais pronunciados são talvez menos encontrados do que nos homens, porém os casos menos marcantes e menos profundamente enraizados são provavelmente mais frequentes do que entre os homens. Algumas profissões apresentam uma proporção de invertidos maior do que outras. A inversão não prevalece de maneira especial entre cientistas e profissionais da medicina; ela é mais frequente no meio literário e artístico, e na arte dramática é muitas vezes encontradas. Ela é também comum de modo especial entre cabeleireiros, garçons e garçonetes. Em uma grande proporção de invertidos instruídos, cerca de 68 por cento em minha experiência, verifica-se a aptidão artística sob uma ou outra forma, e o amor pela música. Na América, em classes instruídas e profissionais liberais, M. W. Peck entre sessenta membros do

magistério de Boston, representando todos os departamentos da atividade universitária e colegial, encontrou sete que eram nitidamente homossexuais, seis dos quais confessaram práticas declaradas na idade adulta. Dois outros eram claramente, embora inconscientemente, homossexuais. Ele calcula que 10 por cento dos membros do magistério são homossexuais, haja ou não práticas declaradas. G. V. Hamilton verificou que apenas quarenta e quatro das 100 mulheres casadas de sua investigação podiam negar qualquer lembrança de práticas homossexuais na infância; enquanto quarenta e seis homens e vinte e três mulheres admitiram relações com seu próprio sexo relacionadas com a excitação dos órgãos sexuais. Katharine Davis verificou que 31.7 por cento das mulheres admitiram “relações emocionais intensas com outras mulheres”, e 27.5 por cento de mulheres solteiras confessaram práticas homossexuais na infância, 48.2 por cento delas abandonando-as após a adolescência.

A importância da homossexualidade é mostrada também pela predominância da prostituição homossexual. Isto foi estudado de maneira especial em Berlim, onde a polícia a tolera nas mesmas bases da prostituição feminina, para poder controlar e limitar suas manifestações. Hirschfeld calcula que o número de prostituídos do sexo masculino em Berlim seja de cerca de 20.000. Mais recentemente e mais cautelosamente Werner Picton estima-o em 6.000. Julga-se que mais de um terço sejam considerados psicopatas, menos de um quarto deles se julgam homossexuais. O desemprego é uma causa comumente incriminada, como na prostituição feminina, mas provavelmente vários outros fatores concorrem como causa.

Embora a inversão sexual seja assim um fenômeno tão importante, somente em época recente é que mereceu estudo ou mesmo atenção científica. Isto se verificou pela primeira vez na Alemanha. No fim do século dezoito foram publicados na Alemanha dois casos de homens que apresentavam uma atração sexual, emocional e típica por seu próprio sexo. Mas embora Hössli, Caspar e principalmente Ulrichs (que inventou para isto o termo “uranismo”) preparassem posteriormente o caminho, não foi senão em 1870 que Westphal publicou a história minuciosa de uma jovem mulher invertida, e mostrou claramente que o caso era congênito e não adquirido, pelo que não podia ser classificado como vício, e também não era um caso de demência, embora estivessem presentes elementos neuróticos. A partir daquele momento o conhecimento científico da inversão sexual aumentou rapidamente. Krafft-Ebing, que foi o primeiro grande clínico da inversão sexual, reuniu um grande número de casos em sua *Psychopathia Sexualis*, que foi o primeiro livro científico sobre a sexualidade anormal que atraiu a atenção geral. Moll, com espírito mais crítico do que Krafft-Ebing, e uma cultura científica mais extensa, seguiu-lhe com um tratado admirável sobre inversão sexual. A seguir Magnus Hirschfeld, com um conhecimento pessoal dos invertidos incomparável e extremamente humano, contribuiu grandemente para o nosso conhecimento, e seu livro, *Die Homosexualität* (1914), ainda não traduzido para o inglês, é uma enciclopédia de todo o assunto. Na Itália, onde parece ter-se originado a expressão “*inversione sessuale*”, Ritti, Tamassia, Lombroso e outros apresentaram casos, em uma época anterior. Na França, onde Charcot e Magnan empreenderam este estudo pela primeira vez em 1882, uma série de eminentes investigadores, incluindo Féré, Sérieux e Saint-Paul

(escrevendo sob o pseudônimo de “Dr. Laupt”), elucidaram nossos conhecimentos da inversão sexual. Na Rússia, Tarnowsky investigou pela primeira vez os fenômenos. Na Inglaterra, John Addington Symonds, filho de um eminente médico e ele próprio brilhante homem de letras, publicou em caráter particular dois notáveis ensaios, um sobre a inversão sexual na Grécia antiga e outro sobre o problema moderno da homossexualidade. Edward Carpenter (a princípio também em caráter particular) imprimiu um ensaio sobre o assunto e mais tarde um livro (publicado pela primeira vez na Alemanha) sobre o *Sexo Intermediário (The Intermediate Sex)*. Raffalovich publicou um livro notável em francês, e meu próprio livro sobre inversão sexual foi publicado, pela primeira vez, na Alemanha (*Das Kontrare Geschlechtsgefühl*, 1896), e em seguida na Inglaterra e na América, onde também, em uma data anterior, Kiernan e Lydston tinham dado sua atenção aos fatos e à teoria da inversão sexual. O livro recente mais notável em inglês (1932) é o de Maranón, traduzido do espanhol.

O conjunto de estudos dedicados ultimamente ao assunto ainda não resultou em uma unanimidade perfeita. A primeira dificuldade, e mais fundamental, estava em decidir se a inversão sexual é congênita ou adquirida. A opinião predominante, antes que a influência de Krafft-Ebing, começasse a fazer-se sentir, era de que a homossexualidade é adquirida, que ela era, na verdade, simplesmente um “vício”, geralmente mero resultado de masturbação ou excessos sexuais que resultaram em impotência para o coito normal, ou então (com Binet e Schrenck-Notzing) que ela era a consequência da sugestão na vida infantil. Krafft-Ebing aceitava tanto a variedade congênita da homossexualidade como a adquirida, e a tendência que se seguiu foi de subestimar a importância da homossexualidade adquirida. Esta tendência foi bem acentuada no tratado de Moll. Hirschfeld e Maranón acham que há sempre um elemento congênito na homossexualidade, e Bloch, Aletrino etc. separaram os indivíduos homossexuais não-congênicos que, por um motivo ou outro se entregam a práticas homossexuais, como pertencentes a um grupo de “pseudo-homossexualidade”. Este era também o ponto de vista de Näcke que achava que devemos distinguir, não entre inversão congênita e inversão adquirida, mas entre verdadeira e falsa, e que considerava a homossexualidade que aparece tarde na vida não como adquirida, mas “retardada” ou adiada, em uma base congênita. Algumas autoridades que começaram com o velho ponto de vista de que a inversão sexual é exclusiva ou principalmente uma condição adquirida (como Näcke e Bloch) adotaram posteriormente o ponto de vista mais moderno. Muitos psicanalistas ainda alimentam a crença de que a homossexualidade é sempre adquirida, mas como ao mesmo tempo também reconhecem que ela se fixa com frequência, e por isso presumivelmente constitucional, a diferença de opinião torna-se sem importância.

Outro ponto fundamental em relação ao qual a opinião tem mudado é a questão de saber se a inversão sexual, mesmo se congênita, deve ser considerada um estado mórbido ou “degenerado”. Neste assunto Krafft-Ebing situava-se de início no antigo ponto de vista e considerava a inversão como a manifestação de um estado nevropático ou psicopático, mas em seus últimos trabalhos ele modificou judiciosamente sua posição e concordava em considerar a inversão como uma anomalia e não uma doença ou uma “degenerescência”. Este é o rumo em direção ao qual a opinião moderna se deslocou

com firmeza. Os invertidos podem ser saudáveis e normais em todos os aspectos, com exceção de sua particular aberração. Este sempre foi meu ponto de vista, embora eu considere a inversão como frequentemente em relação estreita com estados neuróticos benignos. Podemos concordar com Hirschfeld (que encontrou a marca hereditária em não mais de 25 por cento de invertidos) que, mesmo quando há uma base nevropática na inversão, o elemento mórbido geralmente é pequeno.

Somos trazidos assim, ao que pode ser considerado como a base fundamental da constituição biológica sobre a qual, quando saímos do campo psicológico, pode dizer-se que repousa a homossexualidade. Pode parecer fácil dizer que há dois sexos perfeitamente separados, distintos e imutáveis, o macho que é portador do espermatozoide, e a fêmea que é portadora do óvulo, ou do ovo. Essa afirmação, não obstante, há muito tempo deixou de ser estritamente correta sob o ponto de vista biológico. Podemos não saber exatamente o que é o sexo; mas sabemos efetivamente que ele é mutável, com a possibilidade de um sexo ser transformado em outro sexo, que suas fronteiras são muitas vezes incertas, e que há muitos estágios entre um macho completo e uma fêmea completa. Em algumas formas da vida animal, na verdade, não é fácil distinguir qual é o macho e qual é a fêmea. Em todos estes casos o sexo pode ser considerado como um dos artifícios (porque há outros artifícios na natureza) para assegurar a reprodução, embora tenhamos justificativa em estudar os fenômenos do sexo independente da questão da reprodução. Por mais verdadeira que seja a afirmação de que a reprodução é o primeiro alvo da natureza, é igualmente verdadeiro que a reprodução sexuada é apenas um dos vários artifícios para atingir aquele fim.

Somos levados a admitir que em cada cromossomo sexual, seja XX, seja XY, reside a base física de um impulso que tende a impor o tipo macho ou o tipo fêmea no indivíduo que se está desenvolvendo. Quando dois indivíduos de raças diferentes, como algumas mariposas (nas quais os fenômenos foram estudados de maneira especial) são cruzados, o produto muitas vezes afasta-se da normalidade, e o macho pode apresentar uma tendência na direção da feminilidade, ou, em outras circunstâncias, o produto fêmea apresenta uma tendência à masculinidade, capaz assim o impulso, de dar uma característica chamada “forte” e a outra “fraca”. Aqui já vemos, em uma forma zoológica inferior, o estado de *intersexualidade* que, ao chegar ao homem e ao entrar no campo psicológico tem sido considerado às vezes (embora incorretamente) como constituindo um sexo “intermediário”. É, falando mais rigorosamente, a consequência de uma discordância quantitativa entre os fatores determinantes do sexo. Fazendo parte da constituição hereditária do indivíduo, ela é congênita, sujeita a tornar-se mais acentuada à medida que se processa o desenvolvimento, e, nos mamíferos superiores, a manifestar-se na esfera psíquica.

Tratando-se de mariposas, verifica-se que esta intersexualidade, mais simples do que quando ocorre em um ponto mais alto da escala zoológica, pode ser produzida cruzando raças diferentes da mesma espécie. Quando chegamos mais próximo do homem, as formas de intersexualidade diferem, são menos acentuadas, ou não o são absolutamente, no aspecto físico externo, e são devidas menos à mistura de raças

diferentes do que aos variados desvios individuais da normalidade, enquanto às vezes em todos os estágios os fatores externos podem predominar.

Começamos a aproximar-nos mais do verdadeiro mecanismo pelo qual se produz a intersexualidade quando nos voltamos novamente para a ação dos hormônios. Podemos considerar estes últimos como assumindo a orientação do processo do sexo depois que a influência dos cromossomos iniciais do sexo, XX ou XY, se extinguiu. Os tecidos somáticos ou gerais do corpo possuem a capacidade de desenvolver os caracteres de cada sexo sob o estímulo do complexo especial de hormônios do sexo que eles recebem. Acredita-se, na verdade, que o ovário não exerça nenhuma influência marcante sobre o soma, em nenhum estágio inicial, embora o aparelho sexual feminino desenvolvido dependa dos hormônios do sexo para sua manutenção. A diferenciação masculina, por outro lado, exige o hormônio testicular masculino para seu desenvolvimento. Assim, afirma-se que a fêmea representa a forma neutra, que o soma toma na falta do hormônio do sexo. Quando o hormônio masculino aparece mais tarde do que o normal, resulta daí alguma forma de intersexualidade, e quanto mais tardio seu aparecimento mais feminilidade há no resultado. “O grau de anormalidade”, como Crew afirma, “será determinado pelo tempo dentro do qual o hormônio sexual masculino se torna atuante”. Isso ajuda a explicar por que um indivíduo que parece fêmea na idade infantil adquire caracteres masculinos na maturidade. Atribui-se de maneira especial à cortex suprarrenal a formação de um hormônio que exerce influência masculinizante no mesmo sentido da exercida pelos testículos.

O resultado disto, “virilismo”, como às vezes é chamado atualmente, (outora “síndrome adrenogenital”), está relacionado com a hipertricose e, nos machos, com o desenvolvimento sexual e somático precoces, enquanto nas fêmeas há a atrofia do útero, com alterações nos ovários, pouco desenvolvimento dos lábios vulvares e hipertrofia do clitóris, atrofia das mamas, estreitamento dos quadris, alargamento dos ombros, com desenvolvimento muscular acentuado ou adiposidade. Há distúrbios da função sexual e mesmo esterilidade total. Quatro tipos de virilismo têm sido descritos, dependendo do tempo em que se estabelecem: (1) *Tipo congênito*, (com pseudohermafroditismo feminino, permanecendo as glândulas sexuais como femininas, enquanto os caracteres secundários são masculinos); (2) *Tipo puberdade*, (começando próximo à puberdade, com predominância de hirsutismo e distúrbios menstruais); (3) *Tipo adulto*, (um tanto semelhante, porém menos acentuado); (4) *Tipo obstétrico*, (após a menopausa, com obesidade, excesso ou perda de cabelo, distúrbios psíquicos e astenia). O processo exato pelo qual o hormônio suprarrenal atua ainda é assunto de controvérsia.

Considerada de modo amplo, a transição intersexual distribui-se, como Hirschfeld a encarou, em quatro grupos: (1) *Hermafroditismo genital* (combinação dos órgãos sexuais masculinos e femininos); (2) *Hermafroditismo somático* (mistura de diferenças sexuais corporais); (3) *Hermafroditismo psíquico* (eonismo ou a fusão de diferenças psíquicas); (4) *Hermafroditismo psicosexual* (homossexualidade).

Quando falamos de homossexualidade ainda estamos na esfera intersexual, e não

há dúvida de que ainda estamos grandemente interessados com a ação dos hormônios, mas estamos em um plano psíquico em que os síndromes físicos são geralmente difíceis de identificar. Não há dúvida de que em proporção mínima, e eventualmente em proporção acentuada, eles ainda existem, mas são de pouca importância, embora há muitos anos Weil e outros procurassem demonstrar nos homossexuais a presença de uma diferença física ligeira, porém mensurável. Independente de tais diferenças mensuráveis, pouca dúvida poderá haver de que certos indivíduos, em sua constituição orgânica, e provavelmente como consequência de um equilíbrio hormonal incomum, possuem uma tendência especial a sentir satisfação sexual com pessoas do mesmo sexo.

Parece arriscado afirmar que todo indivíduo seja constituído de uma mistura de elementos masculinos e femininos, combinados de maneira variável, e que o invertido do sexo masculino é uma pessoa com uma proporção anormal de elementos femininos. É um ponto de vista esquemático que dificilmente explicará os fenômenos de maneira completa. Mas quando pomos de lado a homossexualidade eventual em pessoas presumivelmente normais parece justificável considerar a inversão como uma anomalia congênita, — ou, para falar mais precisamente, uma anomalia baseada em condições congênitas —, a qual se for patológica, o será somente na concepção de Virchow, de que a patologia é a ciência, não das doenças, mas das anomalias, pelo que uma pessoa invertida pode ser tão saudável como uma pessoa daltônica. A inversão sexual congênita é semelhante, assim, à variação biológica. É uma variação devida sem dúvida à diferenciação sexual imperfeita, mas não tendo muitas vezes correlação identificável com qualquer estado mórbido do próprio indivíduo.

Esta concepção da inversão sexual tende a prevalecer agora e tem adquirido muita força recentemente. Mas ela pode ser assinalada um pouco mais atrás. Ulrichs, em 1862, declarou que a inversão é “uma espécie de hermafroditismo”. Kiernan, na América, em 1888 insistia na importância do fato de que os ancestrais da espécie humana eram originariamente bissexuais. Chevalier em 1893 apresentou uma teoria da inversão baseada na bissexualidade fetal. Letamendi, de Madrid, em 1894, expôs uma teoria de pan-hermafroditismo, de acordo com a qual há sempre germes latentes femininos no macho, e germes masculinos latentes na fêmea. Finalmente, por volta de 1896, Krafft-Ebing, Hirschfeld, e eu (todos, parece, de modo mais ou menos independente) adotamos uma explicação de certo modo semelhante.

A predominância dessas concepções gerais da inversão sexual influenciou a classificação clínica de suas variações. Krafft-Ebing aceitou quatro variedades diferentes de inversão congênita e quatro variedades diferentes da forma adquirida. Moll rejeitava esta complicada classificação, reconhecendo somente hermafroditismo psicosssexual (ou, como é geralmente chamado agora, bissexualidade) e inversão completa. Esta divisão corresponde à reconhecida agora pela maioria das autoridades. Isto quer dizer que, excluindo as pessoas que são atraídas exclusivamente para o sexo oposto, temos aquelas que são atraídas exclusivamente para o mesmo sexo, e as que são atraídas para ambos os sexos. Quando vamos além dessa classificação simples e elementar, encontramos um número interminável de variações individuais, mas que não se prestam com facilidade à

distribuição em grupos definidos. Mesmo a classe bissexual não é rigidamente uniforme, porque contém certamente muitos indivíduos que são invertidos congênicos, com uma heterossexualidade adquirida.

Quando examinamos casos bem delimitados de inversão sexual, encontramos certas características que frequentemente tendem a se repetir. Enquanto uma grande proporção (em minha pesquisa mais de 50 por cento) pertencem a famílias razoavelmente sadias, em cerca de 40 por cento há na família certa proporção de morbidez ou anormalidade, — excentricidade, alcoolismo, neurastenia etc. —, em menor ou maior proporção. A hereditariedade na inversão é bem definida, embora tenha sido negada vez por outra. Às vezes um irmão e uma irmã, uma mãe e seu filho, um tio e um sobrinho, são ambos invertidos, mesmo desconhecidos um do outro. Encontrei esta inversão de família, ou hereditária, em 35 por cento dos casos, e von Römer encontrou exatamente a mesma proporção. É suficiente apenas mostrar que a inversão pode ser congênita. A saúde geral individual em cerca de dois terços dos casos é boa, e às vezes muito boa. No restante há muitas vezes uma tendência a distúrbios nervosos ou a um temperamento mais ou menos instável; apenas uma pequena proporção (cerca de 8 por cento em minha pesquisa) são nitidamente mórbidos.

Na grande maioria, a tendência à inversão aparece na vida infantil, muitas vezes na puberdade, mas frequentemente há indicações dela antes da puberdade. Em uma grande proporção, a precocidade sexual parece ser acentuada, e muitas vezes há uma tendência à hiperestesia. Muitos invertidos classificam a si mesmos como “sensíveis” ou “nervosos”. Não é raro encontrar a influência da sugestão, mas nesses casos geralmente há também uma predisposição evidente. Em um grande número de casos a masturbação foi praticada, mas a masturbação também é comum nos heterossexuais, e não há motivo para se supor que ela seja um fator causador de inversão. Os sonhos eróticos dos invertidos geralmente são invertidos, mas isso de modo nenhum é invariável, e até os invertidos que parecem sê-lo de maneira congênita, têm às vezes sonhos normais, assim como pessoas normais têm eventualmente sonhos homossexuais.

A satisfação do impulso sexual invertido realiza-se de várias maneiras. Entre meus casos, 20 por cento nunca haviam tido qualquer tipo de relações sexuais. Em 30 a 35 por cento dos casos as relações sexuais raramente vão além do contato íntimo, ou no máximo, masturbação mútua. Em outros, o meio praticado é o contato intercrural ou eventualmente a felação (*fellatio*). Na mulher a satisfação é obtida pelos beijos, contato íntimo, masturbação mútua, e em alguns casos *cunnilinctus*, que geralmente é mais ativo do que passivo. A proporção dos invertidos do sexo masculino que desejam a *poedicatio* (sodomia), (mais frequentemente ativa do que passiva) não é grande. Hirschfeld a situa em 8 por cento por casos. Eu verifiquei ser ela de perto de 15 por cento.

Nos invertidos do sexo masculino há uma tendência frequente a aproximar-se do tipo feminino, e nos invertidos do sexo feminino, do tipo masculino. Isto ocorre tanto no aspecto físico, como no psíquico, e embora possa ser identificado em um grande número de aspectos, isto não é, absolutamente, sempre acentuado. Contudo, alguns invertidos do sexo masculino são ciosos de sua masculinidade, ao passo que muitos outros são

totalmente incapazes de dizer se se sentem mais como homem do que como mulher. Entre os invertidos do sexo feminino, há geralmente uma certa identificação com a atitude e o temperamento masculinos embora nem sempre manifesta. Podem ocorrer várias anomalias de estrutura ou funcionamento, em pequena escala. Os órgãos sexuais, em ambos os sexos, são às vezes excessivamente desenvolvidos, ou então, e mais comumente, pouco desenvolvidos, aproximando-se ligeiramente do tipo infantil. Observa-se às vezes a ginecomastia; nas mulheres poderá haver um desenvolvimento um tanto masculino da laringe, assim como certo grau de hipertricose. (Maranón acha que tendem a aparecer características masculinas do lado direito do corpo, e femininas do esquerdo). Os invertidos do sexo masculino são às vezes incapazes de assobiar. Em ambos os sexos, permanece muitas vezes na idade adulta, uma aparência visivelmente juvenil. Observa-se frequentemente o gosto pelo verde (que normalmente é uma cor preferida principalmente por crianças e especialmente por meninas). Não é raro uma certa tendência à aptidão dramática, assim como à vaidade pessoal, e, eventualmente um gosto feminino por enfeites e joias. Muitas dessas características físicas e psíquicas podem ser consideradas como indicativas de certo grau de infantilismo, e isto está de acordo com o conceito de inversão que a relaciona com uma base fundamental bissexual, porque, quanto mais recuamos no histórico da vida do indivíduo, mais nos aproximamos do estágio bissexual.

Sob o ponto de vista moral, os invertidos aplicam a si mesmos as normas comuns, e procuram justificar sua atitude. Aqueles que lutam contra os próprios instintos, ou desaprovam sistematicamente seu próprio comportamento, ou mesmo estão indecisos quanto a ele, são uma pequena minoria, menos de 20 por cento. Este é o motivo pelo qual poucos invertidos procuram a orientação do médico. Eles se sentem apoiados em sua auto justificação pelo fato de que, não somente na França mas em vários outros países (Itália, Bélgica, Holanda etc.), que foram influenciados pelo Código de Napoleão, as práticas homossexuais em si (per se) não são abrangidas pela Lei, desde que não haja violência, ultraje a um menor, nem ofensa à moral pública. A Inglaterra e os Estados Unidos são provavelmente os principais países em que a antiga jurisdição eclesiástica contra a homossexualidade ainda conserva sua influencia. Nesses países, contudo, a lei acarreta muitas dificuldades e controvérsias. E difícil distinguir que atividades homossexuais correspondem a uma contravenção criminosa; somente em poucos casos é que os indiciados são descobertos, ou mesmo procurados, porque, via de regra, a polícia evita cuidadosamente seguir seus passos. E não há o menor motivo para supor que os países que legislam contra a inversão tenham uma proporção de invertidos menor ou menos acentuada. Na França, por exemplo, na antiga monarquia, quando um invertido, de acordo com a lei, estava sujeito a ser queimado, a inversão foi, por vezes, elegante e notória. Presentemente acontece o contrario. Tendo em vista esses fatos, há um movimento que encontra rápido apoio tanto nos meios médicos como nos meios jurídicos, em favor da abolição de punições para os atos homossexuais, exceto quando as circunstâncias sob as quais são praticados lhes deem um caráter antissocial. Um poderoso argumento em favor dessa abolição é que isso oporá imediatamente um paradeiro ao movimento de agitação, e à tendência à glorificação da homossexualidade,

— que é indesejável e mesmo sob muitos aspectos nociva —, predominando nos países que ainda consideram a homossexualidade como um crime.

BIBLIOGRAFIA

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex*, Vol. II, “*Sexual Inversion*”.

F.A.E. CREW, Art. “*Sex*” no *Outline of Modern Knowledge*.

G. MARAÑÓN, *The Evolution of Sex and Inter-sexual Conditions*.

M. W. PECK, “*The Sex Life of College Men*”, *Journal of Nervous and Mental Diseases*, Janeiro, 1925.

G.V. HAMILTON, *A Research in Marriage*.

K. B. DAVIS, *Factors in the Sex Life of Twenty-two Hundred Women*.

L.R. BROSTER, “*A Review of Sex Characters*”, *British Medical Journal*, 2 de maio de 1931.

WERNER PICTON, “*Male Prostitution in Berlin*”, *Howard Journal*, 1931.

O Diagnóstico da Inversão Sexual

Já foi assinalado que o impulso sexual nas crianças tende a ser mais difuso do que virá a ser posteriormente nos adultos. Provavelmente, como consequência dessa difusão, ele não se concentra de maneira precisa nos indivíduos do sexo oposto. Max Dessoir foi ao ponto de dizer que até à idade de quatorze ou quinze anos, tanto nos meninos como nas meninas, o instinto sexual é normalmente não diferenciado. Mais recentemente Freud (seguindo William James e outros) afirmou repetidamente que em todos os indivíduos jovens há normalmente um traço homossexual. Teoricamente, essa concepção é perfeitamente correta. Considerando que todo indivíduo contém os germes físicos do sexo oposto, é razoável admitir que ele contenha também os germes psíquicos, e desde que na infância seus próprios caracteres sexuais, física e psicologicamente, ainda não estão desenvolvidos, é de esperar que os caracteres opostos sejam relativamente pronunciados.

O aparecimento de uma tendência homossexual na vida infantil está de acordo com as conclusões alcançadas isoladamente pelos fisiologistas. Assim Heape conclui que os fatos mostram que “Não há tal coisa, ou seja um animal puramente macho, ou um animal puramente fêmea; ...todos os animais contêm, na mesma proporção, os elementos de ambos os sexos.” Algumas das razões para esta conclusão são perfeitamente óbvias e reconhece-se há muito tempo que esta é a explicação mais razoável da inversão. É perfeitamente compreensível que o elemento sexual latente venha facilmente à tona na vida infantil, quando o elemento sexual dominante está muito pouco desenvolvido para poder reprimi-lo. Freud escreveu em 1905: “Até hoje nunca fiz a psicanálise de um único homem ou uma única mulher, sem ter de levar em

consideração uma corrente muito ponderável de homossexualidade.” Se podemos aceitar essa afirmação de um pesquisador tão profundo e experimentado como verdadeira para os casos mórbidos da psicanálise, deve-se acrescentar que, para pessoas mais normais (entre estas e aquelas que se tornam pacientes não há um nítido limite de demarcação), esta corrente também pode estar presente, por leve que seja, e não ser encontrada depois da adolescência.

A aceitação da corrente homossexual não implica, por conseguinte, a crença em um estado totalmente indiferenciado do impulso sexual na vida infantil. Em algumas escolas grandes (principalmente em algumas das grandes *Public Schools* inglesas), sabe-se que floresce a homossexualidade, favorecida, parece, por uma espécie de tradição. Estas, porém, parecem ser exceções. Muitos de nós somos incapazes de recordar, com base em nossas lembranças da vida escolar e nas primeiras associações, qualquer evidência clara da existência das atrações homossexuais, sendo as raras atrações existentes, exclusivamente para o sexo oposto.

Resta como verdadeiro, o fato de que se encontra entre meninos uma certa inevitabilidade de afeições homossexuais mais ou menos românticas, enquanto as meninas, com muito mais frequência, cultivam afeições entusiásticas por outras meninas um tanto mais velhas do que elas próprias e, com muita frequência, por suas professoras. Contudo, mesmo quando esses sentimentos são retribuídos, e mesmo quando levam a manifestações e satisfação sexual definidas, não devem ser considerados, muito apressadamente, como indicadores de vício que exija punição severa, nem de doença que exija tratamento. Na grande maioria desses casos estamos diante, simplesmente, de uma fase inevitável da juventude.

Por isso ao lidar com essas manifestações, que são na maioria dos casos puramente sentimentais e com uma tonalidade sensual apenas vaga, embora tomem às vezes formas rudes e até cruéis, é importante compreender que provavelmente estamos na presença da fase inicial de um processamento que pode ser mais ou menos normal. Muito mal pode ser causado às características nervosas e mentais de um menino, sem falar na sua reputação futura, pela presunção excessivamente apressada, de que tais manifestações são doentias ou viciosas. Elas poderão ser controladas adequadamente, quando houver necessidade absoluta disso, por um professor ou tutor bondoso que, no decorrer de instruções gerais sobre sexo, incuta no menino o respeito a si próprio e a atenção ao bem-estar dos outros. Nas meninas essas manifestações fogem a um tratamento sério, em parte porque são tão comuns, e em parte porque as mulheres, com mais frequência do que os homens, tendem a encará-las com indulgência, se não, realmente, a compartilhá-las por vezes.

Contudo, ainda é de considerável importância, distinguir entre essas manifestações temporárias de homossexualidade e a inversão sexual congênita que, provavelmente, indica uma tendência permanente dos impulsos e ideais sexuais em todo o decurso da vida. Em algumas crianças, o impulso sexual, longe de ser indiferenciado ou dirigido para o sexo oposto, dirige-se nitidamente para o mesmo sexo. Contudo, nem sempre pode ser feito um diagnóstico de inversão congênita com segurança, antes que

se complete de maneira cabal o período da adolescência. Na universidade, por exemplo, um jovem requintado e intelectual, com gostos estéticos, cercado de pessoas do mesmo sexo, atraentes e semelhantes a ele, pode conservar-se indiferente a mulheres e continuar a cultivar amizades e admirações sentimentais e ardentes, chegando à conclusão de que deve ser, por natureza, invertido. No entanto, quando ele troca a universidade pelo mundo, descobre que, afinal de contas, ele compartilha as paixões comuns à humanidade em geral. Na verdade, somente depois de ser alcançada a idade de vinte e cinco anos, ou mesmo mais tarde, é que podemos estar razoavelmente certos de que os impulsos homossexuais não constituem uma fase do desenvolvimento normal. Mesmo quando a maioridade foi há muito tempo atingida, o impulso homossexual pode mudar para o heterossexual, ou então tornar-se nitidamente bissexual.

Mas em um período muito anterior pode ser possível ter boas razões para julgar que estamos em face de um invertido congênito. Se encontramos uma precocidade sexual incomum, combinada com uma concentração sexual completa no mesmo sexo, sem nenhuma atração sexual para o sexo oposto, embora, talvez, com uma atração por interesses e ocupações femininos, e se a história da família apresenta uma tendência ponderável a anormalidades nervosas ou excentricidade, podemos suspeitar, embora não possamos ter certeza, que estamos diante de um determinado tipo de invertido congênito.

Contudo, em outros casos a tendência homossexual pode não aparecer até mais tarde. Outrora admitia-se que nestes casos a anomalia é adquirida e não congênita. Hoje, no entanto, isto é contestado por muitos que consideram estes casos como devidos ao desenvolvimento tardio de uma tendência realmente congênita, a inversão congênita retardada.

Acontece, desse modo, que temos de distinguir entre a verdadeira inversão sexual congênita (precoce ou tardia), a atração bissexual, na qual o impulso sexual do indivíduo se extravasa em direção a indivíduos de ambos os sexos (muito embora nem todos esses casos sejam, aparentemente, invertidos que adquiriram hábitos normais), e o grande e vago conjunto de pseudo-homossexuais, cuja anomalia é devida, seja a circunstâncias temporárias (como entre marinheiros), seja à impotência senil, seja ainda à procura deliberada de sensações anormais. Mesmo na pseudo-homossexualidade temos de reconhecer, segundo o ponto de vista predominante, que a homossexualidade repousa em uma base germinal natural, e por isso não pode ser considerada como totalmente adquirida, mas sim como o desenvolvimento de uma tendência latente.

A inversão sexual tem uma significação particularmente importante porque tende a ocorrer em indivíduos que estão acima da média quanto à inteligência e ao caráter, mesmo quando deixamos de considerar muitos monarcas, estadistas, poetas, escultores, pintores, compositores, eruditos notáveis, tanto do passado como do presente. Talvez seja esse o motivo pelo qual eles não são reconhecidos facilmente. Muitos médicos acreditam que nunca tenham visto um invertido. Mesmo um alienista experimentado como Sir George Savage declarou uma vez que possivelmente nunca havia encontrado uma inversão. A experiência de outro alienista eminente é ilustrativa. Nunca tendo

encontrado um invertido, pelo menos que soubesse, Näcke escreveu certa vez a Hirschfeld, cuja experiência nesse campo é mais ampla do que a de qualquer outro médico, pedindo-lhe que mandasse um invertido a sua casa. Grande foi a surpresa de Näcke quando verificou que o visitante era uma pessoa bastante conhecida dele, seu parente próximo pelo casamento. Geralmente, somente quando alguma circunstância abre nossos olhos é que começamos a verificar que em todos os círculos sociais são encontrados invertidos. Contudo, geralmente somente os de classe mais baixa, mais degenerada e às vezes mercenária, é que desejam revelar sua particularidade. Os suicídios e desaparecimentos misteriosos que ocorrem de tempos em tempos, entre pessoas da alta sociedade, muitas vezes de grande competência, estão quase sempre relacionados com a inversão, embora mesmo depois que o destino os tenha vencido, a causa do fato permaneça como um mistério para o público em geral. Essas pessoas provavelmente nunca confiaram em um médico. Elas imaginam que seria inútil, que o médico comum é completamente inapto para tratar de seu caso, se, na realidade, não se sentir chocado ou nauseado.

Certo médico, homem de caráter e inteligência elevados, ele próprio invertido congênito, embora suas tradições morais não lhe tenham permitido procurar a satisfação de seus impulsos, escreveu o que se segue com relação à sua educação em um centro médico mundialmente famoso: “A primeira referência relacionada, de maneira concreta com o assunto da perversão sexual foi feita na aula de jurisprudência médica, onde houve alusão a certos crimes sexuais, — de maneira muito resumida e inadequada —, porém nada foi dito a respeito da existência da inversão sexual como característica normal de certas pessoas infelizes, nem foi estabelecida nenhuma distinção entre os vários atos anormais, os quais foram classificados em sua totalidade como manifestações de depravação criminosas, por parte de pessoas reles ou dementes. Para um estudante que começava a sentir intensamente que sua natureza sexual diferia profundamente da de seus colegas, nada poderia ser mais desconcertante e perturbador, e mais do que nunca isso fez com que eu me fechasse em meu recolhimento. Foi ainda mais lamentável que, nem na aula de medicina sistemática, nem no decorrer das preleções sobre clínica médica, houvesse a menor alusão ao assunto. Toda espécie de doenças raras, — algumas das quais nunca encontrei em vinte e um anos de clínica intensa —, foram examinadas de maneira completa; mas fomos deixados inteiramente ignorantes de um assunto de importância tão vital pessoalmente para mim, e, como me parece, para a profissão a que eu aspirava.” Esta falta de referência aos problemas sexuais no ensino médico tem sido sentida provavelmente pela maioria de nós, embora tal deficiência de ensino seja geralmente menos lamentável para o estudante pessoalmente, do que para aqueles aos quais ele poderia ser útil. Felizmente esse é um estado de coisas que agora deixará rapidamente de existir.

Não obstante, a inversão sexual não é encontrada somente entre pessoas que, em outros aspectos, são manifestamente excepcionais, sejam “degenerados”, sejam homens de gênio, — embora na realidade ela pareça predominar entre estas. Ela também é encontrada em razoável proporção, na população aparentemente média, entre pessoas que não se distinguem da média. Os próprios médicos muitas vezes se

referem aos invertidos como uma classe “efeminada”. Não é bem esse o caso. Certo conjunto entre eles parece, na verdade, ser desse estilo. São física e mentalmente lassos, cícosos de si mesmos, fúteis, amantes de joias e ornamentos. Esses homens têm os gostos das prostitutas e em alguns casos se tornam realmente prostitutas do sexo masculino. Eles, porém, não são mais típicos da inversão do que a prostituta, verdadeira ou de temperamento, é típica da feminilidade. Na verdade, um grande número de invertidos são excepcionalmente requintados, sensíveis, ou emotivos, porém o mesmo pode dizer-se de muitas pessoas levemente neuróticas que não são homossexuais. Outros, tanto homens como mulheres, não se distinguem claramente por nenhuma característica especial que pudesse sugerir de maneira razoável, uma tendência anormal do impulso sexual. Este fato é que explica a existência de tantas pessoas que acreditam nunca terem encontrado um invertido, embora e não obstante, a proporção de invertidos na população em geral tenha sido considerada, através de pesquisa cuidadosa e bem feita, tão significativa, a ponto de situar-se, no mínimo, bem acima de 1 por cento.

Parece provável, como já assinalado, que a incidência da inversão varie apenas ligeiramente em diferentes países, embora em certas regiões especiais da Europa Meridional se diga que ela é grande, talvez em virtude dos hábitos ou tradições peculiares do povo. Os naturais de vários países dizem às vezes que a inversão sexual não predomina tanto em seus países como acontece no estrangeiro. Eles, porém, falam sem conhecimento dos fatos. As aparentes variações são simplesmente superficiais e devidas em grande parte à atitude social e legal que prevalece em um país, em relação à inversão. Isto não significa que ela floresça onde as leis são indulgentes, porque a existência de leis violentamente repressivas pode servir simplesmente para despertar uma propaganda entusiástica por sua abolição, o que chama a atenção para a predominância da inversão. A homossexualidade é o mais predominante de todos os desvios sexuais, porque, embora os simbolismos eróticos, em uma ligeira e pouco acentuada proporção, sejam provavelmente mais comuns, eles quase não são encontrados com tanta frequência, em um grau completo de desenvolvimento, como o é a inversão. Em muitos casos, esta predominância é ainda mais destacada pela energia e caráter dos portadores da anomalia.

O reconhecimento gradativo da predominância da inversão em pessoas comuns, de inteligência e comportamento normais, é que tem modificado as opiniões dos alienistas com relação à natureza desta e, na verdade, de outras anomalias sexuais. Nos tempos medievais e primitivos, a homossexualidade, reconhecível como tal em suas únicas formas, sodomia e tribadismo, era um pecado e um crime, expiado muitas vezes na fogueira. Ela continuou a ser considerada apenas como uma manifestação de depravação repugnante até em pleno século XIX. Houve então uma tendência a considerá-la como um indício de demência, ou pelo menos de degeneração. Essa concepção está agora ultrapassada, como é inevitável, quando verificamos que tais desvios e outros ocorrem em pessoas mentalmente sadias, de bom comportamento moral e equilibradas, muitas das quais de maneira nenhuma são dominadas ou obcecadas por seus impulsos, e algumas das quais nunca cederam a eles, absolutamente. A homossexualidade ocasional é uma tendência à qual o homem está sujeito juntamente

com aquela parte do reino animal com a qual ele mais se assemelha. A inversão sexual congênita é uma anomalia, uma variação que nasce com o indivíduo, e cujas causas estamos começando a compreender. Mesmo quando extrema, ela é patológica apenas no mesmo sentido em que o é o daltonismo ou o albinismo, ou ainda a transposição das vísceras.

BIBLIOGRAFIA

MOLL, *The Sexual Life of the Child*.

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex, Vol. II, "Sexual Inversion"*.

FREUD, *Collected Papers, Vol III*.

KATHARINE DAVIS, *Factors in the Sex Life of Twenty-two Hundred Women*.

EDWARD CARPENTER, *The Intermediate Sex*.

Eonismo (Travestismo ou Inversão Sexo-Estética)

Esta é uma anomalia que não deve ser identificada com a homossexualidade, embora às vezes tenda a associar-se com ela, e na qual o indivíduo, homem ou mulher, mais ou menos se identifica com o sexo oposto. Não simplesmente nas vestimentas, mas nos gostos de um modo geral, nas maneiras de agir e nas características emocionais. A identificação geralmente não chega ao comportamento sexual do sexo oposto. O comportamento heterossexual normal é muitas vezes acentuado, no entanto talvez seja conveniente incluir aqui um estudo do assunto.

O eonismo é uma entidade um tanto embaraçadora de definir e rotular. Com ele eu deparei há muitos anos atrás, e deixei-o de lado para um exame posterior. Nesse ínterim e na Alemanha, Hirschfeld, que já era uma autoridade proeminente em homossexualidade, interessou-se pelo assunto, que ele reconhecia ser diferente da inversão e chamou "travestismo". Ele fez-lo assunto principal de vários livros. Em meu primeiro e próprio estado da anomalia (1913) eu a chamei "inversão sexo-estética", uma espécie de inversão sexual de gostos. Ambos esses nomes são pouco satisfatórios. "Travestismo" é completamente inadequado, visto que o anseio de usar as vestimentas do outro sexo é apenas um dos característicos apresentados e, em alguns casos dificilmente é encontrado, ou não o é absolutamente, enquanto "inversão sexo-estética" pode sugerir erradamente que se trata aqui de homossexualidade, embora esta geralmente não esteja presente.

"Eonismo" foi o nome que finalmente concebi (1920) para este desvio. Foi aceito por muitos e ainda parece o termo mais conveniente, e adequadamente ilustrativo. Como "sadismo" e "masoquismo", ele é derivado de uma pessoa muito conhecida, que apresentou a anomalia em sua forma típica, o Cavaleiro d'Eon de Beaumont (1728-

1810), borguinhão de boa família, empregado como representante diplomático francês no reinado de Luís XV, e que, por fim, morreu em Londres onde era considerado de um modo geral como uma mulher, embora a autópsia o identificasse como um homem normal. Outro personagem menos importante, também, o Abade de Choisy (1644-1724), igualmente de família aristocrática, constitui em certos aspectos, um exemplo ainda mais típico de eonismo, e ele escreveu suas próprias memórias, que o revelam, como ele também é conhecido através de outras fontes, homem de temperamento urbano e sociável, gozando de popularidade geral apesar de sua anomalia, requintado, amável e um tanto feminino, admirador ardente das mulheres, com um grau de ardor sexual um pouco abaixo da média, mas pai de pelo menos um filho, homem de capacidade intelectual legítima, e amigo dileto de muitas das personalidades de seu tempo. Tornou-se eminente eclesiástico, historiador da Igreja e Decano da Academia Francesa. Entre mulheres notáveis, de temperamento semelhante, encontram-se Lady Hester Stanhope, e também James Barry, que levou uma vida longa e destacada em trajes masculinos e tornou-se Inspetor Geral do Serviço de Saúde do Exército Inglês. Não há motivo para supor que qualquer dessas mulheres fosse homossexual.

O eonismo é uma anomalia notavelmente comum. Segundo minha própria experiência, ela vem em segundo lugar após a homossexualidade, sob o ponto de vista de frequência, e entre os desvios sexuais. Na vida corrente, os portadores não apresentam nenhuma característica chocante e podem parecer perfeitamente varonis, embora às vezes sensíveis e reservados, muitas vezes dedicados a suas esposas, mas raramente de temperamento sexual vigoroso. Seus ideais secretos geralmente não são suspeitados mesmo por aqueles que estão mais próximos deles. Nem todos desejam adotar a troca de vestimentas (*cross-dressing*, como Edward Carpenter a chamou), mas quando o fazem é com completo êxito, com muita habilidade e com a adoção minuciosa e quase instintiva, de pequenos ademanos femininos que, segundo eles acham, lhes vêm naturalmente. Embora muitas vezes não desejem relações sexuais invertidas, os eonistas masculinos sentem às vezes um desejo quase apaixonado de experimentar as sensações da gravidez e da maternidade. Na capacidade mental geralmente se situam acima da média e podem tornar-se eminentes como escritores e por outros meios.

O eonismo deve ser classificado entre as formas de transição ou intermediárias da sexualidade. Mas não é fácil explicar sua origem precisa. Podemos concordar com Kiernan, em que há, às vezes, uma parada de desenvolvimento, semelhante, como sugeri, sob o ponto de vista físico, ao eunucoidismo, com o qual ele realmente parece, às vezes, relacionar-se. Podemos assim invocar provavelmente alguma deficiência no equilíbrio endócrino e, com isso, encontrar, com um conhecimento melhor, um meio de restabelecer o equilíbrio normal.

Do lado psíquico, segundo eu o encaro, o eonista encarna, em um grau extremo, a atitude estética de imitação do objeto admirado e de sua identificação com ele. É normal ao homem identificar-se com a mulher a quem ama. O eonista leva muito longe essa identificação, estimulado por um elemento sensível e feminino em si próprio, o qual está associado a uma sexualidade um tanto deficiente sob o ponto de vista viril, sobre uma

base talvez neurótica. Uma infância anormal, com um apego excessivo à mãe, que pode ser, ela própria, anormal, parece estimular, por vezes, o aparecimento do eonismo. Fenichel acha que o fator específico do eonismo é um complexo de castração; contudo, ele costuma dizer quase o mesmo de todos os desvios sexuais, pelo que, com isto, não avançamos muito. Embora ele confesse que este modo de ver não se aplica ao eonismo feminino.

BIBLIOGRAFIA

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex*, Vol. II, "Eonism".

HOMBERG AND JOUSSELIN, *D'Eon de Beaumont: His Life and Times*.

O. FENICHEL, "The Psychology of Transvestism", *International Journal of Psycho-analysis*, abril, 1930.

FLUGEL, *The Philosophy of Clothes*.

A Questão do Tratamento

Uma anomalia tão singular como a inversão sexual acarreta problemas especiais. Por um lado há a semelhança com uma variação verdadeira combinada, em muitos casos, com um bom estado geral de saúde. No entanto não estamos na presença de uma mutação humana específica. A variação afeta uma função especial, embora venha a ser uma função cuja influência penetra amplamente quase todo o organismo. É uma variação apenas no sentido em que o é o daltonismo. Em uma pesquisa recente (embora tendendo para a metafísica), Oswald Schwartz ainda insiste em que devemos considerar a homossexualidade como mórbida, embora tenha o cuidado de definir "morbidez" como a "insubordinação de um órgão contra a lei funcional do organismo," devida geralmente, segundo ele afirma, à permanência da infantilidade, de maneira que "morbidez" aqui tem o mesmo valor, como definição, que tem o "patológico" de Virchow. Aqui não estamos longe do ponto de vista de Freud, de que a predisposição e a experiência estão indissolúvelmente ligadas, ou daquelas autoridades que afirmam ter toda homossexualidade genuína uma base inata, enquanto as formas adquiridas, devidas à influência externa, constituem apenas uma pseudo-homossexualidade.

Não nos interessam aqui de maneira precípua as considerações terapêuticas. Elas foram examinadas de maneira completa, por Maranón e outros. Mas a questão do tratamento vem constantemente à baila no que se refere aos estados homossexuais, haja ou não suspeita de inversão inata. E como o tratamento proposto geralmente é psicoterápico, temos de examinar sua conveniência psicológica.

Deixo de lado a questão do tratamento cirúrgico, visto que este ainda não ingressou na prática corrente. Lipschütz menciona o caso de um homossexual que, após

o transplante do testículo de um homem normal, tornou-se heterossexual, e dentro de um ano sentiu-se capaz de casar. Precisamos de um número de observações muito maior do que aquele de que dispomos atualmente, antes de chegarmos a conclusões quanto à possibilidade e à conveniência de tal procedimento. São necessárias maiores considerações do que aquelas que a princípio parecem evidentes. Em certa época foi admitido como necessário, tentar em todos os casos algum tratamento desse tipo. Atualmente não é assim, embora algumas autoridades ainda sejam a favor dessa doutrina, mesmo nos casos de inversão claramente congênita, quando o paciente se mostra ansioso de fazer a tentativa. Contudo, se estivermos nitidamente na presença de um caso de inversão profundamente enraizada e completa, mesmo a tentativa de uma alteração radical de hábitos, concepções e ideais sedimentados, implicando uma violação da natureza fundamental do indivíduo, não deve ser feita sem um estudo cuidadoso. Deve ser lembrado que, em face de um estado realmente fixado, todos os métodos normais de tratamento tornam-se difíceis. A sugestão hipnótica, que outrora era considerada útil em muitos casos e nas mais variadas espécies de anomalias sexuais, presta serviço relativamente pequeno nos desvios congênitos em avançado estágio de desenvolvimento. Não pode mesmo ser aplicada facilmente, porque o indivíduo resiste à sugestão exatamente como um indivíduo normal resiste geralmente, sob hipnotismo, à sugestão de cometer um crime. Schrenck-Notzing, há muitos anos, quando a inversão sexual não era considerada comumente como inata, despendeu muito tempo e trabalho tratando invertidos pelo hipnotismo, com a ajuda de visitas ao bordel, e acreditou que tinha sido bem sucedido. Mas, uma aparência de sucesso, quando este se revela simplesmente pela capacidade de praticar as relações com o outro sexo, admite-se como possível, com muito boa vontade da parte do paciente. Não se segue, porém, que os ideais e impulsos se tenham voltado, real e permanentemente, para uma nova direção ou mesmo uma direção conveniente. O resultado pode ser simplesmente, como um desses pacientes expressou, a execução da masturbação pela vagina (*per vaginam.*)

O método psicanalítico de Freud também tem sido empregado terapêuticamente nesses casos, e também tem sido alegado algum êxito através dele. Contudo, há agora entre psicanalistas, uma tendência a reconhecer que é inútil aplicar a psicanálise na esperança de uma mudança na direção sexual, quando o tipo de inversão é fixo (seja ou não considerado como inato), Conheci muitos homossexuais que se submeteram à psicanálise. Alguns paravam o tratamento no início. Outros achavam que tinha havido pouco resultado ou não tinha havido resultado de qualquer espécie; outros sentiram benefícios palpáveis, porém, principalmente, mais pelo aumento do conhecimento próprio e da auto realização, do que por qualquer mudança na direção do impulso sexual. Não sei de nenhum caso em que tenha sido conseguida uma transformação permanente e completa da homossexualidade em heterossexualidade. A terapêutica associativa de Moll pode considerar-se, talvez, um terceiro método psicoterapêutico que merece citação a esse respeito, embora não represente nenhuma iniciativa nova na maneira de aplicação. Contudo é correta na teoria e executável, consistindo em encontrar uma ponte através da qual os desejos anormais do indivíduo possam associar-se a fins normais. Assim, se o indivíduo se sente atraído por meninos, poderá ser levado

a cultivar uma atração por mulheres infantis. Já era sabido que os invertidos são afetados por pensamentos dessa espécie. Assim, um dos meus pacientes, que leva vida saudável e ativa, tem hábitos masculinos, reprime seus desejos homossexuais, e gostaria de casar-se e ter um filho, fez várias tentativas infrutíferas para o coito. Posteriormente, em Malta, em um baile público, encontrou uma moça italiana que o convidou a ir a sua casa: “Ela possuía um talhe muito esguio e infantil, um rosto de garoto e quase não tinha seios. Fui ao apartamento dela onde marcara um encontro e encontrei-a vestida com um pijama de homem. Senti-me francamente atraído, mas mesmo assim, fui incapaz de desempenhar meu papel masculino na ocasião. Fui-me embora, no entanto, sem o costumeiro sentimento de repulsa, e, voltando na noite seguinte, o resultado, para minha alegria, foi satisfatório. Continuei em várias ocasiões antes de partir de Malta, mas embora atraído por essa garota, nunca senti realmente prazer no ato, e logo que terminava, sentia vontade de ir embora. Desde então tive relações com cerca de doze garotas. Mas é sempre um esforço, e deixa um sentimento de repulsa. Cheguei à conclusão de que para mim as relações sexuais normais são apenas uma forma dispendiosa e perigosa de masturbação.” Isto, porém, é o melhor que a psicoterapia pode, em geral, esperar alcançar.

Deve acrescentar-se que todos esses métodos, mesmo na medida em que se pode dizer que obtenham qualquer êxito, quando aplicados a casos de inversão profundamente enraizados, levam, na melhor das hipóteses, e na maior parte, a um estado de atração bissexual, pelo qual o paciente se capacita a encontrar satisfação com pessoas de ambos os sexos. Esta mudança ou afrouxamento artificial da fixação do impulso sexual não é favorável à estabilidade de caráter nem a qualquer elevação de moralidade. Nem é absolutamente motivo de regozijo tornar um invertido em condições de procriar. O filho de um invertido com um parceiro sadio tem, realmente, uma possibilidade razoável de desenvolver-se satisfatoriamente, mas; os riscos são demasiadamente sérios para que possamos dizer que poderão ser enfrentados de modo leviano: quando um invertido está profundamente desgostoso com sua anomalia e extremamente ansioso para tornar-se normal, não é fácil resistir à tentação de torná-lo normal. Mas não é possível adotar uma atitude otimista quanto às perspectivas de êxito ou das consequências deste, quando alcançado.

Ainda poderá haver ampla margem de tratamento, mesmo quando não é feita nenhuma tentativa direta para eliminar a tendência invertida e quando é adotado o ponto de vista otimista e fleugmático (que vi defenderem) de considerar a homossexualidade simplesmente como uma “forma de más maneiras”. O invertido é, em uma grande percentagem de casos, de mineira geral e às vezes sexualmente, aquilo que se costumava chamar neurastênico. Em alguns casos ele é sexualmente hiperestésico, com a fraqueza irritável que acompanha comumente a hiperestesia. Ele é muitas vezes sensível e emotivo, outras vezes sujeito a crises de apreensão ou angústia relacionadas com sua anormalidade. Em tais casos é indicado o tratamento rotineiro da mesma, seja por meio de sedativos, como os brometos, seja, em alguns casos, dos tônicos. A eletricidade, a balneoterapia, os exercícios físicos, a ocupação sadia, a mudança de clima etc. — todos esses métodos comuns de combate ao esgotamento nervoso foram

defendidos como capazes de se revelarem benéficos no controle das formas de desvio sexual.

Muitos invertidos pouco se preocupam com a existência de sua anomalia sexual na medida em que gozam boa saúde, pelo que, dessa maneira, é apenas necessário no máximo aplicar qualquer tratamento clínico que seja necessário e insistir na prática da higiene física e mental. A inversão não será removida assim, mas com uma compreensão e apoio inteligentes, a angústia que ela causa pode ser aliviada, seus excessos reprimidos, e ela pode ser levada a um autocontrole racional. Isto na maioria dos casos é tudo o que é necessário, e em muitos casos tudo o que é conveniente.

No caso dos invertidos, surge às vezes a questão do casamento, embora a maioria das vezes ele seja resolvido sem recorrer ao médico. Como método de tratamento, seja o paciente homem ou mulher, o casamento sem dúvida deve ser rejeitado de maneira absoluta e incondicional. Ele talvez possa capacitar o invertido a tornar-se bissexual, se o instinto sexual ainda não assumiu esse aspecto, mas a possibilidade de que ele elimine a inversão do impulso são mínimas, a não ser que ele já esteja em vias disso quando o casamento se realizar. O casamento, ao contrário, pelas dificuldades e aversões que obriga o parceiro invertido a enfrentar, às vezes exacerba a inversão. Casos têm ocorrido em que, somente pouco depois de um casamento aparentemente feliz, é que um invertido se colocou temerariamente dentro das malhas da lei. No casamento ou fora dele, as relações sexuais normais não podem ser consideradas como um remédio para a inversão, muito menos sob a forma de prostituição, que tende a apresentar as mulheres sob o aspecto mais repulsivo para o invertido. A amizade platônica com uma pessoa requintada e inteligente do sexo oposto é mais atraente, mais útil e, se a amizade é de um tipo que no mesmo sexo atrairia o invertido, há mais probabilidade de que essa amizade sirva como um método de terapêutica associativa do que a abordagem direta das relações sexuais. O invertido cuja anomalia se baseia em uma predisposição inata tende a ser um invertido permanentemente, e qualquer influência que modifique seu estado psíquico deve ser gradual e variada.

Embora as relações sexuais, no casamento ou fora dele, nunca devam ser consideradas como um método terapêutico, não é necessário concluir que aqui, e o mesmo é verdadeiro para outros desvios sexuais profundos, — o casamento deva ser sempre proibido. Não é incomum vermos invertidos casando. Mas é aconselhável que tais casamentos não sejam feitos no escuro ou com esperanças ilusórias. O outro cônjuge não deve ser demasiado jovem, e deve ser informado com precisão e com antecedência do verdadeiro estado de coisas e das perspectivas prováveis. As uniões assim formadas mostram-se às vezes suportáveis e até felizes, desde que o casal seja mutuamente compreensivo. Mas deve ser sempre lembrado que as possibilidades de uma satisfação sexual completa de ambos os lados são pequenas. O invertido, a não ser que seja verdadeiramente bissexual (a maior parte das pessoas bissexuais são predominantemente homossexuais), não pode ter com uma pessoa do sexo oposto a liberdade íntima e a expansão emocional que são da essência do amor sexual, e embora seja possível a potência, ela somente pode ser assegurada imaginando que o parceiro é

do mesmo sexo, ou mesmo concentrando o pensamento em algum indivíduo atraente do mesmo sexo. Esse estado de coisas não dá grande prazer ao cônjuge invertido, enquanto o outro cônjuge, mesmo que não esteja perfeitamente consciente do caráter imperfeito das relações, sente instintivamente um certo grau de insatisfação e depressão, se não de repulsa. Uma união dessa espécie é muitas vezes mais feliz quando se elimina a tentativa de assegurar a satisfação sexual, e as relações baseiam-se na satisfação de outros interesses comuns a ambos os cônjuges.

Saber se um desses interesses deve ser um filho é uma questão séria, que nem sempre é fácil de resolver imediatamente com a negativa. Sem dúvida deve ser estabelecido como regra geral, não ser aconselhável que uma pessoa predisposta constitucionalmente à homossexualidade procrie. Contudo, quando o cônjuge invertido é sadio sob outros aspectos e pertence a uma família perfeitamente saudável, e o outro cônjuge é perfeitamente sadio e normal, há uma esperança razoável de que os filhos se desenvolvam muito bem. O invertido muitas vezes deseja ter filhos. Eles constituem também um consolo para o outro cônjuge e podem servir para consolidar a união. Mas um casamento dessa espécie é muitas vezes instável. Há uma perspectiva de separação ou de indiferença dos cônjuges, pelo que são enormes os riscos de uma vida insatisfatória para a criança, no lar.

Com pouca diferença, o melhor resultado parece ser obtido pelo invertido congênito, nas condições modernas da sociedade, quando, embora conservando seus próprios ideais, ou instintos íntimos, ele decide abandonar, tanto a tentativa de tornar-se normal, como a de assegurar a satisfação mais grosseira de seus desejos anormais, muito embora considerando inevitável o alívio auto erótico, apesar de pouco satisfatório. Isto não é raro em pessoas de caráter delicado. Uma delas, que teve algumas experiências homossexuais antes da idade de dezenove anos, mas não posteriormente, escreve: “Eventualmente passam-se vários meses sem que me masturbe, e acho que, fazendo assim, meu espírito parece mais satisfeito consigo próprio, embora meu desejo pelo amor masculino se tome mais descontrolado, e até meus melhores amigos se surpreenderiam de saber que sou um sentimental com relação a eles. Somente a mim mesmo pareço o que de fato sou. Para meus amigos sou sexualmente normal. Acredito que não haja nada em mim que sugira ao observador mais minucioso, tenha eu um ardor sexual tão generalizadamente relacionado com degenerados. Não me sinto um degenerado. Nunca senti vergonha de meus desejos, embora me envergonhasse se vissem a saber, visto que nesse caso eu perderia minha posição social.”

Outro homem, que nunca teve quaisquer relações homossexuais, oficial de marinha levando vida ativa, encontrou grande satisfação em amizades não sexuais. Ele escreve: “Não sou efeminado em nenhum aspecto e por minha própria vontade tenho levado uma vida áspera e muitas vezes perigosa. Meu desejo pela companhia de homens que têm uma atração sexual para mim é muito grande e os dias mais felizes de minha vida foram passados na companhia deles. Meus desejos são não somente sexuais, mas também constituídos em cinquenta por cento de um desejo de completa identidade mental, que acompanha essa atração. O medo de perder isso fez com que sempre me

abstivesse de quaisquer iniciativas, e eu imagino que tal identidade mental seria impossível com um invertido profissional. Superei minha vergonha de ser diferente de outros homens, e considero minha anomalia como natural em minha pessoa.”

Para alguns, sem dúvida, isso é quase impossível, e para muitos implica uma luta penosa e uma energia vital incomum para as tarefas da vida. Mas em uma grande proporção de invertidos o impulso sexual não é realmente muito forte, — embora a anormalidade desse impulso possa fazer com que ele esteja indevidamente presente na consciência e a proibição de satisfazê-lo aumente artificialmente sua necessidade. Ele pode encontrar uma grande margem de satisfação na amizade platônica com uma pessoa de gênio afim do mesmo sexo. Tal amizade pode fortalecer-se pelo estudo dos ideais que são preconizados nos escritos do próprio Platão e dos poetas gregos que foram afetados por sentimentos homossexuais. Podemos citar também escritores modernos como Walt Whitman, Edward Carpenter, e André Gide.

Deve ser lembrado ainda, que a inversão do impulso sexual se presta de maneira especial a fins de sublimação. Freud acha que a sublimação pode desenvolver-se no sentido da amizade, da camaradagem, do *esprit de corps* e do amor à humanidade em geral, *depois* que os impulsos heterossexuais se estabelecem. Mas esperar por isso deve ser normalmente o adiamento da sublimação até às calendas gregas (segundo a antiga expressão). Felizmente podemos testemunhar muitas vezes aquilo que se pode chamar, razoavelmente, sublimação, realizando-se em um estágio muito anterior e em pessoas nas quais o impulso homossexual pode ser considerado fixado. Tem acontecido, muitas vezes, que invertidos se dedicam com entusiasmo a obras sociais e filantrópicas valiosas, em benefício de crianças de seu próprio sexo, e encontram alegria e satisfação na tarefa. Um homem de antecedentes *quakers*, pertencente a uma família que possui muitos membros tanto com tendências nervosas, como de capacidade mental elevada, que ele próprio compartilha, tem impulsos homossexuais aos quais ele nunca se entregou, a não ser em proporção muito pequena, e é casado, embora seus impulsos heterossexuais não sejam fortes. Escreve ele: “O bissexual parece amar toda a humanidade, em vez de apenas uma pessoa; talvez seja uma espécie de dedicação nobre e mais útil. Reproduzir a vida de uma pessoa através de documentos de autenticidade científica, parece mais útil hoje, do que aumentar a prole que se vê em cada canto.” Não é raro que a tendência homossexual se escoie por uma via religiosa, de preferência a uma via científica. Um correspondente, que estudou Dante profundamente e se considera de tendência homossexual, escreve: “Penso que existe uma relação estreita entre sexo e religião. Os invertidos que eu conheço bem (quatro homens) são todos crentes sinceros. Eu mesmo sou um acólito da Igreja Anglicana. Em minha teoria pessoal a essência do amor é a dedicação altruísta, e eu acredito que a ação de servir seja a única chave para a verdadeira felicidade. Invertida ou não, a pessoa deve recusar-se a dar entrada a certos pensamentos, por mais alto que eles se anunciem. Posso ver beleza em abundância, tanto em rapazes, como em moças, mas utilizo a inspiração em minha religião e trabalho diário, e procuro não ser indevidamente sentimental. Passei o ponto mais crítico de meu desenvolvimento psíquico. Talvez um dia eu encontre a moça certa e tenha eu próprio a alegria de ser pai de filhos.”

É verdade que esses incentivos somente atraem o invertido superior. Mas, devemos repetir, estes constituem uma grande percentagem de todo o conjunto. A princípio eles estão sujeitos a sentir que são andarilhos sem lar em um universo que não foi feito para eles. Vale a pena, aumentando seus conhecimentos, aumentar também sua felicidade e utilidade, capacitando-os assim a sentir que, também para eles, e mesmo como são, há um lugar no mundo, e muitas vezes um lugar até invejável.

BIBLIOGRAFIA

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex, Vol. II.*

EDWARD CARPENTER, *The Intermediate Sex, e também My Days and Dreams* (Autobiography)
Edward Carpenter: In appreciation, editado por G. Beith.

GEORGE IVES, *The Graeco-Roman View of Youth.*

ANOMALY, *The Invert and His Social Adjustment* (Introduction by Dr. Thouless).

MRS. HAVELOCK ELLIS, *The New Horizon in Love and Life, "Eugenics and Spiritual Parenthood"*.

VI – CASAMENTO

Introdução (O Problema da Abstinência Sexual)

CASAMENTO, no sentido social, e mesmo de certo modo, no sentido biológico, é uma união sexual estabelecida com a intenção de torná-la permanente, mesmo independente de ter recebido ou não, a sanção da lei ou da igreja. Antes, porém, de iniciarmos seu exame, talvez seja conveniente fazer uma referência à abstinência sexual e aos problemas, reais ou suscitados, que podem relacionar-se com ela.

Este problema passou por diversas fases. Há um século atrás dificilmente ele era apresentado ao médico, e se isso acontecia, tudo o que ele poderia dizer legalmente era que, para os homens a abstinência sexual fora do casamento era moral e as relações sexuais, imorais (embora livres reservadamente); enquanto para as mulheres, nas quais não se reconheciam as necessidades sexuais, a questão não podia ser suscitada. Em seguida, no decorrer da existência de muitos de nós, e com o surgimento de novas condições sociais e uma atitude um pouco mais liberal em relação a elas, o médico começou a ser procurado e solicitado a expender princípios gerais sobre o assunto para todos em geral. Esta exigência levou à formulação de várias proposições vagas relativas à inocuidade da abstinência, que nada significavam e poderiam ser usadas com sentidos não colimados pelos formuladores. Elas, por exemplo, poderiam ser citadas com muita satisfação, por aqueles que advogavam a abolição das relações sexuais, a não ser para a procriação de filhos, isto é, talvez duas ou três vezes na vida. Não há dúvida de que a continência no uso do sistema muscular e glandular não é nociva à saúde; igualmente, a continência no uso de músculos e glândulas especificamente sexuais não é prejudicial à saúde. Tais exercícios frívolos de prestidigitação verbal foram considerados, porém, abaixo da dignidade da profissão médica, e deixados mais adequadamente aos charlatães, que se aproveitam da ignorância e preconceitos sexuais das massas. O médico é convocado para lidar com os casos de homens e mulheres de carne e osso, não com fórmulas abstratas. Isto agora é compreendido, e considerando que atualmente prevalecem noções menos rígidas de moralidade sexual, é possível tratar os problemas resultantes de maneira mais flexível.

As dificuldades e perigos da abstinência sexual foram, no passado, tanto subestimadas como superestimadas. Por um lado afirmava-se enfaticamente, sempre por parte daqueles que estavam sobrecarregados de interesses morais (que eles achavam estar em jogo), que essas dificuldades e perigos eram desprezíveis. Do outro lado estavam aqueles que, em parte como reação a esse ponto de vista extremado e em parte pela tradição antiga, ficavam no outro extremo, e declaravam que várias formas de

demência, bem como de desordens nervosas, eram devidas à abstinência sexual. Parece não haver fundamento para acreditar que apenas a abstinência sexual cause qualquer psicose ou neurose grave em uma pessoa congenitamente sadia. A crença de que possa sê-lo é devida à confusão comum entre *post hoc* (depois disto) e *propter hoc* (por causa disto). Identicamente, quando ocorre a demência em uma pessoa que leva uma vida de licença sexual desenfreada, não estamos autorizados a atribuir sua demência ao impulso sexual. “A maioria dos que formam nossa sociedade”, disse Freud em 1908, “são inadequados constitucionalmente para a abstinência”, mas ele acrescenta uma observação significativa, que devemos ter sempre em mente, de que na presença de uma disposição para a neurose é que a abstinência se mostra mais perturbadora, levando principalmente à neurose de angústia, enquanto em suas *Introductory Lectures* posteriores ele afirma que “devemos evitar superestimar a importância da abstinência como afetando a neurose. Somente uma minoria de estados patogênicos devidos à privação e à conseqüente acumulação da Libido acarretada por ela, podem ser aliviados pela espécie de relações sexuais que podem ser obtidas sem nenhuma dificuldade”. Considerando que Freud nunca subestimou a importância do impulso sexual na vida, seu testemunho nesse ponto tem valor especial. Pode-se também referir o fato, assinalado por Löwenfeld, que estudou o assunto com espírito imparcial e com base em vasta experiência, de que os sacerdotes católicos gozam geralmente de excelente saúde com respeito ao sistema nervoso e raras vezes sofrem por causa da abstinência, o que provavelmente se deve, Löwenfeld observa, ao fato de serem adaptados a sua profissão desde a juventude.

Devemos lembrar sempre, que toda a arte de viver repousa em um adequado equilíbrio entre expressão e repressão. Porque a repressão, — tomada em sentido amplo e não apenas no sentido restrito que lhe dão às vezes os psicanalistas —, é um fato da vida, tão importante quanto a expressão. Estamos constantemente, e ao mesmo tempo, reprimindo certos impulsos e extravasando outros. Na repressão não há necessariamente um castigo, porque ela é essencial à expressão. Ela está longe de ser peculiar à civilização. Ela é acentuada da mesma maneira nos estágios primitivos da vida humana. Ela é mesmo facilmente observável nos animais. Um processo tão natural não pode ser, predominantemente, senão benéfico, muito embora esteja sujeito com frequência a desajustamentos, principalmente nos indivíduos que não são estruturados, constitucionalmente, para o esforço de obter um equilíbrio harmonioso.

Mas nem por isso se deve negar que as dificuldades da abstinência sexual, mesmo que não impliquem nenhum perigo sério para a vida ou para a saúde, são contudo muito reais para muitas pessoas saudáveis e ativas⁹. Ela é suscetível de causar pequenos distúrbios do bem-estar físico, e, do lado psíquico, muita preocupação mental e uma luta constantemente renovada com obsessões eróticas, uma hiperestesia sexual perniciosa

⁹ Isto é afirmado há muito tempo por tôdas as autoridades competentes. Assim Näcke, autor prudente e crítico, afirmou há mais de vinte anos, que a opinião de que a abstinência sexual não tem efeitos nocivos, não é seguida atualmente por uma só das autoridades em questões de sexo. A controvérsia refere-se à proporção e à espécie de efeitos maléficos, que Näcke nunca acreditou fossem de caráter demasiado grave.

que, principalmente em mulheres, toma muitas vezes a forma de falsa pudicícia. Um estudante, por exemplo, que vive castamente, que é ambicioso, que deseja aplicar todas as suas energias no estudo, pode sentir angústia e depressão mental intensa, em consequência dessa luta.

Muitas mulheres jovens, também empenhadas ativamente em várias espécies de atividade, sofrem da mesma maneira, e por isso sentem-se às vezes estimuladas para uma atividade febril no trabalho e nos exercícios físicos, que geralmente não traz nenhum alívio. Na verdade, somos inclinados a pensar, por vezes, que as mulheres sofrem, por esse motivo, mais do que os homens, não porque a sublimação seja (como Freud acredita) particularmente difícil para a mulher, ou porque seus impulsos sexuais sejam mais fortes, mas porque os homens puderam, e ainda podem, estabelecer relações sexuais fora do casamento mais facilmente do que as mulheres, enquanto o orgasmo espontâneo, que nos homens castos normalmente dá alívio durante o sono, são relativamente raros nas mulheres que não tiveram experiências sexuais, mesmo quando o desejo sexual é forte. Muitas vezes as mulheres superiores é que sofrem mais por esse motivo e são exatamente as que se mostram mais preocupadas em esconder o fato.¹⁰

Talvez seja interessante a esse respeito, examinar as respostas dadas por mais de mil mulheres, à pergunta do questionário da Dra. Katharine Davis: Você acha que as relações sexuais são necessárias para uma saúde física e mental perfeita? É claro que devemos ter presente que as respostas a essa pergunta não podem basear-se, mesmo de um modo geral, em considerações fisiológicas e psicológicas. Temos de reconhecer inevitavelmente a influência de ideias morais, sociais e convencionais. Contudo é interessante saber o que mulheres americanas instruídas, educadas no início do século XIX, pensam reservadamente do assunto. Verificou-se que 38,7 por cento (em número de 394) responderam com a afirmativa, algumas enfaticamente, um grande número com uma restrição especial, e algumas apenas dubiamente. Restou uma maioria de 61,2 (em número de 622) que responderam com a negativa, algumas com ênfase e outras de maneira dúbia. Algumas das mulheres que responderam afirmativamente restringiram sua resposta dizendo, “principalmente para os homens”, ou “para a saúde *mental*”, ou “para uma vida completa”, ou ainda “para alguns tipos”. Das que responderam negativamente, algumas particularizaram dizendo “não necessárias, porém normais”, ou “apenas convenientes”, ou “não para uma *completa* saúde mental”, ou “não, apenas difícil”, ou “não, mas as pessoas que não as têm parecem irritadas e contraídas.”

¹⁰ Tenho conhecimento de muitas mulheres que sofrem intensamente dessa maneira. Com freqüência elas escrevem de longe ou escondem seus nomes verdadeiros. Uma senhora de quem recebi notícias várias vezes (que por acaso era, sem o saber, bastante conhecida de um de meus amigos) é perfeitamente típica: de meiaidade, forte, bem constituída e simpática, de inteligência elevada, dispõe de independência econômica e muitas vezes vive no estrangeiro. Nunca teve quaisquer relações sexuais. Embora gozando boa saúde geral, algumas perturbações ligeiras (principalmente um choque nervoso na idade de dezesseis anos, que diminuiu a menstruação) estimularam a atividade sexual em um grau anormal. Há um desejo sexual constante e todos os métodos físicos e mentais que ela possa adotar para controlar isso são infrutíferos para aliviar essa constante tensão. Seu caráter e preconceitos tornam impossível qualquer satisfação irregular, e impedem-na até de fazer referência a seu estado, enquanto a masturbação eventual, a que ela teve de recorrer nos períodos mensais, não traz alívio e sim arrependimento.

Observações significativas é que, daquelas que acreditavam que as relações sexuais eram desnecessárias à saúde, 59,5 — mais da metade — praticavam a masturbação. Talvez não seja surpreendente que, das que responderam afirmativamente, uma proporção maior (76,0 por cento) confessou a mesma prática. É natural verificar que, daquelas que responderam afirmativamente, uma proporção maior do que no grupo negativo tinha conhecimento de relações sexuais.

Aqueles que subestimam as dificuldades da abstinência sexual fariam bem levar em conta a experiência dos primeiros ascetas cristãos no deserto, conforme narra, por exemplo, o *Paraíso*, de Paládio. Esses homens eram fortes e resolutos, dedicados de todo o coração aos ideais do ascetismo, viviam nas melhores condições possíveis para cultivar tais ideais, e seu regime era austero a um ponto que, para nós, seria impossível e quase inconcebível. No entanto não havia nada que os perturbasse tanto como a tentação sexual, e essa perturbação de certo modo persistia por toda a vida.

Podemos acrescentar que outro fato deve acautelar-nos contra toda aceitação de superficialidades ao tratar desse assunto. Refiro-me ao fato de que, excluindo totalmente as experiências dos antigos ascetas e voltando à época atual, todas as investigações cuidadosas mostram que a percentagem de pessoas, mesmo médicos, que vivem de fato continuamente em verdadeira abstinência sexual, isto é, sem qualquer manifestação de atividade sexual, é realmente muito pequena¹¹. Ela somente é significativa quando deixamos fora de cogitação as formas imperfeitas da satisfação sexual normal relativas ao flerte etc., as formas anormais do impulso, e suas manifestações auto eróticas. Rohleder, médico experimentado nesse campo, acreditava há alguns anos atrás, que, ao encararmos o assunto assim de um modo tão amplo, não há tal coisa como a abstinência sexual, e os casos concretos em que os fenômenos sexuais deixam de aparecer, são simplesmente casos de anestesia sexual. As aparentes variações que encontramos seriam devidas, assim, principalmente a diferenças nacionais de tradição que, em alguns países favorecem, com efeito, o recurso à prostituição, e em outros, o recurso à masturbação. Há, na verdade, duas escolas médicas neste assunto, uma das quais reprova rigorosamente qual' quer*recurso ao ato indigno da masturbação, mas é relativamente indulgente com a prostituição; enquanto a outra condena severamente todo recurso à prática perigosa e imoral da prostituição, mas é relativamente indulgente para com a masturbação (contudo, Forel coloca as duas práticas no mesmo nível, sendo a prostituição com uma estranha, indiferente, “simplesmente uma forma de masturbação”). Considerações como essas podem ser levadas em conta proveitosamente quando tentamos tratar ou amenizar as manifestações de insatisfação da atividade sexual, tais como congestão local, insônia, irritabilidade, depressão, dor de cabeça, sintomas histéricos e nervosos vagos. Quando as perturbações resultantes se aproximam nitidamente dos limites das psicoses, verifica-se geralmente que devem ser levadas em conta outras causas adjuvantes, e aqui os

¹¹ Meirovsky, de Colônia, através de pesquisas entre oitenta e seis médicos, verificou que apenas um não tivera relações sexuais antes do casamento. Nos países de língua inglesa a proporção talvez seja maior, mas por outro lado a proporção dos que adotam práticas auto-eróticas é também maior.

psicanalistas rebuscaram muitos caminhos tortuosos do Inconsciente. Abaixo da idade de vinte e quatro anos, como Löwenfeld verificou, os homens raramente sofrem por causa da abstinência e, mesmo mais tarde, raramente a ponto de necessitarem de assistência médica, embora Hirschfeld se refira de maneira desfavorável a homens que viveram em abstinência até à idade dos trinta anos e então se casaram. A má constituição é que torna a abstinência uma causa de perturbações, e estas, como Freud, Löwenfeld e outros verificaram, tomam geralmente, em ambos os sexos, a forma de neurose de angústia.

Em grande parte, contudo, como acontece tantas vezes no campo sexual, o tratamento aqui geralmente se resume na higiene, que, para ser eficiente, deve iniciar-se mais cedo do que os estados que ela se destina a combater: vida simples, alimentação frugal, banho frio, ausência de luxo, supressão de todas as agitações físicas ou mentais, e das más companhias, ocupação constante e amplos exercícios ao ar livre etc. A criança que, nascida em boas condições, é criada assim desde os primeiros dias, — estejamos ou não dispostos a aceitar a doutrina da sexualidade infantil —, tem uma razoável perspectiva, na ausência de acidentes inevitáveis, de prolongar o silêncio sexual durante muito tempo, muito embora a instrução sexual possa ter sido ministrada. Uma vez, porém, que os impulsos sexuais orgânicos se tornaram irresistivelmente presentes à consciência, todas essas excelentes normas de vida não são mais tão eficazes como são às vezes descritas. Em quaisquer casos elas são boas para orientação, e às vezes não deixam de dar resultado no controle da atividade do impulso sexual; mas não devemos esperar delas aquilo que elas não podem dar. Os exercícios físicos saudáveis, longe de reprimirem o desejo sexual, com muito mais frequência, tanto nos homens como nas mulheres, agem como estimulantes para provocá-lo, e somente têm influência controladora quando levados a um excesso prejudicial e imoderado, acarretando exaustão. A supressão da alimentação cárnea é igualmente ineficaz e Hirschfeld observa que os animais carnívoros apresentam menor ardor sexual do que os herbívoros. O trabalho mental, igualmente, mesmo às vezes de natureza abstrata, pode ser causa de excitação sexual. Na verdade, é evidente que as normas gerais de higiene, acarretando o vigor, não podem deixar de transmitir esse vigor à esfera sexual. Não podemos adotar medidas para gerar o vigor no conjunto, e depois impedir sua extensão às vias sexuais.

Podemos, é verdade, transformar a energia sexual em outras formas mais espirituais; mas somente uma pequena parte da energia sexual pode ser assim sublimada. Como bem diz Freud, passa-se com a energia sexual no corpo humano, o que se passa com o calor em nossas máquinas: apenas uma pequena parte pode ser transformada em trabalho. Sem dúvida, podemos recorrer às drogas, das quais os brometos são geralmente os mais empregados e provavelmente os mais eficientes. Esse recurso talvez seja benéfico principalmente nas pessoas nervosas e superexcitáveis, cujo eretismo sexual não é consequência de vigor sexual. Em pessoas robustas e sexualmente impetuosas os brometos são muitas vezes inúteis, a não ser quando levados a um ponto que produz um amortecimento geral das atividades mais delicadas. Este não é um método satisfatório para lidar com um grande impulso natural capaz de usos requintados. Temos de reconhecer as limitações de nossas possibilidades nesse campo,

abster-nos de vulgaridades em face das dificuldades que o ambiente social torna inevitáveis, e deixar ao próprio paciente a responsabilidade de resolver essas dificuldades.

Há, na verdade, alguns médicos que declaram ousadamente devermos, nós mesmos, assumir neste assunto uma responsabilidade ilimitada. Um paciente, digamos um padre católico ou uma mulher casada com um marido impotente, — que sofram visivelmente de perturbações nervosas devidas à abstinência sexual. É nosso dever, dizem eles, recomendar firmemente a esses pacientes as relações sexuais. Eu não penso assim. Independente do fato de que o médico não pode garantir a pureza da droga que ele está receitando, independente também da imoralidade de recomendar reservadamente uma norma de ação inteiramente oposta à que, com toda a probabilidade, ele implícita ou explicitamente recomenda em público, o médico que dá conselhos estritamente fora de sua própria esfera clínica, está obrigado a levar em consideração as consequências mais amplas desses conselhos no próprio paciente. Se, — como nos exemplos mencionados —, tais conselhos levam um homem a uma conduta antagônica à natureza de sua profissão, ou leva uma mulher a situar-se em uma posição social constrangedora, as consequências, mesmo para a saúde, podem ser piores do que aquelas que a luta para reprimir o desejo sexual implica; uma luta apenas deu lugar a outra luta e talvez mais séria. O médico faria bem, quando ultrapassa a simples esfera clínica nesse assunto, em restringir-se a uma previsão clara, ampla e imparcial das consequências que se apresentam ao paciente, deixando ao próprio paciente a responsabilidade, que deve de direito pertencer a ele, de escolher a solução. O papel do médico é o de um juiz instruindo os jurados. Ele deve esclarecer sobre as alternativas, mas não pronunciar o veredito. Assim procedendo, ele pode, ao mesmo tempo, levar seu paciente a um comportamento mais calmo e mais racional, e evitar talvez uma tentativa desastrosa de cortar o nó que parece impossível desatar.

O remédio convencional para os males da abstinência sexual, — e também, sem dúvida o melhor, quando pode ser concretizado em condições satisfatórias —, é um casamento adequado.

BIBLIOGRAFIA

WALLIS BUDGE, *The Paradise of the Fathers*.

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex*, Vol. VI.

FREUD, “*Civilized Sexual Morality and Modern Nervousness*”, *Collected Papers*, Vol. II.

K.B. DAVIS, *Factors in the Sex Life of Twenty-two Hundred Women*.

A Conveniência do Casamento

Atualmente o médico é consultado com muito mais frequência do que costumava sê-lo, com relação à conveniência de um casamento quando surge algum motivo para preocupação quanto às consequências da união, para o casal ou para sua prole. Ademais, a opinião do médico nesses assuntos é levada agora mais a sério do que o era antigamente. É necessário, portanto, nesses casos, evitar leviandades que nessas circunstâncias podem ser precipitadas, e dar, tanto quanto possível, uma opinião séria e refletida. O material científico no qual tal parecer pode basear-se adequadamente, ainda é, para um grande número de casos, deficiente, e somente agora começa a ser coordenado, de maneira que todo este assunto pertence em grande parte ao futuro, talvez não remoto, em que será possível prever as consequências da união sexual com muito mais precisão do que atualmente. Presentemente, como Karen Horney também conclui ao estudar a questão, mesmo a psicanálise (na qual, não obstante, ela deposita muita fé) não fornece a visão íntima necessária que nos capacite prever quanto ao futuro de um casamento. Ademais, o assunto, em sua maior parte, está fora dos limites deste capítulo. Contudo, há alguns pontos em relação aos quais devem ser dadas aqui algumas indicações.

Um caso simples que não é raro ocorrer é o da moça ou do rapaz que surpreendem parentes e amigos comunicando a intenção de realizar um casamento que é flagrantemente inadequado, embora não colida com nenhum princípio eugênico. O médico é solicitado a repelir o temido casamento, e muitas vezes se espera que ele declare que o imprudente apaixonado não está mentalmente sã. Este é um assunto para investigação, mas pode dizer-se que na maioria dos casos dessa espécie, embora possa haver uma herança ligeiramente neurótica, a aberração, se for uma aberração, ultrapassa tão pouco os limites fisiológicos, que não pode ser combatida com segurança como tal. Os amantes Romeu e Julieta que desprezam as barreiras sociais que se opõem à sua união são dominados por uma exaltação temporária, mas eles não são insanos, exceto no sentido em que Burton, na sua *Anatomy of Melancholy*, argumentou exaustivamente que todos os apaixonados são insanos. Na maioria dos casos dessa espécie, trata-se de jovens que ainda não saíram do período agitado e enfático, e nos quais a súbita erupção da nova vida erótica produz uma perturbação quase fisiológica do equilíbrio mental que se corrigirá rapidamente e nunca mais ocorrerá.

Um caso típico que ocorre às vezes é o de um jovem casto e correto que, tendo eventualmente tomado contato íntimo com uma prostituta, manifesta a intenção de casar com ela, caso em que as vagas incitações do impulso sexual são mais ou menos disfarçadas pela ideia de redimir uma mulher que parece nunca ter tido uma oportunidade razoável. Atualmente não é raro acontecer que o casamento com uma prostituta dá bons resultados quando é a consequência da decisão refletida de um homem amadurecido e experimentado que compreende com clareza o que está fazendo. Mas não é provável que isso aconteça no caso de um jovem ignorante e cego pela exaltação de seus sentimentos. Nestes casos, o melhor meio de evitar a união é

contemporizar. Uma oposição intransigente servirá apenas para aumentar a exaltação e levar a medidas precipitadas que apressarão o temido casamento. Procurando obter um retardamento, e assegurando nesse ínterim ao jovem a oportunidade de observar e estudar sua amada, ele pode ser levado a vê-la mais ou menos sob o mesmo ângulo, como seus amigos.

No caso de uma mocinha que aspira a um casamento temerário, muitas vezes é possível levá-la para um ambiente diferente no qual se formarão gradativamente novos interesses e novas amizades. Às vezes (como costumava acontecer durante a primeira guerra mundial), uma jovem pensa, em determinada ocasião, no casamento com um jovem atraente de classe social inferior. Tal união deve ser energeticamente desestimulada, por menor valor que possamos atribuir ao preconceito de classe, porque é muito improvável que dê bom resultado, e a mulher que tem tal ideia raramente se arrepende de abandoná-la. Lady Chatterley nunca poderá ser a esposa feliz do amante camponês. As uniões que são o resultado apressado de uma cegueira repentina geram muitas vezes uma série de consequências tão desastrosas, que é sempre legítimo em tais casos apresentar obstáculos tendentes a causar delongas, muito embora seja verdade que a ausência é “a mãe da beleza ideal”, e que mais de um amante assim frustrado guarda a crença de que ele ou ela perdeu assim a felicidade na vida. A experiência de Dickens que, ao ser repellido pela moça que ele admirava na juventude, veio a considerá-la como a suprema encarnação da perfeita feminilidade e concebia suas heroínas à imagem dela, para sentir simplesmente aversão e repugnância quando afinal a encontrou novamente, em pessoa, é um fato que se tem repetido muitas vezes na vida de pessoas menos eminentes.

Estas são dificuldades especiais que podem muitas vezes não chegar ao nosso conhecimento. Mas sempre que, de qualquer modo, surge a questão do casamento, há em um aspecto ou outro, um problema a ser resolvido, e tais problemas são trazidos com frequência cada vez maior à presença do médico. Aqui eles só poderão ser ligeiramente tocados, e não chega a ser necessário dizer que raramente há uma fórmula precisa e eficiente a ser aplicada. Cada caso tem de ser considerado individualmente, e a solução mais conveniente para um, pode ser a mais inconveniente para outro. É provável que no futuro todos os grandes centros civilizados possuam instituições (das quais o Instituto Sexual de Berlim pode ser considerado como pioneiro) nas quais poderão ser obtidos conselhos relativos aos vários problemas do casamento.

Poderá surgir a questão da idade, a questão da saúde e da hereditariedade, a questão do exame físico, a questão do estado de preparação, ou da preparação para o casamento, a questão da procriação retardada, e a questão extremamente importante da compatibilidade, física ou psíquica, sobre a qual tantas vezes repousa a felicidade do casamento.

Com relação à idade do casamento conveniente para a felicidade matrimonial, assim como para a produção de filhos mais sadios, há uma imensa diferença de opinião, e, presentemente, poucos dados suficientemente convincentes em uma base ampla. Hart e Shields em Filadélfia, avaliando a satisfação pelos comparecimentos nos Tribunais

de Relações Familiares (Domestic Relation Courts), encontrou resultados contra a idade jovem, enquanto Patterson, também em Filadélfia, não encontrou proporção significativamente maior de dificuldades conjugais, quando o casamento se realizava abaixo de vinte anos de idade, do que no casamento mais tardio. Dickinson e Lura Beam verificaram que a idade média das esposas que podiam ser consideradas como “ajustadas, sem queixas”, era de alguns anos acima da idade média, e, levando em consideração o tempo de vida conjugal dos casais que eventualmente se separavam ou se divorciavam, verificaram que não era o menor nos que se casavam mais jovens. Os que se casam mais tarde estão nas melhores condições para saber suas próprias e mais profundas necessidades e para estabelecer juízos corretos; mas ao mesmo tempo eles muitas vezes adquiriram hábitos psíquicos e perturbações físicas que tornam difícil o ajustamento mental, enquanto a jovem é não somente ajustável psiquicamente, mas geralmente muito mais apta fisicamente para o coito e mesmo para a maternidade, do que se supõe comumente. A questão, na verdade não é inteiramente de idade, mas também de caráter, inteligência e experiência. A idade média do casamento é provavelmente, no presente, mais ou menos a conveniente, e muitas vezes muito alta. Burgdörfer situa-se enfaticamente do lado do casamento precoce, enquanto Hagen e Max Christian concluem que, do ponto de vista eugênico, o homem deve casar-se com vinte e cinco anos, e a mulher mais cedo, enfrentando corajosamente quaisquer dificuldades que possam surgir mais tarde. Na Alemanha, onde a idade para os homens é por volta de vinte e nove anos e para as mulheres vinte e cinco, era, há alguns séculos, abaixo de dezenove para os homens e abaixo de quinze para as moças.

Qualquer que seja a idade em que se realiza o casamento, é extremamente conveniente, e deve mesmo ser considerado necessário, que seja feito um exame médico completo de cada um, sob o ponto de vista de relações conjugais e paternidade. Isto deve ser feito em uma fase precoce, e antes que a promessa de casamento seja dada a conhecer a um círculo maior de amigos. Deve, evidentemente, abranger o exame ginecológico da mulher e o exame gênito-urinário do homem. Tem sido argumentado que tais atestados devem ser obrigatórios e algumas tentativas têm sido feitas nesse sentido. Mas esse exame é de tal maneira conveniente para o bem-estar de ambas as partes, mesmo independente de quaisquer considerações eugênicas, que aqui não nos interessam de modo principal, que nenhum casal que se propõe ao casamento deve esperar pela obrigatoriedade.

Há outra espécie de preparação para o casamento, de natureza ainda mais essencial, que somente pode ser feita pelo próprio casal, reservadamente. É um exame de seu próprio conhecimento e sentimentos com relação à ligação íntima que eles se propõem iniciar. Que sabe um sobre a anatomia e a fisiologia do corpo do outro e do seu próprio, e quais são as reações emocionais de ambos quanto a esses assuntos? Tem acontecido um excessivo número de vezes, que, como Dickinson e Lura Beam declaram, “o jovem marido a considera muito sagrada para pensar em seu mecanismo interno, ou a esposa julga-se a si mesma como uma árvore de tronco inteiro. O conhecimento de anatomia de alguns deles é comparável ao dos primitivos persas”. Acima de tudo, quais são os sentimentos deles a respeito da intimidade no amor conjugal? Há maridos, assim

como há esposas, que se arreceiam de todo contato íntimo. Há maridos e esposas que nunca estiveram em um banheiro juntos, por causa de certo pavor, seja da parte dele, seja da parte dela. Mas nunca poderá haver nenhuma confiança real, nenhuma união conjugal verdadeira, sem a possibilidade de que uma completa intimidade seja almejada por ambos. Como Katharine Davis verificou, a percentagem de casamentos felizes em mulheres que, de uma maneira ou de outra, estavam convenientemente preparadas, era muito maior do que naquelas que não estavam assim preparadas.

Evidentemente não é somente sob o aspecto sexual que esse conhecimento mútuo é necessário. O casamento é muito mais do que um intercâmbio sexual. Há muitos casamentos hoje em dia, e nem sempre os menos felizes, desde que haja uma perfeita compreensão mútua, nos quais nunca se realiza a união sexual. A compatibilidade, como muitas pesquisas demonstram, é a principal chave da satisfação no casamento. Há muitos temperamentos que, por mais dignos de estima que sejam em si mesmos, não se adaptam um ao outro. Isto deve ser testado antes do casamento, não poderá ser deixado, sem perigo, para depois. É necessário que o casal viva junto durante extensos períodos, sob certas tensões comuns da vida, bem como sob certas tensões extraordinárias, para que cada um observe as reações do outro, não apenas perante si mesmos, — porque essas reações estão sujeitas com demasiada frequência a se modificarem depois do casamento —, mas perante os estranhos. Tal noviciado, que a Igreja Católica considera sabiamente como necessário antes de cingir o véu para o claustro, é igualmente necessário antes de tomar o véu diante do altar do casamento, seja ou não levado ao ponto de relações sexuais efetivas.

Não somente a compatibilidade de temperamento, — que de modo nenhum implica identidade de temperamento, mas pode significar mesmo o oposto, desde que haja harmonia —, é exigida no casamento. A harmonia de gostos e interesses é também desejável em grau elevado. A diferença de temperamento, — como a do extrovertido para o introvertido —, pode ser harmônica e complementar, e muito mais satisfatória para ambas as partes do que a tendência a uma identidade de reações. Mas a harmonia, não necessariamente a identidade de gostos e interesses, é essencial a uma união conjugal perfeita. Assim, a aversão à música não se associa facilmente com a devoção à música. A diferença de ideais políticos nem sempre pode ser contrabalançada pela compatibilidade sexual. E quando há diferenças profundas de convicção religiosa (tal como catolicismo romano e protestantismo evangélico) o casamento deve ser totalmente desestimulado. A esposa hoje não é mais simplesmente um ser doméstico, sem nenhum interesse fora de casa, e não é fácil imaginar um casamento satisfatório no qual não haja uma concordância, em linhas gerais, com relação aos movimentos mais amplos da vida social no mundo, quaisquer que sejam as diferenças que inevitavelmente haja, com relação a questões de métodos e minúcias.

Deve ser sempre lembrado que todo conselho relativo à conveniência de um determinado casamento é simplesmente uma tentativa de prever algo que não pode ser conhecido previamente com segurança. O casal, principalmente quando jovem, não será amanhã exatamente o mesmo que é hoje. Como bem opina Exner, “o casamento

psicológico, o casamento como ligação pessoal criativa, é um ajuste entre parceiros e não está presente necessariamente nas bodas.” É muitas vezes um ajustamento muito lento, poderão ser necessários anos de progresso gradativo, antes de se chegar a uma ligação que possa ser chamada casamento no sentido completo e profundo. Poderá não ser alcançado de modo nenhum.

Há muitas pessoas que, por algum motivo pessoal, não devem ser aconselhadas a casar. A outras, por motivos hereditários e eugênicos, poderá ser permitido casar, mas não procriar. Em tais casos, o melhor método anticoncepcional até o presente é a esterilização do marido.

BIBLIOGRAFIA

MAYO FOUNDATION LECTURES, 1923/4, *Our Present Knowledge of Heredity*.

LEONARD DARWIN, *Eugenic Reform*.

K.B. DAVIS, *Factors in the Sex Life of Twenty-two Hundred Women*.

DICKINSON AND LURA BEAM, *A Thousand Marriages*.

MRS. HAVELOCK ELLIS, *The New Horizon in Love and Life*, “*A Noviciate for Marriage*”.

EXNER, *The Sexual Side of Marriage*.

R.L. DICKINSON, *Pre-marital Examination*.

LOPEZ DEL VALLE, “*Pre-marital Medical Examination*”, *World’s Health*, Setembro, 1927.

Satisfação no Casamento

Nos velhos tempos, o casamento era considerado como um dever sagrado, determinado de maneira divina, ou pelo Estado. Não casamos por nós mesmos, dizia Montaigne. A questão de satisfação não chegava a entrar, embora se presumisse que a felicidade acompanhasse o cumprimento de um dever prescrito, exceto em relação a pessoas que fossem anormais ou pervertidas. Esse era o ponto de vista consagrado tanto pela religião como pela arte. Os romances de amor afamados terminavam na felicidade incontestável da união eterna e a Igreja recusava-se romanticamente a admitir que o final pudesse ser diferente. Esse ponto de vista atualmente é antiquado. Estava destinado a não corresponder à realidade dos fatos, em parte porque os fatos tinham sido disfarçados previamente, e em parte porque as condições agora tomaram-se mais complexas. Hoje, muitos foram para o extremo oposto dessa opinião e declararam que, longe de proporcionar uma felicidade eterna, o casamento dificilmente leva sempre a uma satisfação e felicidade mesmo moderadas.

“A decepção espiritual e o constrangimento físico tornam-se o destino da maioria

dos casamentos”, declarava Freud em 1908, e também, “uma moça deve ser muito sadia para ‘suportar’ o casamento”. Inúmeras asserções de autores menos ilustres poderiam ser citadas no mesmo sentido.

Deve-se notar, contudo, que todas essas declarações transmitem impressões pessoais, que notoriamente poderão ser consideradas indignas de confiança em questões científicas e nunca são expedidas em bases estatísticas. Ademais, elas não coincidem com a impressão pessoal de outros observadores experimentados. Os males do casamento, como o conhecemos, tanto para o marido como para a esposa e os filhos, e embora possam ser preveníveis em grande parte, são frequentes e incontestáveis. Popenoe, do Instituto de Relações Familiares, de Los Angeles, verificou que de 500 casos consecutivos ocorridos em 1930, em que surgiram problemas de família, todos, com exceção de um, apresentavam desajustamento sexual como fator agravante. No entanto, como Exner assinalou, não há necessidade de ser indevidamente pessimista a respeito do casamento, e haveria ainda menos, se a sociedade não perturbasse com tanta frequência a visão dos jovens e não orientasse mal seus primeiros passos. Como bem diz o mesmo autor, um elevado grau de insatisfação não é um mal sem remédio. Significa um ideal elevado e o desejo de atingi-lo, porque o casamento é realmente uma “realização”. Esse, na verdade, é um ponto muitas vezes negligenciado. Em nossa civilização, possivelmente em qualquer civilização, o casamento, em qualquer sentido completo do termo, não pode ser alcançado de um salto. Considerando a frequente e extrema ignorância tanto do próprio indivíduo como do parceiro com o qual o casamento é empreendido, seria estranho que o verdadeiro casamento não fosse difícil de atingir. Há (como Karen Horney considera) mesmo sob o prisma estritamente pessoal, pelo menos três aspectos no casamento: (1) as relações físicas; (2) as relações psíquicas; (3) aquilo que pode ser chamado relações associativas de uma vida enfrentada em comum. É quase inevitável que, com uma preparação tão inadequada, as dificuldades encontradas só sejam vencidas vagarosamente, até que finalmente, embora talvez depois de muitos anos, seja atingido um casamento real e verdadeiro. Mesmo quando, como sem dúvida é muitas vezes o caso, o casamento continua imperfeito, verificamos a um exame mais profundo, na maioria dos casos, que muitas compensações foram obtidas. Em nenhum campo a doutrina emersoniana da compensação se aplica melhor do que no casamento.

Para obter uma visão clara dos fatos é necessária uma pesquisa metódica sobre um vasto campo. Mesmo assim, somente é possível um resultado ligeiramente aproximado. Muitas pessoas recusam-se a admitir, mesmo para si mesmas, e ainda menos para os outros, que o casamento para elas foi um fracasso. Outras, pelo contrário, no auge das pequenas e inevitáveis contrariedades do casamento, perdem a visão dos fatos principais, que somente podem ser vistos quando se fica um pouco afastado e encara-se a vida de uma pessoa como um todo. Elas são tentadas a admitir o fracasso onde, em outra ocasião, proclamariam um grande sucesso. Há uma fonte ainda mais importante de dificuldades. Muito poucas pessoas têm consciência da natureza da satisfação que pode ser encontrada razoavelmente no casamento. Elas deixam de compreender que o casamento é apenas a vida em miniatura, e que se a vida

matrimonial fosse toda fácil e agradável, seria uma imagem apenas deficiente do mundo e deixaria de proporcionar a satisfação mais profunda que o mundo pode dar àqueles que provaram profundamente da vida.

Devemos, por isso, tentar pelo menos colocar a questão em uma base estatística, muito embora não possamos assegurar uma resposta absolutamente precisa. Katharine Davis, admitindo (embora a afirmação talvez necessite alguma especificação) que “o aspecto sexual desempenha indubitavelmente a parte principal” na casamento, verificou que, entre 1000 mulheres casadas presumivelmente normais, 872 afirmaram inequivocamente que suas vidas matrimoniais eram felizes; 116 eram parcial ou totalmente infelizes, sendo a causa principal a incompatibilidade; somente 12 deixaram de responder.

Entre suas pacientes em ginecologia, que não podem presumir-se tão normais quanto as de Katharine Davis, Dickinson encontrou uma proporção um tanto menor de mulheres satisfeitas. Ele concluiu entre 1000 pacientes, que 3 em 5 eram “ajustadas” pelo menos no sentido de que “não tinham queixas” de sua vida matrimonial. Quanto à constituição, os dois grupos, o “ajustado” e o “desajustado”, não apresentavam diferenças marcantes. Eram de condições sociais e econômicas semelhantes. Cerca de dois terços de ambas as classes tinham tido, em outra época, experiência ponderável de práticas auto eróticas. As ajustadas eram um pouco mais férteis do que as do outro grupo; mas a principal diferença geral parece ser de que a perspectiva de vida das ajustadas era mais objetiva do que das desajustadas. Aquelas eram menos egocêntricas e menos perturbadas por conflitos mentais. Contudo ele encontrou um grupo desajustado de 100 esposas “socialmente normais”, com “um padrão econômico e educacional acima da média”, e em casos típicos elas eram mulheres finas, bem vestidas e às vezes belas e inteligentes. 13 delas possuíam características nitidamente desagradáveis, e 19 beiravam uma “perturbação profunda e total”. Contudo elas não se diferenciam grandemente do grupo ajustado, no padrão social e educacional, ou na saúde, enquanto as características gerais externas da personalidade e do ambiente são as mesmas. A predominância de práticas auto eróticas antes do casamento tinha sido quase a mesma, e de modo nenhum o sexo era sempre o início do desajustamento, que muitas vezes era devido à incompatibilidade. A principal diferença, nos grupos, era a presença ou a ausência do “conflito mental”. Vemos aqui praticamente como muitas vezes é complexa a questão do “ajustamento”.

G. V. Hamilton em um número menor de pessoas, mas de ambos os sexos e todas presumivelmente normais, 100 homens casados e 100 mulheres casadas, fez uma pesquisa extremamente complicada sobre seu grau de satisfação no casamento, com quatorze graus de felicidade, de acordo com o número de pontos a serem atribuídos a cada pessoa. Ele verificou que os maridos estão nitidamente mais satisfeitos com o casamento do que as esposas. Nos graus mais altos (7 a 14) havia 51 homens e apenas 45 mulheres, ficando 49 homens, mas 55 mulheres, nos graus de satisfação mais baixos. Hamilton afirma que o resultado corresponde à sua firme impressão resultante de contato pessoal, de que “as mulheres, consideradas em conjunto, se haviam

decepcionado mais seriamente com seus casamentos do que os homens.”

Não se pode dizer que essa conclusão deva causar surpresa, e ela parece estar de acordo com minha própria experiência. De certo modo ela repousa na correlação dos dois sexos perante o casamento. Para a mulher, o casamento significa mais do que para o homem, porque nos cuidados com o marido e os filhos, e a administração da casa, ela absorve necessariamente a maior parte de seu ser, pelo que, se houver uma sensação de decepção, esta será mais séria. O homem é mais desligado do lar e da família porque sua vida é geralmente muito mais exterior. O lar ocupa um setor menor de seu campo de atividade, constitui um refúgio para o descanso. A mulher, por outro lado, deve muitas vezes sentir que o casamento é toda a sua vida, e problemas mais profundos se agitam assim dentro dela. Isto nos leva à importante observação de Dickinson de que a principal diferença entre as esposas ajustadas e as desajustadas, é que as primeiras são mais objetivas e menos perturbadas por conflitos mentais. Em outras palavras, elas são mais como a média dos maridos.

Mas o descontentamento com o casamento, que encontramos tantas vezes entre as esposas, muito embora mais ou menos encoberto, tem um fundamento legítimo. Ele está relacionado com as novas e maiores exigências sobre a vida, que as mulheres das recentes gerações têm feito cada vez mais, não se contentando, como suas mães, em aceitar como natural e inevitável a predominância dos homens e sua própria situação de submissão. Os aspectos religioso e social do mundo mudaram para as mulheres, sem que mudassem, em qualquer grau de correspondência, para os homens, porque a mudança em relação às mulheres foi em grande parte reconhecida socialmente e registrada legalmente. As tradições relativas ao homem mudaram muito pouco. Pelo que, quando uma mulher chega ao casamento, ela está apta a tornar-se consciente de uma discrepância que tende a tornar-se em um conflito mental dentro dela mesma. Há muitas mulheres, — mulheres antiquadas, de espírito romântico, educadas longe dos homens, assim como moças mais modernas —, que, pela primeira vez, mesmo durante a lua-de-mel, compreendem a natureza do homem e do casamento e enchem-se de uma insatisfação que talvez nunca mais seja superada.

Conforme assinalei, há um motivo ainda mais profundo para o descontentamento com o casamento. As mudanças nas regras externas do casamento têm muitas vezes deixado de encarar os fatos fundamentais das relações matrimoniais. Elas concentram a atenção nos aspectos mais exteriores e fizeram com que a felicidade no casamento parecesse depender de um reajustamento fácil da norma exterior. Acima de tudo, tenderam a ignorar o fato, muito mais bem compreendido nos velhos tempos, de que tais relações, penetrando tão profundamente no espírito, nunca poderão ser, — a não ser para as pessoas de espírito mais superficial —, sem dificuldades e problemas. A velha concepção dos inevitáveis sofrimentos do casamento está obsoleta. Eles, porém, persistem sob novas formas e são da natureza do próprio casamento. O divórcio talvez não seja, de modo nenhum, a cura, mesmo quando admitamos que possa haver a maior liberdade possível para ele. Vemos constantemente pessoas que se divorciam, porém não são mais felizes em um segundo casamento. Não era o casamento que estava

errado. Elas próprias é que estavam erradas. O conde Keyserling, em uma análise sutil e profunda do problema do casamento, descreve este como “uma tensão interpolar”. Há uma unidade constituída de dois focos: os dois são mantidos juntos por meio de uma tensão, — “uma tensão trágica” como ele a chama constantemente —, que não pode ser abolida se se quiser manter intacta a correlação. Tal correlação é um símbolo da própria vida, e, como geralmente na vida, essencial para sua alegria. Pelo que não se trata aqui de uma ênfase ascética no sofrimento ou na aflição por amor a esse próprio sofrimento ou aflição. Como o profeta-poeta Kahlil Gibran afirma repetidamente, a alegria e a tristeza são inseparáveis. “O vaso que contém o vosso vinho não é o próprio recipiente que foi cozido no forno do oleiro?” Muito antes de ser dito isto, o sábio Montaigne, no ensaio “*Sobre alguns versos de Virgílio*”, que contém tantos ditos memoráveis, tinha lembrado o fato de que os músculos com que choramos são os mesmos com os quais rimos.

BIBLIOGRAFIA

R.L. DICKINSON e LURA BEAM, *A Thousand Marriages*.

G.V. HAMILTON, *A Research in Marriage*.

K.B. DAVIS, *Factors in the Sex Life of Twenty-two Hundred Women*.

EXNER, *The Sexual Side of Marriage*.

HAVELOCK ELLIS, “*The History of Marriage*”, Vol. VII, de *Studies in the Psychology of Sex, e Little Essays of Love and Virtue*.

CONDE KEYSERLING, “*Correct Statement of Marriage Problem*”, em *The Book of Marriage*.

O Padrão Monogâmico

Até à época moderna a monogamia foi considerada como a única forma legítima de casamento em nossa civilização ocidental. Na verdade, isso foi em grande parte pressuposto e admitido sem exame. Qualquer pessoa fora do comum que contestasse esse dogma, ou mesmo o analisasse, era considerada e geralmente era, de fato, um desequilibrado, um excêntrico desprezível, senão algo muito pior. Hoje a questão de forma de casamento não pode ser aceita assim, e encerrada como um assunto que tenha sido fixado para sempre pelas normas religiosas, éticas, legais e sociais. Aqueles que a analisam não são mais necessariamente pessoas desprezíveis. Pelo que hoje, quem quer que se ocupe da psicologia do sexo, deve estar preparado para emitir um parecer sobre as relações do sexo no que toca à monogamia.

Podemos bem considerar James Hinton como pioneiro do movimento destinado a trazer para o campo da discussão o sistema monogâmico de casamento. Isto foi há mais de meio século, embora suas ideias sobre o assunto não tenham sido publicadas

abertamente para o mundo, senão quarenta anos mais tarde. Hinton retardou toda apresentação pública e completa de sua crítica da monogamia ocidental até que a tivesse dominado, e antes disso morreu. Ele não era um homem que pudesse ser posto de lado como anormal ou excêntrico. Era um eminente cirurgião londrino e também filósofo, em contato íntimo com as atividades científicas de seu tempo, amplamente interessado nas questões sociais gerais e em contato diário com a vida. Os maços de manuscritos que ele deixou são desorganizados e irregulares, mas tornaram possível apreender a orientação geral de suas críticas à monogamia e ao sistema social convencional relacionado com ela. Ele achava que não existia nenhuma monogamia verdadeira, e que na sociedade ocidental, como ele a conhecia, há menor número de homens que são verdadeiramente monógamos do que aqueles que poderão ser encontrados nas sociedades poligâmicas orientais. A monogamia, como se apresenta, é, segundo ele, uma instituição essencialmente egoística e insocial, e responsável pela prostituição. Chegamos a ela demasiado cedo, porque é um erro converter prematuramente um ideal, por melhor que seja, em uma forma legal universal. O resultado tem sido que, embora existindo ostensivamente para evitar a licenciosidade, ela acarretou mais licença do que a poliginia teria ocasionado. Assim, parecia-lhe que nosso sistema matrimonial está deteriorado e desintegrando-se rapidamente. O que necessitamos, acreditava ele, é uma norma flexível em nosso sistema sexual, não rígida e imodificável, e sim permitindo, quando parecesse conveniente, a união de um homem com duas mulheres, embora sempre deixando a norma ajustável às exigências da conveniência humana¹². Em épocas mais recentes, e de tempos em tempos, tem sido apresentada uma tese um tanto semelhante, embora sempre sob bases diferentes e raramente, ou nunca, com a mesma intensidade concentrada como a de Hinton. Ao mesmo tempo, deve acrescentar-se que nosso sistema de casamento tem realmente sofrido modificações. Se compararmos suas condições atuais com as da época de Hinton, poderão ser notadas muitas mudanças, e muitas vezes no sentido que ele desejava. O divórcio é mais fácil. As mulheres obtiveram maior independência social e jurídica. A ilegitimidade é encarada com uma severidade um tanto menor. Os métodos de controle de nascimento tornaram-se largamente conhecidos. Em todos os países civilizados é admitida uma liberdade maior entre os sexos.

Ao mesmo tempo, num sentido ou no outro, a monogamia está estabelecida de maneira tão firme como sempre esteve e até mais firme. Transmitindo-lhe uma flexibilidade maior, livramo-nos em grande parte dos abusos a que estava sujeita na forma anterior, mais rígida.

Deve ser esclarecido que a confusão se estabeleceu pelo fato de usar a palavra

¹² George Pitt-Rivers, no Suplemento do seu sugestivo trabalho *The Clash of Culture* (1927), argumenta que o Homem, como muitos animais, é uma espécie polígina (embora a “monogamia” cristã seja “uma mistura desordenada de poliginia e poliandria), e que “o excesso de fêmeas adultas sobre machos adultos é uma condição necessária para a estabilidade e a manutenção do vigor da raça humana.” Contudo, deve ser lembrado que a proporção normal entre os sexos limita inevitavelmente qualquer tendência polígina, mesmo benéfica.

“monogamia” no sentido errôneo. É comum, por exemplo, dizer-se que um sexo é mais “monógamo” do que o outro sexo, principalmente que os homens são “polígamos” enquanto as mulheres são “monógamas”. Estritamente falando, tais afirmativas não têm sentido. De início, é óbvio que, considerando que os sexos nascem em proporção quase igual (com uma predominância dos machos no princípio), a norma natural em uma sociedade civilizada não pode estabelecer-se na proporção de duas esposas para cada homem, e nas sociedades que reconhecem a poligamia, esta é praticada apenas por uma classe rica, reduzida. Mas é incorreto afirmar que em nossa civilização os homens (com raras exceções) sempre desejam duas esposas, seja no mesmo lar, seja em lares separados. Há várias considerações de diferentes ordens que tornam tal acomodação inconveniente para a maioria dos homens; enquanto, para uma mulher, dirigir duas famílias com pais diferentes é impraticável. Ela é necessariamente “monógama”.

Na realidade, esta é a palavra errada para o caso. As pessoas que discutem se os homens são mais polígamos do que as mulheres, realmente querem dizer mais “*poli-eróticos*”. Isto é, não discutem se eles desejam mais casamentos e sim mais liberdade sexual. Dizer que um homem é monógamo ainda deixa aberta a questão de saber se ele é *mono-erótico* ou *poli-erótico*, e se se concluir que ele é poli-erótico, isso de modo nenhum implica que ele seja polígamo, ou que seja promíscuo, o que significa a atração sexual indiscriminada, sem seleção, situação não encontrada, salvo ocasionalmente no estado de demência. Muita discussão confusa e inútil tem sido causada por esse emprego errôneo e ignorante de termos.

Parece que a maioria das pessoas, tanto mulheres como homens, são monógamas e poli-eróticas. Isto é, elas somente desejam um casamento permanente, mas não acham que esse vínculo impeça a atração sexual por uma ou mais pessoas, embora a atração assim despertada possa ser considerada de natureza diferente da experimentada em relação ao parceiro permanente, e pode ser perfeitamente possível manter essas atrações sob controle. Parece não haver diferença nesse assunto com relação ao sexo. As mulheres, tanto quanto os homens, são capazes de sentir afeição por mais de uma pessoa do sexo oposto, embora por causa da significação mais profunda do sexo para as mulheres, elas possam ser, instintivamente, mais exigentes na seleção sexual do que os homens, e, por motivo de considerações sociais e outras considerações, são mais reticentes e mais cautelosas do que os homens, em manifestar suas afeições ou em ceder a elas.

Contudo, embora pareça que este seja o tipo mais frequente de atração sexual, há outros tipos e infinitas variações individuais. Não devemos concluir que um determinado tipo de norma sexual seja, invariavelmente, de caráter moral e social mais elevado do que os outros tipos. Blonsky, na Rússia Soviética, examinou os dois principais tipos de mulheres (mormente entre professoras), que ele chamou tipo monândrico e tipo poliândrico, o primeiro somente levado a relações sérias com um único homem, e o outro que tende a estabelecer numerosos vínculos com homens, seja sucessivamente, seja simultaneamente, embora evidentemente, haja grupos intermediários entre os dois tipos marcantes. Blonsky acha que a mulher monândrica, não só individualmente, mas

socialmente, tende a ser superior à mulher poliândrica, que é mais egoísta e categórica e mais sujeita a um nervosismo indevido, enquanto as mulheres monândricas, que são duas vezes mais numerosas, são mais devotadas aos deveres, mais bem equilibradas, organizadoras mais capazes, e mais bem sucedidas nos contatos sociais. Estas conclusões de Blonsky representam sem dúvida a verdade em relação à média, tanto fora da Rússia como na própria Rússia, mas devemos acautelar-nos de generalizar de maneira demasiado afirmativa, e há mulheres do tipo poliândrico em relação às quais há muito mais para dizer do que Blonsky parece querer admitir. Exatamente as mesmas conclusões se aplicam aos homens.

Este não é um assunto a respeito do qual nos caiba dar conselhos. Em questões de moralidade social, os indivíduos são obrigados a assumir a responsabilidade de seus próprios atos. Mas é conveniente que o psicologista esteja capacitado a observar inteligentemente as reações psíquicas que ocorrem nas comunidades de hoje, nas quais ele vive. A esse respeito testemunhamos sem dúvida um processo de mudança, embora seja muito menos radical do que muitos alarmistas julgariam que fosse.

A “poligamia” que algumas pessoas veem hoje com consternação é principalmente, como alguém chamou impropriamente, uma “poligamia consecutiva” devida a uma maior tendência ao divórcio. Quer dizer, é simplesmente uma expansão da monogamia ordinária. Quanto ao mais, é o reconhecimento da exigência da variedade na afeição erótica. Todo homem e toda mulher, por mais monógamos que sejam quando se trata de afeições básicas, são capazes de uma afeição mais ou menos marcada de erotismo por outras pessoas, como reconhecemos hoje de maneira mais sincera do que era reconhecido no passado. Os ajustamentos tornaram assim necessária uma compreensão generosa e magnânima de todas as pessoas interessadas, com uma consideração mútua, em sentido equânime de justiça e a superação daqueles vestígios de ciúme primitivo, sem o que nenhuma vida civilizada sadia pode ser levada harmoniosamente.

Mas, em suas linhas principais, o casamento permanece hoje, e provavelmente permanecerá, sob a mesma forma pela qual sempre o conhecemos. Dar-lhe maior flexibilidade, levá-lo a uma compreensão mais perfeita, e proporcionar-lhe maior assistência em suas várias necessidades, longe de destruí-lo é transmitir-lhe uma estabilidade mais firme.

Nunca devemos esquecer, — como acontece com demasiada frequência —, que o casamento é mais do que uma união erótica. Para o casamento verdadeiramente “ideal” concorrem não somente uma harmonia erótica, mas também a união de uma afeição não erótica, multiforme e cada vez mais profunda, uma comunhão de gostos, sentimentos e interesses, uma vida em comum, a probabilidade de uma descendência compartilhada, e muitas vezes uma unidade econômica. O elemento erótico tende a tornar-se menos proeminente à medida que o casamento, sob outros aspectos, se torna um vínculo mais estreito. Pode até desaparecer completamente e o casamento permanecer com uma firmeza inabalável sob uma mútua dedicação.

BIBLIOGRAFIA

WESTERMARCK, *The History of Human Marriage*.

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex, Vols. VI e VII*.

HAVELOCK ELLIS, *Little Essays of Love and Virtue e More Essays of Love and Virtue*.

V.F. CALVERTON, *The Bankruptcy of Marriage*.

MRS. HAVELOCK ELLIS, *James Hinton: A Sketch*.

O Controle da Procriação

Keyserling observou que aqueles que não são capazes de aceitar o vínculo matrimonial em seu sentido fundamental, fariam melhor em evitar o casamento e adotar algum outro tipo de união sexual.

Independente dessa solução há, contudo, um outro ponto que nos dias de hoje deve ser levado sempre em consideração quando examinamos o casamento sob o ponto de vista eugênico e com relação à provável qualidade da prole. Antigamente, casamento e procriação eram uma só coisa e indivisíveis como objetivo. Recomendar o casamento significava permitir a procriação. Advertir contra a procriação significava proibir o casamento, e estragar permanentemente a felicidade de pessoas condenadas assim à solidão, assim como estimular a prostituição ou outros métodos indesejáveis de satisfação sexual. Esta necessidade não mais existe entre as classes instruídas em qualquer país civilizado. A anticoncepção, uso de uma variedade de métodos para permitir as relações sexuais e ao mesmo tempo impedir a concepção, — receba ou não a aprovação geral —, tornou-se tão generalizada que a discussão de sua conveniência não ajuda mais a nenhum propósito útil. Ela existe em grande escala mesmo nos países em que a lei proíbe sua propagação, e até entre os adeptos de credos que a desaprovam.

Assim temos de decidir nos dias de hoje entre a conveniência do casamento e a conveniência da procriação, implicando a segunda questão não somente a atenção aos prováveis interesses do próprio casal, principalmente a esposa, mas também aos prováveis interesses da prole. Constitui uma vantagem incontestável, poder tratar separadamente das consequências resultantes. Nem se pode dizer que se tenha realizado com isso qualquer mudança revolucionária. Há muito tempo é costumeiro em determinadas eventualidades sérias prescrever a abstenção de procriar para o futuro. Constitui apenas um passo à frente expender essa ordem expressamente no início do casamento. É bem sabido que as pessoas nevropatas tendem a atrair-se mutuamente. Isto faz parte da tendência geral das pessoas a se sentirem atraídas para os semelhantes a elas, que agora se sabe prevalecer sobre a atração dos contrários, que outrora se acreditava ser a regra. Isto é, a homogamia predomina mais do que a heterogamia. A atração pelas qualidades opostas restringe-se à esfera dos caracteres sexuais

secundários, sendo um homem muito másculo atraído por uma mulher muito feminina e vice-versa, mas isto, via de regra, deixa de estender-se além dessa esfera.

Este fato tem uma relação com o parecer que poderemos ser chamados a emitir em relação às pessoas nevropatas que pretendem casar-se. Sensível, inteligente, refinada, como tal pessoa, muitas vezes, é, o nevropata encontra uma afinidade solidária em um nevropata idêntico, enquanto a pessoa normal e saudável acha o temperamento mórbido e caprichoso do nevropata incômodo e insípido. Portanto, é um tanto inútil adotar o conselho costumeiro de que o nevropata deve casar, se é que o deve, com uma pessoa esplendidamente normal, com uma herança sadia. O conselho não é correto, nem mesmo teoricamente, quando levamos em consideração os fatos mendelianos. Ele porém não é prático porque despreza o fato de que a afinidade entre o normal e o mórbido não é forte e que as perspectivas de que tal união seja satisfatória não são grandes. Estas perspectivas não são ponderáveis mesmo no caso de dois nevropatas que se casam, e seria melhor aconselhar a essas pessoas a que não se casassem absolutamente, tanto em benefício de si mesmas como de seus cônjuges. Por mais difícil que, seja para elas, no estado de solteiras, o problema de sua satisfação sexual, as razões contra o casamento, no caso dessas pessoas, tornam-se tanto mais acentuadas quando há um desvio sexual extremamente desenvolvido que o companheiro pode não ser capaz de satisfazer. Mas para os casos nevropáticos mais benignos estas objeções têm menor eficácia, enquanto a atração é às vezes tão forte, que o conselho em contrário tem apenas uma ligeira possibilidade de ser aceito. Em tais casos, a necessidade de distinguir entre procriação e casamento torna-se premente.

A necessidade do controle de nascimentos tem atualmente aceitação geral, não somente por parte daqueles que não desejam ter filhos, mas daqueles que desejam tê-los. A razão é que, tanto em benefício da mãe como da saúde e bem-estar da prole, é conveniente que os nascimentos sejam adequadamente espaçados, permitindo pelo menos um intervalo de dois anos entre os nascimentos, enquanto há várias razões legítimas, econômicas ou não, pelas quais aqueles que casam cedo não veem como possam tornar-se pais imediatamente. Por isso a criança, por mais desejada que seja, deve vir em uma ocasião em que os pais estejam em melhores condições de recebê-la e dela cuidar. Ademais, a época das grandes famílias já passou. Tanto em benefício da família, como no interesse da nação e da raça, uma média de dois ou três para cada casal é o bastante, e sob as condições higiênicas da civilização é mais do que suficiente para manter a população. Quando, por qualquer motivo válido, como a saúde da mãe ou a presença em qualquer dos cônjuges de uma herança nociva que não deve ser transmitida, a concepção não possa ser autorizada, o controle rigoroso é, então, compulsório.

Não nos interessam aqui os métodos de controle de nascimentos. A bibliografia a respeito do assunto é vasta atualmente, embora ainda haja controvérsia com relação aos métodos melhores. E mesmo os melhores (sem falar na esterilização), quaisquer que sejam, nem sempre são seguros. Felizmente as clínicas de controle de nascimentos estão surgindo rapidamente em vários países, e aí poderão ser obtidos ajuda e conselhos

práticos a cuja falta se deve com frequência o fracasso daqueles que possuem conhecimento imperfeito, embora, mesmo com os melhores conhecimentos, seja difícil muitas vezes manter invariavelmente o cuidado necessário para o êxito. É verdade que o mais antigo e comum de todos os métodos anticoncepcionais, o *coitus interruptus*, não exige acessórios e é praticado sem prescrição, e é perfeitamente seguro. Mas, embora não seja totalmente prejudicial como às vezes se supõe, é muitas vezes pouco satisfatório, porque em muitos homens implica uma pressa indevida, que é desagradável para o marido e tendente a ser inadequada para a esposa, que poderá necessitar uma satisfação posterior.

O coito interrompido apresenta na verdade um problema comum. Esta prática é considerada pelas melhores autoridades como o mais comum de todos os métodos preventivos nas relações sexuais. Sem dúvida é também o mais antigo e é citado no livro do Gênesis, como tendo sido adotado por Onan a fim de evitar a concepção. Sua popularidade é devida à sua simplicidade. Não exige previsão ou preparação e nada custa. Mas não pode haver dúvida de que, em relação ao bem-estar do sistema nervoso, essa prática constitui às vezes uma questão aberta. É perfeitamente certo que, ao tratar de uma prática tão acentuadamente predominante, não é bastante dizer que muitas vezes se verifica sua nocividade. Mas é claro que, em um certo número de casos, — seja grande, seja pequeno — vários estados nervosos ligeiros, indicando uma irritabilidade nervosa, na mulher, no homem, ou em ambos, podem ser atribuídos às relações interrompidas. Compreende-se facilmente que isto deva dar-se especialmente com relação às mulheres. Os maridos nem sempre dão atenção necessária a assegurar o orgasmo em suas esposas, e considerando que o orgasmo é normalmente mais lento nas mulheres do que nos homens é óbvio que, na falta desse cuidado, a retirada muitas vezes se processe antes que o orgasmo tenha ocorrido na esposa, que é deixada assim em um estado crítico de insatisfação e irritabilidade nervosas. Mas a preocupação e atenção angustiosa com seu próprio estado, que a retirada prematura exige do marido, e a discordância causada pela interrupção súbita do ato no momento culminante, não pode deixar, às vezes, de ser prejudicial a ele. É preciso estar alerta quanto à possível existência dessa prática, e suspendê-la se os sintomas parecerem relacionados com ela. Para um grande número de pessoas, não há dúvida, o coito interrompido é inadequado e deve ser substituído por algum método melhor de relações preventivas. Não se deve insistir nas relações interrompidas a não ser que possam ser praticadas com uma afinidade e cooperação tão entrosadas, que não seja causado nenhum abalo ou apreensão ao marido, e que a esposa tenha a satisfação adequada. A segunda condição será obtida pelo retardamento do ato até que a tumescência esteja bem adiantada e ele esteja próximo do orgasmo.

A prática oposta do coito prolongado ou reservado, com o orgasmo final ou sem ele, tem hoje em dia numerosos defensores e uma imensa legião de adeptos praticantes, não tantos como no coito interrompido, porque é menos fácil de executar. Era a prática ordinária da comunidade Oneida e foi defendida posteriormente no bem conhecido livro da Doutora Alice Stockham, *Karezza*. Não pode haver dúvida de que o coito prolongado é extremamente agradável para o parceiro feminino, e sem o menor resultado maléfico,

porque a mulher é deixada inteiramente à vontade e não é impedida de chegar ao orgasmo próprio na ocasião propícia para ela. Todas as mulheres que tiveram experiência desse método parecem aprová-lo. Contudo levantaram-se algumas dúvidas quanto aos efeitos dele sobre os homens que o praticam. Há motivos para pensar que o coito muito prolongado, possa produzir em alguns casos algumas consequências nervosas idênticas às do coito interrompido, embora geralmente em menor escala. Mas em uma grande percentagem de exemplos este não é certamente o caso. O método geralmente não é fácil, exceto para homens com sistema nervoso íntegro e bem equilibrado, e tais pessoas não parecem geralmente acusar quaisquer resultados maléficos consequentes à prática, contanto, evidentemente, que esta não seja levada ao excesso.

Quando a anticoncepção falha, — seja devido ao descuido, seja devido ao uso de um método inadequado —, pode surgir às vezes um problema sério. Mas não há nada a fazer. Ainda constitui uma contravenção criminal ajudar uma mulher a conseguir o aborto por motivos pessoais, sociais ou mesmo eugênicos. As mulheres raramente compreendem essa ilegalidade, e não conseguem compreender porque, sendo pobres, são levadas a tomar em vão drogas nocivas, ou se em melhores condições financeiras, serem obrigadas (se inglesas) a ir ao estrangeiro para a intervenção. Quando as mulheres tiverem mais influência do que têm hoje para efetivar mudanças legislativas, não pode haver dúvida de que a proibição legal do aborto, que se baseia em motivos que atualmente são antiquados, será modificada. E será estabelecido claramente que esta é uma questão pessoal com a qual a lei não tem o direito de intervir. Caso seja desaconselhável, o médico e não o policial é quem deverá emitir um parecer. Já há um movimento nesse sentido em vários países e, na Rússia Soviética, embora o aborto não seja estimulado, é executado com as devidas precauções médicas, nos hospitais, até um esclarecimento popular mais amplo com o aumento de meios para a anticoncepção.

A prevenção da concepção implica tanto cuidado e precaução, que nos últimos anos tem tido uma aceitação cada vez maior um método alternativo e mais seguro para atingir aquele fim: o método de esterilização. Por este método todos os riscos são eliminados. Ele pode ser realizado agora, de maneira simples e inofensiva, sem retirada das glândulas sexuais, pela vasectomia nos homens e a ligadura e secção das trompas de Falópio, nas mulheres. Como um meio de tratar toda afecção psíquica seu valor é duvidoso, e, se executada compulsoriamente, pode ser perniciososa em suas consequências mentais; mas, adotada voluntariamente, como um método de evitar a concepção, suas vantagens parecem grandes, ao mesmo tempo que elimina a necessidade das precauções preventivas que a maioria das pessoas, de maneira perfeitamente legítima, encaram com desprazer¹³. Quase não é necessário acrescentar

¹³ Em um dos primeiros casos chegados ao meu conhecimento, um médico americano, com boa saúde e com uma família de vários filhos que ele não desejava aumentar, submeteu-se à vasectomia para evitar a rotina das precauções preventivas que era repugnante para ele próprio e para sua esposa. A dor e o incômodo da operação não foram suficientes para prejudicar o trabalho corrente do seu consultório, e o resultado revelou-se inteiramente satisfatório para ambos os cônjuges. E assim permaneceu vários anos a seguir, segundo as

que a esterilização, sendo uma medida anticoncepcional permanente, não deve ser adotada sem a devida ponderação.

Imagina-se às vezes, e os médicos estão aí incluídos, que presentemente a esterilização é ilegal. Não há um motivo fundamentado para essa crença. A Sociedade de Eugenia (The Eugenics Society) tentou na Inglaterra apresentar um projeto de lei ao Parlamento para incrementar a esterilização, não, porém, (como muitos supuseram), para torná-la legal (porque ela já é executada), mas para tornar seu benefícios ao alcance dos deficientes e da classe mais pobre. Os benefícios têm sido às vezes contestados, inclusive, deve dizer-se com pesar, no seio da classe médica. Mas não pode haver uma dúvida fundamentada, qualquer que seja a proporção exata de crianças deficientes nascidas de pais deficientes, de que a esterilização seria aqui individualmente, socialmente e eugenicamente útil, embora não fosse possível eliminar desta maneira, da população, o elemento mentalmente incapaz. Seria apenas um começo. Com relação a este assunto há ainda muita necessidade de difundir esclarecimentos.

Um problema igualmente comum apresenta-se com relação à frequência do coito. A esse respeito são expendidos dogmaticamente os mais divergentes pontos de vista. Algumas pessoas consideram normal e necessário ter relações todas as noites, e persistem nessa prática durante muitos anos sem evidência de consequências nocivas. Outros afirmam que o contato sexual não deve ser praticado a não ser com o objetivo de procriação, — o que poderia significar apenas duas ou três vezes na vida —, e argumentam que essa prática é a única natural e normal. É, sem dúvida, verdadeiro que este é o único objetivo do acasalamento nos animais, mas ao determinar o que é natural para o homem, não temos o direito de levar em consideração a norma dos animais que pertencem a gêneros estranhos. Temos de levar em consideração os hábitos gerais da espécie humana, que de maneira nenhuma revelam um objetivo tão estreitamente restrito à procriação, embora povos intocados e não civilizados sejam no conjunto (contrariamente a uma crença comum) muito mais abstinente sexualmente do que povos civilizados. Mas, ainda que não fosse assim, estamos perfeitamente justificados em abandonar, se julgarmos adequado, os hábitos das raças mais atrasadas. Sem dúvida, os órgãos sexuais evoluíram para a procriação, não para a satisfação sexual do indivíduo. Sem dúvida também, as mãos evoluíram para atender à alimentação, não para tocar piano ou violino. Mas se o indivíduo pode encontrar alegria e inspiração usando seus órgãos para fins para os quais eles não foram feitos, ele está seguindo uma linha de ação que, queiramos ou não chamar “natural”, é perfeitamente justificável e moral. Aqueles que se batem pela imitação dos animais inferiores, restringindo o ato sexual ao fim “natural” da procriação, estão obrigados também a imitar os animais inferiores, abandonando, por exemplo, o “uso não natural” das roupas. A arte humana entra legitimamente nas atividades humanas, mas não suscita nenhum conflito com a Natureza.

últimas notícias que tive. Não houve perda da potência nem do ardor sexual. Esse caso pode ser considerado agora como perfeitamente típico.

Esta é uma arte

Que realmente melhora a Natureza, ou melhor a transforma, mas

A própria arte é Natureza.

Pondo de lado todas as teorias dúbias, deve reconhecer-se, sob um ponto de vista prático, que a faixa natural de variações no que se refere à frequência das relações é muito ampla, e é necessário descobrir em cada caso individual qual a frequência que melhor se adapta a cada um dos parceiros, e como pode ser harmonizada qualquer discordância, se existir. Desde a Antiguidade, na verdade, foram preconizadas normas: Solon aconselhava três coabitações por mês, o que estava de acordo com a opinião geral dos médicos gregos. O preceito de Lutero de duas vezes por semana tem a preferência de grande número. Harvey, reunindo várias estatísticas americanas, verificou que a frequência mediana do coito é de cerca de oito vezes por mês, situando-se o meio cinquenta por cento entre três e quinze vezes. Há vantagens às vezes em uma certa irregularidade, seguindo-se um intervalo longo a uma frequência excepcionalmente intensa. Esta intensidade pode ocorrer facilmente pelo desejo da mulher, logo após a menstruação. Como o ardor é geralmente mais irregular e mais caprichoso na mulher do que no homem, é a mulher que se pode considerar mais adequadamente como a iniciadora neste assunto e o marido pode achar vantajoso atribuir a ela esse privilégio. Mas, devemos insistir, em qualquer caso é melhor repetir a intervalos os atos sexuais do que aumentar sua frequência. Seus benefícios, tanto físicos como espirituais, tendem a perder-se com a frequente repetição. A união sexual somente pode tornar-se o êxtase refinado que é capaz de tornar-se, quando é rara.

A prática do coito como um hábito frequente também é inconveniente porque torna difícil o longo intervalo que pode tornar-se necessário durante a ausência, doença de um dos cônjuges, ou o período (um mês a seis semanas) que se segue ao parto. A questão das relações durante a gravidez é difícil. O médico geralmente hesita em dar orientação neste assunto em virtude das dificuldades domésticas que podem surgir. Não há dúvida de que, em grande parte, é uma questão de predisposição ao aborto, que varia grandemente. Algumas mulheres, segundo se diz, abortam se alguém espirra na presença delas, enquanto outras não abortarão se forem atiradas pela janela do quinto andar. Quando existe a tendência, não há dúvida de que a abstinência sexual deve ser imposta. É conveniente também que ela seja seguida, em qualquer caso, durante os últimos meses da gravidez. Mas parece ser necessário usar uma certa dose de prudência ao recomendar a abstinência durante toda a gravidez. Um casal ajustado e inteligente pode muitas vezes encontrar sua própria solução para a dificuldade, e não há muito risco no hábito da masturbação nessas circunstâncias. Mas o médico que prescreve a abstinência sexual durante a gravidez pode verificar às vezes, que provocou dificuldades cuja remoção talvez esteja além de suas possibilidades.

Não nos interessa aqui, de maneira primordial, a regulação das condições de procriação, nem o número ideal de filhos para um casal com saúde normal. Afirma-se amplamente que, a não ser que o casamento se realize em uma idade excepcionalmente

avançada, não deve ser permitido que a concepção ocorra em um período demasiadamente prematuro, após o casamento. Nas atuais condições sociais esse perigo é, no entanto, pequeno. E não é de maneira nenhuma, tão prejudicial a uma mulher jovem como frequentemente se supõe, dar à luz uma criança. Assim, na Sociedade Obstétrica de Edimburgo (Edinburgh Obstetrical Society), recentemente (8 de junho de 1932), Miller apresentou o desfecho de 174 casos de gravidez e trabalho de parto em moças de dezessete anos de idade e menos, no Hospital da Maternidade Real (Royal Maternity Hospital). Oitenta e cinco por cento dos partos foram espontâneos e somente em oito casos foi necessária a intervenção por motivo de desproporção, enquanto a taxa de natimortos e de mortalidade de recém-nascidos foi de 6,5 por cento, contra 11,8 por cento em relação a todas as crianças nascidas no hospital. A dificuldade e o perigo são muito maiores nas mulheres mais velhas. Qualquer que seja a idade em que comece a maternidade, é sem dúvida extremamente conveniente, no interesse tanto da mãe como da criança, e também do marido e pai, que haja um intervalo de dois anos, pelo menos, entre uma e outra gravidez.

O número médio ideal de filhos nas condições modernas, tanto para a família como para a manutenção da população, é entre dois e três. Outrora, em más condições sociais e com uma mortalidade alta, o número era maior. As considerações eugênicas, assim como o progresso no esclarecimento social, exercem aí influência cada vez maior, algumas famílias serão menores e outras poderão ser legitimamente maiores.

BIBLIOGRAFIA

G.V. HAMILTON, *A Research in Marriage*.

R. L. DICKINSON, *A Thousand Marriages*.

MARGARET SANGER, *The New Motherhood*.

MICHAEL FIELDING, *Parenthood: Design or Accident? A Manual of Birth Control*.

J.F. COOPER, *Technique of Contraception*.

M.C. STOPES, *Contraception: Its Theory, History and Practice*.

A. KONIKOW, *Contraception. Some More Medical Views on Birth Control*, editado por NORMAN HAIRE.

CARR-SAUNDERS, *The Population Problem*.

LANCELOT HOGBEN, *Genetic Principles in Medicine*.

O. L. HARVEY, *American Journal of Sociology*, julho, 1932.

LEONARD DARWIN, *Eugenic Reform*.

GOSNEY AND POPENOE, *Sterilization for Human Betterment*.

J.H. LANDMAN, *Human Sterilization: The History of the Sexual Sterilization Movement*.

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex, Vol. VI, e More Essays of Love and Virtue. The*

O problema do casamento sem filhos

Quando deixamos de lado os casais que resolveram, mediante madura reflexão, ser melhor para eles, temporária ou permanentemente, não ter filhos, e também aqueles que, não tendo filhos mas desejando tê-los, têm bons motivos para esperar que possam realizar esse desejo por um tratamento clínico ou cirúrgico, restará ainda uma minoria que se convenceu de que nunca poderá ter um filho, mas ainda deseja um. Que deverão eles fazer?

Essa situação, na verdade, raramente surgirá. Se houver um forte desejo de filhos, é extremamente conveniente que ambas as partes submetam-se a uma investigação médica antes do casamento, quando nada, para se certificarem de que há uma probabilidade razoável de uma concepção e um parto bem sucedido. Contudo, isto não pode ser mais do que uma probabilidade, como está suficientemente demonstrado pelos casos em que um casal não pode gerar a criança pela qual está ansioso, embora, após o divórcio e o casamento subsequente, ambos se tornem pais. Também condições que não podiam ser conhecidas ou previstas antes do casamento, podem surgir depois e impedir a concepção. Restam quatro soluções possíveis, das quais todas *têm* aspectos psíquicos.

(1) *Aceitar a situação* — Para muitos esta solução pode apresentar-se como a melhor. Embora a maioria das pessoas, e sem dúvida a maioria das mulheres, desejem filhos em determinada ocasião, de modo nenhum o desejo é sempre permanente. Compreende-se que há também outras coisas na vida. Reconhece-se, ao mesmo tempo, que na época atual o mundo não está perecendo por falta de crianças. Pode verificar-se também que o caminho escolhido na vida revelou-se tão imperioso e absorvente que não é justificável, principalmente para uma mulher, assumir também os deveres da maternidade, que em si mesma, se desempenhada convenientemente, equivale durante alguns anos a uma profissão, e uma profissão dura e absorvente. Talvez, também, não haja aptidões especiais para tal profissão, ou exista a consciência de uma constituição hereditária pouco satisfatória, que talvez não seja conveniente transmitir. Mas os instintos de paternidade e maternidade podem em grande parte ser sublimados. O instinto maternal pode ser dirigido para fins sociais. Em vez de serem os pais físicos de filhos que podem, talvez, não trazer benefícios para o mundo ou para si próprios, é possível dispendir as energias assim liberadas em atividades de longo alcance, de proveito incontestável. Muitas mulheres conseguiram destaque, assim como satisfação, dessa maneira, e prestaram serviços sociais de imenso valor.

(2) *Procurar o divórcio* — Esta poderá ser uma solução legítima da dificuldade, para os casais que consideram os filhos como de capital importância. Mas, mesmo independente da dificuldade diante da maioria dos sistemas jurídicos, de obter honestamente o divórcio sob esse fundamento, ele não é uma solução a ser recebida

com júbilo. É possível apoiar a facilidade para o divórcio como um princípio abstrato e no entanto condenar o recurso a ele. Ademais, um segundo casamento pode revelar-se mais infeliz do que o primeiro e igualmente estéril. Além disso, o divórcio é, na melhor das hipóteses, uma confissão de fracasso nos mais importantes assuntos pessoais, e, mesmo na pior das hipóteses, há provavelmente traços de união entre os cônjuges que não podem ser considerados como sem importância porque acontece não haver filhos. As pessoas casadas que desejam o divórcio porque não têm filhos, geralmente, se fosse conhecida toda a verdade, desejam divorciar-se porque se sentem incompatíveis. Pelo que, para elas o problema da falta de filhos é realmente parte de um problema maior.

(3) *Adotar uma criança* — Esta é a solução que se apresenta mais prontamente, e, com um critério correto, constitui uma solução admirável, tanto mais considerando que agora, pelo menos na Inglaterra, ela pode ser colocada em uma base legal firme. O casamento não se interrompe, mas provavelmente se fortalece, e é proporcionada uma criança para a qual a esposa pode ser uma mãe em todos os sentidos, exceto o físico. Há mesmo em jogo aí um elemento de assistência social, porque é oferecida a perspectiva razoável de um futuro feliz a uma criança que, do contrário, poderia revelar-se um peso, não somente para seus pais, como para si mesma e para a comunidade. Para muitas mulheres, mesmo com uma vida plena e espiritual, a criança adotada tornou-se uma dádiva indizível e uma fonte constante de felicidade.

Há precauções evidentes a serem tomadas para que a adoção da criança seja bem sucedida. Não somente a criança deve ser tomada quando ainda nova, como também a transferência deve ser absoluta e completa. A questão principal é de saúde e hereditariedade. Negligenciar a pesquisa da ascendência da criança pode levar a consequências amargas. Nunca deve ser adotada uma criança, sem que todos os fatos verificáveis de sua história tenham sido examinados cuidadosamente com a ajuda do médico.

(4) *Ter um filho através de uma união fora do casamento* — De todas as soluções, esta é a mais difícil. Ela é às vezes aventada, mas só poderá ser executada em circunstâncias excepcionais. A dificuldade surge do fato de que é exigido o consentimento de três pessoas, cada uma das quais dificilmente deixará de ver o assunto de maneira diferente das outras, e todas devem sentir que estão agindo de uma maneira que grande parte do grupo social a que pertencem desaprovava. As condições para um ajuste satisfatório são tão raras que é inútil examinar esta solução, e seria impossível recomendá-la.

É verdade que há duas modificações desta solução: uma, que deve ser desaconselhada totalmente, quando a esposa toma o assunto em suas próprias mãos, sem consultar o marido, e outra, que é a forma mais viável da solução, pela inseminação artificial. Ela muitas vezes tem falhado e apresenta aspectos obviamente desagradáveis. É, porém, exequível, e em uma ocasião ou outra tem sido praticada com êxito. A técnica foi descrita recentemente por Van de Velde.

BIBLIOGRAFIA

VAN DE VELDE, *Fertility and Sterility in Marriage*.

Impotência e Frigidez (Hipoestesia Sexual e Hiperestesia Sexual)

Os limites dentro dos quais o impulso sexual pode variar, — tanto em relação a sua força, como à idade de seu aparecimento pela primeira vez, e de seu desaparecimento final —, são amplos. Neste aspecto o homem difere de quase todos os animais inferiores a ele (exceto alguns macacos superiores), nos quais o impulso se relaciona intimamente com a atividade procriadora e, na maioria das vezes, está ausente nas ocasiões em que seria inútil.

As manifestações do impulso sexual, como sabemos, tanto no aspecto físico, como no psíquico, mesmo nas crianças comuns, sadias, não são, de modo nenhum tão raras, que possamos considerá-las anormais. Na outra extremidade da vida não há, igualmente, limites precisos para a vida sexual psíquica. Nas mulheres, a menopausa não é sempre, nem mesmo geralmente, acompanhada do desaparecimento do impulso sexual, e nos homens o desejo sexual e mesmo a potência sexual são encontrados muitas vezes em uma idade avançada.

No vigor do impulso sexual há a mesma espécie de variação. Se procurarmos medi-lo em rapazes abstinentes, pela frequência das emissões seminais involuntárias durante o sono, verificaremos que, enquanto em alguns tais ejaculações ocorrem duas a três vezes por semana, sem produzir nenhum efeito seriamente extenuante, em outros elas ocorrem apenas uma ou duas vezes por mês e, em alguns indivíduos, não ocorrem absolutamente. Se, por outro lado, procurarmos medi-lo pela frequência do coito naqueles que mantêm uma ligação sexual, verificaremos que, enquanto em alguns casos o coito se realiza habitualmente todas as noites durante longos anos, sem nenhum mal evidente, em outros casos mesmo uma vez por mês é considerado como o limite além do qual está o excesso. As variações individuais, mesmo dentro daquilo que pode ser considerado, razoavelmente, um estado geral de saúde tolerável, são extensas, e não podem estabelecer-se regras gerais.

A anestesia sexual completa (ou anedonia como Ziehen a chamou) nos homens é, no entanto, extremamente rara. A hipoestesia, ou hipedonia (*hyphedonia*), que é uma relativa frigidez e indiferença na excitação sexual, é, no entanto, comum nos homens, muito mais comum do que se supõe às vezes. Em alguns casos ela é mais aparente do que real, e é devida à existência de uma direção anormal do impulso sexual e, mais frequentemente, de um impulso homossexual não concretizado, escondido ou mesmo simplesmente latente ou inconsciente. Em muitos casos a frigidez pode ser simplesmente consequência de esgotamento resultante de masturbação excessiva. Em outros casos, ainda, é a consequência de um desenvolvimento intensivo de outras

atividades, psíquicas ou físicas, que esgotam toda a energia supérflua do organismo, embora em alguns desses casos tenhamos provavelmente de admitir que o impulso sexual era fraco desde o início. Em outros, também, é devida ao infantilismo, sendo então uma forma de desenvolvimento retardado.

Na civilização, as intensas exigências da vida e as condições mais ou menos artificiais sob as quais o impulso sexual se desenvolve, concorrem para produzir uma frequente incapacidade, relativa ou absoluta, para assegurar a potência no coito.. Hamilton verificou em suas pesquisas que apenas 55 por cento dos maridos e 38 por cento das esposas, todos pertencentes ao que devemos considerar como a camada mais civilizada da comunidade, consideravam sua potência sexual como normal. E embora houvesse um certo número de respostas não conclusivas, tanto de homens como de mulheres, a proporção, tanto de maridos como de esposas que consideravam seu vigor sexual abaixo do normal, era nitidamente mais alta do que a daqueles que o consideravam acima, resultado em contradição com a crença comum de que, tanto os homens como as mulheres tendem a exagerar suas qualidades sexuais. É também digno de nota que o número de maridos que consideravam suas mulheres deficientes sexualmente era aproximadamente o mesmo de mulheres que julgavam seus maridos sexualmente deficientes. Hamilton verificou, ainda, que 41 por cento dos maridos admitiam que havia ou tinha havido uma dificuldade para assegurar a potência, enquanto 24 por cento das esposas (não, devemos lembrar, necessariamente esposas dos maridos examinados) consideravam a potência de seus maridos como deficientes. Contudo deve-se notar que, tanto os maridos como as esposas que se consideravam como abaixo da média no ardor sexual, apresentavam uma percentagem maior de casamentos razoavelmente ou altamente satisfatórios, comparados com aqueles que se consideravam iguais ou acima da média quanto ao desejo sexual. Esta é, na verdade, uma experiência comum e bem pode ser lembrada por aqueles que encaram o casamento como um vínculo principalmente sexual e imaginam que um alto grau de atividade sexual é essencial à felicidade no casamento. As pesquisas ginecológicas de Dickinson, apenas indiretamente relacionadas com os maridos, parecem indicar que 6 por cento deles eram impotentes.

Devemos ter em mente que, tanto o excesso como a deficiência do instinto sexual, podem concorrer para produzir a impotência sexual. Esta é uma observação importante, visto que um dos grandes terrores nervosos que nas mentes de alguns homens rondam o casamento, — um terror que também pode ocorrer independente totalmente do casamento, assim como nos estágios posteriores deste —, relaciona-se com a dúvida quanto à potência. A relativa ausência de potência sexual e de impulso sexual, por um motivo ou por outro, é mais comum nos homens do que algumas vezes se admite. Na verdade, não é de modo nenhum pequeno o número de casamentos era que as relações sexuais não se realizam por esse motivo, e tais uniões não estão, absolutamente, sempre abaixo da média em felicidade. Mas a suspeita de que é impotente, — embora este adormecimento sexual seja um objetivo a que outros aspiram inutilmente atingir —, causa ao homem normal uma angústia extrema, pelo que ele está propenso a adotar qualquer norma de tratamento e a recorrer muitas vezes a

qualquer dos charlatões prontos a fazer comércio com esses terrores. Pode ocorrer facilmente uma perda temporária de potência sob uma forte tensão emocional e isso não tem uma significação grave. Os homens nervosos e inexperientes estão particularmente sujeitos a isto. Montaigne assinalou há muito tempo, em seu ensaio sobre a força da imaginação, que ela é devida simplesmente ao medo, e ele mostrou inteligentemente como, por métodos engenhosos que neutralizam o medo, a potência é inteiramente restabelecida.

Em alguns casos, no entanto, a deficiência de potência baseia-se em um hábito adquirido do sistema nervoso. Castidade, masturbação, excessos sexuais, — eis as causas comumente apontadas para essa falta de potência¹⁴. Ademais, as condições de civilização são muito favoráveis a uma excitabilidade nervosa geral, uma reação superapressada aos estímulos, que no aspecto sexual tendem a provocar a abreviação da tumescência e uma detumescência prematura desfavorável à execução satisfatória do ato sexual.

Concordo com Freud e outros, em que a frequência da ejaculação prematura é muito grande, embora não concorde com Löwenfeld em atribuí-la em 75 por cento dos casos à masturbação. Não há dúvida de que, em certa proporção, esta desempenha uma parte importante, mas, mesmo um grau extremo de masturbação não tem às vezes consequências sérias sobre a potência, enquanto em qualquer caso ela é tão frequente que deve ser tomada uma imensa precaução ao afirmar que ela é a causa de qualquer coisa. É provável que, de um modo geral, tenhamos de considerar a impotência neurastênica em parte como uma manifestação especial de uma tendência geral a reações rápidas e sensitivas, que caracteriza toda a vida urbana nas condições modernas (manifestada nas mulheres pela tendência para que a gravidez chegue ao final antes do prazo completo), e em parte como resultante do desejo não satisfeito durante o período da adolescência e além, levando a uma tumescência prolongada não seguida pelo alívio natural mesmo na masturbação, e o conseqüente enfraquecimento do mecanismo vascular da detumescência.

Na maioria dos casos há apenas uma deficiência relativa da potência. A ereção processa-se de maneira mais ou menos completa e é seguida, embora demasiado rapidamente, pela ejaculação. O indivíduo pode não ter consciência de que alguma coisa está errada. Mas não podemos ter dúvida de que esta deficiência na potência masculina contribui muito para a predominância da frigidez sexual entre as mulheres.

Quando a perda de vigor é mais completa, — seja devido à impotência psíquica temporária ou a condições reais de enfraquecimento —, o indivíduo muitas vezes fica alarmado, e mesmo muito alarmado. Sob a influência de seu terror nervoso, encontramos muitas vezes um homem preocupado com seu próprio vigor sexual, tentando constantemente despertá-lo, talvez, se é solteiro, marcando encontros com

¹⁴ Pode ter influência uma causa psíquica precisa de outra espécie, porque o Dr. G. V. Hamilton me informa que ultimamente ele achou motivos para acreditar que a fixação materna na infância leve à impotência.

prostitutas, para deparar-se com frequentes decepções.¹⁵

Temos assim dois tipos de casos, os de impotência psíquica e aqueles que talvez ainda possam ser chamados de impotência neurastênica. Nos primeiros, o mecanismo da detumescência permanece intacto, mas sua ação é inibida pela tensão psíquica. O tratamento, por isso, consiste simplesmente em remover a inibição psíquica pelo alívio das dúvidas e suspeitas do indivíduo. Nos casos de impotência neurastênica, o mecanismo da detumescência não é inibido mas, pelo contrário, mais ou menos enfraquecido, e o tratamento é menos promissor, embora geralmente seja perfeitamente possível, senão restaurar o mecanismo debilitado, pelo menos diminuir as consequências do enfraquecimento. Em todos esses casos o ponto principal é aliviar o terror do paciente, afastar seus pensamentos da função sexual e assegurar a execução de uma higiene correta. As drogas não são consideradas aí e são de valor secundário embora muito anunciadas. Algumas foram consideradas úteis em certos casos, mas continua duvidoso que elas tenham qualquer influência somática real apreciável sobre a afecção. Ao passo que uma droga como a noz vômica, não obstante seu efeito excitante sobre o sistema sexual e sobre a medula espinhal de um modo geral, e seu valor como tônico, é pior do que inútil quando já existe uma superexcitabilidade. O paciente deve ser proibido de tentar o coito e, principalmente, desestimulado a fazer tais tentativas com prostitutas. A dúvida e a expectativa prolongadas são o pior prelúdio para o coito, principalmente nestes casos, e toda atividade mental intensa e preocupação emocional são desfavoráveis. Uma esposa sensível e dotada de habilidade é a melhor auxiliar do médico. O famoso caso de Rousseau é ilustrativo neste assunto. Ele era um homem de temperamento extremamente sensível e excitável, tanto fisicamente como psiquicamente. Suas emoções reagiam a um toque, e seu impulso sexual refletia sua extrema irritabilidade nervosa. Com uma prostituta, ou com uma mulher pela qual sentisse uma ardente paixão, ele era um amante completamente ineficiente. Mas com Teresa, em quem ele tinha uma companhia calma e constante, ele era aparentemente potente e, se sua própria crença estiver certa, ele foi pai de numerosos filhos. Nesses casos de eretismo, tudo o que acalma a excitabilidade genital é favorável. Assim é que, após uma prolongada abstinência sexual, a primeira ejaculação pode ser prematura, mas a segunda alcança o efeito normal. O intervalo, evidentemente, varia com a constituição sexual do indivíduo, e enquanto poderá ser de menos de meia hora em uma pessoa, poderá ser de vários dias para outra. Deve recomendar-se também não tentar ter relações sexuais ao se recolher ao leito, mas somente após um período de descanso e sono, ou de manhã cedo, ocasião que algumas autoridades aconselham como geralmente a melhor. Com o repouso mental e uma higiene racional, poderão ser conseguidos, nesses casos, resultados perfeitamente satisfatórios.

Isto indica que a incapacidade sexual é, em grande parte, uma questão de

¹⁵ Não é quase necessário dizer que, no caso de um homem casto e refinado, a impotência com uma prostituta nada significa. Moll menciona o caso de um homem que, não tendo jamais tido relações sexuais, procurou uma prostituta antes do casamento, a conselho de um amigo, para verificar se era potente. Ele se mostrou completamente impotente. Mas casou-se e foi plenamente potente com sua esposa.

adaptação pessoal e social. Na maioria dos casos, se o indivíduo esteve desde a juventude em contato natural e sadio com pessoas do sexo oposto, a dificuldade ou a incapacidade para a união harmoniosa com um elemento afim desse sexo não surgirão, e haverá pouca tendência ao terror nervoso, timidez imatura, ou frigidez agressiva ao se aproximar de uma pessoa sexualmente desejável. Há justificativa para que acreditemos que a incapacidade sexual seja, em grande parte, a manifestação especial de uma adaptação social incompleta. Não devemos ignorar os fatores constitucionais que podem, por exemplo, implicar uma tendência homossexual, nem uma deficiência ou enfraquecimento físicos que requeiram a ajuda do cirurgião. Mas o próprio cirurgião em sua judiciosidade admite que depois de ter ele feito o melhor possível, muitas vezes resta muito para o psicólogo e o psicoterapeuta.

Parece-nos justificado acreditar que o impulso sexual nunca é tão fraco que não possa, por vezes, em condições favoráveis, tornar-se de certo modo evidente. Krafft-Ebing aceitava a existência da incapacidade sexual completa em raros casos, mas não apresentou observações próprias como exemplo, e apenas um caso de Legrand du Saulle, no qual as emissões seminais já se tinham efetuado e um de Hammond no qual tinha havido ereções passageiras. Esses casos eram sem dúvida caracterizados por um elevado grau de hipostesia, porém as manifestações sexuais concretas que eles apresentavam nos impedem de aceitá-los como exemplos de anestesia sexual completa.

Parece igualmente duvidoso que possa existir a anestesia sexual completa nas mulheres. Na verdade não pode haver dúvida quanto à acentuada frequência da hipostesia, ou, como é geralmente chamada, a frigidez, que foi realmente calculada, — não sei por que método —, como incidente em quase 70 por cento das mulheres. Tais afirmações despropositadas devem ser postas de lado. Em 100 mulheres normais, casadas, da classe instruída Hamilton somente pôde encontrar um caso de frigidez verdadeira, no sentido de uma ausência persistente de desejo sexual e de instinto sexual; embora algumas mulheres somente pudessem reagir ante estímulos auto eróticos ou homossexuais. Em um longo capítulo sobre este assunto em *Mil Casamentos (One Thousand Marriages)*, Dickinson assinala que a “frigidez” não deve ser considerada como um estado fixo ou uma afecção congênita definida. Suas causas são múltiplas: estão na constituição física, no temperamento, na educação, no hábito (inclusive a ignorância e as práticas auto eróticas), deficiência do marido etc. As “fríguas” mais marcantes, observa ele, são as auto eróticas; contudo, estritamente falando, as auto eróticas não são absolutamente fríguas e podem ser extremamente sensíveis aos estímulos sexuais que as despertam.

O principal motivo pelo qual as mulheres são consideradas “fríguas” existe menos nelas próprias do que nos homens. É inteiramente evidente que, enquanto nos homens o impulso sexual tende a desenvolver-se espontânea e ativamente, nas mulheres, por mais potente que ele seja de maneira latente e mais ou menos subconsciente, suas manifestações ativas necessitam em primeiro lugar ser despertadas. Em nossa sociedade essa é normalmente a função do marido. O seu papel é orientar sua esposa na vida sexual. É ele quem torna as exigências do sexo um desejo consciente para ela. Se ele, por

sua ignorância, preconceitos, impaciência ou falta de intuição, deixa de desempenhar seu papel natural, sua esposa poderá ser considerada como “frígida” por uma falha que não é sua. Acontece assim que, durante um longo período, do qual somente agora começamos a sair, em que todo conhecimento sobre sexo era vedado ou tratado como coisa indigna de atenção, uma grande percentagem de homens eram incapazes de tornar-se amantes satisfatórios e grande parte das mulheres permaneciam, conseqüentemente, “frígidas”.

Há assim muitas razões pelas quais as mulheres tendem a ser aparentemente frígidas, nas condições de nossa civilização, visto que essas condições implicam uma profunda ignorância dos assuntos sexuais em ambos os sexos, má educação, falso pudor, e uma idade anormalmente tardia para o início das relações sexuais. Mas quando se afirma que é comum uma anestesia sexual absoluta nas mulheres, é necessário lembrar que a questão é muito mais difícil e complicada nas mulheres do que nos homens. Ademais, nas mulheres temos de distinguir entre a presença da libido e a presença do prazer no coito. A primeira pode estar presente na ausência do segundo, e mesmo quando ambos estão ausentes não se pode afirmar que exista a anestesia sexual. Talvez seja significativo o fato de Hamilton ter verificado que uma grande proporção (55 por cento) de mulheres com pouca capacidade para o orgasmo consideram-se, no entanto, acima da média, no desejo sexual. Casos ocorrem em que uma mulher é frígida com uma série de homens, mas afinal, talvez no fim da idade madura, o impulso sexual desperta. Mesmo que ele nunca ocorra no coito, pode manifestar-se de outras formas, não apenas em atividades desviadas, mas também através de zonas erógenas esparsas que nas mulheres são muito mais numerosas do que nos homens, e muito mais suscetíveis ao estímulo.

Assim é muito mais difícil em uma mulher do que em um homem afirmar a presença da anestesia sexual. Tudo o que podemos dizer em um determinado caso é que ainda não descobrimos a forma pela qual o impulso sexual feminino se manifesta, ou poderá manifestar-se no futuro. O próprio Otto Adler, como estava crente da frequência da anestesia sexual nas mulheres, quando desejava apresentar uma prova conclusiva da existência da “femme de glace”, a mulher “de anestesia sexual psíquica pura”, reportava-se ao caso de uma mulher que morrera há mais de um século antes de ter ele nascido e da qual não existia nenhum histórico clínico, Madame de Warens. Ademais ele confiava na narrativa de Rousseau, que não era absolutamente um amante realizado, e desprezava a afirmativa que se menciona de M. de Warens, de que sua esposa era histérica, afecção que, sabemos hoje, leva a muitas transformações sutis do impulso sexual que não podem ser identificadas à falta de um minucioso relato clínico. Devemos ser cautelosos em aceitar quaisquer dos casos alegados de anestesia sexual completa em mulheres. É duvidoso que tenha existido alguma vez um caso assim.

A existência da hiperestesia sexual em ambos os sexos é, nas condições de civilização, até mais comum do que a hipoestesia, e é devida igualmente, em grande parte, a essas condições. Elas tendem a aumentar as excitações sexuais, enquanto ao mesmo tempo impedem a canalização de sua expressão. No jogo amoroso é normal uma

certa hiperestesia. Nos animais ela se manifesta pela intensa excitação que eles apresentam nesse período e no homem, pelo pensamento constante nos atrativos da bem-amada. Sob a influência da abstinência sexual também ocorre a hiperestesia, e verifica-se a excitação erótica em objetos e ações que não têm relação normal com a esfera sexual. Quando a hiperestesia sexual ultrapassa esses limites ela é anormal e geralmente relacionada com estados neuróticos.

A hiperestesia sexual anormal não indica, de modo nenhum, qualquer excesso de força genital. O homem de força genital anormal, o atleta sexual, como Benedikt o chamou, não se caracteriza pela hiperestesia. Força requer repouso, e as sensações do hiperestésico usufruem pouco repouso. A semelhança da força genital com a hiperestesia é principalmente uma aparência, embora muitas vezes baste para iludir seu portador. As afinidades da hiperestesia são com a fraqueza.

A hiperestesia sexual anormal pode ocorrer antes da puberdade, assim como na velhice. Ela provavelmente desempenha um papel importante na constituição dos vários desvios, porque somente quando uma excitação sexual anormal coincide com um estado anormal de hiperestesia é que há probabilidade de que se esteja formando uma associação sexual incomum. Quando existe a hiperestesia sexual, qualquer coisa que se relacione com pessoas do sexo oposto, ou mesmo qualquer objeto ou ação não-sexual que pareça ter analogias com objetos e atos sexuais, provoca associações sexuais e produz sensações sexuais. Qualquer parte do corpo, as vestimentas, mesmo independente de quem as usa, qualquer atitude ou postura incomum, embora independente de fins sexuais, o coito dos animais e até dos insetos, qualquer coisa da Natureza ou da arte que lembre o pênis, a vulva ou o ato sexual, tudo se torna não apenas símbolos sexuais, como normalmente pode tornar-se, mas é suscetível de despertar ativamente sensações sexuais. Nessa hiperestesia sexual geral não há seleção, e todas as sugestões estão sujeitas a ser despertadas indiscriminadamente. Mas proporciona-se assim o terreno sobre o qual determinados fetichismos podem deitar raízes e florescer, embora esta não seja geralmente a via pela qual surgem os fetichismos. Deve-se acrescentar que a hiperestesia sexual pode existir sob forma disfarçada e mesmo sem a participação ativa do indivíduo. O falso recato é uma forma de hiperestesia sexual. O horror exagerado às coisas do sexo, assim como o exagerado gosto por elas, repousam igualmente na base de uma hiperestesia sexual.

A hiperestesia sexual, embora seja anormal e sujeita a associar-se a estados nevropáticos, não é de modo nenhum necessariamente uma manifestação de demência. Ela pode ser refreada e escondida, e está mais ou menos sob o controle da vontade. Em seus estágios mais extremos, no entanto, quando os elementos motor e impulsivo tornam-se acentuados, o poder de controle tende a perder-se. No estágio extremo, podemos ter assim o que se chama nos homens satíriase e nas mulheres, ninfomania.

BIBLIOGRAFIA

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex, Vol. III, "The Sexual Impulse in Women"*.

HAMILTON, *A Research in Marriage*.

DICKINSON, *A Thousand Marriages*.

STEKEL, *Frigidity in Woman*.

Castidade

Quando falamos de abstinência temos em mente um estado negativo, isto é, a simples repressão de um impulso natural. Tal repressão tem seu motivo em causas, — frequentemente causas de natureza subalterna —, fora do próprio impulso e em oposição a ele. Por isso é que ela tem probabilidade de ser prejudicial. Ela nunca poderá ser, em si mesma, uma virtude, embora possa ser consequência de outros motivos que em si mesmos poderão ser chamados virtudes ou podem estar relacionados com virtudes. Como Flaubert escreveu a George Sand, em um interessante exame dessa questão em sua correspondência, o esforço é que é bom, não a abstinência em si. A castidade, no entanto, situa-se em um nível diferente.

A castidade não implica necessariamente abstinência. Ela tem sido usada às vezes como sinônimo de abstinência sexual absoluta, mas não é conveniente estimular esse uso deturpado do termo. Ela pode ser mais bem definida como o autocontrole dentro da esfera sexual. Isto é, embora ela possa às vezes implicar abstinência, pode também implicar indulgência, estando sua essência na aceitação de um exercício deliberado e harmonizado dos impulsos psíquicos. Assim compreendida, ela não é um estado negativo, mas uma virtude ativa. Uma vez tive conhecimento de uma menina de cerca de quatorze anos que censurava uma colega mais ou menos da mesma idade por gulodice: “Você nunca aprendeu o controle próprio!”, “Não é necessário”, respondeu a outra. “Não é necessário”, rebateu a primeira, “é educado”. Aquela garota em sua vida futura não teria dificuldade em compreender a castidade. É a manifestação da temperança, do grego *sophrosyne*, na esfera do sexo.

A castidade é uma virtude independente de todos os credos e religiões. É verdade que em muitas partes do mundo tem havido sanções religiosas para manter a sensualidade sob controle. Isto quer dizer que o exercício da atividade sexual fora de certos limites prescritos é considerado como “pecado”. Era inevitável que as comunidades religiosas, cristãs e outras, tomassem essa atitude. Mas, em uma base puramente humana, a castidade foi e ainda permanece uma virtude.

Entre os selvagens, em muitas partes do mundo, permite-se às crianças brincar livremente de sexo e mesmo praticá-lo. Isso indica que não há uma proibição teórica da atividade sexual. Mas, logo que a criança se aproxima da puberdade, mesmo naquele espírito que nós consideramos primitivo, parece necessária uma nova atitude em relação ao sexo: uma atitude de controle. Entre povos de baixa cultura é comum encontrar a atividade sexual cerceada por um grande número de limitações, completamente

independentes das proibições formais cristãs de “fornicação” e “adultério”. E estas limitações conduzem em grande parte a um alto apreço pelo sexo, não somente evitando-o quando seu exercício é considerado como perigoso, mas também pela sua prescrição quando essa influência é considerada benéfica, e pela associação de suas manifestações às festas sagradas. Este tipo de controle, esta prática regulada e aceita como boa, podemos chamar adequadamente castidade e pode ser considerada como já incluída na estrutura da vida selvagem. Uma mescla de costumes, muitas vezes fantasiosos, — embora mesmo assim ainda ajudando a enobrecer sua prática —, têm sido dedicados popular ou tradicionalmente à castidade entre as raças inferiores ou superiores. “Contudo”, como Crawley bem assinalou, “estes usos, pelo menos em uma sociologia primitiva, e qualquer que sejam suas interpretações populares, harmonizam-se em notável proporção com os fatos biológicos, e o valor das interpretações consiste em terem orientado o organismo nervoso e plástico do homem em busca do autocontrole, de um modo de viver inteligente e da eficiência geral própria e social”. Se levada demasiado longe, como Crawley também assinalou, tende a seguir-se a desintegração; mas o processo principal continua, tendo como sua meta, “depois de muitos experimentos, vagarosa mas seguramente, um desenvolvimento científico daquela castidade natural e original com a qual começou a história sexual”.

Esse fato fundamental tende a ser obscurecido precisamente por causa dos extremos, a que se refere Crawley, aos quais a concepção de castidade tem sido levada às vezes por credos religiosos e convenções sociais. Isto tem sido bem exemplificado durante os últimos séculos, em nossa própria civilização. Quando a castidade se transforma em uma simples abstinência compulsória ela deixa de ser, seja natural, seja uma virtude, seja benéfica. Seu caráter essencial perde-se de vista. Ela é acusada então de “não natural”, e considerada como a companheira de um credo religioso inoperante ou de uma hierarquia política estéril. Assim é que, entre nós, a falência das antigas restrições artificiais na esfera do sexo tem levado às vezes ao outro extremo, — igualmente desnatural e inconveniente —, da licença e promiscuidade como ideal, se não mesmo como norma.

Tais oscilações violentas da adequada dosagem da castidade, podem exigir um tempo considerável para que seja alcançado o equilíbrio, visto que todo salto repentino leva a outro recuo. Podemos observar essa dificuldade na Rússia Soviética. Na velha Rússia havia muita restrição convencional e por baixo dela muita licença escondida, cada uma tendendo a provocar a reação que lhe correspondia. O efeito imediato da liberação efetivada pela Revolução foi francamente em direção à licença. De um certo modo isso parece que ainda se faz sentir, principalmente por parte daqueles que consideram as restrições e a regulamentação como traços burgueses. Mas a principal tendência agora é uma reação contra o desregramento. Membros do Partido Comunista são expulsos por seu comportamento sexual particular, da mesma maneira que por mau comportamento político. A situação lembra a do século XVIII na Genebra Calvinista, porque o Marxismo russo é tão rígido e austero como o Calvinismo. “Frivolidade, promiscuidade, libertinagem, violência carnal (que pode abranger vários casamentos em rápida sequência)”, dizem-nos, “são repelidos e seus autores expulsos do Partido porque tal

comportamento trai os objetivos sociais do Partido”.

Estas oscilações constituem o exagero mais ou menos infeliz de uma virtude que ainda deve ser acalentada. Ela é exigida não somente em benefício da manutenção da vigorosa atividade da função sexual, mas também para manter a dignidade humana desta. Além disso, ela é essencial à graciosidade de toda arte de amor, que é como foi encarada “a arte de tocar as coisas do sexo com mãos que lembram a aptidão delas para todos os fins requintados da vida”.

BIBLIOGRAFIA

A.E. CRAWLEY, art. “Chastity”, “Hastings” *Encyclopaedia of Religion and Ethics*.

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex*, Vol. VI, Capítulo V, “The Function of Chastity”.

MARGARET MEAD, *Growing Up in New Guinea*.

MALINOWSKI, *Sex and Repression in Savage Society*.

A Menopausa

A menopausa não pode deixar de ser uma época psicológica no casamento, muito embora sua importância fosse exagerada antigamente. Nos dias de hoje o pêndulo se inclinou para o extremo oposto. Várias médicas declaram agora que a atribuição de males ao climatério é simplesmente uma “obsessão”, e que elas raramente encontram quaisquer sintomas ligados diretamente a esta causa.

Contudo temos aí um fenômeno que não pode deixar de ter importância psicológica para a própria mulher e um reflexo indireto em sua família e em sua vida social. Ela marca o fim da fase reprodutiva da mulher, assim como a puberdade marcou seu início.

A menopausa¹⁶, climatério ou “mudança de vida”, como é alternativamente chamado, é o período involutivo do sistema sexual reprodutor, e ocorre entre largos limites de idade, — trinta e cinco a cinquenta e cinco, porém mais comumente entre quarenta e cinco e cinquenta anos, e se completa em dois ou três anos. Ela é acompanhada de mudanças na atividade funcional das glândulas endócrinas, e também no sistema nervoso autônomo, com sintomas consequentes emocionais, vasomotores e nervosos, dos quais as palpitações e o rubor são considerados particularmente desagradáveis e devidos não tanto à pressão sanguínea aumentada, como às oscilações daquela pressão. Não nos cabe aqui examinar as possíveis causas iniciais dessas mudanças. Marañón há muito tempo defendeu uma teoria pluriglandular da

¹⁶ Faz-se às vezes distinção entre menopausa e climatério, sendo a primeira a época em que cessa a menstruação e o segundo, o período de cessação da ovulação.

menopausa, baseada fundamentalmente nos ovários, na tireoide e nas suprarrenais, e secundariamente na hipófise. FitzGibbon a considera como uma atrofia aparentemente espontânea dos órgãos genitais capaz de produzir toxinas, daí um cortejo de sintomas tais como rubor etc., que poderão ser eliminados em casos graves pela ablação do útero; mas como o rubor e sintomas semelhantes podem ocorrer em grau acentuado após a retirada do útero, por motivo de doença, em uma época anterior, esse ponto de vista parece no mínimo duvidoso.

Embora sejam quase invariáveis, nesse período, leves distúrbios emocionais e físicos, muitas mulheres, mesmo as de condições nervosas instáveis, atravessam esse estágio de transição sem perturbações graves, embora algumas estejam sujeitas a um certo grau de depressão física ou mental.

Do lado psíquico, é inevitável que a “mudança de vida”, a consciência do fato, — que talvez ela tenha tentado adiar —, de que ela não é mais jovem, deve fazer uma profunda impressão na mulher. Ademais, o fim da vida reprodutiva surge como o fim de toda a vida sexual, embora de modo nenhum seja este realmente o caso. A mulher desperta sobressaltada com o fato de que, aquilo que parece o principal período da vida, está fugindo dela rapidamente. Há assim, às vezes, um aumento súbito da atividade sexual, com uma tendência desusada e ocasional a se sentir atraída por um jovem e fazer propostas a ele. Nas mulheres solteiras que tiveram uma vida respeitável e convencional, surgem eventualmente as mesmas tendências e estão mais sujeitas a serem acompanhadas de sinais de perturbação mental. Todas essas manifestações são conhecidas familiarmente e sua frequência muitas vezes exagerada.

No entanto, temos de reconhecer que o período da menopausa pode caracterizar-se às vezes por tais distúrbios na vida psíquica sexual, principalmente a exacerbação do desejo, — clarão final da chama geradora —, acompanhada talvez de vários caprichos e suspeitas e, eventualmente, por desvios reais do impulso sexual. Nas mulheres casadas, as conseqüências são muitas vezes agravadas pelo fato de que o marido está começando nessa ocasião a perder o vigor sexual e sua afeição pela esposa entrou em uma fase de afeição platônica tornando difícil para ele corresponder ao ardor nela renovado, que tende assim a seguir outras direções e tomar talvez a forma de ciúme. Pelo que do lado psíquico pode desenvolver-se uma série de sinais desagradáveis, assim como perturbações dolorosas no campo físico. Mas de ambos os lados, quando eles se tornam realmente graves, são devidos não diretamente à menopausa, mas à liberação, nesse período, de tendências já latentes no organismo.

É importante tornar claro que, não somente tais sintomas não são essencialmente inerentes à própria menopausa, mas que essa época da vida traz consigo muitas vantagens compensadoras. “Em um incontável número de mulheres”, como observa W. J. Fielding, “o climatério tem sido o início de um período áureo de realização. E não há nenhum motivo pelo qual mulheres normalmente constituídas devam perder seus encantos sexuais nesse momento. Na realidade, muitas mulheres são mais atraentes aos cinquenta anos do que o eram aos vinte e cinco. E se a personalidade delas se desenvolveu e enriqueceu com o decorrer dos anos, elas poderão ser mais atraentes aos

sessenta do que o eram aos trinta”.

Hofstätter observa que se tornam visíveis não somente características físicas masculinas, mas também o que ele chama “uma surpreendente aproximação dos hábitos e maneiras de pensar masculinos: clareza, objetividade, uma intuição para concepções de justiça abstrata, tolerância, tino para negócios, aptidões gerais sociais e políticas”. Embora reconhecendo isso como possíveis consequências psíquicas do período pós-menstrual, não é necessário chamá-las masculinas. São aptidões não sexuais, de modo nenhum tão comuns no sexo masculino como alguns poderiam desejar. Em relação a muitos casais, no entanto, pode dizer-se que somente depois da menopausa da esposa é que o casamento se realiza finalmente em seu sentido total como uma amizade feliz e harmoniosa, muito embora pareça às vezes lembrar a de irmão e irmã. Não há dúvida sobre o aumento da atividade intelectual das mulheres nessa idade e as carreiras ativas de muitas mulheres eminentes somente começaram após o transcurso do período sexual reprodutivo. Há, na verdade, algumas mulheres que nesses períodos utilizam o aumento de sua atividade procurando interferir nas atividades de seus filhos adolescentes, principalmente dominar suas filhas, se solteiras e ainda pertencentes ao círculo doméstico. Muitas vidas feneceram assim e é necessária aí uma rebelião bondosa mas firme, porque se é necessário algum sofrimento, — embora não devesse sê-lo —, é melhor que sofram os velhos e não os jovens. Mas a mulher sadiamente cultivada, embora muitas vezes devotada a seus netos, emprega suas energias maternais liberadas no mundo social mais amplo, que oferece um campo infinito para suas atividades.

Uma questão debatida é até que ponto pode dizer-se que haja um período nos homens, correspondente à menopausa. Se assim for, será sem dúvida de modo vago, como na verdade o indica suficientemente o fato de que a função segregadora do esperma não tem necessariamente um limite final e pode continuar até uma idade avançada, até, como em caso assinalado, a idade de 103 anos. Há contudo ocasiões na vida de um homem em que o reconhecimento de uma súbita mudança de direção torna-se consciente, com um efeito perturbador. Desde que Kurt Mendel chamou atenção sobre o assunto, tal fenômeno, correspondente à menopausa na mulher, tem sido amplamente reconhecido, embora Krafft-Ebing e outros o hajam negado. Porém, mesmo em épocas antigas foi admitido um “grande climatério”, situado na idade de sessenta e três anos. Contudo, não podemos falar rigorosamente de uma “menopausa masculina”. A esse respeito Marañon prefere o termo “idade crítica”, querendo significar com isso um estágio da evolução orgânica, tendo predominantemente em seu centro a extinção ou a diminuição da vida genital ativa, embora não seja este o eixo sobre o qual ela gire. A base biológica é a decadência genital com mudança das reações neuroendócrinas. Kenneth Walker colocava a idade dessa mudança entre 55 e 60 anos, Max Thorek em 7 a 10 anos mais tarde do que nas mulheres, Rankin entre 57 e 63, Max Marcuse entre 45 e 55, e mesmo aos 40 anos. Eu diria que em muitos casos tal período ocorre até perto de 38 anos. O homem compreende repentinamente que o período e expansão do vigor alcançou seu limite, e que há mesmo uma relativa deficiência de vigor, manifestando-se isso também na esfera sexual, e, por uma súbita mudança de sentimento, ele pode

começar a perceber que não é mais um homem jovem e sim um homem velho. Tal sentimento, com o avanço da idade, pode implicar não somente a possibilidade de uma erupção da atividade sexual, mas também o desenvolvimento de um certo egoísmo e insensibilidade que facilita suas manifestações. Isto em resumo é benéfico, porque protege a velhice enfraquecida dos riscos das emoções fortes, mas é sujeito a contravenções das quais as mais perigosas ocorrerão se houver um surto de atividade na esfera sexual. Em casos anormais poderá haver exibicionismo, a atração sexual para meninas, ou às vezes, tomando um aspecto homossexual (“homossexualidade retardada”), para meninos. O eminente romancista alemão Thomas Mann tratou em *Der Tod in Venedig*, desse tema, que ele próprio afirmava ser um exemplo do climatério patológico do homem. Hirschfeld acredita que este fenômeno seja particularmente acentuado em homens solteiros e viúvos, e Max Marcuse, em homens sexualmente deficientes.

Diz-se que os aspectos psíquicos mais importantes desse climatério masculino compreendem aquela perda de agressividade e audácia jovens, e a tendência ao conservadorismo social e político, que em toda parte é considerada como característica da velhice, embora haja notáveis exceções a essa tendência.

Em resumo, considerando que a vida reprodutiva é nos homens de intensidade tão menor do que nas mulheres, o climatério masculino é um período um tanto impreciso e relativamente sem importância. Ele pode levar ainda a um menor número de características psíquicas de natureza desagradável, — irritabilidade, mesquinhez, avareza etc. —, correspondentes a indícios encontrados em mulheres no mesmo período. Pode também conduzir a uma perspectiva mais ampla e mais calma da vida, sendo contudo as mudanças correspondentes mais íntimas, mais internas, por causa da atividade normalmente maior dos homens no exterior, do que nas mulheres. Poderá haver, como Rankin observou, “uma nova fase da vida”, muito embora em um plano de atividades reduzidas, ambições modificadas e uma filosofia ponderada.

BIBLIOGRAFIA

F.H.A. MARSHALL, *The Physiology of Reproduction*.

G. MARANON, *The Climacteric*.

KENNETH WALKER, “*The Accident of the Male Climacteric*”, *British Medical Journal*, 9 de janeiro de 1932.

MAX THOREK, *The Human Testis*.

W.J. FIELDING, *Sex and the Love-Life*.

W. GALLICHAN, *The Critical Age of Women*.

VII - A ARTE DO AMOR

O Impulso Sexual em Relação ao Amor

HÁ MUITAS maneiras de encarar “casamento”. Sob uma forma elementar simples e abstrata ele pode ser definido como uma “coabitação legalizada”. Nas condições da civilização ele se torna uma parte complexa dos *mores* ou costumes morais (sendo a moralidade essencialmente costume) de um país, e é então um contrato e, como Max Christian observa “não somente um contrato para estabelecer e manter uma ligação sexual, mas também uma verdadeira comunhão de vida em bases econômicas e psíquicas e obrigações morais (isto é, sociais)”. No entanto, e de maneira mais estreita, é a associação por livre escolha de duas pessoas que se adaptam mutuamente, com o fim de encontrar um campo livre para a exercitação de todas as manifestações variadas do amor.

Por um eufemismo comum, a palavra “amor” é usada para significar qualquer manifestação do impulso sexual. Não é preciso dizer que isto é incorreto. Devemos distinguir entre *sensualidade*, que é o impulso sexual fisiológico, e *amor*, ou seja, aquele impulso associado a outros impulsos.

Não há uma uniformidade verbal quanto à melhor definição da diferença entre amor e sensualidade. Pode-se dizer, na verdade, que muitas das definições apresentadas podem ser aceitas como expressão de uma parte da diferença. O amor pode ser considerado, falando-se em termos gerais, como a síntese da sensualidade e da amizade, ou, encarando o assunto fisiologicamente, podemos dizer, como Forel, que o amor é o instinto sexual manifestado através dos centros cerebrais. Ou, como Kant, poderemos dizer que o amor é o impulso sexual libertado de sua sujeição à periodicidade e tornado permanente com o auxílio da imaginação. Pfister, após dedicar um longo capítulo a várias definições de amor, concluiu que a melhor maneira de defini-lo é considerá-lo como “um sentimento de atração e uma sensação de rendição própria, surgindo de uma necessidade, e dirigido para um objeto que dá uma esperança de recompensa”. É uma definição inadequada, e assim o são a maioria dessas definições.

Embora o amor se tome aparentemente, em sua forma mais desenvolvida, um impulso aparentemente altruístico, ele surge de um impulso egoísta e mesmo quando ele implica sacrifício próprio ainda há uma satisfação egoísta. Freud, entre outros, insistiu em suas *Introductory Lectures* nessa origem egoística (afirmando mesmo em outra ocasião, mais ou menos na mesma época, que “o amor é originariamente narcisista”) embora reconhecendo que posteriormente o amor se desliga de sua origem. Abstraindo-se o elemento especificamente sexual, a mãe, como Freud e outros afirmam,

é o primeiro objeto real *de amor* para a criança, embora mais tarde, nos indivíduos que não são neuróticos, este primeiro objeto de amor passe para segundo plano, com a predominância naturalmente crescente de outros objetos de amor.

Ao evoluir para o amor, o impulso sexual, que de início é predominantemente egoístico, torna-se também conscientemente altruístico. Há, sob condições normais e naturais, elementos altruísticos desde o início de seu desenvolvimento sexual. Sem levar em consideração o outro parceiro, mesmo nos animais, o jogo amoroso falha e o coito não pode realizar-se. Mas com o desenvolvimento do amor, este elemento altruístico torna-se consciente e extremamente desenvolvido, pode levar mesmo à completa subordinação do elemento egoístico.

Pode-se dizer que este processo pelo qual o amor se desenvolve é duplo. Em parte ele é devido à irradiação do instinto sexual através de todo o organismo, atingindo circuitos nervosos mais longos e infiltrando regiões que estão fora da esfera sexual na medida em que o impulso sexual atinja seus fins rapidamente e sem impedimento. Em parte, é devido à fusão com outros elementos psíquicos de caráter mais ou menos semelhantes.

Em um estágio posterior ao desenvolvimento sexual completo o amor é reforçado por emoções correlatas derivadas das relações entre os pais e a prole. O amor sexual da mulher mistura-se em consequência com a ternura e a paciência que foram provocadas por seus filhos, e o do homem com os elementos de guarda e proteção, correspondentes às relações paternas. O amor sexual torna-se assim, no casamento, parte da estrutura da sociedade, enquanto em algumas de suas manifestações mais elevadas pode relacionar-se com os impulsos da religião e os impulsos da arte. Nesta as mulheres parecem muitas vezes tornar-se pioneiras. Letourneau assinalou que em muitas partes do mundo as mulheres desempenham papel saliente na criação da poesia erótica, e parecem mesmo ter monopolizado às vezes as emoções do amor. Com relação a isto, pode mencionar-se que entre povos primitivos o suicídio por motivos eróticos parece ocorrer principalmente em mulheres.

Devemos lembrar contudo que a evolução do amor a partir da sensualidade avançou apenas um pouco em muitas raças humanas inferiores e é mesmo rudimentar em um grande número de pessoas no seio da civilização. Enquanto a “sensualidade” é conhecida no mundo inteiro e há em toda parte palavras para designá-la, “amor” não é universalmente conhecido, e em muitas línguas não há palavras para “amor”. As dificuldades para encontrar o amor são muitas vezes notáveis e inesperadas. Podemos também encontrá-lo onde menos o esperamos. O desejo sexual tornou-se “idealizado” mesmo em alguns animais, principalmente pássaros, porque quando um pássaro definha até morrer pela perda de sua companheira, isto não pode ser devido ao instinto do sexo, que é simples, mas deve implicar a interpretação daquele instinto com os outros elementos da vida em uma proporção que é rara mesmo entre os homens mais civilizados. Algumas raças selvagens parecem não ter noção fundamental do amor, e (como os *nahuas* americanos) não têm palavra própria para ele. Por outro lado no *quíchua*, língua dos antigos peruanos, há quase seiscentas combinações do verbo *munai*,

amar.

Ao fazer esta afirmação, Brinton observou que as palavras correspondentes a amor em algumas línguas indígenas americanas indicam quatro maneiras principais de exprimir a ideia: (1) gritos de emoção inarticulados; (2) asserções de semelhança ou similaridade; (3) asserções de conjunção ou união; (4) asserções de vontade, desejo, anseio. Brinton acrescenta que “esses mesmos conceitos são os que se subentendem na maioria das palavras de amor na grande família das línguas arianas”. Destaca-se contudo o fato notável de que os povos de língua ariana mostraram-se lentos no desenvolvimento de sua concepção de amor sexual, enquanto os maias americanos, adiantando-se aos povos da primitiva cultura ariana, possuíam um radical para a alegria do amor que em sua significação era puramente psíquico.

Os próprios gregos demoraram a conceber um ideal que fosse de amor sexual. O verdadeiro amor para os gregos era quase sempre homossexual. Os poetas líricos jônios da primitiva Grécia consideravam a mulher apenas como um instrumento de prazer e a fundadora da família. Teognis compara o casamento à criação de gado. Alcman, quando deseja ser gentil para com as moças espartanas, fala delas como seus “companheiros femininos”. Ésquilo faz mesmo um pai admitir que suas filhas se portariam mal se entregues a si mesmas. Em Sófocles não há amor sexual e em Eurípedes somente as mulheres é que se apaixonam. Na Grécia, o amor sexual até um período relativamente avançado, era olhado com desprezo e considerado indigno de discussão e representação públicas. Foi na Magna Grécia, mais do que na própria Grécia, que os homens se interessaram pelas mulheres, e só no período de Alexandre, e principalmente com Asclepiades, como Benecke afirmava, é que o amor das mulheres foi considerado como assunto de vida e morte. Depois disso, a concepção do amor sexual em seus aspectos românticos aparece na vida europeia. Com a história céltica de Tristão, e como Gaston Paris observa, ele aparece finalmente no mundo poético da Europa cristã como ponto fundamental na vida humana, uma grande força motivadora do comportamento. Mas essas concepções românticas ainda não penetravam nas massas europeias, que continuavam a considerar o “amor” como um ato sexual grosseiro.

Contudo, quando o amor se desenvolve de maneira completa ele se transforma em uma emoção extraordinariamente ampliada, extremamente complexa. Herbert Spencer, em uma interessante passagem de seus *Princípios de Psicologia (Principles of Psychology)*, decompôs o amor em nove elementos distintos e importantes: (1) o impulso físico do sexo; (2) o sentimento de beleza; (3) afeição; (4) admiração e respeito; (5) amor de assentimento; (6) autoestima; (7) sentimento de proprietário; (8) ampla liberdade de ação pela ausência de barreiras pessoais; (9) exaltação das afinidades. “Esta paixão,” conclui ele, “funde em um imenso agregado a maioria das sensações elementares das quais somos capazes”. Mesmo essa análise minuciosa omite o elemento de amor, já mencionado, baseado no impulso paterno-maternal, no entanto este é um elemento importante; quando na união conjugal o elemento especificamente sexual caiu em segundo plano, o caráter emocional do amor do marido por sua esposa, e mais ainda o da esposa por seu marido, torna-se facilmente o do amor por uma criança. Toda

análise do amor serve para mostrar, como Crawls assinalou, que “o amor é tão difícil de definir como a própria vida, e provavelmente pelas mesmas razões. Em todas as suas formas, o amor desempenha um papel na sociedade apenas menos importante do que o instinto de viver. Ele reúne os elementos básicos da família, mantém a família coesa e une em um certo sentimento de solidariedade os membros de uma raça ou de um povo.”

Um exame do amor, mesmo tão breve, pode servir para indicar que é leviano, mesmo para o pensador mais superficial, imaginar que estamos tratando aqui de uma ilusão romântica que pode ser posta de lado, ou, como alguns pseudo-analistas gostariam de imaginar, uma simples transformação do ódio. É verdade que, como Ibsen disse, “nenhuma palavra é tão cheia de falsidade e mistificação como a palavra “amor” se transformou atualmente. No entanto, aquilo que o amor representa permanece, e a extensão no abuso da palavra “amor” é a medida de seus preciosos valores, porque somente o ouro e os diamantes e as coisas mais preciosas é que se prestam ao abuso da imitação em pintura e vidro, em adulterações baratas e toda a espécie de sucedâneos. Não pode haver o *eu* próprio sem outros e o anseio por outros, e nós não podemos desprezar os outros e as emoções que os outros despertam, sem primeiro desprezar o próprio eu. Pelo que, rigorosamente falando, o amor faz parte da vida, e se o amor é uma ilusão, então a própria vida é uma ilusão.

Quando, na verdade, consideramos ainda, como o amor é ligado à raça assim como ao indivíduo, e com objetivos não somente naturais mas também os que chamamos espirituais, ele parece, como Boyce Gibson observa, “o grande agente transformador e envolvente, a virtude fundamental de toda a vida.” Pelo que, como se disse, “O amor é a suprema virtude,” e “A virtude é amor,” ou como o primeiro apóstolo cristão procurou expressá-lo, “Deus é amor.”

BIBLIOGRAFIA

WESTERMACK, *History of Human Marriage; ib The Origin and Development of the Moral Ideas.*

HAVELOCK ELLIS, *Studies in the Psychology of Sex, Vol. VI, “Sex in Relation to Society”, e Little Essays of Love and Virtue.*

EDWARD CARPENTER, *Love’s Coming of Age.*

ELLEN KEY, *Love and Marriage.*

BOYCE GIBSON AND A.E. CRAWLEY, artigos “Love” e “Primitive Love”, na *Encyclopoedia of Religion and Ethics.*

FREUD, *Introductory Lectures in Psycho-Analysis.*

OSKAR PFISTER, *Love in Children and Its Aberrations.*

Por que o Amor é uma Arte

O amor tem sido definido (como o foi por Boyce Gibson) como um “sentimento” e uma “paixão”, variando isto com o ponto de vista. Em qualquer dos casos, é uma organização estável e complexa da vida emocional, mas quando considerado como um sentimento é mais espiritual, mais sutil e mais emotivo, e quando considerado como uma paixão é um complexo emocional de natureza eminentemente imperiosa, sendo definido por A.F. Shand como um “conjunto organizado de emoções e desejos”, isto é, mais do que apenas um conjunto de emoções. Contudo, em toda paixão tende a surgir um sistema de autocontrole, — qualquer que seja o mecanismo pelo qual julgemos que ele funcione —, pelo qual sua intensidade é regulada de maneira mais ou menos efetiva. Por motivo de seu caráter sistemático e seu princípio unificador, é possível considerar a paixão de amor como “estável, reguladora, envolvente e de uma racionalidade profundamente instintiva”. Mas, para seu desenvolvimento normal, — e neste ponto divisamos aqui o caminho que nos interessa precipuamente —, a condição essencial (como Boyce Gibson também afirma) é a *alegria em seu objetivo*, muito embora essa condição de prazer implique inevitavelmente o sofrimento e a possibilidade de tristeza, agindo essas emoções realmente em cooperação e com interpenetração. A tristeza concorre assim com a alegria para fortalecer a paixão amorosa. Através desta complexidade e integração é que o amor pode tornar-se, em um sentido supremo e singular, a paixão fundamental.

Na verdade, mesmo nesse ponto, ainda não alcançamos a completa significação do amor em seu sentido amplo. A “paixão fundamental” pode ainda ser simplesmente um egoísmo aumentado, um *egoisme à deux*, e, por isso, embora justificável, ainda não muito mais engrandecedor e enobrecedor do que o simples egoísmo. O amor assim compreendido poderá ser uma fonte geradora de energia, mas se os dois parceiros que a geram a consomem entre si mesmos, a energia em grande parte se desperdiça. O amor é uma das coisas sublimes que fazem a vida valer a pena, mas, como Bertrand Russel bem assinala, o amor de duas pessoas uma pela outra é demasiado circunscrito para ser em si mesmo o principal objetivo de uma vida satisfatória. Deve haver objetivos que se estendam além do casal em si para o grande mundo exterior e para o futuro, objetivos que, talvez, nunca possam ser atingidos, mas estão sempre crescendo: “Somente quando o amor é ligado a algum objetivo infinito desta espécie é que ele pode ter a seriedade e a profundidade de que é capaz”.

Persiste aí uma condição primária do amor a qual, nós sabemos, os moralistas reconhecem, embora com certo *menosprezo* pelas minúcias: a *alegria em seu objetivo*. É aí que chegamos ao amor como arte.

Houve uma época, e não faz tanto tempo assim, em que a concepção do amor como arte não achava guarida, fosse em manuais de psicologia, fosse de moral. Isto era deixado aos poetas, que estavam perfeitamente satisfeitos em que ele fosse considerado um assunto um tanto irregular. Foi assim quando Ovídio escreveu tratados poéticos sobre a Arte do Amor que foram famosos, e às vezes mal afamados durante mais de

quinze séculos, e ainda foi assim no mundo cristão. Não era próprio, respeitável, ou moral encarar o amor sexual, fosse socialmente, fosse na literatura, a não ser como um dever. Diz-se às vezes, em relação aos tempos modernos, que os primeiros passos da arte do amor foram descobertos na França, no século XII, mas continuou como uma arte um tanto ilegítima.

Hoje a situação é diferente. Considerar o amor como uma arte é comumente justificado, e os próprios moralistas não ficam atrás em defender essa justificação. Eles reconhecem que apenas o dever não é mais uma motivação adequada para a fidelidade no casamento, e que ampliar a base do amor, multiplicar os motivos que tornam atraente a mútua afeição, convertendo o amor em arte, é aprofundar os alicerces da união conjugal e fortalecer sua moralidade. A moralidade não nos interessa aqui de modo direto, mas temos o direito de aceder a seus reclamos.

As tentativas para reconhecer esta arte datam de uma época um pouco recuada na civilização moderna. Ambroise Paré, grande pioneiro na cirurgia, aconselhava uma dose apreciável de folguedo amoroso como preliminar conveniente para o coito. Mais recentemente, Fürbringer, em seu tratado sobre higiene sexual no casamento, opinava que o médico deve estar preparado para expor a seu cliente a técnica das relações conjugais. Voltando à França, a terra com a qual a arte do amor parece estar ligada de início de modo especial, foi em 1859 que o Dr. Jules Guyot escreveu seu *Bréviaire de l'Amour Expérimental*, que apresentava de maneira admirável os pontos principais da arte do amor, e foi muito mais tarde (1931) traduzido em parte para o inglês sob o título de *Um Ritual para os Amantes Casados (A Ritual for Married Lovers)*.

Neste ponto, voltamos às características do impulso sexual nas mulheres, e àquela frieza sexual que tem sido considerada comumente tão frequente nas mulheres. Porque foi pelo reconhecimento dessas características que a arte do amor foi estimulada, e que se tornou evidente o fato elementar de que em todo o reino animal o jogo amoroso tende a ser uma arte.

Passou-se a reconhecer que a frigidez sexual traz a infelicidade doméstica, sofrimento à esposa e decepção para o marido, que é tentado a procurar ligações mais agradáveis em outros lugares. Em tais casos, ou há pouco desejo pela união sexual, ou um prazer insuficiente na união, e comumente ambas as coisas, e qualquer delas pode exigir o emprego da arte do amor.

No jogo biológico do sexo, a fêmea normalmente desempenha o papel mais passivo, e nas mulheres civilizadas esta passividade relativa é reforçada não somente pela Natureza, como também por nossas convenções. É verdade que a doutrina tanto da atividade sexual do macho, como da passividade sexual da fêmea precisa ser especificada. Ela é fundamental e constitui, como demasiadas vezes se esquece, a base profunda para diferenças psicológicas de longo alcance entre homens e mulheres. Como Douglas Bryan assinala, a tensão sexual nos dois sexos, sendo oposta e complementar, não pode deixar de conduzir a sensações diferentes em cada sexo: a excitabilidade do pênis gerando impulsos de impetuosidade, de atividade, de domínio etc. e a

excitabilidade da vagina, impulsos de receptividade, de submissão passiva etc. Isto é, temos aí a essência do que chamamos “masculinidade” e a essência do que chamamos “feminilidade”. Mas, como Douglas Bryan também assinala, antes de ser alcançado esse estágio, na fase preliminar do jogo amoroso, os papéis de certo modo estão invertidos : o macho pode ser de certo modo submisso e a fêmea de certo modo ativa. Os centros sexuais são mais numerosos e mais difusos nas mulheres, pelo que o impulso se espalha mais facilmente e é satisfeito em vias remotas e inconscientes, enquanto, ao mesmo tempo, as velhas tradições ensinaram as mulheres a reprimir as manifestações do impulso sexual como repugnantes ou pecaminosas. Acontece assim que, mais do que nos homens, o impulso sexual na mulher tende a processar-se abaixo da superfície, a procurar uma saída em caminhos remotos e muitas vezes inconscientes, sendo este na verdade o grande fato que Freud apreendeu. Mas, não obstante as características especiais do impulso sexual nas mulheres, não há motivo satisfatório para suspeitar de frigidez em mulheres que vivem em condições razoavelmente naturais. Mesmo entre os pobres da civilização (sem contar uma certa percentagem de empregadas domésticas que ainda vivem às vezes, como animais domésticos, em condições artificiais) não há, como se diz, “moças velhas”, e isto sugere, sem realmente provar, que não há falta de impulso sexual. Mas a mulher civilizada, sob as influências combinadas da Natureza, da arte, das convenções, da moralidade e da religião, tende muitas vezes a chegar às mãos do marido, geralmente em uma idade adulta um tanto tardia, em condições de inaptidão para o ato sexual, o que, se faltar ao noivo habilidade ou ponderação, pode causar-lhe sofrimento ou repugnância, ou simplesmente deixá-la indiferente.

Não há dúvida de que há várias particularidades da própria mulher que nesta circunstância podem necessitar uma atenção imediata. As práticas auto eróticas e homossexuais têm com frequência tornado difícil ou repulsivo o ato sexual normal. Os órgãos sexuais poderão estar em condições anormais, talvez agravadas pela negligência. Às vezes há uma tendência para o vaginismo. Em tais casos, é necessária a assistência do cirurgião e pode acontecer que com sua ajuda as sensações sexuais normais se estabeleçam rápida e satisfatoriamente e seja possível a produção do orgasmo. Mas a tarefa principal na cura da anestesia sexual em uma mulher, geralmente deve caber ao marido. De modo nenhum ele está sempre preparado para esse tratamento. Teme-se que ainda haja muita verdade no dito de Balzac de que, neste assunto, o marido muitas vezes é como um orangotango com um violino. O violino permanece “anestesiado”, mas provavelmente não é por sua culpa. Isto de maneira nenhuma significa que os maridos, consciente ou intencionalmente, sejam brutais. Sem dúvida, muita ação brutal pode ser exercida por um marido por mera ignorância, por senso de dever conjugal. Mas à imperícia muitas vezes se associa um desejo sincero de ser atencioso. O aspecto lamentável é que, na verdade, o marido desajeitado é, em uma grande percentagem de casos, desajeitado simplesmente porque é virtuoso, é de espírito elevado, procurou levar uma vida de castidade antes do casamento, e nunca aprendeu a conhecer a natureza e as necessidades das mulheres. É verdade que os casamentos mais felizes, casamentos de dedicação por toda a vida de ambas as partes, foram muitas vezes contraídos por dois jovens que nunca conheceram ninguém a não ser a si mesmos. Mas esta inocência é uma

espada de dois gumes, e em muitos casos é do outro lado que ela corta. Então o homem que viveu fielmente segundo as regras da moralidade nas quais foi criado, pode verificar que assim arruinou sua própria felicidade doméstica e a de sua esposa. Deve acrescentar-se que o homem cujas experiências matrimoniais restringiram-se a prostitutas, muitas vezes não está absolutamente mais bem equipado, e tanto a cruzeza impensada, como uma exagerada consideração pela “pureza” de sua esposa, podem mostrar-se igualmente desastrosas.

É preciso reconhecer que a tarefa do marido é muitas vezes difícil. A dificuldade é aumentada pela idade tardia com a qual, na civilização, a mulher toma o estado de casada, após um longo período de anos durante os quais ela presumivelmente levou uma vida de castidade. Durante esses longos anos houve, como sabemos, uma constante produção de energia sexual que deve ser consumida em alguma via ou outra. A mulher adquiriu hábitos e entregou-se a rotinas. Todo o seu sistema nervoso foi moldado e enrijecido. Mesmo do lado físico do sexo, os órgãos não estão, absolutamente, sempre prontos a reagir normalmente ao exercício de suas funções naturais. As dificuldades do primeiro parto, quando tardio, estão em paralelo com as da iniciação tardia do coito. É um erro supor que o início da adolescência é uma fase desfavorável para o coito e implica uma espécie de violação. Ao contrário, todos os indícios tendem a indicar que a jovem adolescente está mais apta para o início do coito do que a mulher adulta. As razões para o retardamento do início do coito não se baseiam nos fatos da natureza, mas em nossas tradições civilizadas. É verdade que a natureza, no decorrer da evolução zoológica, objetivou a demora da maturidade, mas esse fim é efetivado tornando tardia a puberdade, e na espécie humana a puberdade é muito tardia. As exigências da civilização tornam conveniente que adieemos as relações entre os sexos para um período ainda mais tardio, mas ao fazer isso é inevitável que acumulemos para nós mesmos muitos problemas que somente a arte pode reparar.

É assim, sem dúvida, verdadeiro que não podemos regular a vida sexual do homem sem considerar a da mulher. Porém, é ainda mais enfaticamente verdadeiro que, se quisermos compreender a vida psicológica da mulher sob o aspecto do sexo, devemos vigiar cuidadosamente o homem.

Há vários motivos pelos quais é essencial compreender que a vida sexual da mulher é em grande parte condicionada pela vida sexual do homem. Já fizemos referência a eles, mas precisamos recordá-los quando tratamos da importância da arte do amor na psicologia do sexo. Em primeiro lugar, embora tenha sido afirmado, — e mesmo com uma dose de verdade —, que nesse assunto a mulher domina e que o homem é simplesmente um brinquedo em suas mãos, esse não é o fato fundamental. Afinal, em toda a escala zoológica a que nós e a maioria dos outros pertencemos, o macho, no sexo, é o agente mais ativo, a fêmea o mais passivo. Anatomicamente, se não fisiologicamente, o macho é o doador, a fêmea o receptor. A relação psicológica não pode deixar de ser, essencialmente, um reflexo desse fato, muito embora, sob várias circunstâncias, possa haver uma variação disso sem perturbar a norma geral da natureza.

Em segundo lugar, independente das relações animais naturais, todas as tradições

do nosso passado histórico conhecido baseiam-se na ascendência do homem na instituição da ligação sexual, e a presunção de que o papel principal, se não o único, que toca à mulher na vida sexual é o de gerar filhos, constituindo qualquer papel erótico exercido por ela, um jogo acessório mais ou menos ilegítimo. Nossas instituições sociais desenvolveram-se e estabeleceram-se sobre esta primazia masculina e esta presunção comumente aceita: casamento, a chefia legal do marido com a irresponsabilidade legal da esposa, e fora do casamento, o reconhecimento da prostituição tendo em vista apenas as necessidades presumíveis do homem e não as da mulher. Sabemos que em todos estes assuntos tanto a opinião social como a lei estão mudando, mas instituições antigas, e mais ainda os sentimentos e opiniões nelas enraizados, somente podem mudar vagarosamente, e mesmo em um estado de transição, e ainda somos profundamente influenciados pelo passado.

Há uma outra consideração importante, originada das que vêm antes, embora pertencendo mais intimamente à esfera psicológica feminina. O recato, — tanto o que pode ser chamado recato natural, que é mais ou menos compartilhado com os animais inferiores, e o recato artificial, que depende do costume social e é facilmente modificável —, é uma característica principalmente feminina. Aqui não é o lugar para mostrar que é assim, ou para tratar das numerosas restrições que devam ser feitas ao conceito. De um modo geral ele não é duvidoso, e está intimamente relacionado com o papel mais passivo desempenhado geralmente pela fêmea na natureza, e reforçado pelas nossas tradições sociais (mas pode ver-se claramente como o recato é modificável pelo crescente número de grupos instituídos para a prática do que se chama “nudismo”, pela qual homem e mulher completamente despidos têm possibilidade de reunir-se socialmente sem nenhum constrangimento). As modificações que se estão realizando em nossas tradições ainda não produziram quaisquer resultados acentuados. Elas, na verdade, tenderam a produzir nas mulheres uma discordância entre os elementos de consciência manifestos e latentes. A mulher é livre para saber o que ela sente e deseja de maneira latente, mas geralmente ainda não está livre para manifestar estes sentimentos e desejos. O resultado é que temos hoje um conjunto muito maior de mulheres que sabem perfeitamente o que querem, mas sabem também perfeitamente que tornar isto claro causaria mal-entendidos, senão repulsa, nos próprios homens que necessitam desse conhecimento. Assim sempre voltamos aos homens.

Mesmo estas considerações podem ser suficientes para indicar que estamos na presença de dois ideais diferentes e às vezes conflitantes relativos à esfera sexual das mulheres. Há um, muito antigo em nossa civilização, segundo o qual a maternidade é o fato fundamental da vida sexual das mulheres, um fato que não podemos contestar, enquanto, fora daquele fato, a esfera sexual é considerada principalmente como de interesse masculino. Não tendo a mulher impulsos sexuais (se é que tem quaisquer impulsos) que não tendam para a maternidade, é assim, por natureza, monógama, enquanto o homem, não estando preso ao lar e ao filho, mas com um campo maior de variação psíquica, é por natureza polígamo. Pelo que, enquanto o problema sexual para as mulheres é simples e evidente, para o homem é mais complexo. Pode-se dizer quase com certeza que essa é a teoria que foi considerada como natural e correta, desde os

tempos clássicos até quase o nosso tempo, quer os fatos concretos se enquadrassem nela, quer não. Há menos de cem anos o cirurgião inglês Acton escreveu um livro que até quase ao fim do século passado era a autoridade padrão em questões sexuais, e ele afirmava ali que atribuir sensações sexuais às mulheres era uma “vil difamação”, enquanto na mesma época, em outra obra médica padrão, era declarado que somente “mulheres lascivas” mostravam sinais de prazer quando possuídas por seus maridos. E esses conceitos absurdos eram generalizadamente aceitos.

— Hoje vemos surgir outro ideal, que está, — provavelmente teremos de reconhecer —, não somente de acordo com nossa crescente tendência a colocar os dois sexos no mesmo nível, mas também mais de acordo com os fatos da natureza. Mesmo fora do campo aqui examinado, nós não traçamos o limite preciso de separação dos sexos que outrora era aceita. Reconhecemos diferenças que são, na verdade, fundamentais e em número infinito, mas são diferenças sutis. Elas não implicam duas espécies diferentes de natureza humana. Elas representam a mesma natureza humana com as mesmas e variadas tendências. Essas tendências podem, no macho, levar mais frequentemente a modificações em uma direção e, na fêmea, com mais frequência, em outra, porém a natureza humana continua a conservar, na essência, as mesmas características comuns.

Já travamos conhecimento com o velho dito, repetido indefinidamente, de que o homem é polígamo e a mulher, monógama, e vimos até onde aquele dito é verdadeiro e até onde é falso. O fato fundamental de que na natureza o ato sexual tem consequências mais importantes para a mulher do que para o homem, torna-a instintivamente mais lenta e mais cautelosa do que o homem na escolha de um parceiro. Esta diferença sempre foi acentuada. No entanto, há uma minoria apreciável de mulheres, indiferentes à questão da maternidade, que podem estabelecer uma ligação sexual com tanta facilidade como um homem médio, enquanto as mulheres são tão sensíveis quanto os homens à exigência de variedade, e capazes da mesma maneira, — se não mais capazes —, de amar duas pessoas ao mesmo tempo. O hábito de estabelecer diferenças profundas e apressadas entre “homem” e “mulher”, neste terreno como em outros, não resiste a um raciocínio criterioso, embora ainda não esteja extinto. As mulheres, como seus irmãos, tiveram pais, e, por numerosas que sejam as pequenas diferenças entre a natureza masculina e a natureza feminina, elas herdaram a mesma natureza fundamental humana. Como sabemos, a existência de dois ideais diferentes referentes a dois estágios diferentes de cultura é que é responsável principal pelos antagonismos artificiais. O choque entre esses ideais é o que presenciamos hoje, em nossa fase de transição.

Esse é o motivo pelo qual devemos conferir importância a todos os estudos precisos e estatísticos, em grande escala, da situação sexual das mulheres, seja de mulheres normais, seja de mulheres pertencentes a grupos especiais, em comparação com os homens. Simples afirmações gerais conjecturadas, as generalizações dogmáticas dos psicanalistas e outros, — mescladas inevitavelmente pelos preconceitos e as experiências necessariamente limitadas do homem ou da mulher que as faz —, não têm mais muito interesse e, felizmente, não são mais necessárias. Agora estão sendo

reunidos conjuntos de dados precisos. Na verdade somente agora é que eles se tornaram disponíveis e que possuímos pesquisas objetivas valiosas de pessoas habilmente treinadas, tais como as de Katharine B. Davis, R. L. Dickinson e G. V. Hamilton.

A passividade aparentemente maior das mulheres significa alguma diferença psíquica de sentimentos ou diferença física de necessidades que seja fundamental? Um dado conveniente para testar esse ponto, investigado de maneira correta tanto por Hamilton como por Davis e por Dickinson, é a relação de predominância das manifestações auto eróticas do impulso sexual. Quando ocorrem atos auto eróticos em qualquer dos sexos, temos motivos justos para admitir, — embora possamos nos recusar a acreditar que o impulso fosse absolutamente irresistível —, a presença de um desejo sexual ativo. Nossos pesquisadores diferem, como seria de esperar, quanto aos números que apresentam, e deve ser lembrado que seus investigados, não sendo obrigados a responder às perguntas, preferiam, às vezes, passá-las por alto, e alguns talvez achem que as mulheres, de modo especial, se inclinavam a fazer isso. Por isso é importante verificar com que frequência, como já foi assinalado no Capítulo III, elas confessavam um autoerotismo ativo. Assim, Dickinson verificou que 70 por cento das mulheres médias pertencentes a todas as classes sentiam impulsos sexuais com intensidade suficiente e geralmente, é evidente, com acentuada frequência, para levá-las à satisfação solitária. Katharine Davis, entre 1000 mulheres solteiras de instrução colegial, verificou que 65 por cento das que responderam à pergunta reconheceram que haviam praticado a masturbação, metade delas confessando que ainda faziam isso, sendo a saúde geral “excelente ou boa”, das que ainda se entregavam a práticas auto eróticas em maior percentagem do que entre aquelas que as haviam abandonado ou que nunca as haviam praticado, visto que o impulso sexual vigoroso é produto de uma saúde vigorosa. Lidando com pessoas de posição e capacidade acima da média e todas casadas, Hamilton verificou que somente 26 por cento das mulheres afirmaram com firmeza que nunca se haviam masturbado, e ele observou a tendência (que há muito tempo eu havia notado) de que as mulheres, após ultrapassada a infância, começavam a prática mais tarde do que os homens, porque somente 1 por cento dos homens começavam-na depois de vinte e cinco anos, mas 6 por cento das mulheres. Vários pontos interessantes evidenciaram-se claramente. De um modo geral, a prática não tinha sido ensinada, como se supõe tão frequentemente que seja a regra. Sem dúvida, na maioria dos casos e em ambos os sexos, ela era descoberta espontaneamente pelo indivíduo. É significativo que, enquanto 17 por cento dos homens e 42 por cento das mulheres afirmam que não se masturbaram após o casamento, o número de mulheres que afirmam terem agido assim “frequentemente” após o casamento é quase igual ao dos homens e quase metade das mulheres que, de qualquer modo, o fazem após o casamento, sendo a raridade da prática muito mais comum entre os homens. Isso pareceria indicar que, enquanto nos homens casados isto é devido principalmente à ausência de casa, ou a outra causa extrínseca, nas mulheres casadas exprime a incidência maior de insatisfação no casamento. Deve-se notar, ainda, que uma proporção muito maior de homens do que de mulheres acha que o hábito é física ou mentalmente nocivo.

Dos três investigadores, Hamilton foi o único a abordar diretamente a questão do grau de satisfação alcançado por maridos e esposas no casamento, visto que os maridos e esposas de sua investigação eram passíveis de comparação, em número igual e pesquisados exatamente da mesma maneira. Ele estabeleceu quatorze graus de satisfação no casamento, e quando os resultados foram dispostos em quadros, verificou-se que 51 por cento dos maridos tinham atingido o sétimo grau na ordem crescente de satisfação, mas apenas 45 por cento das esposas. As mulheres, consideradas em conjunto, tinham tido decepções mais sérias em seus casamentos do que os homens. Katharine Davis confirma isso, embora só pudesse fazer a comparação indiretamente, verificando que as esposas informam uma proporção maior de maridos que estavam satisfeitos no casamento do que elas próprias se mostravam. Minhas observações, embora menos precisas, tanto em relação aos casamentos ingleses como no que toca aos americanos, estão de acordo com isto. A diferença pode não ser grande, mas é reconhecível.

Está se tornando cada vez mais evidente que não há uma psicologia sexual peculiar à mulher. Essa foi uma ideia que se originou dos ascetas e monges, embora tenha levado muito tempo para cair em descrédito. Diferenças há e sempre deverá haver. Assim como os homens e as mulheres não são idênticos no corpo, não poderão sê-lo no espírito. Mas essas diferenças, no aspecto psicológico, não são de monta. Vemos agora que, em sua essência, homens e mulheres têm a mesma estrutura sexual, e o velho conceito de que tal crença era “vergonhosa” para a mulher é para nós apenas fantasia.

Vemos também que, — principalmente, sem dúvida, como resultado da ignorância e preconceito tradicionais do passado —, as mulheres tendem a sofrer mais do que os homens pela situação sexual. Independente das expressões gerais de satisfação e de insatisfação no casamento, que parecem sempre indicar uma proporção menor de satisfação por parte das esposas, — embora nos velhos tempos se costumasse dizer que o casamento era concebido magnanimamente pelos homens para o bem das mulheres —, a prova ginecológica, mais precisa, indica a mesma tendência. Assim, entre 1000 pacientes, Dickinson registra 175 casos de dispareunia, isto é, maior ou menor sofrimento e enfado nas relações físicas do sexo, e 120 casos nos quais havia nessas relações certo grau de frigidez ou frieza sexual, que no ato da união deve resultar praticamente na dispareunia. No caso dos maridos, ambas situações praticamente não existem (sendo sua contrapartida uma impotência que é um estado puramente negativo), pelo que temos aí, de novo, uma desvantagem importante para o lado das mulheres.

Até onde essa desvantagem provém da natureza das coisas, e até onde, de circunstâncias que podemos controlar? Há um pouco de ambas as coisas. Isto quer dizer que o ajustamento fisiológico e psicológico à ligação sexual é, nas condições normais, atingido menos facilmente pelas mulheres do que pelos homens. Essa é uma desvantagem natural, mas que pode ser superada de modo natural. O problema que temos diante de nós prende-se ao fato de que esta desvantagem, em parte natural, foi

percebida de maneira mais acentuada recentemente do que, tanto quanto sabemos, jamais o fora anteriormente na história humana. “Por que não se deveria ensinar mais aos maridos?” — perguntou uma das pacientes da Dra. Davis quando descrevia suas próprias experiências. E o que essas experiências podem ter sido, deduzimos da natureza das respostas dadas pelas mulheres casadas, à pergunta relativa à sua primeira reação no casamento: “confusa”, “espantada”, “perplexa”, “decepcionada”, “aterrorizada”, “indignada”, “conformada”, “chocada”, “atordoada”, enquanto 173 simplesmente “consideravam-no como um fato real”. Naturalmente, estas respostas provinham, em proporção muito maior, de mulheres que chegaram ao casamento na ignorância de tudo o que ele significava, e chegamos, por fim, ao ponto em que começamos.

Outrora havia uma espécie de ajustamento sexual, pelo menos superficialmente, porque as mulheres eram instruídas previamente, por uma ligação mais íntima com a vida de sua época, a saber e a esperar o que elas realmente encontravam no casamento. Em épocas mais recentes, senão até hoje, elas foram instruídas, certa ou erradamente, — se é que o foram —, a esperar o que não encontraram. Isto quer dizer que se vem processando silenciosamente na condição da mulher e em todos os campos da atividade feminina, uma revolução que não se refere diretamente ao impulso sexual, mas que tem sob todos os aspectos uma repercussão não deliberada sobre aquele impulso. Não se realizou uma revolução correspondente na condição e nas atividades dos homens e, daí, uma inevitável falta de ajustamento sexual. Considerando que não podemos esperar, nem mesmo o desejamos, que os resultados da revolução feminina sejam desfeitos, a situação sexual presente é, principalmente, uma situação com a qual os homens têm de haver-se. Para ombrear com a nova esposa, é preciso um novo marido.

Conforme já tive muitas vezes ocasião de assinalar, toda a vida é arte. O conceito foi negado por aqueles que confundem arte com sensibilidade estética, que é uma coisa completamente diferente. Toda criação é da natureza da arte, o que não se restringe apenas às atividades do homem, e pode mesmo dizer-se que é inconscientemente verdadeiro em relação a toda a Natureza. Dizer que a vida é arte devia ser, na verdade, um mero truísmo, e assim o seria se não fosse com tanta frequência negado ou ignorado com indiferença até por aqueles que proclamam aceitá-lo. Nas condições que se apresentam, somos tentados a dizer que, se a vida é arte, é, em grande parte, arte de má qualidade.

Talvez não haja nenhum setor na vida no qual se possa ser, assim, mais tentado a restringir o conceito, do que no setor do amor. Diz-se muitas vezes que o macho, mais do que a fêmea, é que revela na Natureza o impulso mais forte para a arte, e não há dúvida de que é assim em vários grupos zoológicos (basta lembrar as aves), mas dificilmente se poderia chegar a tal generalização no campo do amor com relação ao homem moderno, lendo os resultados consignados nas páginas de Hamilton, de Davis e de Dickinson. Isto é lamentável, porque o amor, considerado como o lado psíquico da união sexual, é a própria vida, o gesto sem o qual, no que respeita a nós mesmos, cessaria a vida. Hoje podemos ver e enumerar friamente todas as causas que levam a arte do amor à condenação, ao descaso e ao desprezo: causas religiosas, morais, espirituais e estéticas.

Hoje podemos ver também, como eram frágeis os fundamentos sob os quais essas causas atuaram. Essa visão é uma condição necessária para o melhoramento de nossa arte. Nós sabemos que ela já se está tornando influente, muito embora nem sempre de acordo com a noção correta. Alguns, na verdade, procuraram, — não com um instinto cego, como muitas vezes tinha sido feito anteriormente, mas como um princípio —, eliminar todos os problemas aí relacionados, reduzindo a atividade sexual a uma simples rotina que não implique uma cogitação mais profunda do que a exigida pelos atos de comer e de beber, ou a um simples divertimento como a dança ou o tênis. Mas, como um arguto intérprete e crítico das modernas tendências da vida e do amor, Aldous Huxley, observou com razão, seguindo o exemplo de Robert Burns: ‘Nada é mais terrível do que uma complacência fria e indiferente. E o amor se torna infalivelmente frio e indiferente quando é praticado de maneira displicente.’ Ademais, deve acrescentar-se, não abordamos realmente o problema do ajustamento dos sexos reduzindo o amor dessa maneira. Longe estávamos da Natureza quando, em dias que agora se estão distanciando, fazíamos do ato sexual uma obrigação, — introduzindo-se ou não sentimento e romance —, mas estaremos igualmente muito distante se o tornarmos uma rotina ou um divertimento. Não somente no homem civilizado, mas nos fatos fisiológicos da natureza, mesmo indo além dos mamíferos, trata-se aqui de um ato que normalmente provoca resistência, e exige, para um coroamento perfeitamente satisfatório, tanto a paixão como a arte. Se procurarmos ignorar tal fato essencial, de uma maneira ou de outra inevitavelmente sofremos.

Somos, assim, levados a destacar a importância terapêutica da arte do amor. Nos velhos tempos, não somente essa ênfase teria sido impossível, como a ideia em seu todo seria incompreensível. A arte do amor com relação a isso podia ser ignorada ou repelida desdenhosamente, em parte porque as necessidades eróticas da esposa nunca eram levadas em consideração, e em parte porque as necessidades eróticas do marido, segundo era admitido de um modo geral, podiam ser satisfeitas reservadamente, fora do casamento. Mas, em relação a ambos esses aspectos, nossa atitude agora mudou. Tendemos a conceder às mulheres os mesmos privilégios eróticos que concedemos aos homens. Estamos tendendo também a aspirar a uma monogamia que, ao contrário do nosso atual sistema, possa eventualmente ser real e não apenas nominal. Acontece assim que, hoje, o cultivo da arte do amor está associado inseparavelmente ao cultivo da monogamia, porque sem ela dificilmente é viável um casamento satisfatório, como agora entendemos o casamento, embora mesmo com ela este ainda possa mostrar-se cheio de dificuldade.

Em suas manifestações mais refinadas e mais sutis, a arte do amor é a consequência da personalidade mais íntima de um homem ou de uma mulher. Mas nos aspectos mais inferiores, ela é uma extensão da higiene sexual e situa-se adequadamente na esfera do médico, que é solicitado a dar conselhos nas várias situações difíceis que podem surgir na vida conjugal. Nossos defensores da higiene sexual ainda ignoram este assunto com demasiada frequência, mas essa atitude não pode ser mantida e, na verdade, está cedendo rapidamente. Não é mais possível afirmar que o conhecimento dos métodos do jogo amoroso e das relações sexuais vem da

Natureza. Como Paget observou há muitos anos, não há dúvida de que tal conhecimento na civilização tem de ser ensinado. Deve acrescentar-se que o mesmo ainda é verdadeiro, em grande parte, nas raças não civilizadas, e a instrução nesses assuntos faz parte da iniciação séria da vida em vários povos. Ademais, não se compreende suficientemente que, em povos que vivem em condições naturais, é dada muitas vezes grande atenção aos preliminares do ato sexual e predomina uma grande variedade de métodos na união sexual. Ambos estes pontos são extremamente importantes. O prolongamento do jogo amoroso, preliminar ao ato, é necessário sob o aspecto físico para assegurar a tumescência. Ainda é necessário do lado psíquico porque, sem ele, o elemento ideal do amor, que é necessário ao verdadeiro casamento, não pode desenvolver-se bem. O reconhecimento de que uma série de métodos de união sexual, longe de constituírem “perversões” depravadas, situam-se dentro dos limites normais da variação humana, é necessário porque se verifica muitas vezes que, se um método é inadequado para assegurar a satisfação, outro método se revela mais eficiente. Às vezes passam-se anos antes que sejam encontradas condições e métodos que são os únicos a tomar o coito agradável, ou mesmo tolerável, para uma mulher. A devida atenção ao jogo amoroso preliminar ao ato sexual, e ao método mais conveniente a ser adotado, é suficiente para curar a maioria dos casos de frigidez sexual nas mulheres.

Estas coisas, que agora estamos começando a aprender, não podem, sensatamente, ser negligenciadas pelo médico. A satisfação sexual da mulher é mesmo uma parte do ato da fecundação, porque seu papel nesse ato não é puramente passivo. Um eminente ginecologista de uma geração anterior, Matthews Duncan, dava ênfase a essa necessidade do prazer sexual da mulher para assegurar a fecundação, e Kisch, bem como outras autoridades posteriormente, confirmaram essa doutrina. Ela não pode ser essencial quando pensamos no grande número de crianças que, sem dúvida, foram concebidas sem prazer por parte da mãe. Mas Kisch verificou que a dispareunia (que significa para ele a ausência de satisfação nas relações sexuais) estava associada com frequência à esterilidade. Ele a encontrou em 38 por cento dos casos de esterilidade, mas deixa de declarar sua frequência média.

O fato elementar, a que tantas vezes se tem feito referência aqui, é que o jogo amoroso é um preliminar natural e até essencial a todo ato de união sexual. Geralmente compete ao homem tomar a iniciativa nisso, quando ele percebe que chegou o momento propício (porque ele não deve esperar que a mulher lhe diga isso) e desempenhar o papel mais ativo, embora não haja nada, realmente, de anormal em que sua companheira assuma o papel mais ativo, e a arte do amor dificilmente pode ser praticada quando a fêmea é simplesmente passiva. Do lado puramente físico, somente depois que, pelo folgado preliminar amoroso, a região genital da mulher é irrigada pela secreção glandular liberada pelas emoções do prazer, é que as relações são agradáveis ou, até mesmo, fáceis, pelo que são recomendados às vezes sucedâneos artificiais, que não deveriam ser necessários, para substituir a lubrificação natural.

Tudo isto, embora muitas vezes ignorado na civilização, é bem compreendido entre povos em estágio menos “avançado”. Assim, entre os melanésios da Nova Guiné

Britânica, segundo sabemos, há muita liberdade na escolha dos parceiros (desde que sejam observadas as regras do totem e da consanguinidade), mas não surge o problema do casamento senão depois de vários meses de convívio. Em alguns distritos, existe um costume pelo qual um rapaz pode dormir com uma moça durante uma noite, segurando-a nos braços e acariciando a parte superior de seu corpo. Pode ocorrer a união sexual. Se isso acontece, geralmente realiza-se, a seguir, o casamento. Com tal sistema, pelo menos os princípios elementares da arte do amor entram em cena.

No decorrer de todo jogo amoroso preliminar ao ato sexual, é natural e conveniente que seja exercido um maior ou menor contato, pressão ou fricção sobre o clitóris que, desde o início é o principal foco de sensação sexual nas mulheres. Os psicanalistas dizem às vezes que isto somente é verdade na idade infantil, e que, na adolescência, a sensação sexual é normalmente, se não constantemente, transferida do clitóris para a vagina. É difícil identificar a origem dessa ideia, que parece ter sido concebida no gabinete, e poderia ser facilmente dissipada por um pequeno e concreto conhecimento das mulheres. O clitóris é um centro normal de excitação sexual e tende a permanecer como tal, muitas vezes como o principal, se não como o único foco. É natural que, iniciadas as relações sexuais adultas, a vagina também se torne um foco de sensações agradáveis, mas é incorreto falar de qualquer “transferência”. Como afirma com razão um ginecologista tão autorizado como Dickinson, “uma grande percentagem de mulheres têm o orgasmo apenas com a pressão na região do clitóris, e isto é perfeitamente normal.”

Com relação à posição no coito, presume-se às vezes que há apenas uma posição correta, adequada e normal, com o parceiro feminino deitado de costas, e qualquer outra posição é desnatural, se não, na verdade, “depravada”. Isto é um engano. O costume mais comum em uma determinada fase da história humana, ou de uma determinada raça, não deve ser considerado como norma para outras épocas e para outros povos. A gravura mais antiga que possuímos do coito, — da época paleolítica solutreana e encontrada em Dordogne —, representa o homem deitado de costas enquanto a mulher está de bruços. Na época atual predominam muitos costumes diferentes, em diferentes povos, com relação à posição, e muitos povos admitem várias posições. No que toca aos europeus, Van de Velde observa que os maridos raramente compreendem que a monotonia do leito conjugal, — se se verificar que existe —, pode ser atenuada pelas variações que incidem dentro do limite normal. E mesmo se eles compreendem essa possibilidade, muitas vezes a desprezam com indignação como “licenciosas”.

Na verdade, há mais do que isso a dizer. Em muitos casos pode ser simplesmente uma questão de escolher uma variante agradável, porém em outros casos a questão é mais premente. Para algumas mulheres há posturas, — às vezes as adotadas mais comumente —, que podem revelar-se difíceis ou intoleráveis, enquanto outra postura, talvez mais incomum, torna-se fácil e agradável.

Encarando as relações sexuais no sentido mais amplo, mas ainda sob o aspecto físico, é importante ter sempre em mente que, o que quer que dê satisfação e alívio a

ambas as partes é bom e correto e mesmo normal no melhor sentido, desde que não cause nenhum dano (como não é provável que aconteça com pessoas normais e saudáveis). A felação e o *cunnilingus* (em relação aos quais muitas vezes surge o impulso espontaneamente em homens e mulheres que nunca ouviram falar dessas práticas), talvez sejam, entre esses contatos, os principais. É extraordinariamente comum, segundo verifico, pessoas nervosas ou escrupulosas perguntarem se este, aquele ou outro método diferente de satisfação sexual é errado ou prejudicial. Muitas vezes um choque é causado dessa maneira, porque nos parece estar diante de algo “inestético”. Parece que se esquece de que nem mesmo os métodos mais aceitos para as relações sexuais podem ser classificados como “estéticos”. Não se compreende que aqui, no seio dos mistérios mais íntimos do amor, estamos em uma região em que os pontos de vista frios e abstratos, seja da ciência, seja da estética, estão deslocados, exceto se suavizados por emoções mais particularmente humanas. Ao formalista, rígido nesses assuntos, bem intencionado mas ignorante, podemos lembrar delicadamente as palavras eternamente sábias de Shakespeare: “O amor fala com melhor conhecimento e o conhecimento, com um amor mais carinhoso”.

Deve-se acrescentar que de 100 mulheres casadas investigadas por Hamilton, — mulheres presumivelmente normais e saudáveis, e de boa posição social —, ele verificou que treze haviam tido experiência de *fellatio*, *cunnilingus*, ou de ambos, mas em nenhum dos casos foram verificadas consequências nocivas. “Nenhum folgado amoroso constitui, psicologicamente, um tabu”, conclui Hamilton com razão, embora estabelecendo-se certas condições, das quais as mais importantes são a de que não haja dano à estrutura física, nem reações sérias de culpa. Isso é importante. Hamilton afirma que encontrou em outras ocasiões uma série de casos de pessoas ingênuas que tinham praticado inocentemente algumas dessas “perversões”, sem saber como elas pareciam a muitos terríveis e condenáveis, após o que “o choque de adquirir subitamente a crença de que se entregaram a uma prática repugnante e pervertida, parecia precipitar sintomas paranoides sérios”. Nada poderia mostrar melhor como é imperioso difundir no exterior noções mais sensatas sobre esses assuntos. Devia “assegurar-se” à mulher, como declara Dickinson, competente e experimentado ginecologista, “que não há nada no auge de uma paixão arrebatadora que não seja compatível com seus ideais mais altos de amor espiritual, e que todo comportamento mutuamente íntimo entre marido e mulher é correto”.

Em um simples manual introdutório não nos cabe examinar a arte do amor em suas minúcias. Mas talvez convenha dizer que essa arte está longe de restringir-se aos aspectos físicos do amor. Aqui há uma arte e uma arte difícil, mesmo quando não está em jogo diretamente o amor físico, ou quando ele passou a segundo plano, ou quando as relações físicas não se realizam absolutamente. O reconhecimento da liberdade individual, a aceitação das diferenças de gostos e de temperamento, mesmo quando predomina a unidade de ideais, a constante necessidade de consideração mútua, a aceitação das faltas e fraquezas do outro com o reconhecimento das próprias, e o problema de superar aquele ciúme que pelo fato de ter raízes na Natureza, todos têm de enfrentar de certa forma e em alguma ocasião, — todas essas dificuldades e as

semelhantes existem mesmo independente do sexo em seu sentido restrito. Contudo elas constituem uma parte substancial, e mesmo a parte maior, da arte do amor. Ademais, toda falha aí pode tornar-se uma fonte de infelicidade ou de precariedade em toda a arte de viver.

Torna-se claro que temos de obter uma ampla perspectiva do vínculo conjugal, antes que possamos compreender todos os fatores que, num sentido completo, o constituem. A satisfação de todos esses fatores é essencial ao bem-estar individual, e, além da importância terapêutica, possui importância social como uma garantia da provável permanência da união. “Não é da alçada do médico apresentar propostas de reforma”, disse Freud em 1908. Este conceito pertence agora ao passado, como o próprio Freud parece ter compreendido, porque desde então ele tem meditado sobre alguns dos maiores problemas da vida. Hoje podemos dizer claramente, mesmo se com isso restringimos a primitiva concepção da arte médica, que não é mais da alçada do médico conservar males para consertá-los. Em todos os setores da medicina, — e agora finalmente no mais íntimo de todos —, é de nossa alçada ajustar as condições de vida de maneira que, se possível, os males não surjam. Não há nenhum campo em que seja mais necessário ao médico adquirir conhecimento mais amplo ou exercer uma compreensão mais sutil, do que naquele que temos diante de nós.

BIBLIOGRAFIA

JULES GUYOT, *A Ritual for Married Lovers* (Tradução parcial do *Bréviaire de l'Amour Expérimental*, por Gertrude M. Pinchot).

HAVELOCK ELLIS, “*The Art of Love*”, *Studies in the Psychology of Sex*, Vol. VI; também o Vol. III.

HELENA WRIGHT, *The Sex Factor in Marriage*.

VAN DE VELDE, *Ideal Marriage*.

EXNER, *The Sexual Side of Marriage*.

ISABEL HUTTON, *The Hygiene of Marriage*.

W.F. ROBIE, *The Art of Love*.

O.L. HARVEY, “*The Frequency of Human Coitus*”, *American Journal of Sociology*, Julho, 1932.

MARGARET SANGER e HANNAH STONE, *The Practice of Contraception*.

R.L. DICKINSON, *Pré-Marital Examination as Routine Preventive Gynaecology*.

DOUGLAS BRYAN, “*Bisexuality*”, *International Journal of Psycho-Analysis*, abril 1930.

KISCH, *Sexual Life of Women*.

C.G. SELIGMAN, *The Melanesians of British New Guinea*.

VIII – CONCLUSÃO

A Natureza Dinâmica do Impulso Sexual

OS GRANDES impulsos fundamentais da vida humana, como dos animais de um modo geral, são os da nutrição e do sexo, da fome e do amor. Eles são as duas fontes originais da energia dinâmica que dão existência ao mecanismo da vida nos organismos mais rudimentares, e em nós próprios tendem a constituir as superestruturas sociais mais complexas.

O impulso do sexo é aquele cujas ramificações atraem a maior atenção, embora seja o menos essencial ao indivíduo. O próprio fato de sua intermitência, e de seus vários graus de intensidade, juntamente com sua dependência da correspondência de outra pessoa, explica cabalmente sua predominância.

Contudo o impulso da nutrição, embora sua importância tenha sido muitas vezes desprezada, tem uma energia dinâmica semelhante, que não deve restringir-se aos limites meramente orgânicos. Ele também é suscetível de transformação em vias psíquicas e mesmo de sublimação sob formas espirituais. Estamos na verdade acostumados a considerar nossas aspirações mais elevadas como fome ou sede de alguma coisa, o Dr. Audrey Richards, trabalhando originalmente com os bantos do sul da África, desenvolveu recentemente esta linha de investigação com resultados frutíferos. Estes não nos interessam aqui. Mas, a não ser que reconheçamos a igual primazia psicológica da fome e do sexo, nossa concepção de vida será unilateral e deturpada.

Nas condições ordinárias da vida social, nas condições em que a conhecemos na civilização, há três vias principais ao longo das quais podemos dirigir a energia do impulso sexual: (1) Podemos evitar todas as manifestações ostensivas, deixando que o impulso despenda sua energia dinâmica ao longo de quaisquer vias, normais ou anormais a que o organismo se entregue; (2) Podemos contentar-nos com relações sexuais temporárias ou simplesmente eventuais, das quais a prostituição é o exemplo conhecido; (3) Podemos adotar o casamento, isto é, um vínculo sexual estabelecido com a intenção de torná-lo, se possível, permanente, e implicando uma comunhão de interesses outros além dos sexuais. Não pode haver nenhuma dúvida de que, — quaisquer que sejam os princípios religiosos ou morais de uma pessoa, ou mesmo na ausência desses princípios —, esta terceira condição, mesmo quando não há filhos, leva à mais pujante e profunda experiência de vida.

Mas, embora seja o melhor caminho, é, sem dúvida, um caminho difícil. Na verdade, como vimos, todo o caminho da atividade sexual, e não somente para os

nevropatas, mas até para os normais, é cercado de riscos. Isto é devido em parte ao período relativamente tardio no qual o impulso sexual, em comparação com outros impulsos, atinge o completo desenvolvimento, embora ele possa começar cedo, e em parte, não a parte menos importante, devido às normas rígidas que a religião, a moral, a lei e as convenções acordaram em estabelecer na esfera do sexo. É necessária aqui, permanentemente, uma higiene sábia e vigilante, e ela é tanto mais imperativa pelo fato de que, quando ela é falha, deparamo-nos muitas vezes com situações que nem sempre estão inteiramente dentro da esfera de ação da medicina. Temos de considerar o impulso sexual como uma força gerada, como agora nos acostumamos a pensar, por fermentos poderosos, que surge de dentro e capaz de tornar infinitas formas, saudáveis e mórbidas, normais e anormais que às vezes dificilmente são reconhecíveis, de qualquer modo, como sexuais, e que embora possamos de certo modo controlar ou orientar, não podemos reprimir completamente. Esta concepção dinâmica do impulso sexual foi percebida vagamente há muito tempo. Anstie a empregou, há meio século, para explicar algumas formas do que foi chamado mais tarde neurastenia. James Hinton a desenvolveu principalmente, mas em seus aspectos morais. Ela constitui a base da concepção de autoerotismo e foi desenvolvida com infinita sutileza por Freud.

Referi-me à energia sexual como “uma força gerada por fermentos poderosos”. Isto é vago. Se tentarmos agora defini-la de maneira mais precisa do que a tentativa de início, podemos talvez dizer que a personalidade erótica repousa em uma associação triangular entre o cérebro, o sistema endócrino, e o sistema nervoso autônomo. Este último componente não veio com destaque à frente, mas sua importância pode ser assinalada aqui. Ele é constituído pelos sistemas digestivo, circulatório, respiratório e urinário e seus sistemas nervosos ganglionares. Este sistema autônomo regula assim o que pode ser considerado a função fundamental da vida. Ele é em grande parte encarregado de pôr em ação o que Kempf, que deu ênfase à importância do fator autônomo no comportamento, chama de compulsão ativa (*acquisitive*) e repulsiva (*avertive*) à ação, em relação ao meio. Os animais com sistema autônomo primitivo que sentem tensões de angústia procuram proteger-se, e sobrevivendo pelo alívio dessas tensões transmitem-nas aos organismos mais elevados. Isto nos ajuda assim a conceber a causação somática e a causação psíquica e compreender o funcionamento individual como uma unidade. Somos ainda levados a uma maior precisão na concepção das conações (intenções dirigidas) e desejos, a *libido* se preferirmos assim chamá-la, ou a “Vontade schopenhaueriana”, à qual os filósofos do impulso sexual estão predispostos a recorrer. Como Carlyle escreveu há muito tempo: “Talvez o Deus mais notável de que tenhamos ouvido falar seja aquele cujos indícios Grimm, o etimologista alemão, encontrou: o Deus *Wünsch* ou Desejo.”

Com sua costumeira capacidade de exprimir-se com clareza, Freud há muito tempo (1912) estabeleceu as diversas circunstâncias nas quais as dificuldades da vida sexual podem levar a desordens nervosas, e sua exposição é a mais importante visto que pode ser considerada como em posição independente em relação a muitas doutrinas psicanalíticas que estão em controvérsia. O próprio Freud admitia que ela é pouco satisfatória como classificação clínica de casos, visto que o mesmo caso pode apresentar

os vários tipos em ocasiões diferentes ou até, de certo modo, ao mesmo tempo; mas é útil para nos ajudar a conhecer essas circunstâncias. Reconhecem-se, assim, quatro tipos: (1) O mais simples e mais evidente motivo sexual da perturbação nervosa, — um motivo ao qual a maioria das pessoas estão de certo modo sujeitas —, é o da privação. Nesse caso o indivíduo conserva-se perfeitamente saudável desde que sua necessidade de amor seja satisfeita em um objeto real, no mundo exterior, e somente se torna neurótico quando privado desse objeto sem nenhuma compensação adequada. Nessas circunstâncias, há duas possibilidades de preservar a saúde a despeito da privação das necessidades sexuais: ou a tensão psíquica é dirigida para a atividade na vida prática e encontra finalmente uma satisfação real do desejo sexual, ou, renunciando a essa satisfação, os desejos inibidos sublimam-se em energia que é dirigida para fins não eróticos. Neste processo há a possibilidade daquilo que C. G. Jung chamava introversão, isto é, o impulso sexual inibido em vez de sublimar-se, pode desviar-se das vias legítimas para vias imaginativas onde se ocupa com desejos-fantasias. (2) Nos casos do segundo tipo o indivíduo torna-se doente, não através de qualquer mudança no mundo exterior que substitua a satisfação pela necessidade de renúncia, mas pelos seus próprios esforços íntimos para obter satisfação no mundo exterior. O indivíduo torna-se perturbado pelas dificuldades íntimas que ele encontra para adaptar-se ao mundo real e pelos seus esforços para conseguir um meio normal de satisfação sexual para o qual ele ainda não está apto. (3) A espécie de casos que se segue, na qual várias desordens ocorrem através da inibição do desenvolvimento, é na realidade um grupo de casos extremos do segundo tipo, e não há fundamento teórico para considerá-los separadamente, permanecendo a satisfação sexual fixada em objetivos infantis, que não mais se coadunam com o estágio de desenvolvimento do indivíduo, e estabelece-se o conflito no esforço para superar os impulsos infantis emergentes que ainda procuram satisfação. (4) No quarto tipo de casos encontramos indivíduos que eram saudáveis anteriormente e tornaram-se doentes sem nenhuma mudança em suas relações com o mundo exterior. Mas, mediante um exame mais cuidadoso, verifica-se que houve, em consequência de alterações biológicas tais como o início de um determinado período da vida (a puberdade ou a menopausa), uma mudança na intensidade do desejo sexual, servindo isto, apenas, para romper o equilíbrio da saúde e gerar as condições para a ocorrência da neurose. A inibição do impulso sexual pela incapacidade externa para sua satisfação torna-se, aqui, patogênica. A intensidade do desejo sexual não é, na verdade, mensurável; a mudança relativa na intensidade é que causa a perturbação, e o indivíduo sente-se oprimido na luta com esta relativa mudança de intensidade.

Embora esta classificação analítica abstrata não tenha validade clínica objetiva, pode dizer-se que ela resume convenientemente as várias anomalias das quais vimos tratando. Ela indica as bases sobre as quais repousa mais propriamente o tratamento das perturbações sexuais na esfera nervosa e psíquica, e, mais ainda, a higiene da vida sexual.

Por mais sadia que seja a constituição do indivíduo, as inevitáveis dificuldades da vida sexual, e sua constante readaptação a mudanças internas e externas das condições existentes, implica dificuldades do tipo daquelas de que tratamos. Essas dificuldades

ganham destaque quando há uma predisposição mórbida herdada. O impulso sexual é uma força, uma força de certo modo incalculável, e a luta do homem para dirigir essa força, quando ele e ela estão constantemente mudando, é realizada com riscos, mesmo quando o impulso é normal ou procura, de qualquer forma, ser normal.

As circunstâncias complicam-se ainda mais quando o impulso é anormal, isto é, não somente irregular em intensidade ou transferindo-se para vias indevidas, mas quando toma uma forma nitidamente anormal, forma que às vezes pode ser congênita, na medida em que se possa dizer que as formas do impulso sexual são congênicas.

Ter-se-á tornado satisfatoriamente claro que, embora tenhamos iniciado sem definir com demasiada precisão aquilo que entendemos como “sexo”, ou o que Freud chama “libido”, o termo torna-se mais amplo à medida que o examinamos. O próprio Freud foi levado a uma concepção cada vez mais ampla de “libido”, e alguns dos psicanalistas que foram de início seus discípulos vão mesmo ao extremo de subestimar aquilo que comumente se entende como o impulso do sexo. Identicamente, F. L. Wells substituiu “erótico” por “hedônico” e “auto erótico” por “auto hedônico”. Esta ampliação da libido (como Cyril Burt assinalou) está de acordo com a tendência geral da psicologia, que parece considerar as tendências inatas que herdamos de nossos ancestrais animais, simplesmente como diferenciações específicas de um único impulso de vida. E McDougall, ampliando sua primitiva delimitação de instintos, mais rígida, está agora quase inclinado a unificá-los como parte “da grande finalidade que impulsiona todos os seres vivos, cujo escopo podemos conceber apenas debilmente, e vagamente exprimir como a perpetuação e o desenvolvimento da vida.”

Na verdade, é interessante notar que Jung em sua muito criticada ampliação da conotação de “libido” além do primitivo sentido freudiano, exclusivamente sexual, estava na realidade voltando ao sentido clássico original de “paixão e desejo em geral”. Ela se nivela assim à “vontade” de Schopenhauer e ao “*élan vital*” de Bergson, e Burt pode defini-la como uma energia intencional (*conotive*) geral originada de todos os instintos.

Se temos de usar a palavra “instinto”, acrescente-se, parece melhor considerar um instinto como mais primitivo e fundamental do que a emoção, e não, como às vezes tem sido feito, considerar as características emocionais como uma parte central do instinto. Quando se trata de “instintos”, talvez haja justificativa (com Garnett) para que nos consideremos mais na presença de sistemas *conacionais* (*conational*) de que emocionais. O impulso relacionado é o de uma conação fundamental.

Freud sugeriu certa vez (1918) que o fator instintivo da vida poderia constituir o núcleo da parte latente da psique à qual, como “Inconsciente”, ele atribui uma influência tão poderosa. Ele seria um tipo primitivo de atividade mental, acobertado pela razão humana, correspondendo ao conhecimento instintivo que os animais possuem. A repressão, diz Freud, seria a volta a esse estágio instintivo, e o homem estaria pagando suas próprias e novas aquisições com uma possibilidade de neurose.

Voltamos novamente àquele equilíbrio rítmico de expressão e repressão, que é

um aspecto tão dominante em nossa vida civilizada, mas que também pode ser visto na vida animal. Como já assinalai, os psicopatologistas, de acordo com suas próprias experiências especiais, são tentados demasiadas vezes a ver aqui, principalmente, uma possibilidade de perturbação neurótica.

Dentro dos limites normais, e em um organismo sadio, o jogo da expressão e repressão é essencial que se compreenda, é inofensivo e benéfico, e mesmo essencial a qualquer forma evoluída de vida. Afirmar que o Inconsciente está sempre, ou mesmo muitas vezes, em discordância com O Consciente é uma deturpação dos fatos. A pessoa cujo Inconsciente está sempre em conflito com seu Consciente é realmente infeliz. Uma reflexão muito pequena mostra que, em, relação à maioria de nós, não é assim. Basta recorrer aos sonhos, que proporcionam a revelação mais comum do Inconsciente. Deve fazer parte da experiência da maioria das pessoas normais, o fato de que os sonhos fazem-nas recordar perpetuamente, até com uma beleza e ternura aumentadas, os fatos e as emoções de nossa vida consciente, na vigília. Os sonhos são às vezes a indicação de conflitos ocultos. Eles são também a prova de concordâncias insuspeitadas entre nossas vidas consciente e inconsciente. Temos excessiva tendência a nos contentarmos com o aspecto superficial dos sonhos, e deixamos de ver seu conteúdo latente e mais significativo.

BIBLIOGRAFIA

A. J. RICHARDS, *Hunger and Work in a Savage Tribe*.

E. J. KEMPF, *The Autonomic Factors in Personality*.

McDOUGALL, *Psychology; The Study of Behaviour*.

C. BURT, *Eugenics Review*, Janeiro, 1918.

FREUD, *Collected Papers, Vol. III, "An Infantile Neurosis"*.

C.G. JUNG, *Psychology of the Unconscious*.

Sublimação

O equilíbrio entre a expressão e a repressão, por mais perfeito que se mantenha, no conjunto, em um organismo sadio, raramente é atingido sem dificuldades, e em um organismo doente tais dificuldades estão sujeitas a tomar aspecto desastroso. Geralmente a solução proposta é a sublimação. Ela é oferecida comumente de maneira demasiado fácil e demasiado simples. Sempre houve, realmente, uma tendência a acreditar que as exigências do sexo podem ser afastadas instantaneamente. Para muitas pessoas poderão sê-lo, mas, segundo sabemos, para outras, mesmo com a melhor boa vontade do mundo, não é assim. Nem o esforço muscular, nem a distração mental mostram-se eficientes, neste caso. Os jogos, em que os mestres-escolas depositaram

tanta confiança, não fazem cessar a atividade sexual, a não ser levados a um certo grau extremo e nocivo. Diz-se que nas escolas os melhores atletas são geralmente os mais destacados conquistadores. Contudo temos de fazer uma ideia tão clara quanto possível daquilo que estamos procurando fazer. Se, como acredita Garnett, temos de distinguir entre sexo como instinto e sexo como um desejo (ele acha que Freud tende a confundir os) o instinto somente é despertado quando se apresenta a oportunidade da satisfação sexual, e é possível evitar essa oportunidade. Mas o sexo como desejo, recebendo seus impulsos não de fora mas de dentro, ainda persiste. Trata-se aqui, como Ernest Jones costumava afirmar, não tanto do sexo no sentido estreito mas dos “componentes biológicos individuais, do instinto, isto é, das várias tendências infantis que mais tarde constituem a base do desejo erótico, bem como de muitos outros interesses (não-sexuais)... uma transferência específica de energia, de um dado campo de interesse para outro”. É importante, ao mesmo tempo, lembrar que geralmente não é na vida infantil que surge este problema. Matsumoto assinalou que o fato de que as células intersticiais dos testículos passam a uma fase de repouso logo depois do nascimento, para se tornarem ativas apenas depois da puberdade, não indica a presença de interesses sexuais intensos na vida infantil (embora devamos acrescentar que não conhecemos de maneira comprovada todas as fontes do impulso sexual), enquanto nas mulheres tais interesses estão com frequência latentes ou amplamente difundidos, para, às vezes, somente se tornarem intensos em volta da idade de trinta anos. Contudo, mais cedo ou mais tarde, devemos esperar que surja esse problema da sublimação, e de maneira mais imperiosa, naquelas naturezas mais bem constituídas.

Platão disse que o amor era uma planta de origem celestial. Se compreendermos isto como significando que uma planta, tendo as raízes na terra, pode produzir flores “celestiais”, a metáfora corresponde a verdade científica real e demonstrável. É uma verdade que os poetas sempre compreenderam e procuraram concretizar. A Beatriz de Dante, a moça florentina autêntica que se tornou na imaginação do poeta em seu guia no Paraíso, representa de modo típico o processo pelo qual a atração sexual pode transformar-se em um estímulo a atividades espirituais.

A formulação precisa dessa doutrina tem sido atribuída não somente a Platão mas também ao mais científico Aristóteles. Lessing com prentia a doutrina da *katharsis* (catarse) do filósofo como “uma conversão da paixão ou emoção em geral, em manifestações virtuosas”. Isto, porém, dificilmente parecerá correto, porque era simplesmente o alívio trazido por descargas emocionais de compaixão ou medo, o que Aristóteles parece ter tido em mente, e, como Garnett assinala corretamente, a simples “drenagem” da emoção não é sublimação.

Somente com o advento da Cristandade é que a ideia de *sublimação*, mesmo como uma imagem concreta, começa a tomar formas definidas. Ela remonta a um primitivo anacoreta do Deserto Egípcio, Abbâ (Abade) Macário, o Grande, considerado às vezes como “o primeiro místico científico da Cristandade”. Evelyn Underhill, em *The Mystic Way*, expõe seu ponto de vista psicológico a respeito da transformação gradativa da substância da alma (que ele não considerava de uma imaterialidade absoluta) em

uma espiritualidade cada vez menos densa e mais pura sob a influência do Fogo Divino. “Como os metais”, dizia ele, “que, lançados ao fogo, perdera sua rigidez natural, e quanto mais tempo eles permanecem no fogo são cada vez mais abrandados pela chama”. O fogo causticante transforma-se em luz celestial, e para Macário luz e vida são idênticas. Aqui temos, da maneira mais nítida possível, nossa moderna concepção de sublimação. Macário era amigo de São Basílio, que pertencia à corrente principal da tradição cristã, e esta ideia reaparece nos místicos cristão posteriores e é a base da doutrina do Purgatório, de Santa Catarina de Gênova, — o fogo do purgatório destruindo a crosta do pecado.

Posteriormente ela aparece, independente de qualquer doutrina religiosa, sob o nome final de “sublimação”, nos poetas e mais ainda nos moralistas. *Sublimar* é, pelo calor, levar uma substância, daquela que se considera sua forma mais grosseira, mais “material” e mais ordinária, ao estado de vapor, que geralmente consideramos como mais elevado e mais refinado. Os poetas interpretam este processo como simbolizando o que se passa no espírito humano, e usavam a ideia com frequência no início do século XVII. Assim Davies em sua *Immortality of the Soul* falava em transformar “Corpos em espíritos pelo estranho da sublimação”. Prosadores, religiosos ou não, adotaram a concepção. Jeremy Taylor falava de “sublimar o casamento em um sacramento”; Shaftesbury, em 1711, dos princípios vulgares e originais da humanidade sendo “por uma espécie de química espiritual sublimados” em formas mais elevadas; e ainda mais adiante, em 1816, Peacock, chegando quase ao uso que fazemos da ideia, referia-se “àquela sublimação entusiástica que é a fonte da grandeza e da energia”. Schopenhauer, a seguir, atribuía importância à concepção.

No campo da psicologia sexual, “sublimação” é entendida como significando que o impulso sexual físico, ou *libido* no sentido restrito, pode ser transformado de tal maneira em algum impulso de atividade psíquica mais elevada, que deixa de ser premente como necessidade física. A concepção atualmente tem amplo curso na psicologia popular. Contudo, aqueles que o adotam nem sempre parecem compreender que esse processo de sublimação é, mesmo em seu simbolismo original, um processo que implica muito dispêndio de energia, e em sua forma metafórica e espiritual muito mais fácil de comentar do que de atingir. Que ele represente uma transformação psíquica real dos impulsos físicos, pela qual os desejos físicos mais vulgares são elevados a um plano onde sua aspereza se perde na satisfação de desejos que correspondem aos físicos, porém são mais, como dizemos, “espirituais” em sua natureza, pode ser aceito. Mas essa transformação, embora possível, não é fácil, nem de rápida consecução, e talvez somente possível, mesmo, para as naturezas que são de textura nervosa mais requintadas do que a média. Assim, Hirschfeld, que prefere falar de “equivalentes sexuais”, mostra-se cauteloso em admitir a sublimação, e nega que os sexualmente abstinentes apresentem resultados intelectuais na arte ou na ciência, superiores aos obtidos por pessoas não abstinências sexualmente. Somente em religiosos e naqueles empenhados em atividades musculares ingentes, é que Hirschfeld admitia abertamente a sublimação.

Freud, no entanto, reconhece a sublimação, e está mesmo pronto para afirmar que a própria civilização pode ser considerada como uma espécie de sublimação das forças instintivas que incluem a sexual. Ele assinala que os impulsos sexuais são excepcionalmente, como ele dizia, “plásticos”; que podem ser moldados sob formas diversas e mesmo dirigidos para objetos diversos. Ele observa que, provavelmente, os artistas são muitas vezes dotados de uma capacidade de sublimação especialmente poderosa.

Nos últimos anos, os psicanalistas se têm ocupado em explicar e definir “sublimação” de maneiras muito precisas, bem como a distingui-la de outros processos com os quais ela poderia ser confundida. Edward Glover, por exemplo, examinou este assunto de uma maneira extensa e complexa. O modo como ele tratou o assunto interessará principalmente aqueles que se interessam pela “metapsicologia” (que pode ser definida, grosso modo, como a metafísica da psicologia), mas sua conclusão principal é que, embora a concepção da sublimação ainda esteja cercada de certa confusão, e nós não possamos tentar quaisquer formulações rígidas, é legítimo fazer uso do termo.

Não há dúvida de que, para fins práticos comuns, podemos permanecer na ignorância da natureza da exata mudança de energia que se processa quando ocorre a sublimação. Devemos reconhecer que o processo está em grande parte abaixo do nível da consciência, e que, por mais rapidamente que a vontade a acompanhe, a vontade não pode bastar para executá-la. Igualmente, é necessário evidentemente não confundir sublimação com o simples deslocamento da atividade sexual inalterada para outra via, ou com a substituição de um sintoma mórbido. Em toda a concepção de sublimação está implícito que a mudança é sob uma forma mais refinada. Implica necessariamente um nível cultural mais elevado. O paciente de cleptolagnia que desvia a atividade sexual para o furto não atingiu a sublimação. Não seria necessário afirmar isto, se essa noção não tivesse sido levemente expandida.

Alguns psicanalistas, pondo em prática a sugestão de Freud de que a civilização inteira pode ser considerada como sublimação da *libido*, levaram a ideia a limites extremos. Assim, a escola suíça de analistas (notavelmente representada como o foi, em certo momento, por Maeder) destacou a sublimação como servindo para constituir uma espécie de psico-síntese, e mesmo uma espécie de religião, sendo a alma levada ao Paraíso, como Dante o foi em seu grande poema, através do Inferno e do Purgatório, tendo o médico como guia, desempenhando o papel de Virgílio.

O psicoterapeuta italiano Assagioli, mais moderadamente, atribui um grande valor à sublimação quando há um contraste e um conflito entre a energia sexual excessiva e os obstáculos para sua satisfação normal. Ele não deseja explicar as mais elevadas faculdades psíquicas simplesmente como resultado de impulsos mais elementares e, pondo de lado os esforços para o tratamento psicanalítico direto, confere importância à auto sublimação. Ele não a considera menos real pelo fato de não podermos registrá-la em um cilindro registrador e apresentar uma curva gráfica, e assinala acertadamente que, para obter os benefícios da sublimação, é necessário abandonar o conceito de que o sexo é bestial e vergonhoso, e por isso é necessária a

“repressão”. A excitação sexual pode ser intensa, mas pode, ao mesmo tempo, estar ligada a atividades emocionais e espirituais mais elevadas e, principalmente, afirma ele, por uma completa mudança de ocupação, a algum trabalho *criativo*, porque a criação artística está profundamente, embora de maneira obscura, relacionada com o processo de sublimação sexual. (Hirschfeld observa que *genus* e *genius* têm a mesma raiz). Assagioli invoca *Tristão*, de Wagner, como um maravilhoso exemplo de sublimação, visto que está cheia evidentemente com o ardor e a paixão do amor insatisfeito do seu compositor por Matilde Wesendonck.

A orientação de Assagioli pode ajudar-nos a compreender os limites da sublimação. De acordo com a segunda lei da termodinâmica, “nenhuma máquina converte ou pode converter em trabalho todo o calor que recebe. Somente uma pequena parte desse calor é transformada em trabalho. A restante é expelida sob a forma de calor degradado”. Quando lidamos com sublimação, estamos tratando o organismo de maneira dinâmica, e devemos estar preparados para aceitar e admitir uma certa quantidade de energia sexual “expelida sob a forma de calor degradado”, qualquer que seja essa forma. Ate Dante tinha esposa e filhos quando escreveu a *Divina Comédia*.

Como diz Freud com exatidão nas Conferências Introdutórias (*Introductory Lectures*): “A percentagem de Libido insatisfeita que o ser humano médio pode conter em si mesmo é limitada. A plasticidade e livre mobilidade da Libido não são absolutamente retidas integralmente em todos nós, e a sublimação nunca pode descarregar mais do que uma certa porção da Libido, independente do fato de que muitas pessoas possuem apenas em pequena escala a capacidade de sublimação”. Pelo que, por um lado, a possibilidade de sublimação, seu valor, e sua profunda significação devem ser sempre levadas em consideração. Por outro, deve ser sempre lembrado que, mesmo no processo da sublimação, resta uma parte do impulso sexual que, ou se dispersa em vias saudáveis, porém primitivas, ou então procura a via das transformações neuróticas.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, *Introductory Lectures*.

ERNEST JONES, *Papers on Psycho-Analysis*.

S. HERBERT, *The Unconscious in Life and Art*.

A.C. GARNETT, *The Mind in Action*.

EDMUNDO GLOVER, “*Sublimation, Substitution and Social Anxiety*”, *International Journal of Psycho-Analysis*, Julho 1931.

GLOSSÁRIO

Algolagnia — Associação do prazer sexual à dor, seja infligida seja sofrida.

Anedonia — Termo concebido por Zichen para a frigidez sexual.

Auto-erotismo — Manifestações espontâneas do impulso sexual não dirigidas diretamente a um objeto sexual (ou, como os psicanalistas entendem com frequência, dirigida para o próprio indivíduo).

Auto-sexual — Alternativa para Auto erótico, proposta por Lura Beam e Dickinson.

Chalônio — Um hormônio com ação inibitória.

Cromossomos — Filamentos em forma de bastão, nos quais a cromatina do núcleo da célula reprodutora se fragmenta no decorrer do desenvolvimento.

Coito interrompido (coitus interruptus) — Ato sexual interrompido pela retirada quando a ejaculação está prestes a ocorrer.

Coitus reservatus — Ato sexual prolongado pelo controle sobre o ato da emissão seminal, a qual pode dar-se após a retirada, ou não se dar absolutamente.

Contato (contractation) — Termo concebido por Moll para os contactos preliminares do jogo amoroso, necessários a produzir a tumescência.

Coprolagnia — Também *Coprofilia*. Associação do prazer sexual com defecação ou com as fezes.

Cunnilingus — Também, porém incorretamente, *Cunnilingus* (que somente pode ser usado corretamente em relação ao agente, não ao ato, e corresponde a *fellator* e não a *fellatio* [felação]). Aposição da boca aos órgãos genitais femininos.

Detumescência — Estágio da excitação sexual que se segue à tumescência, durante o qual se dá o orgasmo.

Endocrinologia — Ciência dos hormônios, produtos das várias glândulas de secreção íntima que têm influência em todo o organismo.

Enurese (ou Enuresia) — Incontinência urinária na cama, considerada agora, muitas vezes, como possuindo uma associação sexual],

Enismo — O impulso de adotar as vestimentas, hábitos e maneiras de sentir do sexo oposto.

Zonas erógenas ou excitáveis — Regiões do corpo que, habitual ou eventualmente, mostram-se excitáveis sexualmente.

Simbolismo erótico — Processo de desvio pelo qual algum objeto ou ideia normalmente no limiar ou fora do processo sexual torna-se seu centro principal.

Exibicionismo — O impulso de expor uma parte do corpo, principalmente a região genital, com algum móvel sexual consciente ou inconsciente.

Felação (fellatio) — Aposição da bôca aos órgãos genitais masculinos.

Fetiche — Algum objeto ao qual é atribuída uma influência sexualmente excitante, especial.

Frottage — Prazer sexual derivado do esfregar-se contra alguma parte da corpo de outra pessoa.

Gameta — A célula reprodutora.

Célula germinal (gonad) — A célula reprodutora relativamente indiferenciada.

Heterossexual — A inclinação sexual normal para uma pessoa do sexo oposto.

Homogênico — Um substituto do termo *Homossexual* proposto por Edward Carpenter.

Homossexual — Termo geral referente à atração sexual para uma pessoa do mesmo sexo.

Hormônios — As secreções das glândulas de secreção interna, que agem como “mensageiros químicos”.

Hipედonia — Termo pouco usado para a relativa frigidez sexual.

Carezza — (Karezza) — Ver coitus reservatus.

Cleptolagnia — A associação da excitação sexual com o ato do furto.

Libido — Termo escolhido por Freud para indicar a energia do impulso sexual que se manifesta sob várias formas, e usado posteriormente por alguns autores para significar a energia vital em geral, sem referência especial ao impulso sexual.

Masoquismo — Prazer sexual experimentado ao ser maltratado, humilhado ou dominado.

Metatropismo — Termo proposto por Hirschfeld para a atitude sexual permutada, o homem assumindo a atitude de uma mulher, ou uma mulher assumindo a atitude de um homem.

Mixoscopia — Prazer sexual sentido em espreitar cenas de natureza sexual, chamada às vezes *voyeurismo*.

Zoofilia mixoscópica — Prazer sexual ante o espetáculo de animais copulando.

Narcisismo — admiração erótica de si mesmo, considerada seja como uma fase do desenvolvimento sexual, seja (sob uma forma extrema) como um desvio sexual.

Necrofilia — Atração sexual por cadáveres; vampirismo.

Complexo de Edipo — Afeição infantil pela mãe, acompanhada de hostilidade ciumenta para com o pai, que Freud considerava originariamente como um fenômeno psíquico geral com um significado profundo.

Osfresiolagnia ou **Ozolagnia** — Prazer sexual despertado pelos odores do corpo.

Poedcatio — Sodomia, união sexual pelo ânus, seja ativa, seja passiva.

Pedofilia ou **Pederastia (Paiderastia)** — Atração sexual pelos jovens, não necessariamente associada com quaisquer relações físicas.

Pirolagnia ou **Piromania erótica** — Prazer sexual despertado pelo fogo.

Sadismo — Prazer sexual sentido em maltratar, humilhar ou subjugar o objeto da atração sexual.

Escatológico — Relativo a excreções.

Scoptolagnia — Termo alternativo para mixoscopia e talvez preferível a êste.

Fetichismo por tecidos — Fetiches sexuais constituídos por vários tecidos, tais como sêda, veludo, etc.

Travestismo — Ou *Troca de vestimentas (Cross-dressing)*. Termo de Hirschfeld para *Eonismo*, que realmente implica mais do que a troca de vestimentas.

Tribadismo — O antigo termo para a inversão sexual feminina que se acreditava implicar uma tentativa de relações físicas.

Tumescência — Estágio preliminar do orgasmo implicando a repleção de vasos e levando à detumescência.

Undinismo — Prazer sexual associado à água e sujeito especialmente a relacionar-se com o ato da micção.

Uranismo — O termo para homossexualidade concebido por Ulrichs.

Urolagnia — Prazer sexual relacionado com a micção.

Venus obversa — A posição normal frente à frente no ato sexual.

Zoerastia — O desejo do relações reais ou simuladas com animais.

Zigoto — O óvulo fertilizado.